



*"Vergonhosas Saturnais":
a experiência prostibular em Belém do Pará
(1900-1945)"*

Luiza Helena Miranda Amador



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Faculdade de História
Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia

**“Vergonhosas Saturnais”: a experiência prostibular em Belém do Pará
(1900-1945)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará para a obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Couto Henrique.

Belém – PA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A481 AMADOR, Luiza Helena Miranda.
“Vergonhosas Saturnais”: a experiência prostibular em Belém
do Pará (1900-1945) / Luiza Helena Miranda Amador. — 2022.
229 f. : il.

Orientador(a): Prof. Dr. Márcio Couto Henrique
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em
História, Belém, 2022.

1. Prostituição. 2. República. 3. Belém. 4. Discursos. 5.
Estratégias. I. Título.

CDD 306.74098115

LUIZA HELENA MIRANDA AMADOR

**“Vergonhosas Saturnais”: a experiência prostibular em Belém do Pará
(1900-1945)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará para a obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Couto Henrique.

Aprovada em: 14/12/2022.

Luiza Helena Miranda Amador

**“Vergonhosas Saturnais”: a experiência prostibular em Belém do Pará
(1900-1945)**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Márcio Couto Henrique (Orientador)
Universidade Federal do Pará

Prof.ª Dr.ª. Ana Lídia Nauar Pantoja (Membro Externo)
Universidade do Estado do Pará -UEPA

Prof.ª Dr.ª. Elaine Cristina Rodrigues Gomes (Membro Externo)
Escola de Aplicação Universidade Federal do Pará- UFPA/EA

Prof.ª Dr.ª. Cristina Donza Cancela (Membro Interno)
Universidade Federal do Pará - PPHIST - UFPA

Prof.ª Dr.ª. Franciane Gama Lacerda (Membro Interno)
Universidade Federal do Pará - PPHIST - UFPA

À memória de meu pai Luiz Amador.

AGRADECIMENTOS

Das primeiras anotações e pesquisa para escrita da tese, confesso que foi um processo mais prazeroso que árduo, pois descobri nos jornais e na documentação analisada uma paixão, ler sobre a vida da meretrizes e cruzar as fontes na tentativa de relatar suas trajetórias foi extremamente enriquecedor e gratificante. Mas é chegada a hora de agradecer a quem esteve comigo nessa caminhada.

Agradeço,

Ao meu orientador Márcio Couto Henrique pela insistência em permanecer com a temática prostituição, pelas leituras, pela confiança e pela liberdade na escrita da tese.

À minha sobrinha Monick Peixoto, pela paciência nas várias leituras de correções, e principalmente por ter sido a voz de cobrança para eu findar a tese.

À minha amiga Marina Hungria pelas escutas, risadas e particularmente pelo incentivo.

Aos meus colegas da turma do Doutorado 2016, em especial Edivando da Costa e Cristiane Jacinto.

Aos servidores da Biblioteca Pública Arthur Vianna, principalmente os das Seções de Jornais e Obras Raras pelo trabalho incansável e constante para preservação das fontes que utilizei.

À Universidade Federal do Pará (UFPA), instituição pública de excelência, e ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia (PPHIST) pelo acolhimento e pelo privilégio de ser aluna onde se produz e se fomenta ciência.

À historiadora Rebecca Herman por compartilhar fontes americanas.

À minha família, minha mãe Nita, meus irmãos Luciana, Nilson e Nilton pelo carinho.

Ao meu amado filho Lucas que caminhou de forma responsável para a vida adulta sem me “dá trabalho” permitindo minha total dedicação aos estudos.

Ao meu amor Marcus Sena parceiro e amigo em todas as horas.

“Ideologicamente, uma puta é identificada como uma prostituta, mas putas também são *dettes*, as exóticas, as *encueratrizes*, as senhoritas, as mães solteiras ou as mal sucedidas, as que erraram, as solteiras, mulheres divorciadas, mulheres sedutoras, aquelas que saem com pessoas casadas, aquelas que são segunda frente, detalhistas, ou movidas, as rouba maridos, as que vão para a cama com qualquer um, as insinuantes, as gostosas, as insaciáveis, as ninfomaniacas, as histéricas, as solteiras, as loucas, as mães, e claro todas as mulheres putas pelo fato de evidenciarem o desejo erótico, pelos menos em algum momento ou em circunstâncias específicas de suas vidas”.

(Marcela Lagarde. *Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*, México, 2005. p.590.)

"Sobre a função dialética do dinheiro na prostituição. Ele compra prazer e, ao mesmo tempo, torna-se a expressão de vergonha." (Walter Benjamin, *The Arcades Project*. Harvard. 2002. p. 492).

RESUMO

Nesta tese analiso os discursos médicos, higienistas, jurídicos e policiais sobre prostituição em Belém no período de 1900 a 1945, e como as meretrizes foram protagonistas e ativas diante desses mecanismos de controle. As meretrizes que circularam na Belém republicana e moderna, viveram num espaço socioeconômico e culturalmente diverso, urbe de códigos, regras e símbolos influenciados pela *Belle Époque*, período que a prostituição ganhou maior visibilidade, antes reclusa aos atendimentos privados, a prostituta passou a se expor nas ruas, *boulevards* e cafés. A partir dos discursos sobre prostituição apresento as mudanças culturais e a implantação de novos códigos e regras de comportamento. A chegada das mulheres estrangeiras e nacionais na Amazônia. As discussões e narrativas sobre os "tráfico de brancas" e a cruzada contra o caftismo. Através dos processos crimes de lenocínio que os donos de pensões e bordéis responderam, exponho como o mundo prostibular era rentável e contribuiu para a economia da cidade. Como agiram médicos, higienistas e poder público na tentativa de implantar medidas higiênicas e disciplinadoras nas habitações das meretrizes. Apresento os casos de infanticídios e abortos cometidos pelas meretrizes e de que maneira elas foram julgadas e seus atos exibidos para a sociedade. As estratégias das mulheres diante de uma gravidez indesejada. Discuto a institucionalização da medicina em Belém e quais os pensamentos médicos sobre o corpo feminino. Descrevo a chegada dos serviços da Profilaxia das Doenças Venéreas dentro do contexto do sanitarismo. A preocupação dos médicos com as meretrizes definidas como as grandes responsáveis pelos "mal venéreo". As medidas de regulamentação da prostituição e as iniciativas de controlar e fixar as mulheres em determinado local para somente lá exercerem o meretrício. Abordo os discursos pautados na moralidade e como as meretrizes não se deixaram intimidar por mais esse recurso que tentava frear a venda de sexo e suas liberdades de ir e vir na cidade. Evidencio o uso do álcool pelas meretrizes e como a embriaguez foi utilizada pelo aparato judicial para encarcerar e controlar as prostitutas. Por fim, conto um pouco da vida afetiva das meretrizes, seus amores, paixões e as violências que sofriam, por não preencherem o modelo/padrão desejado de mulher.

Palavras-Chaves: Prostituição, República, Belém, Discursos, Estratégias.

ABSTRACT

In this thesis I analyze the medical, hygienist, legal and police discourses on prostitution in Belém from 1900 to 1945, and how the prostitutes were protagonists and active in the face of these control mechanisms. The prostitutes who circulated in the republican and modern Belém lived in a socio-economic and culturally diverse space, a city of codes, rules and symbols influenced by the Belle Époque, a period in which prostitution gained greater visibility, previously reclusive to private care, the prostitute began to expose herself in the streets, boulevards and cafes. From the discourses on prostitution, I present the cultural changes and the implementation of new codes and rules of behavior. The arrival of foreign and national women in the Amazon. Discussions and narratives about the "white traffic" and the crusade against caftism. Through the crimes of pimping that the owners of pensions and brothels responded, I expose how the brothel world was profitable and contributed to the city's economy. How they acted doctors, hygienists and public authorities in an attempt to implement hygienic and disciplinary measures in the homes of prostitutes. I present the cases of infanticide and abortions committed by prostitutes and how they were judged and their acts displayed to society. an unwanted pregnancy. I discuss the institutionalization of medicine in Belém and what are the medical thoughts about the female body. I describe the arrival of the services of Prophylaxis of Venereal Diseases within the context of sanitarianism. The concern of doctors with the prostitutes defined as the main responsible for the "venereal disease." Measures to regulate prostitution and initiatives to control to oar and to fix the women in a determined place to only exercise the prostitution there. I approach the moral discourses and how the prostitutes were not intimidated by this resource that tried to stop the sale of sex and their freedom to come and go in the city. I point out that the presence of alcohol and drunkenness was used by the judicial apparatus to incarcerate and control prostitutes. Finally, I tell a little about the affective life of the prostitutes, their loves, passions and the violence they suffered, for not fulfilling the desired model/standard of a woman.

Keywords: Prostitution, Republic, Belém, Discourses, Strategies.

SUMÁRIO

Resumo	
Abstract	
Lista de figuras	
Lista de quadros	

INTRODUÇÃO.....	19
------------------------	-----------

CAPÍTULO PRIMEIRO

MIGRAÇÃO E PROSTITUIÇÃO NA “PARIS DOS TRÓPICOS”

Esperança Além Mar.....	31
Chegando à Paris dos Trópicos... ..	44
Narrativas sobre o “Tráfico de brancas”	48
Cruzada contra o Caftismo na "Calábria Paraense".....	58
Cotidiano e Habilidades das Estrangeiras	68
Conexões entre as Estrangeiras e Nacionais	74

CAPÍTULO SEGUNDO

“CASAS DE VÍCIOS” E LENOCÍNIO NA BELÉM MODERNA

Lugares das “Vergonhosas Saturnais”	80
Um “Sórdido Lupanar” na mira da Profilaxia Social	92
A Batalha contra as “Bastilhas da Prostituição	96
Um <i>Chateau</i> em Nazaré e as “Rameiras Despudoradas”.....	103

CAPÍTULO TERCEIRO

“PERVERSAS” E “DEGENERADAS” NO TRÓPICO ÚMIDO

“Perversas” e os “Inocentinhos”	120
O “duende” no Trópico Úmido”	137
As Degeneradas e o “Mal-vergonhante”	147
As “Sacerdotisas do Vício” burlam o Regulamento.....	157

CAPÍTULO QUARTO**AS ENTRELINHAS DOS DISCURSOS**

As “Marafonas” atentando contra a moralidade	173
"Águas nas caldeiras”	179
Ciúmes e rixas	187

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	191
----------------------------------	------------

FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	195
-----------------------------------	------------

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 - Chegada do paquete “Justo Chermont” ao novo cais do Porto de Belém.
- Figura 2 - Bondes na cidade de Belém.
- Figura 3 - Prisão Berthenoud.
- Figura 4 - Anúncio do Hotel Maison Dorée.
- Figura 5 - Praça da República.
- Figura 6 - Imagem feita pela polícia para demonstrar a entrada e saída de meretrizes da residência de Paulo Maranhão Filho.
- Figura 7 - Mulheres arroladas no processo do médico Paulo Maranhão Filho.
- Figura 8 - Imagem feita pela polícia da residência de Paulo Paulo Maranhão Filho.
- Figura 9 - Imagem feita pela polícia do quarto da residência de Paulo Paulo Maranhão Filho onde acontecia a “cópula carnal”.
- Figura 10 - Caderneta de Identificação da Meretriz.
- Figura 11 - Mapa de Localização do Meretrício.
- Figura 12- Anúncios do *Moulin Rouge* e *City Club*.
- Figura 13 - Anúncios do *Palace Club*, *City Club* e *High-Life Club*.

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1 - Locais visitados pela Inspetoria da Febre Amarela.
- Quadro 2 - Processo de Lenocínio - Pensão Zezé.
- Quadro 3 - Processo de Lenocínio- Paulo Maranhão.
- Quadro 4 - Notícias sobre aborto/ infanticídio.
- Quadro 5 - Sistema de Prostituição.
- Quadro 6 - Regulamento da Prophylaxia das Doenças Venéreas.
- Quadro 7 - Entrevistas de meretrizes.
- Quadro 8 - Meretrizes detidas.
- Quadro 9 - Ruas das residências das meretrizes doentes.
- Quadro 10 - *Habeas Corpus* das meretrizes.
- Quadro 11 - Notícias sobre moralidade.

INTRODUÇÃO

“ A promiscuidade sexual entre as mulheres de classe econômica social mais baixa é relatada comumente. Contatos sexuais podem ser arranjados a quase todo tempo e lugar, as garotas não têm cartão de controle e nada que comprove o exercício da profissão”¹.

O relato acima é de um norte americano que esteve em Belém no ano de 1944 durante a Segunda Guerra Mundial². O oficial do exército veio ao Brasil designado para observar e descrever o que acontecia em algumas cidades do país em relação ao lazer e diversão dos militares, especificamente a respeito do contato dos homens com prostitutas e o controle das doenças venéreas. Aos seus olhos as mulheres mais pobres eram promíscuas e facialmente se utilizavam da prostituição com finalidade de ganhos monetários; não havia controle no exercício da profissão de prostituta. A descrição do observador na maior parte do documento é de surpresa e preocupação, afinal os homens lotados nas bases aéreas em Belém ao procurarem diversão em terra longínqua, para aplacarem a solidão, estavam fadados a contaminação por doenças venéreas. Seu relato foi realizado com três elementos: cidade, diversão e prostitutas. O que a cidade de Belém na década de 1940 oferecia aos homens em relação a divertimentos? A prostituição foi elencada como item de diversão. Mas será que para as mulheres que vendiam sexo a prostituição foi um mero entretenimento? A ideia de prostituição com perigosa do oficial americano estava restrita a ele?

Havia duas representações da mulher que vendia sexo no início do século XX, em Belém, uma para as *cocottes* que exerciam a prostituição do glamour e de clientes ricos e poderosos. Freqüentadoras dos cabarés luxuosos, limpos e higiênicos. Aquelas que moravam em belas casas e compravam jóias e trajes finos. As de pele alvas e estrangeiras que dariam um ar de civilizados aos homens que pudessem pagar pelos seus serviços. A mulher da liberação dos costumes, das múltiplas práticas sexuais, desconexa dos padrões sociais, uma máquina de prazer e luxúria. Do outro lado da prostituição asseada e concedida, existia a

¹ Record Group 215 Community War Services, Entry 66, Box 1, U.S. National Archives and Records Administration, College Park. p.37. Para uma análise mais profunda sobre a presença americana no Brasil, consultar o livro de Rebecca Herman: *Cooperating with the Colossus: A Social and Political History of US Military Bases in World War II Latin America*. Oxford University Press, 2022.

² Sobre a Segunda Guerra em Belém ver: ALMEIDA, Tunai Rehm Costa de. *Achsenmächte, Potenze dell'Asse, Sujikukoku na Amazônia: imagens, narrativas e representações da Quinta Coluna no Pará (1939-1945)*. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, UFPA, 2015. RODRIGUES, Venize. *Memórias de Guerra em Belém Antiga*. Associação Nacional de História – ANPUH, xxiv *Simpósio Nacional de História - 2007*.

exercida pelas mulheres pobres, construída e exposta a partir de prejulgamentos, a do meretrício desafortunado no qual as adjetivações se converteram em repetições ecoadas: meretrizes “vítimas miseráveis”, “vergonhosas saturnais”, “pobres infelizes”, “desgraçadas da vida”, “sífilíticas”, “criminosas” e “perigosas”. E o universo ocupado por elas, da mesma forma, descrito como repugnante, abominável e sórdido, coexistindo entre cáftens perversos e clientes brutalizados. Dois mundos que não se encontravam, esse era o imaginário do universo prostibular de Belém, no qual as meretrizes foram colocadas de acordo com o olhar do outro, sem autonomia ou protagonismo. Mas onde estaria a vida dessas mulheres que exerceram a prostituição além desse imaginário social³?

Partindo desse questionamento no trabalho **“As Vergonhosas Saturnais⁴”: a experiência prostibular em Belém do Pará (1900-1945)** defendo a tese que as mulheres ao venderem sexo na urbe amazônica foram protagonistas e ativas diante dos mecanismos de controle, com habilidades burlaram discursos e práticas policiais, médicas e judiciais existentes sobre prostituição. Tentei demonstrar a participação das meretrizes como sujeitos históricos, um esforço de ir além das definições que as colocou, majoritariamente, como seres de todos e de ninguém, projeções dos desejos masculinos, mercadorias sem autonomia, débeis e perigosas. A proposta se inscreve em uma investigação mais ampla em relação as várias formas de vender e comprar sexo na Amazônia do século XX, dando ênfase ao cotidiano das meretrizes com suas estratégias de subsistência e de seus atos de apropriação dos espaços da cidade.

E por que decidi estudar a prostituição em Belém nas primeiras décadas do século XX? Meu primeiro contato com o tema aconteceu durante a pesquisa para dissertação sobre a sífilis em Belém⁵, ao me deparar com a documentação a respeito do “mal venéreo” percebi que os discursos e práticas das autoridades, dos médicos, dos higienistas, da polícia e da sociedade tendiam a apresentar as meretrizes como as únicas responsáveis pela contaminação e propagação da doença, definidas como portadoras de uma sexualidade pervertida e de um

³ Vamos defini-lo aqui, a partir do trabalho de Cornelius Castoriadis: os imaginários sociais descrevem o modo como as sociedades vêem seus componentes - grupos, classes, categorias- hierarquizam suas divisões, elaboram seu futuro. Refletidos, eles produzem e instituem o social. CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. São Paulo, Paz e Terra, 1982.

⁴ *Vergonhosas Saturnais* - o título da Tese foi retirado de uma fonte jornalística, denominação dada as mulheres que exerciam a prostituição em Belém. *Saturnais* é o plural de saturnal. O mesmo que: deboches, bacanais, farras, orgias. Nome de uma festa da Roma antiga em honra de Saturno, o deus romano da colheita. A festa começava em 17 de dezembro e durava sete dias. No primeiro dia, eram realizadas cerimônias religiosas públicas em honra de Saturno. No segundo, muitas famílias ofereciam sacrifícios de leitões. Dicionário Online de Português. Disponível em (<https://www.dicio.com.br/saturnais/>). Acesso em 10 mar.2019.

⁵ AMADOR, Luiza Helena Miranda. *“Degenerados e Contagiantes”: A Luta contra a Sífilis no Pará (1915-1934)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2015.

corpo doente. Outro fator que me fez permanecer com o tema prostituição foi minha experiência como servidora pública - pesquisadora nas seções de Obras Raras e de Jornais da Biblioteca Pública Arthur Vianna (Centur), ao ler essa documentação percebi uma certa fixação dos jornais em apontar as meretrizes como um “grande problema” que existia na cidade de Belém no início do século XX. Dessa maneira a leitura e a pesquisa sobre o meretrício, desde 2011, acabaram por me seduzirem a continuar com a temática no doutorado.

Após a decisão de permanecer com o tema da prostituição e da delimitação do período, fiz alguns questionamentos que almejava responder na tese. Quais as representações dessa mulher que vendia sexo na cidade urbanizada com traços da *Belle Époque*? Como os discursos apresentavam essa meretriz? De que forma essa meretriz fez sua trajetória na Belém moderna que buscava apagar seu passado colonial para alcançar a tão almejada civilização? Por que estavam nas esquinas e por todas as partes da urbe amazônica? Por que os discursos sobre prostitutas eram estigmatizantes e estereotipados? A partir desses e de outros questionamentos iniciei a leitura bibliográfica sobre prostituição.

A prostituição ganhou importância em Belém, principalmente a partir das primeiras décadas do século XX, quando a economia da borracha ainda se mostrava pungente e rentável, atraindo indivíduos esperançosos de uma vida com trabalho e conforto na urbe amazônica. E as mulheres vieram se juntar a esses migrantes em busca de trabalho e subsistência, estrangeiras e nacionais que ao venderem sexo, tornaram-se uma preocupação para médicos, higienistas, criminólogos, juristas, políticos, como o poder público e a sociedade dariam conta dessa presença feminina transitando e se fazendo presente na cidade moderna?

Cristina Schettini em “*Que tenhas teu corpo*”: uma história social da prostituição no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas⁶ parte da análise do Código Penal de 1890 e como a prostituição teve sujeitos diferentes, o observador jurídico com seus inúmeros conflitos e embates na tentativa de classificar, avaliar e penalizar, conforme valores legais em constante discussão, uma “profissão” não regulamentada, mas tolerada e, nesse sentido, aceita. As mulheres que viviam da prostituição como uma possibilidade de renda ou forma de sobrevivência e os policiais fiscalizando o mundo dessas mulheres. Com o capítulo “Histórias do Tráfico” refletir como as mulheres estrangeiras chegaram a Belém, Cristina Schettini ao analisar o “tráfico de brancas” questiona como os discursos foram construídos a partir da ideia que as mulheres vieram ao Brasil sendo enganadas e “submetidas a uma situação de

⁶ SCHETTINI, Cristiana. *Que tenhas teu corpo: uma história social da prostituição no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas*. Rio de Janeiro, Tese (Doutorado) – Campinas, SP, 2002.

degradação alheia a sua vontade”, esse discurso de "vítimas" será legitimador para respaldar as arbitrariedades de procedimentos policiais, desde atos diretos, como a expulsão sumária, até a manipulação de depoimentos no intuito de embasar processos de lenocínio. Em seu entendimento as mulheres possuíam estratégias para seguir suas vidas a despeito da intensa pressão policial.

Ao analisar a trajetória das mulheres estrangeiras em Belém encontramos muitas fontes sobre os cáftens (indivíduos que viviam da prostituição, seja explorando meretrizes ou estabelecidos como donos de prostíbulos⁷), sujeitos que na visão do cientista social Patricio Simonetto, muitas vezes, foram negligenciados nas análises sobre prostituição feminina na Argentina e em outros lugares. Atores visíveis de uma cidade em crescimento, os rufiões/cáften também foram objetos de uma imagem dotada como de portadores de males da modernidade urbana: egoísmo, frivolidade e efeminação⁸. E ao classificar os cáftens como indivíduos perigosos o Estado tentou regular o caráter generalizado do espaço urbano, articulando preceitos que se referiam à moralidade pública. A sanção progressiva dos códigos de carência que prevaleceu nas diferentes jurisdições durante todo o século XX, além da alternância entre governos civis e militares, dotou policiais punitivos para punir as atividades de prostitutas, homossexuais, jovens, pobres e, em menor medida, cafetões⁹. Daí a importância que damos aos cáftens nesta tese, pois entendemos que eles formaram junto às meretrizes elementos primordiais na composição do universo prostibular de Belém.

A década de 1920 em Belém foi um período de maior intensificação do controle da prostituição por meio da Profilaxia das Doenças Venéreas que visava na regulamentação das meretrizes para diminuir a propagação da sífilis. As autoridades públicas implantaram a polícia médica: cadastrando, fiscalizando e encarcerando as prostitutas. O historiador Alain Corbin ao estudar a prostituição francesa no século XIX, também se surpreendeu com o aparato de regulamentos e a vasta investida de higienistas, médicos e policiais no controle da prostituição, criava-se o sistema regulamentarista da sexualidade comercial pelo Estado. O regulamento foi criado a partir dos discursos com os seguintes argumentos: necessidade de proteção da moral pública, a proteção da prosperidade masculina, para evitar a destruição de casamentos e para proteger a população da sífilis. As prostitutas deveriam ser identificadas, de

⁷ Oxford Languages and Google. Disponível: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>. Acesso em: 26/07/2022.

⁸ SIMONETTO, Patricio. El sexo de las naciones: producción y circulación global de narrativas de la trata de blancas en la Argentina (1900-1936). *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0201, jan./abr. 2020. p.03.

⁹ Idem. *El dinero no es todo. La compra y venta de sexo en la Argentina del siglo XX*. Buenos Aires: Biblos, 2019a.

modo a prevenir que os seus vícios fossem passados para outras pessoas. Mas deveriam se manter isoladas e marginalizadas da sociedade, pois representavam uma ameaça moral, social, sanitária e política¹⁰. A associação entre prostituição e sífilis foi muito bem analisada por Magali Engel em *Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. No livro a autora expõe de forma clara a prostituição como um espaço social que rompeu com a representação de mulher ideal, sendo a prostituta a antítese da esposa e da mãe. A prostituição representa o perigo e a "contaminação da doença moral". E a sífilis estaria escondida no corpo da prostituta devendo os médicos expor e tratar esse corpo doente e ameaçador à sociedade¹¹.

Sobre regulamentação da prostituição, a obra *A prostituição e o Estado na Itália, 1860-1915*, de Mary Gibson, nos permitiu refletir sobre como os governos de vários países se utilizaram da política de contenção das doenças venéreas, em especial a sífilis, para repreender e estigmatizar as meretrizes. Gibson analisou o sistema regulatório durante o período liberal, isto é, até a Primeira Guerra Mundial, ignorando a fase fascista quando a repressão sobre as prostitutas foi mais intensa. A autora descreve como as mulheres italianas com mais de dezesseis anos que violaram o toque de recolher imposto poderiam ser detidas pela polícia, submetidas a exames médicos vaginais e forçadas a trabalharem em bordéis legais¹².

Igualmente a regulamentação da prostituição em Belém não aconteceu de forma pacífica sem embates entre as meretrizes e o poder público, pois as mulheres em suas sagacidades burlaram as regras que lhes foram impostas. María Luisa Múgica com estudos sobre a prostituição regulamentada em Rosário, cidade argentina, pautada em uma intensa análise de regulamentos e documentação policial, esclarece que a implantação de uma política regulatória aplicada à questão da prostituição, basicamente se traduziu em uma ilusão, a de uma cidade sem conflitos, a de uma população disciplinada. Era preciso prevenir, fiscalizar, regular e ordenar toda a vida social. Os regulamentos foram usados como instrumentos para controlar, para canalizar comportamentos desviantes, para tentar alinhar os corpos indisciplinados e, sobretudo, nômades das prostitutas¹³. Nesse sentido, em Belém, os serviços

¹⁰ CORBIN, Alain. "Sexualidad comercial en Francia durante el siglo XIX: Un sistema de imágenes y regulaciones". *Revista Estudios Históricos*. Nº18. 11-22. 1987. Para uma análise inspirada no trabalho de Corbin conferir: BENABOU, Erica-Marie. *La prostitution et la police des urs au XVIII e siècle*. Paris, Librairie Académique, Perrin 1987.

¹¹ ENGEL, Magali. *Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1989, 1ª edição, 149p.

¹² GIBSON, Mary. *Prostitution and the State in Italy, 1860-1915*. New Brunswick, Rutgers University Press, 1986.

¹³ MÚGICA, María Luisa "Una Llagla Incurable": Prostitución y Reglamentación en Rosario - Argentina, 1874-1932. *Género*. Niterói, v. 10, n. 2, p. 177-211. 1. sem. 2010. p. 184.

da polícia médica com seus regulamentos, assim como na Itália e Rosário, pretenderam controlar as prostitutas e privá-las de seus direitos civis e de suas liberdades pessoais.

A leitura e o cruzamento das fontes nos fez perceber que os setores dominantes da cidade elaboraram mecanismos de controle e repressão do mundo prostibular de Belém, uma tentativa de camuflar e até fazer desaparecer as manifestações e práticas, principalmente, do baixo meretrício. A modernidade e o ideal da *Belle Époque* deslumbrante, constantemente se chocava com realidade das classes populares da urbe amazônica, e as meretrizes pobres ao transitarem pela cidade em busca de subsistência foram percebidas como mais um problema do caos urbano. José Ronaldo Trindade em seu estudo sobre as mulheres de má vida na cidade de Belém, no período da *Belle Époque* afirmou que era preciso disciplinar o espaço das ruas porque nelas é que se conflitava a moral com o imoral. A preocupação maior estava no fato de essas prostitutas ocuparem os mesmos locais em que estavam as mulheres, “moralmente corretas”, evidenciando a luta de classes que se dava também no campo da moral. As meretrizes possuíam códigos morais e de sexualidade diferenciados dos modelos burgueses”¹⁴. Judith Walkowitz em *Sexualidades Perigosas* enfatiza a preocupação oficial com a prostituição como forma ameaçadora da atividade sexual e como o Estado devia controlar e impor limites. A segregação das prostitutas se deu por meio de procedimentos policiais de estigmatização, no entanto todo o aparato coercitivo não foi suficiente para controlar totalmente essas mulheres, uma vez que, improvisações, anonimatos e redes de sociabilidades foram uma resposta dessas mulheres à regulação de seu ofício¹⁵.

Nesta tese o maior objetivo foi evidenciar as estratégias de subsistência das meretrizes de Belém e suas articulações com os outros sujeitos sociais, o mundo prostibular amazônico não foi somente mercantil, mas também um espaço de produção cultural e de formas de sociabilidades. Ruth Rosen enfatizou o ostracismo da cultura da prostituição no qual vitimização e a hipocrisia social tendiam a enclausura-la e diferencia-la do resto da sociedade. Assim, apesar do aprisionamento dessa cultura, um folclore particular e dinâmico foi gestado, refletido em um humor distintivo; uma gíria própria; a criação de novas identidades, uma cultura desviante, mas própria, que também pode ser classificada como cultura¹⁶.

¹⁴ TRINDADE, José Ronaldo. Mulheres de má vida: Meretrizes, infiéis e desordeiras em Belém (1890-1905) IN: ÁLVARES, Maria Luiza e D’Incão, Maria Ângela (orgs.). *A Mulher Existe? Uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia*. Belém. GEPEM, 1995. p.44.

¹⁵ WALKOWITZ, Judith. “Sexualidades peligrosas”. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *Historia de las mujeres en Occidente*. Espanha: Taurus Ediciones, 1991. p. 389-426. (v. 4 - Séc. XIX).

¹⁶ ROSEN, Ruth. *A Irmandade Perdida: Prostituição na América, 1900–1918*. The Johns Hopkins University Press, Baltimore.1982.

O mundo prostibular do trópico úmido, tanto o vivido nas ruas como o dos bordéis, foi árduo e degradante para muitas meretrizes. A fuga das agressões masculinas, a falta de habitação e de alimentos, problemas de menstruação, o uso constante de medicamentos abortivos, os tratamentos anti venéreos adicionados aos problemas com álcool e drogas, demonstram que o cotidiano dessas mulheres foi duvidoso e inseguro, a maioria vivia no limiar da subsistência, fatos que as condicionaram a elaborar destrezas e estratégias a fim de conseguirem vencer, ou pelo menos, superar minimamente esses e outros problemas de suas trajetórias. Não pretendemos nos deter a explicar as razões que levaram as mulheres a exercerem a prostituição, até porque é algo impossível pela complexidade do tema, mas a ausência de dinheiro foi muito presente na vida das meretrizes de Belém, as dificuldades financeiras e a pauperização foram elementos que contribuíram significativamente para a entrada dessas mulheres no meretrício.

Importante atentar para a questão que a prostituição na Amazônia do início dos século XX, era definida como um não-trabalho, ou seja, as mulheres que vendiam sexo não foram vistas como capazes de optarem pela prostituição como trabalho ou negócio, permanente ou complementar para seus sustentos. Portanto, para compreender a experiência prostibular é necessário entender o mercado de trabalho feminino e o que era considerado uma mulher trabalhadora. Joan Scott afirma na obra *Historia de las mujeres en Occidente* que as mulheres sempre trabalharam fora de casa, inclusive, “no período anterior à industrialização, as mulheres já trabalhavam regularmente fora de casa”. A reflexão de Scott indica que o que muda no século XIX, na tentativa de estabelecer uma separação nítida entre produção e reprodução, são as percepções de gênero e os discursos sobre a divisão sexual do trabalho, e não necessariamente os lugares de produção ou os tipos de trabalho realizado por mulheres. Os homens foram cada vez mais incentivados a ordenar e disciplinar suas vidas por meio do casamento e do trabalho remunerado (fora do espaço doméstico) para sustentar suas famílias, e as mulheres foram estimuladas à maternidade e ao cuidado desta família¹⁷.

A análise da prostituição destacando o enfoque econômico foi realizada com maestria por Timothy Gilfoyle em sua obra *Cidade de Eros - Nova York, Prostituição e a Comercialização do Sexo, 1790-1920*, nela o autor evidencia que a cidade se tornou “vitrine carnal do mundo ocidental”, demonstra como o sistema imobiliário, desenvolvido depois de 1800, fez da prostituição um negócio muito lucrativo para os proprietários e que muitas famílias possuíam casas de prostituição documentadas, e que outros fatores pontencializaram

¹⁷ SCOTT, Joan, “La mujer trabajadora en el siglo XIX”. Georges Duby y Michelle Perrot (eds.). *Historia de las mujeres en Occidente. El siglo XIX*. Vol. 4. Madrid. Ediciones Santillana/Taurus. 1993. p. 103.

a prostituição, como a ascensão da idade do casamento, um aumento na atividade sexual pré-marital e, claro, uma tolerância governamental excessivamente branda tanto com a comercialização do sexo quanto na frouxidão dos costumes sexuais masculino. Para Timothy Gilfoyle o desenvolvimento da "prostituta" se localizou no contexto da comercialização do sexo, a cultura que ele chamou de "esportes masculinos" e o desenvolvimento de novas formas de entretenimento de massa. A exploração econômica da prostituição esteve ligada desta vez, tanto ao aumento das taxas de masculinidade (causada pela incessante imigração européia) como por um desejo crescente de homens por desfrutar da companhia de mulheres estrangeiras e formas sofisticadas de distração que foram dadas na cidade de Nova York entre os séculos XIX e XX¹⁸.

Nos discursos surgiram algumas representações das meretrizes: a vitimizada pelas condições de miséria e de um destino cruel, a cafetina má e inescrupulosa, a criminosa que seduz e engana, a astuta que vende sexo para conseguir joias e dinheiro e ser independente, todas definidas e representadas, quase sempre, a partir do olhar masculino e pautados pelo senso de moralidade. Os discursos acerca da moralidade foram preponderantes ao apresentarem a vida das meretrizes em Belém no início do século XX e se manteve sólido por toda a documentação analisada até 1945. Muitas meretrizes foram presas e incriminadas por apresentarem comportamentos fora dos padrões morais da época. O trabalho de Lúcia Zedner foi fundamental ao apresentar uma História de Gênero a partir do cotidiano do presídio, distinguindo que a percepção de criminalidade feminina é muito determinada pela idealização do papel de mãe e esposa. Zedner, aguçadamente, informa que os ideais vitorianos de mulheres normais e desviantes influenciaram tanto as políticas prisionais da Inglaterra quanto a hierarquia dos cargos das mulheres. Além disso, as mulheres do proletariado tendiam a ser mais incriminadas do que suas contrapartes da classe média. A autora aponta ainda que desde o século XIX houve uma tendência na Inglaterra para o crescimento dos crimes contra a moralidade: prostituição, vadiagem, embriaguez e crimes sexuais. E quando presas muitas mulheres viram a prisão como refúgio e como aretes de sobrevivência¹⁹.

Também em relação a moralidade e sua importância para construção das representações do que seria uma prostituta a historiadora Margareth Rago, esclarece que o crescente interesse de médicos, juristas, criminologistas pela prostituição, desde meados do século XIX, esteve estreitamente ligado à preocupação com a moralidade pública e, mais

¹⁸ GILFOYLE, Timothy J. *City of Eros. New York City, Prostitution, and the Commercialization of Sex, 1790-1920*. New York: W.W. Norton, 1992. pp. 462.

¹⁹ ZEDNER, Lucia. *Women, Crime, and Custody in Victorian England*. Nueva York, Estados Unidos. Oxford University Press. 1994.

especificamente, com a definição dos códigos de conduta da mulher, num momento de intenso crescimento urbano industrial. Essa preocupação esteve muito mais centrada na construção de um “fantasma” que aterrorizava a ideia de masculinamente construída da condição feminina, do que sobre o espaço geográfico da zona do meretrício ou sobre as prostitutas empiricamente consideradas²⁰.

Na tentativa de desempenhar minha análise na tese selecionei o recorte temporal de 1900 a 1945, justifica-se tendo em vista que no início dos novecentos o Brasil vivia grandes mudanças com a instalação do regime republicano. Em Belém os ideais republicanos de modernidade e o modelo parisiense, ícone da modernidade, gerou transformações estruturais na cidade e mudança de hábitos e de valores na sociedade. Momento de intensa chegada de mulheres na Amazônia seduzidas pelo sonho de adentrar no mundo civilizado e nele ter trabalho e sustento.

Finalizo em 1945, porque nesse ano faziam cinco anos da reformulação do Código Penal Brasileiro²¹. Nele a prostituição não foi considerada crime, no entanto, estabeleceu-se o delito de Vadiagem, art. 59 "Entregar-se alguém habitualmente à ociosidade sendo válido para o trabalho sem ter renda que lhe assegure meios bastantes de subsistência, ou prover à própria subsistência mediante ocupação ilícita". A pena prevista era de detenção de 15 dias a 3 meses. Em realidade, apesar da prostituição não ser considerada crime, não era uma atividade lícita, razão pela qual era dada a legitimidade ao Estado de prender as mulheres que estivessem exercendo a prostituição em razão do delito de vadiagem. Outro crime que vale a pena ser citado é o de Contágio Venéreo que se consuma "com o simples fato da exposição a perigo de contágio". Pena de detenção de 3 meses a um ano ou multa. Não restam dúvidas da relação desses crimes com a atividade de prostituição. Sendo necessária análise dos debates sobre prostituição antes e depois da promulgação do Código Penal de 1940 para verificar como o Estado brasileiro se utilizou desse mecanismo para cercear a liberdade das meretrizes.

As fontes que utilizei para análise e construção da tese foram periódicos, artigos e revistas médicas, legislação jurídica (Código Penal de 1890 e 1940), e processos crimes. Uma documentação, preponderantemente, representativa de vozes masculinas, médicos, juizes, jornalistas, policiais, literatos que através de seus discursos expressaram o que julgavam ser uma prostituta. Os testemunhos das meretrizes raramente surgiram e quando apareceram

²⁰ RAGO, Margareth. Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930), de Rago. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

²¹ *Decreto-lei* n° 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Para uma discussão sobre o Código Penal de 1940, conferir: FRY, Peter; CARRARA, Sérgio. As vicissitudes do liberalismo no direito penal brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 2, n. 11, p. 48-54, 1986; ALVAREZ, Marcos Cezar. *Bacharéis, criminologistas e juristas: saber jurídico e nova escola penal no Brasil*. São Paulo: Método, 2003.

ainda sim deviam ser lidos com cautela, pois, não sabemos em quais circunstâncias foram construídas essas falas. As fontes evidenciaram o olhar masculino acerca do feminino, discursos de civilização/modernidade de cunho androcêntrico pautados nas diferenças biológicas entre homens e mulheres para definir as distinções de gênero e reforçar o lugar que cada um deveria ocupar no espaço privado e público.

O primeiro capítulo desta tese, intitulado **Migração e Prostituição na “Paris dos Trópicos”** tem o objetivo de apresentar a cidade Belém no período republicano, a remodelação do espaço urbano, a busca pela modernidade e progresso a partir das referências francesas da *Belle Époque*. As mudanças culturais e a implantação de novos códigos e regras de comportamento. A chegada das mulheres estrangeiras e nacionais na Amazônia. As discussões e narrativas sobre os "tráfico de brancas" e a cruzada contra o caftismo. E o cotidiano e as estratégias das meretrizes diante das medidas tomadas pelo poder público a fim de controlar a venda de sexo na cidade.

O segundo capítulo, **“Casas de Vícios” e Lenocínio na Belém Moderna** descreve e analisa os processos de lenocínio que os donos de pensões e bordéis responderam, e como esses negócios eram rentáveis para economia da cidade. Expõe as tentativas de médicos, higienistas e poder público em implantar medidas higiênicas e disciplinadoras nas habitações das meretrizes. Aponta como o projeto modernizador pensado pela elite divergiu da realidade de vida da população mais pobre, no qual a zona do baixo meretrício foi um dos grandes problemas e entraves a esse ideal de civilização. Por fim, analisa o processo crime que sofreu um médico, na década de 1940, acusado de manter casa de prostituição. Como os meios jornalísticos com seus discursos e narrativas eram fortes instrumentos para impor regras e normas de conduta.

O terceiro capítulo, intitulado **“Perversas” e “Degeneradas” no Trópico Úmido** investiga os casos de infanticídios e abortos cometidos pelas meretrizes e de que maneira elas foram julgadas e seus atos expostos para a sociedade. Discute a institucionalização da medicina em Belém e quais os pensamentos médicos sobre o corpo feminino. As estratégias das mulheres diante de uma gravidez indesejada. O capítulo discorre em outro item sobre a sífilis na Amazônia, a chegada dos serviços da Profilaxia das Doenças Venéreas dentro do contexto do sanitarismo. A preocupação dos médicos com as meretrizes definidas como as grandes responsáveis pelos “mal venéreo”. As medidas de regulamentação da prostituição e as iniciativas de controlar e fixar as mulheres em determinado local para somente lá exercerem o meretrício. E as estratégias e sagacidade das meretrizes ao burlarem o regulamento que lhes foi imposto.

O último e quarto capítulo, **As Entrelinhas dos Discursos** aborda os discursos da moral e como as meretrizes não se deixaram intimidar por mais esse recurso que tentava frear a venda de sexo e suas liberdades de ir e vir na cidade. Analiso o álcool e a embriaguez em suas vidas e a utilização judicial para encarcerar e controlar as prostitutas. Por fim, conto um pouco da vida afetiva das meretrizes, seus amores, paixões e as violências que sofriam por muitas vezes, não preencherem o modelo/padrão desejado de mulher.

Feitas todas essas ponderações, anseio ter despertado no leitor o desejo de conhecer um pouco do universo prostibular de Belém, que chegou até nós por meio dos discursos médicos, higienistas, jurídicos e policiais, no entanto, a historiografia não se fundamenta num discurso de verdade manobrável em todos seus aspectos, com a cristalização de relatos definitivos, assim como diz Arlette Farge, pessoas, queixas, delinquência, vigilância, controle, narrativas, são elementos que constituem tais documentos e revelam histórias, costumes, o cotidiano de pessoas que não queriam suas vidas expostas de tal forma, mas que por terem sido assim documentadas, ajudam a pensar sobre as relações de poder²². Nesse sentido, procurei apresentar as meretrizes como mulheres iguais a todas as outras que circularam no trópico úmido.

²² FARGE, Arlette. *O sabor do arquivo*. São Paulo: EDUSP, 2009.

CAPÍTULO PRIMEIRO

MIGRAÇÃO E PROSTITUIÇÃO NA “PARIS DOS TRÓPICOS”

Esperança Além Mar

A polaca naturalizada brasileira, Janny Vernitroub, tinha o sonho de enriquecer na América, mas, na noite de 17 de outubro de 1919, foi interrompida com uma facada pelo seu assassino, o francês Juan Roquedal, 30 anos. O crime ocorreu na residência de Janny à Rua Primeiro de Março, após Roquedal ter com ela longa conversa e adentrar em seu imóvel como cliente. A meretriz²³ estava com passaporte tirado, pretendia voltar para Europa, encontrar o marido e a família em Londres, após acumular significativa riqueza constituída de dinheiro e jóias oriundos da prostituição²⁴. As “polacas” sintetizavam a imagem das mulheres pobres oriundas das regiões agrícolas e industrialmente atrasadas do continente europeu. No Rio de Janeiro e em São Paulo, o termo “polaca” remetia comumente à figura da meretriz, não necessariamente polonesa. Entendia-se que eram mulheres loiras vindas dos países da Europa oriental que a imaginação popular romantizava e confundia totalmente. Nos registros policiais em que aparecem, ou mesmo na imprensa, as “polacas” não eram associadas, ao menos de uma forma direta, à figura da prostituta judia, embora esta fosse chamada de “polaca” quando aparecia nas notícias²⁵.

Quando a meretriz Janny chegou ao Brasil a instalação do regime republicano completava uma década. O país experimentava mudanças significativas, como a substituição da mão de obra escravista pelo trabalho livre, o aparecimento das fábricas, a intensa circulação de mercadorias, a chegada de grandes levas de imigrantes impulsionando o crescimento demográfico e a modificação da paisagem urbana. O espaço urbano remodelado representaria a modernidade e o progresso, o passado colonial deveria ser esquecido, o paradigma republicano era pautado no esforço de afirmação de projetos modernizadores do país.

²³ Meretriz. [do lat. meretrice] S. f. Mulher que pratica o ato sexual por dinheiro; mulher pública. [Sin. (muitos deles, bras., pop. ou de gíria; outros, lus.): prostituta, loureira, marafona, horizontal, messalina, rameira, fêmea, decaída, cortesã, puta, andorinha, bagageira, bagaxa, barca, biraia, bisca, biscaia, biscate, bofe, boi, bruaca, bucho, cação, cadela, caterina, catraia, china, cocote, cróia, cuia, culatrão, dadeira, dama, égua, ervoeira, fadista, findinga, frega, frete, frincha, fubana, fusa, gança, jereba, loba, madama, marafaia, mariposa, michê, michela, miraiá, moça, moça do fado, mulher à-toa, mulher da comédia, mulher-dama, mulher da rótula, mulher da rua, mulher da vida. FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e aument. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. Para análise sobre o termo prostituta ou meretriz, ver: MARSARO, Fabiana Panhosi. Análise do Verbetes "Meretriz" em Dicionários de Língua Portuguesa. Língua, Literatura e Ensino. v. 2 4º SePeG - Seminário de Pesquisas da Graduação, 2007.

²⁴ Crime da Primeiro de Março. *Estado do Pará*. Belém, 24 out.1919.p.2.

²⁵ GRUMAN, Marcelo. A Prostituição Judaica no Início do Século XX: desafio à construção de uma identidade étnica positiva no Brasil. *Campos* (UFPR), Paraná, v. 7, n.1, 2006. p. 96.

Janny pisou em solo amazônico no momento de intensa transformação do país e da capital paraense, esse contexto e sua trajetória nos possibilitaram alguns questionamentos sobre o universo prostibular de Belém do Pará. Dentro os quais, refletir o fluxo migratório e o tráfico de “escravas brancas”²⁶ a partir de uma experiência singular como a de Janny. Além de compreender o contexto das modificações de Belém, notadamente a urbanização paraense, os locais do meretrício, os ganhos advindos com a prostituição e a relação entre meretrizes e os outros sujeitos sociais; destacando os laços de solidariedade e os vários discursos das autoridades e da medicina higienista sobre a prostituição.

A cidade de Belém nos interessa como um espaço socioeconômico e culturalmente diverso, urbe de códigos, regras e símbolos que estabeleceram normas de convivência. Nas interações com esse espaço urbano e com outros setores sociais, as prostitutas construíram seu protagonismo. Utilizamos as definições de Santos e Barbosa, no qual o espaço é dinâmico: é o maior conjunto de objetos existente. Se ele associa o que, pela origem, tem idades diversas, tais coisas a cada momento, movidas e vivificadas por uma lei única, a lei de hoje, a que se submetem todas as relações sociais²⁷. E segundo Barbosa o conteúdo da apropriação e o uso do espaço tem um sentido corpóreo, fazendo dos lugares mundos preenchidos por locuções, gestos, convivências e cumplicidade que realizam identidades concretas²⁸. Os indivíduos atuam nos espaços não apenas com as práticas sociais sobre algo concreto, não se resumem à práticas espaciais, mas sobre o espaço da vida humana que nele se realiza envolvendo processos sociais, como o uso, a apropriação, a construção empreendendo uma gama de significados, os quais dão ao espaço o sentido da vida diária.

²⁶ A partir das últimas décadas do século XIX, o tema do tráfico internacional de pessoas esteve associado às narrativas de “tráfico de escravas brancas” (White Slave Trade). Esse termo, que teria aparecido pela primeira vez em um texto de 1839, é derivado da expressão francesa *Traite de Blanches* que, por sua vez, está relacionada a *Traite de Blanche de Noirs* utilizado para denominar o comércio de escravos negros. Aqui já aparece uma característica importante do assunto em questão: o entendimento do tráfico como uma forma de escravidão, ou seja, o fator da exploração presente na escravidão representa um ponto característico do tráfico. A expressão do “tráfico de escravas brancas” se referia a histórias de mulheres europeias que seriam trazidas por redes internacionais de traficantes para os Estados Unidos da América e para as colônias para trabalhar como prostitutas. Sobre o assunto ver: Verson, Ana Maria Marcon; Pedro, Maria. Tráfico de pessoas: uma história do conceito. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.33, nº 65, p.61-83, 2013; Andrade, Francisco Eduardo Falconi de. Tráfico Internacional de pessoas e prostituição: paradoxos entre o protocolo de Palermo e o Código Penal Brasileiro no tocante ao consentimento. *Revista da Defensoria Pública da União Brasília*. DF, nº 9, p. 1-504, jan/dez 2016.

²⁷ Santos, Milton. *O espaço do cidadão*. São Paulo: EdUSP, 2007. p. 141.

²⁸ Barbosa, Jorge Luiz Barbosa.. O ordenamento territorial urbano na era da acumulação da globalização. In: Santos, Milton & Becker, Bertha (orgs.). *Território, territórios: Ensaio sobre o ordenamento territorial*, Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006. p. 142.

O espaço urbano onde Janny viveu se alterava de forma significativa, a busca por modernidade e civilidade foi perceptível no começo do século, Mauricio Silva afirma que as reformas urbanísticas e morais atuaram em conjunto para dar às cidades uma nova face,

uma face mais “honestá”, em oposição ao seu feitio anacrônico e colonial. Neste sentido, urbanismo e civilidade são lados de uma mesma moeda: a moeda da modernização. Trata-se, em última instância, de transformações mais ou menos aprofundadas que tiveram como intuito modificar não apenas o aspecto externo da cidade, mas também o *modus vivendi* de seus cidadãos, privilegiando uma nova sociabilidade ²⁹.

Raquel Pinto observou também que o início do século XX marca ou simboliza esteticamente a passagem do Brasil arcaico para o Brasil independente, urbano e, sobretudo, moderno, quando busca alinhar-se aos modelos de modernidade preconizados por outros países, principalmente pela França, em sua capital Paris³⁰.

O cenário da urbe paraense era modificado com a construção de praças ajardinadas, edifícios da administração pública, novas escolas e hospitais. O objetivo de tornar Belém símbolo de progresso e modernidade era completado com o surgimento de diversos estabelecimentos industriais, casas bancárias e firmas seguradoras. Além de companhias de serviços públicos como telégrafos, telefonia, linha de bonde e estradas de ferro, acrescidas de duas companhias inglesas que ofereciam, a cada dez dias, na Estação das Docas, viagens para Lisboa, Liverpool, Antuérpia, Nova Iorque, Havre³¹, bem como o vapor *Colombo*, da empresa Ligure Brasileira pelo qual se podia chegar e voltar de Gênova³². Esse foi o modelo de modernidade presenciado por Janny em Belém, a cidade estava em pleno desenvolvimento.

²⁹ SILVA, Maurício. Espaço e vivência: transformações modernizadoras na Primeira República. *Saeculum - Revista de História* [11]; João Pessoa, ago./ dez. 2004, p. 153.

³⁰ PINTO, Raquel Solange. Crônica e Modernidade: configurações de uma cidade. *Caderno Cesruc*. Belo Horizonte: n. 24; 2014, p. 75.

³¹ DAOU, Ana Maria. *A Belle Époque Amazônica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

³² GONÇALVES, Paulo Cesar. *Mercadores de braços: riqueza e acumulação na organização da emigração europeia para o Novo Mundo*. São Paulo: Alameda, 2012.



Figura 1//- Chegada do paquete “Justo Chermont” ao novo cais do Porto de Belém. *Belém da Saudade*.p.48.

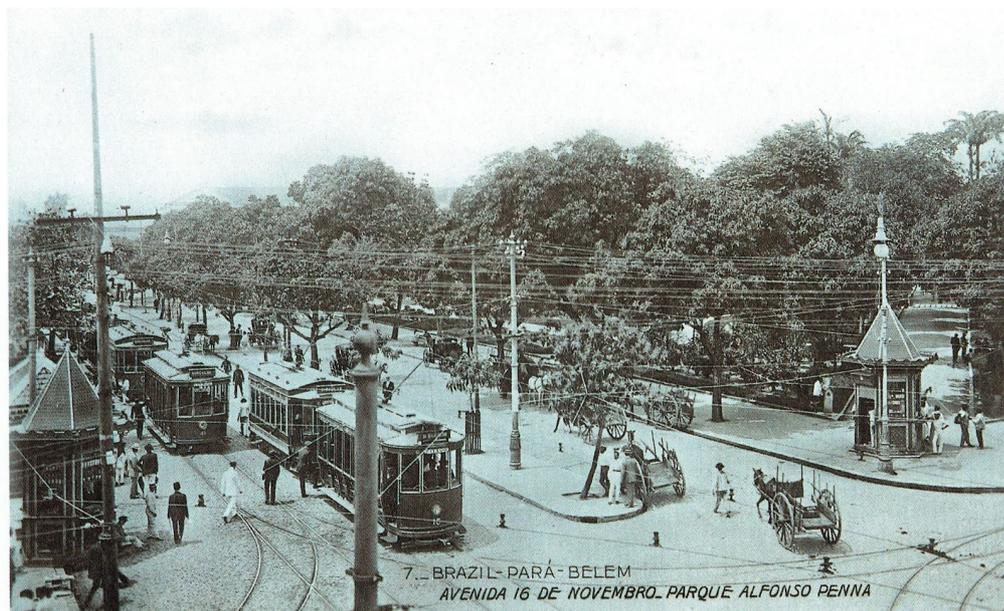


Figura 2- Bonds na cidade de Belém. *Belém da Saudade*.p.52.

As imagens acima destacam o processo de urbanização que atingiu a cidade de Belém, no final dos noventa. Buscava-se evidenciar aspectos da modernidade tais como navios oriundos da Europa, bondes circulando e largas avenidas. Em seu estudo acerca das fotografias produzidas nesse período, Rosa Claudia Pereira nos sinalizou que,

O conjunto fotográfico revela uma compreensão sobre o moderno, cujas as características principais demonstram ser a construção de uma representação que buscava articular a “nova” capital ao momento vivenciado na Europa. Imagens fotográficas e textuais que justapunham o presente ao passado, mediante as transformações promovidas pelos governantes, seguindo modelos, provenientes dos principais centros comerciais do velho mundo, em especial, da cidade de Paris³³.

Mas qual a origem para Belém despontar como uma das grandes cidades do país, com um ritmo prodigioso de crescimento e de inúmeras potencialidades de progressão futura? A elucidação se encontra nos lucros proporcionados pelos impostos oriundos das importações e exportações do *boom* gomífero. Segundo os estudos de Nazaré Sarges toda a atividade econômica da região a partir de 1840 passou a ser norteadada pela borracha, a inserção da Amazônia no sistema capitalista mundial foi reforçada pelos dividendos oriundos dessa atividade;

Em decorrência dessa nova ordem econômica, Belém assumiu o papel de principal porto de escoamento da produção gomífera, canalizando parte do excedente que se originou dessa economia para os cofres públicos, os quais direcionaram o investimento para a área do urbano³⁴.

Começo de uma nova era, a chamada *Belle Époque*, na qual as expectativas e os sonhos poderiam ser realizados. As vidas de Janny e de outros indivíduos em Belém foram influenciadas, de certa maneira, por um conjunto de elementos sociais, intelectuais e artísticos que refletiam a cultura e a sociedade europeias, principalmente a francesa. Geraldo Coelho diz que:

não há como negar que Belém e a Amazônia como um todo conheceram a sua *belle époque*, entendida, é claro, como manifestação e representação de padrões da cultura burguesa que se mundializava, numa nova etapa, a partir dos anos de 1850³⁵.

³³ PEREIRA, Rosa Claudia Cerqueira. *Paisagens Urbanas: Fotografia e Modernidade na Cidade de Belém (1846-1908)*. Dissertação- Programa de Pós Graduação em História- UFPA-PPHIST. 2006. p.177-178.

³⁴ SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: Riquezas Produzindo a Belle Époque (1870-1912)*. 2.ed. Belém: Paka Tatu, 2002, p.14.

³⁵ COELHO, Geraldo Mártires. Belém e a Belle Époque da Borracha. *Revista Observatório*. v.2, n.5, 2016, p. 11. Sobre *Belle Époque* na Amazônia, ler por exemplo: DAOU, Ana Maria. *A belle époque amazônica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000; DIAS, Edineia Mascarenhas. *A ilusão do Fausto: Manaus – 1890-1920*. Manaus: Valer, 1999; SARGES, Maria de Nazaré. *Memórias do velho intendente*. Belém: Paka-Tatu, 2002.

Período de intensas transformações no modo de vida dos habitantes, a imagem sugerida pelo termo *Belle Époque* remete à riqueza, cidadãos com gostos refinados, bem-vestidos e moradores de uma cidade moderna; uma tentativa de glamourização dos trópicos através da atmosfera francesa. Para pesquisadora Márcia Cristina Nunes o período de apogeu da economia da borracha produziu em Belém;

um processo de transformação que tentava dar à cidade as feições urbanas de suas congêneres às margens do Tâmis e do Sena. Ao se tratar da “Era da Borracha”, Paris sempre parece estar associada à felicidade, apogeu. Paris é alter ego da Belém-látex sonhada³⁶.

Janny, como prostituta estrangeira, foi um dos símbolos dessa cultura burguesa. Havia um misticismo sobre essas mulheres, ter relações com francesas, russas, americanas apontadas como experientes, introduziria nos homens hábitos sexuais avançados dos países modernos. Ela é a “outra” que veio de fora, figura associada à liberalização dos costumes, à desconexão com os vínculos sociais tradicionais e à multiplicidade de novas práticas sexuais³⁷. A prostituta do final do século XIX tem inúmeras faces, transita à vontade entre os redutos isolados e as ruas, onde exposta às fantasias oferece seus serviços sexuais destinados ao consumo e ao prazer. Isso rememora às palavras de Alain Corbin sobre o mesmo tema na França, a partir de 1870, que viu “uma nova demanda em termos de prostituição; mudança mais qualitativa que quantitativa; demanda de outra natureza social e mental que suscitou condutas consumistas de maior visibilidade e mais apreciadas pelo olhar burguês”³⁸.

Em seus escritos Walter Benjamin³⁹ descreve as prostitutas parisienses como mercadorias, para ele não existia a questão sexual da profissão, mas o avanço da industrialização sobre a cidade que viabilizava o avanço da prostituição. A prostituta para Benjamin vende a si mesma, adequando-se ao capitalismo. Dessa maneira, ela é primordial

³⁶ NUNES, Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves. *Rumo ao Boulevard da República: entre a cidade Imperial e a metrópole republicana*. Belém, Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Programa de Pós Graduação em História, 2017. p. 231.

³⁷ WALDMAN, Berta. Entre braços e pernas: prostitutas estrangeiras na literatura brasileira do século XX. In: *Entre passos e rastros- perspectiva judaica na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: FAPESP/ Perspectiva, 2003. p.31.

³⁸ CORBIN, A. *Les filles de Noce - Misère et Prostitution au XIXe. siècle*. Paris: Flammarion, 1982.p.300.

³⁹ Walter Benjamin, (Berlim, 15 de julho de 1892 — Portbou, 27 de setembro de 1940) foi um ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo judeu alemão. Associado à Escola de Frankfurt e à Teoria Crítica, foi fortemente inspirado tanto por autores marxistas, como Bertolt Brecht, como pelo místico judaico de Gershom Scholem. Benjamin foi responsável por produzir diversos trabalhos que abordavam desde a produção literária até a discussão de temas relevantes relacionados à cultura, inclusive para a nova era que se iniciava: a Modernidade.

para uma análise da “nova” era moderna. Antes reclusa em atendimentos privados, passou a se expor nas ruas, *boulevards* e cafês, como mercadoria exposta aos compradores.

A prostituição ganha um de seus atrativos mais poderosos apenas com o surgimento da cidade grande. Trata-se do efeito que ela exerce na massa e através da massa. Somente a massa permite à prostituição disseminar-se por bairros inteiros da cidade, sendo que, anteriormente, ela estava segregada, senão em casa, ao menos em certas ruas. Somente a massa permite ao objeto sexual refletir-se em centenas de efeitos excitantes que ela própria produz, ao mesmo tempo⁴⁰.

Pela necessidade material de sustento, a prostituta também se tornou mercadoria destinada ao consumo das massas, vendida como objeto nas grandes cidades. Com um caráter fetichista⁴¹, a prostituta se tornou o expoente máximo desse jogo alegórico de significação que a mercadoria propôs, o poder do capital definiu e ela assumiu nos aspectos e “nas cores dos apelos da mercadoria”⁴²

Uma imagem capaz de aliar a forma mercadoria e o conteúdo social que ela representa, já que ao mesmo tempo em que a prostituta expõe-se como uma mercadoria, ela carrega em si o conteúdo fetichista que necessita para atrair a massa. Em outros termos, o fragmento parece indicar que a teoria do fetiche

⁴⁰ BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. p. 384. Para uma análise mais pontual sobre Walter Benjamin e as figuras femininas ver: PEGO, Richardson Dutra Da Costa. *A Imagem do Feminino em Walter Benjamin: Uma Análise Da Mulher Através de uma Perspectiva de Gênero*. Dissertação (Mestrado) UFSJ/ PROMEL, 2016.

⁴¹ Em uma perspectiva histórica e etiológica, o Fetiche origina-se de “Fétiche”, termo derivado do francês, constituindo em tradução livre à língua portuguesa o significado de “feitiço”, traz em sua interpretação o suposto enfeitiçar (estar magicamente atraído por algo ou alguém, sem razões explicáveis a consciência). “O termo embora criado em 1750 tornou-se conhecido na Europa através do erudito francês Charles De Brosses em 1757, retomado em 1887 pelo psicólogo francês Alfred Binet (1857-1911). LOPES, Yan de Jesus. O Fetiche na Psicanálise Freudiana. *Portal dos Psicólogos*. Documento publicado em 21.10.2019.

⁴² BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. p. 391. Ver entre outros: FREITAS, Jorge. A alegoria moderna de Walter Benjamin: Passagens, Baudelaire e mercadoria. *Revista Investigações - Teoria da Literatura*. v. 27, n. 1, 2014. WILSON, Elizabeth. O flâneur invisível. *ArtCultura*. Uberlândia, v.7, n.11, p.137-157, jul-dez, 2005.

da mercadoria de Marx⁴³ e a teoria do fetiche erótico construída por Freud⁴⁴ integram-se na imagem da prostituta⁴⁵.

Enquanto o mundo buscava conceituar, definir a liberdade da sexualidade das mulheres, na Inglaterra, reformadores evangélicos de 1830 e 1840 escreveram comovidos tratados onde descreviam as prostitutas como o “grande mal social”, praga que apodreceria as mais profundas bases da sociedade. A prostituição, portanto, não era algo hipotético ou imaginário, estava ali representando a desordem e o transtorno das hierarquias naturais e instituições da sociedade. E, para libertar as cidades desse mal assustador, vieram o resgate, a reforma e a legislação. Um intenso conflito se desenvolveu entre os que defendiam uma regulamentação mais restrita e os que se opunham. Da regulamentação das prostitutas poderia se desenvolver facilmente a regulamentação de todas as mulheres, em particular daquelas da classe trabalhadora. Josephine Butler⁴⁶ empreendeu sua campanha contra as Leis das Doenças Contagiosas (de 1864) no terreno das liberdades civis, e em parte porque as não-prostitutas poderiam mais facilmente ter problemas com as novas ordens e encontrar a si mesmas sujeitas à detenção e averiguações humilhantes e odiosas com o “pênis de aço” (o espécule). Judith Walkowitz argumentou que a existência dessas leis resultou numa separação maior entre as prostitutas e as outras mulheres — e que, portanto, a regulamentação daquelas contribuiu, se não para a criar, certamente para exacerbar o mal que pretendia conter⁴⁷.

⁴³ Para Marx e Engels a ideia de que as mulheres são uma propriedade comum existiria “desde os tempos imemoriais” (MARX; ENGELS, 2008, p. 39) e também identificaram o fim da prostituição com a abolição do capitalismo. Afrimaram que a família burguesa estava baseada no lucro privado e encontrava “seu complemento na ausência forçada de família entre os proletários e na prostituição” (MARX; ENGELS, 2008, p.38). Portanto, a prostituição seria resultado das distorções decorrentes dos valores e práticas burguesas - a hipocrisia e a transformação das mulheres em propriedade. MARX, Karl; ENGELS, Ernest. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Expressão Popular, 2008. Para uma análise mais conclusiva ver: PARADIS, Clarisse Goulart. A prostituição no marxismo clássico: crítica ao capitalismo e à dupla moral burguesa. *Revista de Estudos Feministas*. vol.26, n.3, 2018.

⁴⁴ Em “Três Ensaio” após enunciar a existência de situações em que o “... objeto sexual normal é substituído por outro que conserva alguma relação com ele, mas é inteiramente inadequado para servir ao objetivo sexual normal” denominando-o fetiche, Freud já estabelece duas condições fundamentais em sua ocorrência: estabelece a diferença entre os casos em que o objetivo sexual, considerado normal, é inteiramente abandonado em favor do objeto substituto e aqueles em que tal objeto deve preencher uma condição fetichista para que o objetivo sexual seja atingido. MELLO, Carlos Antonio Andrade. Um olhar sobre o fetichismo. *Reverso*. v.29 n.54, Belo Horizonte, set. 2007. p. 71.

⁴⁵ FREITAS, Jorge Benedito de. O Heroísmo Moderno de Charles Baudelaire: uma leitura à luz de Walter Benjamin. *RevLet – Revista Virtual de Letras*, v. 08, nº 01, jan/jul, 2016. p.542.

⁴⁶ Josephine Butler foi líder do movimento contra a regulamentação da prostituição na Inglaterra, no início do século XIX, a partir da oposição às leis de controle de doenças venéreas. Essas leis discriminavam as prostitutas por supostamente contagiarem os homens e instituíram formas violentas de controle sobre o corpo delas, por meio de exames médicos cruéis e encarceramento. WALDRON, Jeremy. “Mill on liberty and on the Contagious Diseases Acts”. In: URBINATI, Nadia; ZAKARAS, Alex (Ed.). *J.S. Mill's Political Thought: A Bicentennial Reassessment*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p.12-16.

⁴⁷ WALKOWITZ, Judith. *Prostitution and Victorian society: women class and the state*. New York: Cambridge University Press, 1980.

Janny representava o vínculo entre modernidade e prostituição, explicado por Nicolau Sevcenko, como o esforço de muitas camadas brasileiras mais abastadas em criar uma identidade que expressasse sintonia com os desdobramentos do ritmo da economia e da cultura europeias⁴⁸. Uma das personagens literárias que inaugura a imagem da prostituta moderna no Brasil é a *Madame Pommery*, livro publicado por Hilário Tácito em 1920. Nele a prostituta estrangeira chega pela onda migratória e com seus "vícios elegantes" e espírito empreendedor inicia sua missão civilizatória nos trópicos. O autor descreve uma sociedade que desejava ser moderna, refinada, e almejava deixar o passado de atraso em busca da mudança de hábitos, como por exemplo, trocar o consumo de cerveja pelo de *champagne*⁴⁹.

Tomas Orum ao analisar a prostituição em Manaus e em Belém no final do século XIX, explica que o fascínio pela estrangeira de “sotaque estranho e pele alva” residia principalmente na diferença que essas características estabeleciam na relação com as mulheres locais, caboclas ou mestiças de pele bronzeada⁵⁰. De acordo com Paulo Santos a imagem cristalizada da prostituta na Amazônia era a de mulheres sensuais com rostos pintados à francesa, as famosas “polacas”⁵¹.

Mulheres como Janny independentemente de serem francesas, russas ou polonesas, acabaram fazendo parte do imaginário social da prostituição de luxo e riqueza. Nesse sentido, utilizamos a noção de imaginário social na linha dos trabalhos de antropologia histórica, como um sistema coerente, dinâmico, de representações do mundo social, uma espécie de repertório das figuras e das identidades coletivas de que cada sociedade se dota em certos momentos de sua história⁵². Modernidade, progresso e prazer se tornaram os atributos de um novo mundo e de uma recém adquirida forma de viver, nos quais certas imagens produzidas atingiram o imaginário coletivo, e as meretrizes como Janny estavam inseridas nessa simbologia.

⁴⁸ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2003, p.41-44.

⁴⁹ TÁCITO, Hilário. *Madame Pommery*. São Paulo: Ática, 1998. p.21. Hilário Tácito era pseudônimo do engenheiro José Maria de Toledo Malta e o livro foi publicado pela editora Revista do Brasil, de Monteiro Lobato. A personagem principal do romance, Madame Pommery, foi criada através de uma associação da personagem Madame Bovary com a francesa Madame Pompadour. Madame Bovary é uma obra francesa de 1857, na qual Flaubert, seu autor, por meio da trama de adultério e morte da personagem principal, Emma Bovary, passa em revista a hipocrisia da sociedade francesa de meados do século XVII. Já Madame Pompadour foi uma das mulheres mais extraordinárias, cultas e influentes do século XVIII. Amante do rei Luís XV da França, influenciou politicamente as decisões reais, ela se tornou uma empreendedora, incentivando a fundação da fábrica de porcelanas de Sevres. ARAÚJO, Taynara Mirelle do Nascimento de. “Madame Pommery”: a prostituição das polacas no Brasil. *Entrepalavras*, Fortaleza - ano 5, v.5, n.esp., p. 219-237, ago/dez 2015.

⁵⁰ ORUM, Thomas T. As Mulheres das Portas Abertas: judias no submundo da Belle Époque amazônica, 1890-1920. *Revista Estudos Amazônicos*. vol. VII, n. 1 (2012), pp. 1-23. Tradução: Benedito Carlos Costa Barbosa, Marylia Lima Nina de Azevedo e Maurício Costa.

⁵¹ SANTOS JUNIOR, Paulo Marreiro dos. Glamour e Agonia na Prostituição da Manaus da Borracha. *Cordis*. Mulheres na História, v. 2, São Paulo, n. 13, p. 17-31, jul./dez. 2014.

⁵² BACZKO, B. Imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Antropos-Homem. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985, p. 296-332.

O comércio do sexo ganhou conotações e transformações significativas no Brasil, mesmo com condições históricas diferentes, uma vez que a sociedade brasileira acomodava valores patriarcais, escravocratas e católicos. Em Belém, vários intelectuais se manifestaram a respeito da ligação entre prostituição e civilização. Paulino de Brito⁵³ em sua coluna do Jornal *o Estado do Pará* denominada *Repercussões*, adjectivou São Paulo e Rio de Janeiro em 1919, como centros ricos e civilizados, onde as senhoras da sociedade frequentavam os mesmos ambientes das “cocottes” e “meretrizes” sem pudores ou preceitos morais. Brito creditava a esses lugares abarrotados de prazeres mundanos e bestiais a “infecção moral” do país e assegurava que uma cidade mais modesta como Belém era melhor que a “civilização” paulistana e carioca, que na opinião dele poderiam ser carregadas pelo “diabo”⁵⁴.

A fala temerosa e moralizante de Paulino de Brito não ecoou sozinha, o século XX é rico em discursos que revelavam o desconforto em relação à presença das mulheres nas ruas e em lugares públicos de entretenimento. A tão almejada “civilização” cobrava seu preço, pois se as cidades ofereciam uma gama assustadora e extraordinária de possibilidades, estímulos, prazeres e riqueza, também estavam imersas em uma atmosfera de tentações, desejos carnis e excessos como bebidas, jogos e sexo. A prostituta era um desses elementos, vista como ameaça real e presente, daí a preocupação de Brito quanto ao perigo das relações sociais entre as mulheres da “sociedade” e as meretrizes em frequentarem o mesmo ambiente.

A cidade moderna inevitavelmente agregava os vários segmentos sociais, por isso foi impossível banir as meretrizes dos grandes centros urbanos, o que exigiu a criação de aparatos jurídico, médico e político para tentar conter e restringir seus movimentos e regular suas vidas.

A Belém que Janny viveu também possuía faces: uma cidade moderna e urbanizada, com novas formas de sociabilidade, modismos, cosmopolitismo e liberdades sociais, mas também um cenário de pobreza e de indivíduos marginalizados, uma realidade oposta à bela época. A maior parte da população ocupava as zonas sujas, fétidas e lamacentas, contradições do cotidiano que apagavam e fragilizavam o discurso mítico de uma urbe luxuosa e atraente. Os jornais comumente denunciavam as condições precárias da cidade, ruas e zonas relegadas,

⁵³ Paulino de Brito (Manaus, 9 de abril de 1858 — Belém, 17 de julho de 1919) foi um escritor, poeta, cronista, romancista, jornalista e professor. Formado em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade Direito do Recife. Dedicou-se principalmente à vida de jornalista, produzindo assiduamente para a *Folha do Norte*. Escreveu: *Dolores e O Homem de Serenatas*, para análise das obras de Paulino Brito conferir: DA SILVA, Alan Victor Flor. Homens de letras na província do Pará do século XIX: algumas considerações. *Revista Letras*, Curitiba, UFPR, n. 100, pp.5-26, jul./dez. 2019.

⁵⁴ *Repercussões - Que Civilização!*. *Estado do Pará*. Belém, 15 jun. 1919. p.1.

povoadas por indigentes, doentes, prostitutas e bêbados. Havia uma descrição em minúcias de inúmeros pardieiros, cortiços, pocilgas, onde a pobreza e desordem moral imperavam.

Saneemo-nos, na Trav. São Matheus canto da Praça Saldanha Marinho, falta higiene, falta ordem. Apesar de passarem ao lado do cortiço dois ramais de esgoto geral, os sentidos são de fossa fixa. Terá conhecimento a Inspetoria de Higiene? E tudo isso no coração da cidade. Vamos, chefe de segurança e inspetor de higiene, saneemos a moral e higienicamente esse antro de perdas, de brigas, e outras que enfeiam a cidade⁵⁵.

Com matizes fortes a notícia esmiuçou o que poderia se encontrar na Travessa São Matheus, na descrição do articulista, o fedor da fossa impregnava os transeuntes, lá habitava o universo sujo, marginal cuja *Belle Époque* não conseguiu vencer. Faltavam higiene e instalações apropriadas de moradia, havia a miséria, o vício e o crime. A urbanização de Belém em relação a Paris tem seu efeito original na busca pela higienização e moralização, na tentativa de retirar o pobre desse novo cenário, na visão de muitos, o saneamento deveria ser estendido aos valores morais. As topografias médicas constataam que a cidade é o meio mais doentio, o que leva a proposta de medicalização do espaço urbano. A Higiene surge como ciência de intervenção. A cidade é pensada de maneira utópica e várias propostas de cidades salubres são elaboradas por urbanistas culturalistas e progressistas, tendo a higiene no centro das discussões⁵⁶.

Jussara Derenji enfatiza que as mudanças tipológicas ocorridas na arquitetura do período foram estimuladas por essa legislação urbana, progressivamente cerceadora e excludente, na medida em que impôs normas para a edificação que uma parcela da população não poderia atender. A substituição da planta “monótona”, das “fachadas inexpressivas”, induzidas por essas medidas refletem – mais que preocupações higiênicas e estéticas – as radicais modificações socioeconômicas ocorridas nas metrópoles amazônicas, em especial a ascensão e enriquecimento de alguns segmentos da sociedade ligados à economia da borracha. A arquitetura tornava-se, assim, uma das linguagens da construção de uma identidade social

⁵⁵ Saneemo-nos. *Diário de Notícias*. Belém, 04 set.1896.p.2.

⁵⁶ CHOAY, Françoise. *L'urbanisme, utopies et réalités: Une anthologie*. Paris: Éditions du Seuil, 1965. Assim, as cidades europeias foram sendo submetidas, “sob o manto civilizador da ciência” a uma série de reformas urbanas e sociais, visando ensinar às pessoas a viverem de forma civilizada. Portanto, caberia então ao urbanismo disciplinar os comportamentos sociais tanto nos espaços públicos quanto nos espaços privados, através da socialização do sentimento de intimidade e da negação de toda e qualquer promiscuidade, sobretudo através das ações dos higienistas e reformadores sociais. ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de. *De Viena a Santos: Camillo Sitte e Saturnino de Brito*. In: SITTE, Camillo. *A construção das cidades segundo seus princípios artísticos*. São Paulo: Ática, 1992. pp.207-208.

para esses segmentos da sociedade nortista⁵⁷. Entretanto, o tão ambicioso e desejado progresso com modernização e civilização financiados pela economia de látex, e constituído especialmente pelas mãos de uma elite, não ficou restrita à urbe paraense. Manaus, na percepção de Edinea Mascarenhas Dias foi igualmente destinada a uma minoria, o poder público, aliado aos interesses privados, desenvolveu uma política de opressão, exclusão e dominação contra pessoas ou grupos de pessoas que emergiram na cidade e que não se enquadram nos conceitos de valores da elite local⁵⁸.

Janny percorreu uma trajetória de contrastes em seu universo prostibular, uma linha tênue entre o glamour e a prostituição miserável, no submundo da urbe e nas suas diversas formas de diversão e sociabilidade. Símbolo de uma modernidade e protagonista de uma *Belle Époque* luxuosa quando a serviço de uma clientela seleta, composta por políticos, grandes comerciantes, seringalistas e os demais endinheirados da sociedade da borracha que frequentou os cabarés, cassinos e cafés de luxo como *Moulin Rouge*, local amplamente propalado nos anúncios como capaz de curar “agruras” e “dar um gozo natural à vida”⁵⁹, com sua suntuosa decoração, maravilhoso cenário, efeito e luz deslumbrantes, bastando para isso, caminhar para o *Largo da Pólvora*⁶⁰.

No “ajuntamento de desocupados e de mulheres de vida livre, descrito pelos noticiários⁶¹, situado à Rua Primeiro de Março⁶², Janny era o ícone da prostituição clandestina. Ali, vendia-se nas pensões e hotéis como o *Oriental*, botequins como os *Sympathia* e *Pátria*, pontos de entretenimento dos marinheiros e estrangeiros que aportavam na cidade em busca dos “prazeres da carne”⁶³. Ambiente de “desordeiros” frequentado por um “pessoal certo e conhecido”,⁶⁴ local de moradia de várias meretrizes européias como as russas Esther Alembert e Célia Conte⁶⁵, mas também migrantes brasileiras, dentre as quais a nordestina Sebastiana Costa.

⁵⁷ DERENJI, Jussara. *Arquitetura Nortista: a presença italiana no início do século XX*. Manaus: SEC, 1998, p. 109.

⁵⁸ DIAS, Edinea Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto: Manaus 1890-1920*. 3ªed. Manaus: Editora Valer, 2019. p.96. Sobre urbanização e modernidade em Manaus ver: MESQUITA, Otoni. *La Belle Vitrine: Manaus entre dois tempos (1890-1900)*. Apoio, FAPEAM. EDUA; Manaus; 2009. DAOU, Ana Maria. *A belle époque amazônica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

⁵⁹ Moulin Rouge. *Estado do Pará*. Belém, 07 set.1913.p.3.

⁶⁰ Denominação da Praça da República por ter sido ali montado, no século XVIII, um estabelecimento para depósito de pólvora. CRUZ, Ernesto. *Ruas de Belém: significado histórico e suas denominações*. 2ª ed. Belém, CEJUP. p. 106.

⁶¹ Nosce Te Ipsum. *Estado do Pará*. Belém, 22 abr.1911.p.1.

⁶² Antes denominada Rua das Gaivotas, passou a ser Primeiro de Março em comemoração a data do término da guerra do Paraguai, com a fuga e morte do ditador Solano Lopes. CRUZ, Ernesto. *Ruas de Belém: significado histórico e suas denominações*. 2ª ed. Belém, CEJUP. p. 67.

⁶³ Tópicos e Notícias. *Estado do Pará*. Belém, 18 jun.1911.p.2.

⁶⁴ Ocorrências Policiais – O botequim Pátria. *Estado do Pará*. Belém, 26 jun.1911.p.2.

⁶⁵ Desordens. *Estado do Pará*. Belém, 25 jan.1918.p.4.

Assim como várias outras jovens mulheres, essa protagonista polaca cruzou o Atlântico em busca de novas possibilidades de vida, longe da miséria que enfrentava na Europa. Janny construiu sua trajetória durante a expansão do capitalismo industrial e da cultura burguesa, viveu numa cidade amazônica que os administradores buscavam e enfatizavam a necessidade da marcha para o Progresso e para Civilização. Teve que competir no mercado de trabalho com as nacionais, mas também construir laços de solidariedade em redes de convivências⁶⁶na busca de vencer as adversidades e garantir seu sustento. E apesar de ter construído um patrimônio financeiro, sua trajetória nos trópicos não pode ser simplificada, colocando-a em um sistema prostibular mais ameno ou sem dificuldade.

⁶⁶ Empregamos o termo a partir da análise de Massey, na qual as redes migratórias podem ser definidas como “complexos de laços interpessoais que ligam migrantes, migrantes anteriores e não-migrantes nas áreas de origem e de destino, por meio de vínculos de parentesco, amizade e conterraneidade”. MASSEY, Douglas. “Economic development and international migration in comparative perspective”. *Population and Development Review*, 14: 383-413. p. 396. Kelly define as funções das redes como “agrupamentos de indivíduos que mantêm contatos recorrentes entre si, por meio de laços ocupacionais, familiares, culturais ou afetivos”. Além disso, são formações complexas que canalizam, filtram e interpretam informações, articulando significados, alocando recursos e controlando comportamentos”. KELLY, Philip. F. (1995), “Social and cultural capital in the urban ghetto: implications for the economic sociology of immigration”. In: PORTES, A. (org.). *The economic sociology of immigration*. Nova York, Russell Sage. 1995, p. 219. Sobre redes migratórias conferir: TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP, v. 20, n. 1. p.200-218.

Chegando à Paris dos Trópicos

O ano era 1913 e a italiana Evelina Bruschette, 30 anos, foi conduzida à central de polícia para prestar depoimento no processo⁶⁷ que acusava seu ex-marido, o francês Felipe Berthenoud, de lenocínio. Evelina relatou ter conhecido o marido em 1908, em Gênova, onde ela exercia a profissão de cançonetista, e que após a insistência dele, desistiu da profissão para acompanhá-lo, “visto que lhe prometera o conforto necessário”⁶⁸. Em companhia do marido e já “forçada” ao meretrício, viajaram por Roma, Buenos Aires, Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia. O casamento ocorreu na capital argentina, proposto por Berthenoud a fim de “fugir da vigilância da polícia daquela cidade”. Na continuidade do relato disse ainda que presenciou a expulsão dele das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, e assegurou ser ele desertor do exército francês. Em Belém, ela se separou, após o mesmo espancá-la violentamente, em uma briga na qual Berthoud exigiu suas joias e tentou convencê-la a voltar para França com ele. Acrescentou à informação que juntamente com o casal veio a atriz francesa Louise Guerrión. Importante frisar que em outros relatos policiais e jornalísticos, a atriz citada por Evelina surge como “concubina” de Berthenoud na Paris dos Trópicos⁶⁹.

O Código Penal de 1890 tipificava o crime de lenocínio em seus artigos 277 e 278, “excitar, favorecer, ou facilitar a prostituição de alguém para satisfazer desejos desonestos ou paixões lascivas de outrem”. E quem “induzisse mulheres a empregar-se na prostituição, e quem prestasse assistência, habitações e auxílios a prostitutas para auferir lucros dessa especulação”. Se a prostituição não se constituía legalmente em crime, apesar de todas as formas de criminalização que o Estado lhe impunha, a exploração do meretrício, pelo direito penal, o era. Os indivíduos que praticaram o proxenetismo, lenocínio, caftismo, foram, portanto, controlados, reprimidos, presos e expulsos⁷⁰.

⁶⁷ Processo- crime: Lenocínio, 4ª Vara, Ref.329, caixa 11, ano 1913.

⁶⁸ O caftismo – uma diligência do Subprefeito Couto. *O Estado do Pará*. Belém, 07 mai.1913.p.2.

⁶⁹ Um cáften reincidente. *Estado do Pará*. Belém, 24 jul.1913.p.2.

⁷⁰ MAZZIEIRO, João Batista. Sexualidade Criminalizada: Prostituição, Lenocínio e Outros Delitos – São Paulo 1870/1920. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol.18, n.35, pp.247-285, 1998. Sobre lenocínio ver: SCHETTINI, Cristiana. *Que tenhas teu corpo: uma história social da prostituição no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas*. Rio de Janeiro, Tese (Doutorado) – Campinas, SP, 2002. FONSECA, Guido. *História da Prostituição em São Paulo*. São Paulo, Resenha Universitária, 1982. OTTONI, Ana Vasconcelos. *Flores do Vício: Imprensa e homicídios de meretrizes no Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado) UFRJ/PPGHIS, 2007.

Muitas das meretrizes dos bordéis e pensões paraenses chegaram da mesma forma que Evelina e Louise, vindas pelo fluxo de imigração e em companhia de cáftens⁷¹. Algumas trouxeram a esperança de encontrar melhores oportunidades de trabalho e sobrevivência, enganadas por promessas de uma vida de riqueza em territórios longínquos. Outras exerciam a prostituição em sua terra natal, migraram de forma voluntária e em terras brasileiras continuaram as atividades em busca de condições de subsistência mais favoráveis.

A respeito da vida de Evelina na Itália sabemos apenas que participava de peças musicais curtas, sendo cançonetista. Difícil afirmar com precisão o real motivo de sua vinda para o Brasil. Para Angêlo Trento⁷² e Hebert Klein a miséria da população europeia no final do século XIX foi o principal fator desses deslocamentos.

A migração, portanto, não começa até que as pessoas descobrem (sic) que não conseguiram sobreviver com seus meios tradicionais em suas comunidades de origem. Na grande maioria (sic) dos casos não logram permanecer no local porque não têm como alimentar-se nem a si próprias nem a seus filhos⁷³.

O Brasil recebia, nas primeiras décadas do século XIX, imigrantes de várias partes da Europa, esse projeto⁷⁴ tomou impulso na segunda metade do século XIX e seguiu até as primeiras décadas do século XX. Considerando um período de imigração em massa da Europa para a América, estima-se que cerca de 31 milhões de pessoas tenham atravessado o Atlântico migrando do Velho para o Novo Mundo⁷⁵.

⁷¹ Vulgarmente conhecido por cafetão no Brasil e por chulo em Portugal, é alguém que pratica o proxenetismo, ou seja, procura e administra clientes para uma prostituta, além de facilitar a sua prostituição, seja em bordéis ou na prostituição de rua, de modo a ganhar uma parte de seus rendimentos. Cáften provém de nome dado aos traficantes de mulheres, provavelmente corruptela da palavra kafta, vestimenta judaica, em referência à grande participação dos judeus no tráfico, derivaria de kaftas, tradicional casaco longo usado por judeus do Leste Europeu. MENEZES, Lená Medeiros de. *Os indesejáveis: desclassificados da modernidade. Protesto, crime e expulsão na Capital Federal (1890-1930)*. Rio de Janeiro, 1996, pp.153-154.

⁷² TRENTO, Ângelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1989. p. 30.

⁷³ KLEIN, Herbert S. *Migração Internacional na História das Américas*. p. 13. Fausto, Boris (Org.). *Fazer a América*. São Paulo: Ed.Usp. 2000. p.13-32.

⁷⁴ No final do século XIX, na iminência da abolição da escravatura, discutir a questão racial significava, para as elites, debater a questão nacional, já que o progresso do país dependeria da composição étnica de seu povo. Assim, a defesa da imigração não se restringia às necessidades de mão-de-obra, mas também a um ideal de construção de uma nacionalidade. O Brasil que se pretendia formar era livre e de cidadãos brancos. PESSANHA, Andréa Santos. Em nome do progresso. *Nossa História*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 20-22, out. 2005. p.21.

⁷⁵ Desse contingente populacional, 70% dirigiram-se aos Estados Unidos; o Canadá recebeu aproximadamente 2,5 milhões; a Argentina, 4,2 milhões; e o Brasil, 2,9 milhões de imigrantes. KLEIN, Herbert S. *Migração Internacional na História das Américas*. In: FAUSTO, Boris (Org.). *Fazer a América*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p. 14-16.

A imigração para Belém de mulheres como a meretriz Evelina, insere-se no período de desenvolvimento econômico da região proporcionado pela atividade econômica da borracha. As riquezas geradas pelo látex impulsionaram a vinda de grupos populacionais originários de diversos continentes e países. O censo brasileiro de 1872 registrou 8728 estrangeiros, 6.529 no estado do Pará e 2.199 no Amazonas que representaram respectivamente 3,8% e 2,4% da população total dos estados. A maioria correspondia a europeus, destacando-se portugueses, espanhóis, franceses, ingleses, alemães, italianos e austríacos. Das Américas o censo registra principalmente argentinos, bolivianos, norte-americanos, paraguaios e peruanos⁷⁶.

Para Vittorio Capelli, ocorreu uma surpreendente imigração italiana nos estados do norte, no Pará principalmente em Belém, Santarém e Óbidos, e no Amazonas na cidade de Manaus. Tratou-se de uma imigração proveniente do mesmo território no Apenino meridional, atraída pelo mítico boom da “borracha”, cujo ciclo se estendeu de 1870 a 1920, e no qual os italianos eram em maior número⁷⁷.

Quanto aos portugueses, Cristina Donza Cancela observou que para eles a Amazônia não era a primeira alternativa na conquista da América. O destino mais certo da maioria desses imigrantes era o Rio de Janeiro, e que foi somente com o aparecimento do navio a vapor e da tecnologia que encurtou a viagem que o Pará passou a figurar nos planos de milhares de portugueses⁷⁸.

Marília Ferreira Emmi afirma que foram experimentadas várias colônias agrícolas com a participação de europeus no Nordeste paraense, estimulada pelas autoridades públicas através de legislação, propagandas e discursos nos quais havia um forte desejo de fazer esse europeu atravessar o Atlântico e se estabelecer em solo Amazônico⁷⁹. As legislações paraenses de 1894 e 1898 assinadas pelos governadores Lauro Sodré e Paes de Carvalho, respectivamente, buscavam regulamentar e definir a introdução desses indivíduos na economia gomífera. As políticas para imigração eram destinadas a vinda de imigrantes classificados como de “boa conduta” e “aptos para o trabalho” tanto na agricultura como na

⁷⁶ EMMI, Marília Ferreira. *Um século de imigrações internacionais na Amazônia brasileira (1850-1950)*. Belém: Editora do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará, 251 pp.

⁷⁷ No censo de 1920, registram-se cerca de mil italianos que, nos anos sucessivos, fundaram mais duas associações, uma de caráter elitista, outra de caráter mais popular, ambas em permanente competição. Neste momento, quando encerrava o ciclo da borracha, os italianos eram numerosos no comércio de gêneros alimentícios, tecidos, ferragens e no comércio de produtos regionais, mas também desempenhavam atividades bancárias e ocupavam-se de tipografias. CAPPELLI, Vittorio. A propósito de imigração e urbanização: correntes imigratórias da Itália meridional às “outras” Américas. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v. XXXIII, n. 1, p. 7-37, junho 2007. p.22. Sobre a imigração italiana para a Amazônia, conferir : EMMI, Marília Ferreira. *Italianos na Amazônia (1870-1950): pioneirismo econômico e identidade*. Belém: NAEA, 2008.

⁷⁸ CANCELA, Cristina Donza. *A imigração portuguesa no Pará*. Belém: Estudos Amazônicos, 2012.

⁷⁹ EMMI, Marília Ferreira. *Italianos na Amazônia (1870-1950): pioneirismo econômico e identidade*. Belém: NAEA, 2008.

indústria⁸⁰, o imigrante apenas interessava quando vinha contribuir com a criação de uma identidade nacional, tomando parte na construção do futuro trabalhador brasileiro, o elemento vindo de fora deveria se ajustar à imagem que se exigia dele, de trabalhador honesto, qualificado exemplar, e sempre ausente das questões políticas nacionais⁸¹.

Paralelamente a essa imigração subsidiada, seguiu-se outra, espontânea, motivada pelas atividades econômicas em expansão ligadas à exploração da borracha, na qual as cidades foram o destino principal. Belém foi pólo de atração de migrações internas e externas, a chegada de Evelina e outras estrangeiras se deu nesse contexto de intensa circulação de indivíduos das mais variadas procedências. Imigrantes que sonhavam com uma vida melhor, incentivados pelas propagandas governamentais ou pelas frustrações de vidas miseráveis em seus países de origem, fatores decisivos para o fluxo migracional à Paris dos Trópicos. Em tempo, citamos a vinda de nordestinos, migração explicada pela historiadora Franciane Gama Lacerda, que aponta as crises políticas, o declínio da produção agrícola e sobretudo as grandes secas como elementos importantes para a chegada numerosa de cearenses à região⁸².

Quando analisamos a vinda de mulheres estrangeiras para Amazônia, devemos atentar para a especificidade da prostituição, que estava à margem dos discursos e legislações do governo brasileiro para o fomento à imigração de trabalhadores europeus. Discursos que por sua vez precisavam explicar a chegada de meretrizes como Evelina, brancas, europeias e destinadas à venda de sexo, quase sempre acompanhadas de uma figura masculina. A categorização de “traficadas” foi a mais contundente das justificativas encontradas para essa demanda.

⁸⁰ PARÁ. Mensagem dirigida ao Congresso do Estado do Pará pelo Dr. Lauro Sodré, governador do Estado ao expirar o seu mandato em 1º de fevereiro de 1897. Belém: Typ. do Diário Oficial, 1897, p. 25. (Disponível em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u2423/000025.html>). Para uma excelente análise sobre imigração, legislação e braços produtivos no Pará, ver SANTOS, Francinaldo Sousa dos; NUNES Francivaldo Alves. Imigração, propaganda e legislação: a marginalização do trabalhador nacional nos programas de colonização no Pará (1880 – 1900). *Revista Manduarisawa*, Manaus, vol. 1, nº 01, 2017; SARGES, Maria de Nazaré; GOMES, João Arnaldo. Os espanhóis na cidade de Belém: conflitos e solidariedade. *Fênix - Revista de História e Estudos Culturais Janeiro* - Junho de , Vol. 11 Ano XI, nº 1, 2014. (Disponível em: www.revistafenix.pro.br).

⁸¹ SARMIENTO, Érica. “A “não-democracia” dos excluídos: alguns pontos da política imigratória brasileira”. *Mídia e Democracia. Revista Logos*, ano 14, n.27, 2º semestre, 2007, pp.141-148.

⁸² LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes Cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916)*. Belém: Ed.Açaí/ Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (UFPA)2010.

Narrativas sobre o “Tráfico de brancas”

Evelina e Louise estiveram na Argentina antes de chegarem ao Brasil. A polícia brasileira quando se referia ao “tráfico de brancas” apontava Buenos Aires como centro distribuidor de mulheres para a prostituição, de lá seguiam para o Rio de Janeiro e outras capitais brasileiras, em companhia de cáftens. Desde a década de 1870, Montevidéu e Buenos Aires adotaram uma política regulacionista em relação à prostituição, empregando um conjunto de medidas sanitárias e municipais que submeteram a prostituição à supervisão especial do Estado.

Em 1875 o Conselho Deliberante de Buenos Aires expediu uma postura municipal que regulamentava a prostituição. O regulamento portenho combinava argumentos de ordem higiênica – para proteger a saúde do consumidor e garantir o futuro da nação argentina da ameaça degeneradora de sífilis – com argumentos relativos à ordem moral no espaço urbano, mais conhecidos dos portenhos. Assim, ao mesmo tempo em que definia a obrigatoriedade de exames médicos para as prostitutas inscritas, também definia os horários de sua circulação pelas ruas, a disposição externa das casas de prostituição, e os limites de proximidade dessas casas em relação a templos, teatros e estabelecimentos educativos⁸³.

A cidade portenha figurava como rota de circulação de mulheres estrangeiras e existia um alerta difundido em todo país com grande campanha nacional contra o tráfico internacional de mulheres e caftismo. Pelo menos esse foi o percurso mostrado em algumas fontes, como a trajetória de Francisco Thomaso de Luigi, italiano, 62 anos, acusado de ser cáften em Belém, deportado da Argentina e de Santos, antes de pisar em solo paraense⁸⁴. Outros como ele, após a expulsão do Brasil voltavam para a cidade portenha, foi o que fez Estevão Fuglese, cáften deportado de Belém que seguiu para Buenos Aires a bordo do paquete francês *Niger*, no ano de 1885⁸⁵.

Edward Bristow mostra que a expressão “escravidão branca” foi utilizada inicialmente pelos reformadores ingleses em 1830, fazia referência tanto à exploração das trabalhadoras das fábricas como a de jovens traficadas por judeus. Por volta de 1870, o termo “white slavery” foi totalmente associado à prostituição forçada de mulheres européias em outros

⁸³ SCHETTINI, Cristina. Viver a tolerância: polícia, municipalidade e trabalho sexual no espaço urbano Portenho (1870-1880). *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História* – ANPUH • São Paulo, julho de 2011. p. 2. Para uma análise mais aprofundada sobre o sistema regulamentarista na Argentina, conferir: MÚGICA, María Luisa. La prostitución reglamentada en Rosario: un problema público, un problema privado. Nuevas miradas a la luz de fuentes policiales. *XI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia*. Departamento de Historia. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Tucumán, San Miguel de Tucumán. (UNR). (2007).

⁸⁴ “Cáften” versus jogador. *Estado do Pará*. Belém, 07 jun.1918.p.2.

⁸⁵ Deportação. *O Liberal do Pará*. Belém, 08 ago.1885.p.3.

continentes⁸⁶. Em 1904 ocorreu em Paris a primeira convenção internacional contra o ‘White Slave Traffic’, os chefes de Estado europeus preocupados em garantir a plena segurança de mulheres maiores de idade que sofreram abuso ou coerção, bem como de mulheres e raparigas menores, contra o tráfico criminal, decidiram “colocar vigilância, especialmente nas estações ferroviárias, portos de embarque, e nas estradas, para as pessoas que têm (sic) a seu cargo mulheres e raparigas destinadas a uma vida imoral⁸⁷”.

O temor moral propiciado pelas narrativas de tráfico de escravas brancas, nos séculos seguintes, fez surgir um arsenal de legislações e políticas de combate a esse tipo de tráfico. E em cada lugar do mundo ganhou significados, posturas políticas, dependendo de como aconteciam as práticas locais de comércio sexual. O discurso sobre escravidão branca não era monolítico, pois o termo significava coisas diferentes para diferentes atores sociais, dependendo de sua localização geográfica e ideológica. No entanto, é possível também estabelecer alguns elementos comuns nas percepções dos intérpretes desse fenômeno: “escravidão branca” passou a significar a aquisição, por força, engano ou drogas, de uma mulher ou menina branca contra sua vontade para prostituição⁸⁸.

No Brasil desde a década de 1870 as autoridades policiais e os jornalistas se manifestaram sobre o lenocínio. Nas histórias sobre prostituição a referência sobre o tráfico de francesas, russas, italianas, portuguesas, americanas era constante. Quando se analisa as discussões relativas ao tráfico de pessoas, até a década de 1940, percebe-se que elas estavam pautadas na preocupação de movimentos para proteger as migrantes - predominantemente europeias e estadunidenses - do perigo de tráfico vinculado à prostituição.

⁸⁶ BRISTOW, Edward. *Prostitution and Prejudice: the Jewish Fight Against White Slavery, 1870-1939*. Oxford, Oxford University Press, 1982, pp.35-38.

⁸⁷ Disponível em <http://www1.umn.edu/humanrts/instree/whiteslavetraffic1904.html>. Para uma análise desse processo de discussão e efetivação de políticas “White Slave Traffic”, ver BORDONARO, Lorenzo e ALVIM, Filipa. BORDONARO, Lorenzo; ALVIM, Filipa. ‘The greatest crime in the world’s history’. Uma análise arqueológica do discurso sobre tráfico de mulheres. In: SILVA Manuel C.; RIBEIRO, Fernando Bessa (orgs.). *Mulheres da vida, mulheres com vida: prostituição, estado e políticas*. Ribeirão, Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2010.

⁸⁸ GRITNER, Frederick K. *White slavery: myth, ideology, and American law*. New York: Taylor & Francis. 1990. p.41. (tradução do autor).

Uma crônica escrita por João do Rio⁸⁹, em 1911, assinalava a impotência da polícia em relação ao caftismo no Rio de Janeiro e no resto do mundo, chamava atenção das autoridades da capital republicana e descrevia a cidade abarrotada de “polacas, russas, rumaica e judias exploradas em variadíssimas ruas”. Para o cronista, os cáftens eram numerosos e chegavam acompanhados com suas “escravas brancas” sem dar trégua aos policiais, indicando a Europa como grande fornecedora e a Argentina como interposto desse comércio⁹⁰.

No final do século XIX, o controle dos negócios da prostituição e/ou exploração sexual passou das madames e das prostitutas para os cáftens e sindicatos do crime organizado. Esses crimes de tráfico e exploração sexual eram, na maioria dos casos, organizados pela máfia judaica localizada em Buenos Aires, a Zwi Migdal⁹¹, que viveu o seu auge em 1920. A Zwi Migdal foi definida como uma grande organização criminosa, sendo citada em obras como o romance *Maassê Betabaat* de Ilan Sheinfeld, no qual foi contada a trajetória de duas famílias que, ao longo de três gerações, estavam unidas pelos destinos de um anel com poderes mágicos e que se deslocam desde a cidade de Danzig até Buenos Aires, cidade para a qual milhares de judeus se dirigiram no final do século XIX, atrás de novas oportunidades econômicas. Entre eles, chegaram também aqueles que, determinados a prosperar através

⁸⁹ João do Rio, pseudônimo de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto. Nascido em 1881, atuou como diretor, repórter e redator em diversos órgãos da imprensa, escreveu peças de teatro e traduziu importantes obras da literatura mundial para o português. Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras antes mesmo de completar 30 anos de idade. Ver: CALADO, Luciana. A belle époque nas crônicas de João do Rio: o olhar de um flâneur. *Brazilian Studies Association – BRASA*, 2008. Disponível em: (<http://www.novapdf.com>), Acesso em 02 out. 2017; SALGADO, José Ronaldo Aguiar. João do Rio, cronista repórter na Belle Époque carioca e a alma encantadora das ruas do Rio de Janeiro no início do século XX. *Trajeto Revista de História*, UFC, Fortaleza, v. 4, n. 7, p. 69-93, 2006; GOMES, Renato Cordeiro. *João do Rio por Renato Cordeiro Gomes*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

⁹⁰ Um aspecto do tráfico de brancas. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 06 jun.1911.

⁹¹ Em Buenos Aires, maior centro de prostituição até 1930, estabeleceu-se, em 1906, a organização Zwi Migdal. Desde a sua criação, essa entidade foi tida como uma organização criminosa, que aliciava e traficava mulheres, ludibriando-as desde sua partida da Europa até a chegada à América. A associação foi banida pela polícia e pela justiça argentinas em 1930. Mesmo assim, seus integrantes tinham como propósito, além do tráfico de mulheres, a criação de uma sociedade de socorro e ajuda mútua, que contava com uma sede social, com sinagoga e até com um cemitério, tentando ganhar, assim, um ar de respeitabilidade social. O número dos assim chamados “impuros” dentro da comunidade judaica argentina era relativamente pequeno. No início do século XX, a comunidade judaica da Argentina possuía por volta de 15 mil integrantes. Em 1930, seu número tinha passado para quase 200 mil. Em 1932, quando a organização criminosa tinha sido desbaratada, a polícia contava com 600 nomes de integrantes da Zwi Migdal. LORI, A. Rachel Lea Liberman haytá haprutzá hayehudiá sheepila het hamafia hayehudit be Argentina. [Raquel Lea Liberman foi a prostituta judia que derrubou a máfia judia em Buenos Aires]. *HAAretz*, 01/05/2009.

Disponível em <<http://www.haaretz.co.il/misc/article-print-page/1.1258486>> Acesso em: 11 mai. 2020. p.1. Para uma análise mais pontual sobre Zwi Migdal, ver: GUY, Donna J. *Sex and Danger in Buenos Aires: Prostitution, Family, and Nation in Argentina*. Lincoln, NE: University of Nebraska Press, p. 19, 1991; BARBERÁN REINARES, Laura. *Sex trafficking in postcolonial literature: transnational narratives from Joyce to Bolaño*. Routledge, New York, 2015; DRUCAROFF, Elsa. *El infierno prometido: una prostituta de la Zwi Migdal*. Barcelona: El Aleph, 2010.

da exploração da prostituição, para lá levaram centenas de mulheres que foram transformadas em escravas sexuais. Nesse romance, Esperanza Gants revela à sua filha um nebuloso e terrível segredo: de que ela, sua mãe e sua avó tinham sido prostitutas judias⁹².

Como referência de lenocínio o Rio de Janeiro teve sua fama diminuída no final do século XIX, devido aos grandes protestos suscitados contra a exploração exagerada da sexualidade venal⁹³. Enquanto Buenos Aires e Montevideú foram até 1914 grandes mercados de mulheres.

Em seu estudo sobre prostituição legalizada na capital argentina, Donna Guy entende que as fontes supervalorizam o apontamento da cidade como interposto no “tráfico de brancas”, segundo ela, houve certo “exagero”, apesar de concordar na existência de um tráfico intenso que alimentava as zonas de prostituição na América do Sul. No entanto, a maioria dessas mulheres não era sequestrada e nem tinha a condição de “virgens desamparadas”, já praticavam a prostituição antes de virem para esses locais. Buscavam em outras terras a sobrevivência e,

[...] As viagens em navios de segunda classe eram baratas e seus contatos nas zonas portuárias com marinheiros e homens acostumados a viajar, facilitavam e acabavam impulsionando-as a se aventurarem. A maioria era oriunda do leste europeu, da França e da Itália⁹⁴.

⁹² STEINBERG, Gabriel. O tráfico de mulheres e o submundo judaico no romance "Maasê Betabaat" [O relato do anel], de Ilan Sheinfeld. *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*, [S.l.], n. 14, p. 94-113, dec. 2016. p.94. Outro romance que explica a atuação da Zwi Migdal é “Madame Pommery”: a prostituição das polacas no Brasil. DO NASCIMENTO DE ARAÚJO, Taynara Mirelle. “Madame Pommery”: a prostituição das polacas no Brasil. *Entre palavras*, [S.l.], v. 5, n. 3 esp, p. 219-237, jul. 2016.

⁹³ CORBIN, Alain. *Les filles de nocés : Misère sexuelle et prostitution au XIXe siècle*. Flammarion, Réédition, 1982, p. 408. RAGO, apresenta narrativa baseada, principalmente, no relato do repórter francês Albert Londres que, interessado em conhecer em profundidade o funcionamento do mercado de escravas brancas, penetra na realidade das redes criminosas de Buenos Aires. Financiado pela liga das Nações, Londres, consegue empreender uma rica descrição dos códigos e condutas dessas organizações, que foram responsáveis pela exploração de inúmeras mulheres em bordéis sediados inclusive no Brasil, RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2008. Sobre o tráfico de brancas em Buenos Aires, conferir: GLICKMAN, Nora. *The Jewish White Slave Trade and The Untold Story of Raquel Liberman*. Nova York: Garland Publishing, 2000; CHERVONAGURA, Elisa Cohen de. La prostitución judía y su discurso a la luz de un expediente judicial. *Cultura, Lenguaje y Representacion*, Espanha, Vol. IX, pp. 31-51, 2011; LARGMAN, Esther. *Jovens Polacas: Da miséria na Europa à prostituição no Brasil*. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2008; GARTNER, Lloyd. P. Anglo-Jewry and traffic in prostitution 1885-1914. *American Jewish Studies Review*, 7/8: 234, 1982; FEIERSTEIN, Ricardo. *Historia de los judios argentinos*. Buenos Aires, Planeta, 1993 e LEVY, Larry. *La mancha de La Migdal Historia de la prostitución judía em la Argentina*. Buenos Aires, Norma, 2007.

⁹⁴ GUY, Donna. *El Sexo Peligroso: La prostitución legal en Buenos Aires, 1875-1955*. Buenos Aires: Sudamérica, 1994.

Para Brian Donovan as narrativas hiperbólicas sobre o tráfico eram extremamente populares nos Estados Unidos no início do século XX. Em seus estudos, encontrou pelo menos 15 peças de teatro e seis filmes sobre escravidão branca produzidos ali entre 1900 e 1920, além de incontáveis livros e panfletos. Tais narrativas traziam, em sua maioria, a história de uma moça “pura e inocente”, aliciada por indivíduos suspeitos do submundo, que rapidamente cai num “mundo de degradação” no qual é forçada a manter relações sexuais com uma série de homens repugnantes. A onda de indignação que essas narrativas ajudaram a criar foi responsável por pelo menos 30 investigações sobre prostituição em cidades norte americanas nos anos anteriores à Primeira Guerra Mundial e por legislações, em cerca de 44 estados americanos, que proibiam ou limitavam a prostituição, até então, algo considerado um delito menor na maior parte do território norte-americano. O pânico moral sobre o tráfico de escravas brancas atingiu seu ápice nos EUA em 1910, quando o Ato Mann criminalizou o transporte de mulheres “para fins imorais”⁹⁵.

Em sua análise acerca da história da prostituição, Nickie Roberts é imperativa em afirmar que o “tráfico de escravas brancas”, supostamente um tráfico internacional organizado de mulheres, era uma fantasia vitoriana. Os moralistas da classe média estavam convencidos de que um “tráfico de mulheres”, operado por redes bem estabelecidas do submundo, estava ocorrendo bem debaixo dos seus narizes, e eles teriam pouca dificuldade em criar um pânico público sobre este ultraje não-existente⁹⁶.

Ao encontro dessas afirmações, citamos o depoimento de Evelina contra o ex-marido, no qual ela narra sua história como uma vítima de promessas feitas por Berthenoud. Toda a ação criminosa foi atribuída ao homem, ela reduzida ao papel de ingenuidade, passividade, sem qualquer possibilidade de autonomia, seduzida pelas promessas de amor e riqueza além do Atlântico. Não obstante, à superficialidade desse discurso da meretriz explorada pelo cáften, o cotidiano desses sujeitos sociais nos permite algumas inferências: os jornais apontaram Louise como pivô da separação dos dois, evidenciando um conflito de casal, que Evelina movida pelo ciúme e raiva denunciou o companheiro como punição pela rejeição e dor a ela causados; ou seja, o que ficou documentado de forma representativa não dá conta da teia que envolvia a vida real dessas mulheres e seus cáftens.

⁹⁵ DONOVAN, B. *White slave crusades: race, gender, and anti-vice activism, 1887-1917*. Normal Illinois: University of Illinois Press, 2006. p.1.

⁹⁶ ROBERTS, Nickie. *As prostitutas na História*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998. p.299.

Na visão de muitos, as prostitutas estrangeiras eram somente vítimas de homens algozes e grandes máfias, os relatos contribuíram para construção do caftismo e proxenetismo vinculados à imagem de mulheres débeis e vulneráveis. As narrativas e os discursos estabelecidos sobre o "tráfico de brancas" envolviam conceitos e valores burgueses de nação, gênero, raça e classe do imperialismo europeu. E naquele momento era inaceitável que as mulheres tivessem controle e autonomia sobre sua sexualidade, exercendo-a fora do modelo conjugal e maternal. Por isso era inadmissível as mulheres brancas das potências europeias se prostituírem longe de suas fronteiras⁹⁷. Cabe aqui o apontamento de Carole Vance no qual a sexualidade é simultaneamente um campo de limitações, repressão e perigo, bem como exploração, prazer e ação humana. E o pânico sexual triunfa quando cria um clima político-emocional tal que é impossível falar de sexo fora do paradigma do sexo como perigo. Essa dupla abordagem é importante porque falar apenas de prazer é ignorar a estrutura patriarcal em que vivemos e porque falar apenas de perigo, violência e opressão é ignorar a experiência da mulher como agente da sexualidade com opções sexuais⁹⁸. Evelina e Louise, vislumbraram talvez, em Berthenoud a possibilidade de melhoria econômica longe da Europa, podemos considerar que a luta pela subsistência gerou laços de apoio, relações amorosas e intrigas entre as meretrizes e o cáften, e as duas tenham vindo para o Brasil por espontânea vontade, sabendo o que lhes aguardava. Nesse sentido, o desafio é conseguir ouvir os vários discursos, principalmente das protagonistas ao se envolverem com Berthenoud.

A vida de mulheres como Evelina foi regulada pelo Estado, suas trajetórias efetivadas além das fronteiras de seu país de origem, em uma ação eficaz dos governos, na qual o discurso sobre tráfico resolveu e definiu a postura repressora e tutelar sobre essa parcela de mulheres imigrantes. O deslocamento feminino internacional foi entendido como um perigo, atraindo todo tipo de vigilância e repressão, a sexualidade feminina teve deliberado seus espaços vitais: o da procriação e do erotismo. Marcela Lagarde definiu esses lugares como uma especialidade "sociocultural das mulheres". No qual o erotismo era reservado às prostitutas, o lado negativo dos "cosmos", o mal⁹⁹. Enquanto o lado das boas, santas e maternais ficou restrito às reclusas aos lares. Durante o século XIX, as mulheres possuíam

⁹⁷CHAUMONT, Jean-Michel. *Le mythe de la traite des blanches. Enquête sur la fabrication d'un fléau*. Paris, La Découvert, 2009.

⁹⁸ VANCE, Carole. "El placer y el peligro: hacia una política de la sexualidad". En: VANCE, Carole (comp.). *Placer y Peligro. Explorando la sexualidade femenina*. Madrid, Ed. Revolución, 1989. p.09.

⁹⁹ LAGARDE, Marcela. *Cautiverios de las Mujeres: Madreesposas, monjas, putas, presas y locas*. México: Universidad Autónoma de México, 1990. p.186.

apenas duas possibilidades: “ser anjos ou perdidas”, como enfatizou Josephine Lowndes em seu trabalho *Los Secretos de Eva*¹⁰⁰.

Em um moderno mundo urbano dois tipos de mulheres traziam preocupações : as da elite, futuras reprodutoras da nação, e as pertencentes às classes trabalhadoras, destinadas a contribuir para a economia. O tráfico de mulheres respondeu às lacunas sobre movimentos migratórios femininos, oriundos da maior emancipação feminina e conseqüentemente do aumento no fluxo de mulheres migrantes. Desviou a real finalidade do deslocamento dessa figura feminina, registrando-a como passiva e vítima, de maneira que a venda de sexo era descartada como atividade laboral e econômica válida para explicar essa problemática social.

Para Stephanie Limoncelli o movimento contra o “tráfico de brancas” foi uma resposta à onda migratória, o pânico moral em torno da prostituição ou da sexualidade dessas mulheres começou a demandar atenção das autoridades junto à questões mais amplas como a urbanização descontrolada e a salubridade das cidades. Embora tenham surgido inúmeras representações moralistas, essa temática se encontra inserida em um fenômeno real que emergiu com a crescente globalização.

Marco dessas investigações foi à revelação apontando que a migração de mulheres dedicadas à prostituição oriundas da Europa para o Cone Sul, constituía uma das ondas migratórias mais importantes do planeta, superando a circulação de prostitutas na Europa¹⁰¹.

Em sua análise sobre tráfico e a vitimização das mulheres, Ana Carolina Comandini Galvez explicou que dentro do tecido da modernidade na América Latina, vinculado ao crescimento das cidades, migrações internas e externas e o fortalecimento do capitalismo (com suas conhecidas conseqüências), a prostituição tornou-se cada vez mais relacionada à migração local e às mulheres transatlânticas em busca de uma melhor qualidade de vida nas cidades, e esta, por sua vez, estava relacionada à escravidão branca, que pelo recurso generalizado da vitimização das prostitutas anulou a capacidade de decisão das mulheres sobre seus corpos e sua sexualidade, e onde a prostituição era considerada como degeneração da sexualidade feminina. E o quanto é relevante perceber os sinais, testemunhos e traços que se afastam do discurso hegemônico e que mostram que a situação social em que essas mulheres viviam era muito mais complexa e cheia de nuances do que o raciocínio

¹⁰⁰ LOWNDES, Josephine. *Los Secretos de Eva*. Barcelona: Granica Ediciones, 1988. p.11.

¹⁰¹ LIMONCELLI, Stephanie A. *The Politics of Trafficking: The First International Movement to Combat the Sexual Exploitation of Wome*. Stanford. Stanford University Press, 2010. p. 30.

universalista indicava e, portanto, revela os conflitos e as disputas entre a tentativa de submeter as práticas aos discursos e a resistência dos envolvidos¹⁰².

Um outro ponto a ser evidenciado é a situação econômica dessas mulheres, elas não possuíam em seus países de origem, independência financeira nem espaço social reconhecido. Evelina, como outras prostitutas, dependiam de um cáften para o traslado até o Brasil. Não há dúvida! As organizações de “tráfico de brancas” exerciam uma grande violência sobre essas mulheres, mesmo nos casos das que aportavam por vontade própria, pois vinham sobre vigilância e exploração; necessitavam da conexão entre os cáftens e o mundo prostibular no novo país, até conseguirem autonomia. A trajetória era longa e difícil, pois eram os homens, majoritariamente, os organizadores e controladores do comércio de importações e exportações de prostitutas.

Refletir a chegada da meretriz estrangeira Evelina à Amazônia é ampliar a visão sobre os vários discursos construídos em torno do “tráfico de brancas”, é questionar as autoridades internacionais e nacionais que condenavam essa prática, Thaddeus Gregory Blanchette e Ana Paula da Silva, em seus estudos sobre os deslocamentos internacionais de prostitutas. Alertaram que o Estado nacional empregava a categoria de *traficada* para sanear a reputação da nação em um momento em que projetos de expansão de status nacional estavam em destaque, em detrimento salvaguardar os direitos humanos e/ou constitucionais de suas cidadãs. No início do século XX, o Estado buscava regular os passos dessa mulher em sua trajetória em direção à modernidade e ao individualismo,

esse era particularmente o caso quando sua trajetória a levava para além das fronteiras de seu país de origem e, em especial (no caso de mulheres brancas europeias e estadunidenses), quando tal percurso acabava em países entendidos como “não-brancos” – por exemplo, os países na nova fronteira de expansão imperial dos Estados Unidos na América Latina¹⁰³.

Marcelo Grumam, ao escrever sobre prostituição judaica, esclarece que não é possível estimar a quantidade de prostitutas que vieram traficadas da Europa, principalmente das aldeias pobres da Polônia, Romênia, Rússia, Áustria, Hungria, Itália, Espanha e Portugal, tão pouco se vieram por conta própria ou após promessas de casamento e enriquecimento. Apesar de a miséria ser um fator importante no aliciamento das moças, muitas já vinham como prostitutas experientes enquanto outras eram mais recentes na profissão e sonhavam poder

¹⁰² GALVEZ, Ana Carolina Comandini. Prostitución y trata de blancas: El discurso internacional del victimismo (Chile, 1934). *História Unisinos*. 22(2):290-302, Maio/Agosto 2018. p.294.

¹⁰³ BLANCHETTE, Thaddeus Gregory & Silva, Ana Paula da. As American Girls: Migração, Sexo, e Status Imerial em 1918. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 15, n. 31, p. 75-99, jan./jun. 2009. p. 82.

“fazer a América” com o seu trabalho, tanto quanto outros imigrantes “decentes”¹⁰⁴. Como destacou Patricio Simonetto, em seu estudo sobre proxenetismo em Buenos Aires, longe de significar que as mulheres que vendiam sexo na Argentina eram todas esposas enganadas, as histórias testemunham um cenário em que as instituições jurídicas convergiram com as relações patriarcais que legitimavam a apropriação do dinheiro, embora o fato de ser punível por lei, permitia a alguns delas destruir esses pactos. Casar significava para algumas mulheres que passavam de um círculo de socialização familiar para aquele regido pelo marido. Para as migrantes, a transferência implicou uma ruptura que os colocou em nova territorialidade linguística e social¹⁰⁵.

Em Belém as fontes apontam para a narrativa da “inocência” das meretrizes estrangeiras, uma gama de retóricas que enfatizavam a juventude, a virgindade, e a falta de vontade de serem prostitutas. A pureza das vítimas também serviu para um contraponto perfeito com a figura do traficante do mal, os cáftens eram os únicos responsáveis pela imigração prostibular feminina. Não que o “tráfico de brancas” tenha sido um mito, e que muitas estrangeiras não foram enganadas, mas na *Belle Époque* amazônica os discursos preponderantes utilizaram a fórmula melodramática de vítima e vilão. Essa dicotomia foi percebida por Lená Medeiros de Menezes, no Rio de Janeiro, pois, para historiadora a explicação do porquê da moral burguesa ter consagrado, tão-somente, as imagens da “vítima” e do “algoz”, mergulha suas raízes, para além das explicações socioeconômicas, no universo complexo dos enquadramentos mentais sobre os sexos. Nestes, não havia lugar para a aceitação da sexualidade feminina, nem para possibilidade da existência de emoções para as “decaídas”, que não fossem as de arrependimento e vergonha frente à sociedade. Por outro lado, o único ajustamento possível da figura do cáften aos padrões masculinos, marcados pela virilidade, domínio e poder frente às mulheres, se dava através da imagem forte do “algoz” que subordinava, pela força, suas “vítimas” em última instância, mulheres “perdidas” e “viciadas”, que desafiavam os bons costumes, à saúde e a tranquilidade das famílias¹⁰⁶.

Não há como generalizar a prostituição na Amazônia, a experiência de cada mulher foi sempre distinta. A leitura e a análise das fontes possibilitaram a percepção de que para algumas delas existiam outras perspectivas, menos demarcadoras, como, trocar de cáften, a

¹⁰⁴ GRUMAN, Marcelo. A Prostituição Judaica no Início do Século XX: desafio à construção de uma identidade étnica positiva no Brasil. *Campos* (UFPR), Paraná, v. 7, n.1, p. 83-99, 2006.

¹⁰⁵ SIMONETTO, Patricio. Los rufianes de Buenos Aires Prácticas de proxenetismo global en la Argentina, 1924-1936. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 35, n. 67, p. 311-344, jan/abr 2019. p. 331.

¹⁰⁶ MENEZES, Lená Medeiros de. *Os estrangeiros e o comércio do prazer nas ruas do Rio de Janeiro (1890-1930)*. Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, 1992. p. 96-97.

abertura de pensões com recursos próprios, e até o agenciamento de novas meretrizes trazendo para si visibilidade como prostitutas ou cafetinas.

O universo prostibular amazônico comporta uma dimensão muito maior e mais ampla do que o “tráfico de brancas”. Entendemos que as mulheres imigrantes e prostitutas na Amazônia estavam em um sistema comercial próprio, específico, motivadas também por meio de critérios extra econômicos, como as relações interpessoais, as tensões, os laços de solidariedade, e a confiança naqueles que as ajudavam no traslado pelo Atlântico. Pelo exposto, vislumbra-se que essas mulheres prostitutas possuíam maestrias, habilidades e estratégias que criavam para elas uma vida independente, distante das normas sociais. Longe da categorização de vítimas, nesse universo prostibular e particular, existiam em uma vida dinâmica, e exerciam a sociabilidade em redes de solidariedade fora do enclausuramento social.

E explicar a vinda delas somente pelo viés do tráfico, é perder a dimensão de suas vidas e trajetória, tenham elas sido por subjugação e ameaças, ou fruto de uma escolha própria. Abster-se de analisar as trilhas espaciais desses sujeitos, seus itinerários geográficos, e o movimento migratório para o Atlântico que modificou de forma expressiva a interação entre a América e a Europa, é deixar de perceber as várias práticas de associação recíproca entre os cáftens e meretrizes, é relegá-los a simples fórmula de homens algozes e mulheres vitimizadas. Assim, a prostituição em Belém nas primeiras décadas do século XX, não deve ser analisada de forma simplista, exótica ou marginal, é necessário tentar perceber os vários indivíduos, suas ligações e relações que formaram uma complexa teia de significados, influenciadas pelas questões econômicas, fluxos migratórios, mercado de trabalho, políticas internacionais e nacionais. Perceber o universo prostibular amazônico com uma visão que considera as várias dimensões de classe, gênero, etnia e sexualidade.

Cruzada contra o Caftismo na "Calábria Paraense"

Dentre as mulheres estrangeiras que chegaram ao trópico úmido, Evelina pode nos apontar os vários discursos, narrativas, redes e conexões existentes no comércio sexual da *Belle Époque*. Ela chegou com o cáften Berthenoud, indivíduo adjetivado pelas autoridades como “perigoso” e “repulsivo negociante de mulheres”. A prisão dele em 1913, após um intenso trabalho policial, considerado uma proeza digna de elogios dos jornais, promoveu muita publicidade ao subprefeito Luiz Couto, responsável pelas investigações. Afinal, o francês há algum tempo era responsabilizado pelo intenso fluxo de meretrizes da Europa para Belém . Assim, sua ida para a cadeia São José, após a condenação por lenocínio, trouxe esperanças aos jornalistas e autoridades, pois a cidade estava livre de “mais um cáften” e do “tráfico de mulheres tão danoso à sociedade”.¹⁰⁷ Berthenoud, não foi o único apontado como traficante de branca, abundavam referências dessa prática em registros policiais e jornalísticos.

Seguindo as pistas de Berthenoud em Belém, por meio da análise do processo e dos jornais da época, percebemos a dificuldade da polícia em colocar atrás das grades ou expulsar da cidade esses indivíduos acusados de exercerem o caftismo, também de desconectar as redes de convivência criadas em torno deles. Pois, o deslocamento das meretrizes e cáftens não se dava apenas no âmbito internacional, muitos circulavam e se escondiam em outros estados brasileiros, eram velhos conhecidos da polícia paraense, possuíam a capacidade de escapar, uma habilidade notável de viajar, reincidentes com alto grau de mobilidade territorial.

¹⁰⁷ Notícias publicadas sobre Berthenoud, nos jornais *Estado do Pará* e *Folha do Norte*, em 07 mar.1913, 14 mai 1913, 25 mai 1913, 07 mai 1913, 24 jul.1913, 25 jul.1913.



Figura 3- Prisão Berthenoud. *Estado do Pará, 07-03-1913.p.1.*

A notícia acima é apenas uma das inúmeras que foram publicadas nos jornais paraenses sobre a prática de caftismo. A imprensa de Belém diariamente alertava sobre a rede de circulação entre cáftens e meretrizes, e quanto à população deveria ficar temerosa com a presença deles na cidade. Wellington de Oliveira ao estudar prostituição e o “comércio de escravas brancas” em Curitiba entre as décadas de 1920 e 1930, percebeu que foi criado através dos noticiários jornalísticos uma simbologia sobre os cáftens como indivíduos perigosos, e que a prostituição e outros problemas tipicamente urbanos foram uma dor de cabeça para as autoridades públicas, mas principalmente para a imprensa, tão ligeiramente interessada na preservação da ordem e da moral, quanto nas críticas às autoridades municipais¹⁰⁸.

A circulação de indivíduos estrangeiros acusados de tráfico de mulheres certamente contribuiu para justificar a aprovação de novos artigos no Código Penal de 1890, artigos como o 277 e 278, definidores de lenocínio, no título VIII: “Dos crimes contra a segurança da honra e honestidade das famílias e do ultraje público ao pudor”. Durante as décadas seguintes o assunto foi ganhando acuidade, de maneira que, em 1907, a penalização dos cáftens estrangeiros passava a incluir a deportação. Segundo a Lei n.1641, do CP de 1940 quando de sua aprovação, trouxe seis artigos para definir o lenocínio, nos quais o tráfico internacional de mulheres foi enquadrado como modalidade específica.

¹⁰⁸ OLIVEIRA, Wellington de. *Los Pájaros Negros: Prostituição, Comércio de “Escravas Brancas” e a circulação translocal de Cáftens no noticiário curitibano (1920-1930)*. Dissertação apresentada à Linha de Pesquisa Arte, Memória e Narrativa, do Programa de Pós-graduação em História, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2021. p. 122.

No entanto, a legislação não resolvia o problema da prostituição e nem do lenocínio, juristas, policiais e intelectuais, condenavam o Código Penal por dar brechas, facilitando a atuação dos cáftens. Críticas à legislação brasileira poderiam ser encontradas diariamente. A notícia intitulada “Proxeneta”¹⁰⁹ publicada pelo jornal *Estado do Pará* de 1920, era uma delas, quando o relator visivelmente irritado, discorreu sobre prostituição. Para ele, a Lei da República e o Código Penal, limitava as autoridades na repressão e combate ao caftismo, bem como possibilitava os “excessos do meretrício”. Comparava o Brasil a outros países, para ele locais onde a liberdade individual era uma preocupação máxima dos governantes, como a Inglaterra, o proxeneta teria “castigo a chicote”¹¹⁰.

Diego Galeano ao analisar a circulação de criminosos e o trabalho das polícias do Brasil e Argentina aponta a dificuldade da Polícia Marítima em controlar a entrada e saída desses indivíduos, porque muitas vezes no Brasil se impedia o desembarque de passageiros que vinham da Europa, mas os deixavam continuar o caminho até o Rio da Prata. Possibilitando a ocorrência de vários casos de homens sobre os quais recaíam suspeitas de proxenetismo, provavelmente por suas aparências ou seus países de origem. A Polícia Marítima evitava que descessem no Rio de Janeiro, mas não reunia suficientes elementos para devolvê-los aos seus respectivos países e então seguiam no mesmo navio até Montevideu ou Buenos Aires. Estas eram limitações na tarefa de circunscrever um mapa que devia ser defendido dos “indesejáveis”, uma região marcada por constantes fluxos atlânticos.¹¹¹

Como exemplo de indivíduo prófugo podemos citar Luiz Belga também registrado como Louis Goetgebwel, francês, desde 1913 figurou nos jornais paraenses como cáften e jogador, visto pela polícia paraense como ludibriador. Foi proprietário de um clube de jogos em sociedade com um ex-agente policial. No ano de 1918, entre os meses de março e agosto, Belga realizou cerca de oito viagens entre Belém, São Paulo, Rio de Janeiro e Ceará. Chegava à cidade, avistado pelos jornalistas e acuado pelos policiais, partia a bordo dos paquetes “*São Paulo*”, “*Pará*” e “*Ceará*”. Batizado pelos jornalistas de “passarão”, movia-se com rapidez e escapava constantemente da perseguição judicial. Irritava os jornalistas e policiais com suas idas e vindas. Uma vez que, na cidade vivia “flanando todo “chic, todo “dand”¹¹².

¹⁰⁹ Do grego proxenetés, mediador entre estrangeiros e cidadãos; pelo latim proxenetta: pessoa que ganha dinheiro servindo de intermediário em casos amorosos. Explorador da prostituição de outrem. Disponível em (<https://www.dicionarioinformal.com.br/proxeneta/>). Acesso em 16 jun.2018.

¹¹⁰ Proxeneta. *Estado do Pará*. Belém, 31 ago.1920.p.1.

¹¹¹ GALEANO, Diego. *Criminosos viajantes, vigilantes modernos. Circulações policiais entre Rio de Janeiro e Buenos Aires, 1890-1930*. Rio de Janeiro, Tese (Doutorado) UFRJ/ IFCS, 2012.

¹¹² Um “passarão” o Belga levantou voo novamente. *Estado do Pará*. Belém, 09 mai.1918.p.2.

Belga fez parte do grupo composto por outros estrangeiros, dentre os quais, Isaac Cohen, holandês, 64 anos, Joseph Cohen, americano, 33 anos, Alex Sherrif, russo, 34 anos, vindos da América do Norte, denunciados e presos por caftismo. O grupo residia à Rua Aristides Lobo, nº08, onde improvisaram um atelier de alfaiataria, definiam-se como negociantes de roupa, no entanto, para polícia, isso era um subterfúgio para ganharem a confiança dos moradores e adentrarem em suas residências. Denunciados pela meretriz russa Sarah Katta, eles mantinham estreitas relações com as prostitutas Rosa Linder e Paulina, ambas estrangeiras, e com as nordestinas Raimunda Muniz e Angélica Gomes, fazendo refeições e pernoitando em suas casas. Antes desse acontecimento, o quarteto havia sido preso, sob o comando do chefe de polícia Luiz Gutterres, pela mesma acusação, mas sem provas contundentes e por intermédio do cônsul americano que se comprometeu em obter mais informações sobre o caso, foram colocados em liberdade, todavia, “vigiados pela polícia”¹¹³.

Em outra denúncia Sarah relatou que foi abordada na volta da delegacia pelas quatro meretrizes que a espancaram “brutalmente”. Conflitos e tensões na rede de relações tecidas em torno da prostituição, e nesse caso, a existência de uma proteção dada aos ditos cáftens pelas outras prostitutas, após Sarah ter rompido com o grupo. Prostitutas e cáftens foram protagonistas e construíram sentidos e experiências dentro das relações desse universo prostibular. Havia um núcleo de sociabilidade comum que sustentava e dava sentido a essas práticas, arranjos e vínculos entre eles, amplos, específicos e mutáveis dentro das relações que lhes foram possíveis viver.

Esperando uma postura rígida das autoridades, os noticiosos alertavam para presença de Belga na cidade, denunciavam a atitude acolhedora da alta sociedade paraense ao receber “certos indivíduos estrangeiros” acompanhados de belas mulheres¹¹⁴. Apesar de todo esforço policial em expulsar Belga, nossas análises através do cruzamento de dados, nos levaram a concluir que o francês esteve em solo paraense por no mínimo cinco anos.

O nomadismo peculiar desses sujeitos dificulta qualquer contagem precisa ou aproximada. Para eles não existiam fronteiras geográficas, mudavam-se rapidamente da Europa para os países sul-americanos, e se escondiam em diferentes cidades. As medidas tomadas para expulsar os estrangeiros envolvidos em caftismo ou “tráfico de brancas” eram pouco eficazes, em um país com enorme território, o controle dos portos e das fronteiras era deficiente. As fontes consultadas apontam para um fluxo intenso e constante de cáftens e

¹¹³ Volvem novamente à baila as façanhas dos cáftens. *Estado do Pará*. Belém, 22 ago. 1913. p.3.

¹¹⁴ Um “passarão” o Belga levantou voo novamente. *Estado do Pará*. Belém, 09 mai.1918.p.2.

meretrizes em Belém, proxenetas como Belga circularam na cidade muitas vezes, apesar de expulsos do país ou do estado, em algum momento retornavam às suas atividades em solo brasileiro. As meretrizes não eram expulsas, e nada as impedia de manter relações com os cáftens, ou estabelecer novas alianças com outros estrangeiros ou nacionais.

O dinheiro oriundo da prostituição e do tráfico de mulheres circulava também entre os estados brasileiros. Bohn Lajos, húngaro, 33 anos, foi preso em Belém 1920, era constantemente visto nas casas de meretrizes de origem polaca. Após sua expulsão da cidade, embarcou no paquete *Macapá* em direção ao estado de Pernambuco. O destino escolhido tinha como finalidade continuar a exercer o caftismo. Pois, na nova cidade conhecia muitas prostitutas brasileiras e estrangeiras.

Desde o final do século XIX, o fenômeno da prostituição estrangeira preocupava os agentes públicos. O jornal *O Pará* de março de 1899, trouxe ao seus leitores um extenso artigo sobre prostituição e caftismo em Belém, com o título “Os Cáftens”. Descrevia a chegada desses indivíduos com suas meretrizes em todos os vapores vindos do Sul; a cidade dominada pelo caftismo; o cáften como um indivíduo estrangeiro e nocivo que deveria desaparecer. Em uma tentativa de sensibilizar a população, o jornal relatava também o caso de uma virgem retirada do seio familiar e lançada ao bordel. Solicitava providências das autoridades e da polícia, pois na cidade a prostituição era notória, existia em todos os cantos, aumentava como “cogumelos em tempo de inverno”. E sentenciava em tom de previsão: Belém se tornaria uma Calábria¹¹⁵, em que, no lugar de ladrões teria de repelir a chicote os “assoladores da honra- os cáftens”¹¹⁶. Dando continuidade a sua campanha contra o caftismo e a prostituição na urbe paraense, o mesmo jornal dias depois publicou nota parabenizando a campanha realizada no Rio de Janeiro, lá eles eram vitoriosos e conseguiram êxito, pois os cáftens antes da expulsão eram expostos à “execração pública”¹¹⁷.

Passados dezenove anos, a situação não parecia diferente. Em 1918, outro noticioso apontava Belém como abrigo escolhido por todo “elemento pernicioso” perseguido pela polícia de outros Estados. Chegavam “andorinhas, gaviões, cáftens, prostitutas, gatunos”, instalavam-se sem a polícia indagar quem eram. E, apesar da imprensa fazer sua parte, indicando a residência dos “perigosos”, as autoridades não se incomodavam.¹¹⁸

¹¹⁵ Refere-se à associação mafiosa que se formou na região da Calábria na Itália.

¹¹⁶ Os cáftens. *O Pará*. Belém, 09 mar.1899.p.1.

¹¹⁷ Os cáftens. *O Pará*. Belém, 15 mar.1899.p.1.

¹¹⁸ O caftismo em Belém. *Estado do Pará*. Belém, 13 abr.1918.p.3.

As notícias apresentavam a urbe paraense frequentada por indivíduos classificados como “perigosos”, eram estrangeiros, imigrantes que chegavam em companhia de prostitutas. As meretrizes estavam por toda parte, nas ruas, nos botequins, nos restaurantes, nas lojas, nas pensões, uma verdadeira invasão na *Belle Époque* tropical, causando apreensão nas autoridades públicas. Belém era procurada como local de moradia e sustento de muitos indivíduos, os estrangeiros, juntaram-se a muitos nordestinos fugidos das secas que assolavam a região. No caso dos nordestinos, os discursos, quase sempre, os colocou como vítimas das secas e do clima da região, e como sujeitos que vinham “atrapalhar” a marcha para o progresso.

Para Antonio Carlos Robert Moraes a ordem republicana se instala com este objetivo de modernização, que novamente qualifica o sertão como o locus do arcaísmo e do atraso. Situação que – na ótica de seus ideólogos – deveria ser superada com a alocação de sistemas de engenharia e de objetos técnicos integradores do território¹¹⁹. A informação repassada nos discursos era que o projeto modernizador da *Belle Époque* corria risco, juntos estrangeiros e nacionais classificados como inoportunos não seguiam as regras ditadas pelo poder público. Franciane Gama Lacerda em seu estudo de migração nordestina no auge da economia gomífera, aponta a busca de alternativas para solucionar os problemas com a chegada de nordestinos em Belém, processo que envolveu os poderes públicos, a população paraense e os próprios nordestinos: doação de roupas, alimentos e remédios, busca de trabalhos, internamento de doentes - ações que visavam a manutenção da ordem e da disciplina, diante da chegada de tantas pessoas à capital paraense¹²⁰.

A imigração de mulheres para Belém como a meretriz russa Sarah Katta e os cáftens de várias nacionalidades, entre o final do século XIX e o início do século XX, insere-se no período de desenvolvimento econômico da região proporcionado pela atividade da borracha. Atraídos pela ideia de prosperidade do *boom* gomífero, chegaram à região com objetivo de conseguirem sustento, mas aos olhos das autoridades, da polícia e de alguns segmentos da sociedade, ser estrangeiro, imigrante, sem profissão e sem moradia fixa, era o suficiente para serem denominados de “indesejáveis”.

¹¹⁹ MORAES, Antonio Carlos Robert. O Sertão Um “outro” geográfico. *Terra Brasilis* (Nova Série), 4 - 5 | 2003. P. 5.

¹²⁰ LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916)*. Belém: Ed.Açaí, 2010. p.159.

Para Cristine Lia, alguns grupos de imigrantes foram considerados mais aptos a incorporarem a verdadeira nacionalidade, outros apontados como incapazes de ser nacionalizados, identificados como indesejáveis ou inassimiláveis. As razões que justificam essa classificação variavam, em função do idioma falado, da religião professada, da atividade econômica realizada, entre outros fatores¹²¹.

Ao longo da Primeira República vários artigos e reportagens publicados pela grande imprensa paraense destacaram a ação dos “perniciosos” na cidade, assim definidos os estrangeiros considerados prejudiciais à sociedade e perigosos à ordem pública. Problema apontado pela notícia intitulada os “Indesejáveis” de janeiro de 1919, na qual as autoridades foram convocadas a participarem de uma reunião com a finalidade de tomarem as necessárias providências para impedir o desembarque “dos indesejáveis de toda espécie” tais como: “gatunos, cáftens, mutilados de guerra, anarquistas indivíduos sem profissão”¹²². No entendimento de muitos, esses indivíduos, permaneciam em Belém, aumentando o número de “parasitários estrangeiros que infestavam a cidade”¹²³.

Nos discursos registrados nos jornais de Belém os estrangeiros surgiram de duas formas: como laboriosos e bem vindos, enquanto eram braços fortes para a lavoura, pois a presença deles, ocasionaria um ‘caráter civilizatório’ que residia justamente no fato de o estrangeiro trazer consigo um conhecimento para a implementação de ‘novas técnicas de plantação’¹²⁴. Ou em uma visão discriminatória, que os denominava “indesejáveis”. Em seu trabalho Lena de Menezes esclarece essa última definição,

foram os estrangeiros que, por palavras ou ações, voltavam-se contra a ordem política republicana econômica, moral e social existentes, considerados nocivos à sociedade e perigosos à segurança pública¹²⁵.

¹²¹ LIA, Cristine Fortes. A quadrilha de falsários: imigrantes judeus nas ações policiais e judiciais na Era Vargas. *MÉTIS: História e Cultura*, v.11, n.21, p.369-379, jan/jun.2012.p.370.

¹²² Os Indesejáveis. *Estado do Pará*. Belém, 30 jan.1919.p.1.

¹²³ Os Indesejáveis. *Estado do Pará*. Belém, 10 nov.1919.p.1.

¹²⁴ ESTEVES, Carlos Leandro. A “Reconstrução radical da agricultura”: ocupação, propriedade e produtividade nas políticas públicas dos governos do Pará (1901-1902). XXVIII Simpósio Nacional de História, Florianópolis-SC, 2015. p.02.

¹²⁵ MENEZES, Lená Medeiros de. *Os indesejáveis: desclassificados da Modernidade. Protesto, crime e expulsão na Capital Federal (1890-1930)*. Rio de Janeiro:EdUERJ, 1996.p. 91.

O artigo intitulado “Salvemos a Pátria: o perigo está conosco”, de autoria de J.Castro¹²⁶ apontava os entraves à nação formada por “elementos heterogêneos”. Em seu entendimento, para um povo sem caráter nacional só restaria um “declive, até o abismo da dissolvência e do extermínio completo da raça”. Advertia sobre a atitude de estrangeiros ao ganharem a confiança dos paraenses para depois enganá-los, a sociedade necessitava ser mais escrupulosa na escolha de suas relações, a julgar pelo caso de dois estrangeiros que se apresentavam como jornalistas, mas na verdade eram cáftens. Para salvar a sociedade e a pátria era primordial escolher os imigrantes¹²⁷. Um ano antes, o mesmo jornal informava o fim da Primeira Guerra como catastrófico para os países da América, ocorreria a emigração europeia “après la guerre” de forma intensa e devastadora. Chegariam às terras paraenses os trabalhadores, obreiros e lavradores, mas com eles também vadios, perniciosos, anarquistas, os de reputação duvidosa. Seriam recebidos de braços abertos os “sábios e os charlatões”, todos entrariam no país, “os que lavravam a terra e os que traficavam mulheres”¹²⁸.

O estrangeiro era o diferente, o novo, o exótico, diversas fontes da época, principalmente aquelas elaboradas a fim de defender as expulsões de estrangeiros, utilizavam esse tipo de metáfora biológica para classificar os imigrantes, sobretudo os envolvidos em movimentos sociais. É interessante notar o fato de que esse argumento de planta exótica e do mal importado não se limitou ao início do século XX. Ao analisarmos as fontes sobre expulsão de estrangeiros, percebe-se que esse tipo de argumentação pró-expulsão foi recorrente nas décadas de 1910, 1920 e até 1930, demonstrando, com isso, certa continuidade nesse processo e uma recusa por parte das elites governantes e do próprio Estado de reconhecerem os problemas internos da sociedade brasileira¹²⁹.

A explosão dos prazeres das prostitutas francesas, russas, americanas, italianas, símbolos da modernidade e da sofisticação, portanto, poderia ser tolerada. Mas, o caftismo era entendido como um grave problema a ser resolvido. O estrangeiro era representado como um indivíduo errante, sem intenção de se fixar, sem pátria, sem domicílio fixo, daí a necessidade

¹²⁶ José Maria Ferreira de Castro (1898-1974), filho de uma família humilde de Ossela, em Oliveira de Azeméis, e desde cedo órfão de pai, emigrou para o Brasil com apenas doze anos. Passou parte da sua adolescência a trabalhar em regime de “semi-escravatura” no Seringal Paraíso, no interior da Amazônia, onde redigiu os primeiros contos e a novela *Criminosos por Ambição* (1916), e posteriormente em Belém do Pará, onde começou a colaborar com alguns jornais locais – *Jornal dos Novos* e *A Cruzada*. CABRITA, Maria João. No rasto da passagem de Ferreira de Castro pelos suplemento e revista de *A Batalha* (1919-1927). *Cultura*, Vol. 26, 2009, 119-137.

¹²⁷ Salvemos a Pátria. *Estado do Pará*. Belém, 10 mar.1919,p.2 .

¹²⁸Os Indesejáveis. *Estado do Pará*. Belém, 18 mar.1918,p.1.

¹²⁹ BONFÁ, Rogério Luis Giampietro. “Com lei ou sem lei”: as expulsões de estrangeiros na Primeira República. *Cad. AEL*, v.14, n.26, 2009. p.188.

de separar os dois, classificá-los em imigrantes e estrangeiros, os laboriosos desejáveis e os perniciosos indesejáveis.

Como era muito difícil as mulheres estrangeiras destinadas à prostituição chegarem sozinhas à Belém, elas também foram colocadas no rol dos “indesejáveis”, sobre meretrizes e cáftens pairava o discurso de perigo iminente, eram compreendidos como vadios que não tinham uma ocupação legal. Muitas vezes, as acusações de caftismo e prostituição surgiam relacionadas a outros delitos, como gatunagem, jogatina, vadiagem. Apesar da prostituição não ser definida como crime, nem contravenção, a legislação utilizada por juristas e policiais, fornecia mecanismos de controle e repressão para os envolvidos de forma direta ou indireta nessa prática.

No decorrer da *Belle Époque* amazônica, a russa Sarah Katta exerceu a prostituição, atividade testemunhada pela sociedade e defendida por muitos intelectuais e autoridades ao afirmarem ser “uma mal inevitável¹³⁰” em uma cidade como Belém, que se expandia economicamente; entendiam ser algo inerente, um “mal necessário¹³¹” à urbe. Estrangeira e prostituta, símbolo de modernidade, mas também classificada de indesejável, como outras meretrizes teve que aprender a viver em um lugar estranho, onde existia a tolerância à prostituição desde que controlada e delimitada, e repressão ao caftismo, contradição marcante ao longo das décadas finais do Império e das primeiras da República.

Entendemos ser importante analisar as trajetórias dos cáftens e a “caçada” exercida pelas autoridades sobre eles, porque defini-los como “indesejáveis” e “perigosos” demonstrava o processo de exclusão dessa população imigrante que vem para América sem uma profissão oficial. O Estado brasileiro reage frente à venda de sexo e em particular à imigração para esse fim. As campanhas contra o “tráfico de brancas” foram uma resposta às transformações sexuais da cultura ocidental e globalizada do mundo, pois eram homens e mulheres pobres que cruzavam o Atlântico para oferecer os serviços sexuais. E esses homens se inserem de forma participativa e ativa em nosso estudo sobre prostituição na Amazônia, a relação entre prostitutas e cáftens não se resumia à posse monetária: havia laços, relações afetivas, vínculos de mesma nacionalidade, redes de confiança, elos, contratos mútuos e pactos. Além do universo prostibular violento e perigoso, descobrimos nas relações entre

¹³⁰ Prostituição. *Estado do Pará*. Belém, 18 mar.1916.p.1.

¹³¹ Segundo Evaristo de Moraes, um dos maiores criminólogos brasileiros da virada do século XIX para o XX, a prostituição era um “mal necessário” uma válvula de escape” para a preservação da moral no lar, não podendo ser considerada crime. Para Dona Guy esse pensamento era comum nos países católicos, incluindo quase todas as repúblicas da América Latina. GUY, Donna. Sex and danger in Buenos Aires: prostitution, family and nation in Argentina. Lincoln: University of Nebraska Press, 1991, pp.12-4. Sobre Evaristo de Moraes e prostituição ver: MORAES, Evaristo de. *A questão das prostitutas: repressão ou prophylaxia social?*. Rio de Janeiro [s.n] 1897.

cáftens e prostitutas uma circulação de experiências consensuais. Tentar ver esses sujeitos históricos como agentes inseridos nas várias formas de vida social e cultural, é não reduzir suas vivências a uma totalidade hermética.

Dos registros apurados do percurso de Evelina, Louise, Berthenoud, Sarah e Belga, surgiu uma rede com múltiplos sujeitos. Em Belém mantiveram contatos com outros cáftens, meretrizes, clientes, autoridades, policiais, todos direta ou indiretamente ligados à prostituição; teceram relações sociais que atravessaram fronteiras, redes de vínculos de uma trama de relações pessoais. O “tráfico de brancas” e a cruzada contra o caftismo nos apresentou variados sujeitos, todos com intuito de sobreviver em um país estrangeiro estando à margem da sociedade legalmente normatizada.

E essa busca por uma nova vida em terra estranha pode ter reforçado os laços de parceria e de ajuda mútua, dessa forma, o universo prostibular de Belém foi construído por uma densa rede de circulação de atores sociais nacionais e estrangeiros em permanente contato.

Ser imigrante e prostituta durante a *Belle Époque* paraense foi tarefa árdua para muitas mulheres. Pois, elas se sustentavam com os ganhos advindos do meretrício, fenômeno gerador de intervenções social, policial, médica e jurídica, que justificaram as mais variadas formas de um complexo processo de estigmatização¹³² dessas mulheres. As narrativas de suas trajetórias revelaram que a imagem idealizada da poderosa prostituta francesa enriquecida ficou longínqua, foi desaparecendo no cotidiano desafortunado. E muitas como Janny, a prostituta assassinada, não puderam retornar às suas terras, restando a elas terminarem seus dias nos úmidos trópicos amazônicos.

¹³² Utilizamos o termo de Goffman, que define o estigma como construído pelos membros de uma determinada sociedade, tendo como base uma classificação social feita por meio de atributos positivos ou negativos, e sustenta a tese central de que o estigma provoca a deterioração da identidade do indivíduo. O autor entende a interação como um processo fundamental de identificação e diferenciação dos indivíduos e grupos. Goffman esclarece o conceito de estigma como um processo de construção histórico social que passou por diversas modificações, desde os tempos antigos até os atuais. Na Grécia Antiga: sinais corporais usados para ressaltar alguma característica ruim e indesejável do indivíduo e alertar as demais pessoas para a inconveniência e perigo do contato. Na era Cristã: conotação positiva, sinal corporal da graça de Deus. Nos dias atuais: prevalectimento da conotação negativa, referindo-se menos à evidência corporal e mais à condição de exclusão social. Goffman afirma que os normais constroem uma teoria do estigma. Eles constroem uma ideologia para explicar a inferioridade das pessoas com um estigma e para ter controle do perigo que ela representa, acreditando que alguém com um estigma não é verdadeiramente humano. GOFFMAN, Erving. *Estigma - Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes (Trad.). Rio de Janeiro: LTC. 1975.

Cotidiano e Habilidades das Estrangeiras

Era agosto de 1913, naquela manhã a cidade de Belém estava ensolarada, tempo quente e abafado. Apesar disso, Brigida Lecca, uma italiana de 22 anos, seguiu para a delegacia a fim de denunciar Luiz Langelli pelo crime de caftismo e roubo. Diante do delegado, Lecca justificou a decisão de “não mais manter relações com Langelli e nem mais sustentá-lo”¹³³.

Lecca chegou a Belém em 1911, mas sua história com Langelli começou em 1908, em Nápoles. Aos 17 anos era uma moça casada, mas apaixonou-se por Langelli, seu vizinho. Diante do sentimento intenso, das promessas feitas de casamento e fortuna, ela veio para a América após abandonar o marido e fugir com o amante¹³⁴.

Em seu depoimento, Lecca deu detalhes de sua vida com Langelli. Ao chegarem em Belém, ele alugou uma casa à rua Riachuelo e atirou a companheira na prostituição. A escolha de Langelli não parecia ter sido aleatória, uma vez que esse logradouro era caracterizado como um dos principais pontos de prostituição da cidade, local onde acontecia o “comércio da carne humana”¹³⁵. Nela se concentravam inúmeras pensões, cortiços, botequins e cafés. A referida rua apresentava-se como um espaço no qual dois mundos distintos se encontravam em meio aos fluxos diurno e noturno de transeuntes. Apesar de ser descrita nas páginas policiais como lugar de desordem em que “mulheres de vida fácil, as -“mundanas”- praticavam atos escandalosos em parceria de indivíduos suspeitos e sem ocupação”¹³⁶, era também próxima de lugares “elegantes” como o *Salão Cinema Paris*¹³⁷ e a célebre *Pensão Fift*¹³⁸, um luxuoso bordel, localizado na Praça da República, frequentado pela elite paraense.

Em 1912, Langelli foi deportado para Europa após ter sido preso pela posse de 150 libras falsas¹³⁹. Aproveitou sua viagem para roubar Lecca, levando uma pulseira, um anel de brilhantes e dinheiro. A meretriz o seguiu até a Europa, e lá verificou que Langelli vendeu as joias e comprou uma fábrica de refrigerantes; como, porém, os negócios para ele não foram promissores, convenceu a vítima a voltar à Belém na “obrigação de lhe mandar 300 mil réis”.

¹³³ O relato que se segue foi baseado no processo-crime em que foi réu Luiz Langelli, Ref. 239, caixa 11, Centro de Memória da Amazônia do dia 01 de setembro de 1913, e das notícias publicadas nos jornais *Estado do Pará* de 04 de fevereiro de 1912 e 27 de julho de 1913, *Folha do Norte* de 30 de julho de 1913, e *Jornal do Commercio*, de Manaus, de 05 de agosto de 1913.

¹³⁴ O caftismo. *Estado do Pará*. Belém, 27 jul.1913. p.2

¹³⁵ Os cáftens. *Estado do Pará*. Belém, 11 mar.1899, p.2.

¹³⁶ Pela Moralidade Pública. *Estado do Pará*. Belém, 10 mar.1915.p.1.

¹³⁷ Crônica Teatral. *Estado do Pará*. Belém, 13 dez.1911. p.2

¹³⁸ A Prostituição na cidade. *Estado do Pará*. Belém, 03 set.1920.p.1.

¹³⁹ Em 1912, Langelli foi preso por ter em seu poder 150 libras falsas, sendo deportado para a Europa. Libras Falsas. *Estado do Pará*. Belém, 04 fev.1912. p.2.

Langelli aparentava ser realmente um sedutor e exercer um certo controle sobre Lecca, já que apesar de roubar os bens dela, conseguiu convencê-la a voltar ao Brasil e lhe enviar dinheiro. O enredo, que mais parecia uma novela, seguiu-se. Retornando a Belém, Lecca não conseguiu enviar o dinheiro, mas soube, por intermédio de uma desconhecida, que Langelli passaria por Belém em direção a Manaus no pacote “*Rugio*” acompanhado de uma mulher.

Tal notícia parece ter sido a gota d’água! Lecca resolveu, então, ir à polícia. O que finalmente a motivou a tomar essa decisão? Ciúmes? A percepção de que havia sido mais uma vez enganada? Difícil precisar, mas essa narrativa mostra alguns aspectos da complexa relação que muitas vezes envolvia prostitutas e seus cáftens. A denúncia de Lecca expõe também a rotina similar de outras prostitutas estrangeiras e nacionais, as relações construídas por elas construídas e um pouco de suas lutas pela sobrevivência em Belém.

Preso, Langelli constituiu um advogado e o processo teve início. Como testemunhas de acusação foram arroladas as meretrizes Carmem Martins, espanhola, branca, analfabeta, solteira, moradora que pagava certa quantia pelos aposentos na casa de Lecca; Antoniette Titali, italiana, 21 anos, iletrada, afirmou conhecer toda a história de Lecca e Langelli desde Nápoles. Titali descreveu detalhes da vida do casal, ambas eram italianas e se conheciam desde a terra natal. Para ela, Langelli induziu Lecca a abandonar o marido e fugir para América, na promessa de ganhar muito dinheiro e ter muitas joias. Em tempo, descreveu Langelli como “cáften e gatuno” preso diversas vezes em Nápoles.

O cruzamento das fontes evidencia que Lecca chegou à Amazônia por meio do cáften, descrito pela polícia como indivíduo perigoso, há muito tempo dado a prática de caftismo, explorando mulheres a quem forçava ao tráfico da prostituição com a finalidade de ter lucros. A respeito disso, Lecca reiterou que Langelli a iniciou no exercício da prostituição, dominando-a, espancando-a, e exigindo grande parte, senão todo, o dinheiro que ela lograva fazendo “comércio do seu corpo”.

Não é improvável que Langelli tenha sido sustentado por ela e a tenha espancado, mas, Lecca não podia ser enquadrada no modelo de mulher frágil, passiva e economicamente dependente do homem. Mesmo sendo prostituta e tendo um cáften, demonstrou ter tido uma adaptação no Brasil razoavelmente bem sucedida, uma vez que, não dependia dele, alugava quartos em sua casa para outras meretrizes e possuía certo patrimônio em joias e dinheiro, e quando não quis mais ter qualquer relação com Langelli, soube o que fazer, requerendo ajuda policial e conseguindo testemunhas para depor a seu favor.

Embora não possamos negar o controle e domínio que os cáftens exerciam sobre as prostitutas, tão pouco podemos supervalorizar tal poder, pois muitas vezes, esses homens eram fugitivos, criminosos que a prostituta protegia. No caso de Lecca o cáften foi denunciado e condenado após decisão dela, afinal o lenocínio era considerado crime, portanto cabia a prostituta entregar o amante quando desejasse. Ressaltando, que a vida da meretriz era cercada por vários tipos de violência, principalmente do cáften ou da polícia, restando a ela, transitar e tentar sobreviver nesse universo, ora escapando dos cáftens, ora do cerco policial.

Nesse sentido, a prostituta poderia exercer também um certo poder limitador sobre a atuação do cáften, ela só o protegia enquanto desejasse. Na maioria das fontes pesquisadas o cáften foi denunciado pela meretriz, após um desentendimento entre os dois. E a polícia agia principalmente mediante a denúncia dessas mulheres. Como no caso de Marks Mendel Roslafsky, turco naturalizado americano, 35 anos, acusado de caftismo e expulso da cidade logo que foi “avistado pelas suas miseráveis vítimas de explorações”¹⁴⁰. A polícia possuía conhecimento dos cáftens na cidade, mas sem provas contundentes não efetuava prisão e nem expulsão.

Juntas as meretrizes se articularam e buscaram ajuda das autoridades denunciando Mendel. Nesse clima, a polícia se aliava temporariamente às prostitutas para conseguir seu objetivo maior, livrar a cidade da “presença funesta” desses estrangeiros. O discurso sobre prostituição se moldava à situação. Naquele momento a meretriz era vítima indefesa desses homens, deixava de ser a mulher perigosa e doente, para se tornar alguém que necessitava da proteção das autoridades policiais. Muitas das prisões por caftismo não motivaram inquérito, quando sabiam da presença dos cáftens as autoridades policiais se apressavam em intimá-los e exibir uma passagem para fora do território nacional. Os jornais se responsabilizavam por estampar os nomes dos expulsos, não somente dos cáftens de Belém, mas de outros estados, a batalha nacional continuava, o intercâmbio de informações.

Importante apontar para a rede de solidariedade construída por essas estrangeiras na Amazônia, conexões, às vezes, iniciadas no país de origem e fortalecidas na urbe paraense. Maffesoli (1985 apud RAGO, 1991) considera o mundo da prostituição uma forma específica de sociabilidade que permite vivenciar uma diversidade de práticas sociais. Um território que, agrupando os indivíduos por meio de cooperações subterrâneas de convivência e solidariedade, viabiliza a experiência de relacionamentos multifacetados e plurais, num contexto de distensão. Nessa perspectiva, a prostituição possui uma “função agregativa” instituindo uma sociabilidade e engendrando um espaço que além de possibilitar a

¹⁴⁰ O caftismo. *Estado do Pará*. Belém, 16 ago. 1913. p.2.

aproximação dos indivíduos enquanto lugar social (...) propicia a fusão do indivíduo no coletivo¹⁴¹.

Entre as meretrizes amazônicas percebemos que além da sociabilidade, havia disputas e rixas, mas que os intercâmbios, as conexões, os vínculos e confiança foram necessários para sustentar as práticas prostibulares em Belém. O compartilhamento de informações, e questões referentes ao traslado, aluguel de espaços ou empréstimos financeiros para as recém chegadas, não só permitiu, mas garantiu um preambular de segurança a esse fluxo migratório específico.

A violência física sofrida pelas meretrizes foi algo constante nas narrativas processuais e jornalísticas, na maioria das vezes, a mulher prostituta abandonava o cáften após uma briga violenta. As relações construídas entre cáftens e meretrizes estrangeiras, por exemplo, muitas vezes, eram dissolvidas na nova terra. Pois, apesar de chegarem à cidade com intuito de juntos sobreviverem da prostituição, o acordo acabava desfeito principalmente por motivações de ordem afetiva.

Os cáftens organizados em associações ou não, possuíam um poder sobre as prostitutas, muitas vezes, livrar-se de um era extremamente difícil e perigoso para essas mulheres. Recorriam às autoridades temerosas de serem perseguidas por esses indivíduos, pois, muitos mantinham estreitas relações com os policiais, elas percebiam o que lhes aguardava caso a denúncia não resultasse na prisão do cáften.

Fugas eram constantes para escaparem às perseguições dos cáftens. Muitas delas estabeleciam estratégias de tenacidade para escapar das garras de seus rufiões. Ninon Perlor, francesa, chegou a Belém em 1918, durante a Festa de Nazaré, acompanhada de Geo Lydor,. Ambos artistas e contorcionistas. Ninon passou a residir no “*Lupanar Maxim*”, situado à Avenida da República, vivendo da prostituição e repassando a Lydor grande parte do seu fluxo monetário. Alugaram uma casa, realizaram alguns espetáculos no *Palace Theatre*, mas após uma briga violenta, a meretriz resolveu abandonar o seu cáften e fugir. Embarcou no vapor *Maranhão* com destino a São Luiz. Passado certo tempo, retornou a Belém, mas foi perseguida e vigiada pelo cáften em pensões, teatros, bares, cinemas, bordéis. A meretriz só teve paz quando a polícia prendeu Lydor¹⁴².

A prostituição poderia ser uma atividade lucrativa, mas muitas meretrizes tiveram enormes dificuldades financeiras na Amazônia. Como Aida Hirkener da Rússia, seduzida pela possibilidade de uma nova vida na América, oferecida por Jayme Henquell, russo, 27 anos.

¹⁴¹ RAGO, Margareth. *Os prazeres da Noite - prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890- 1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1991.

¹⁴² O caftismo. *Estado do Pará*. Belém, 17 fev.1918.p.1.

Recém chegada à Belém buscou ajuda policial após sofrer inúmeras ameaças de seu cáften, que lhe exigia dinheiro diariamente. Sentindo-se acuada e com medo, após ser ameaçada por ele com uma navalha, decidiu prestar queixa, uma vez que, segundo seu relato, com o trabalho de prostituta sequer pagava o aluguel da casa em que morava.¹⁴³ Ou seja, a prosperidade da prostituição não chegava a todas.

A narrativa de Hirkener demonstra a dificuldade vivida pela meretriz estrangeira em Belém. Embora não descartemos a possibilidade de ter conhecimento da rede de prostituição e ter por livre decisão aceitado Henquell como seu cáften, também não minimizamos suas vivências e agruras para manter-se em terra estranha, como a necessidade de alugar uma casa em uma das ruas centrais da cidade para trabalhar, apesar dos preços altíssimos. Hirkener residia à Rua Primeiro de Março, nº105. A mesma rua do assassinato da meretriz Janny e local onde residiam várias outras prostitutas estrangeiras.

Os relatos do cotidiano das prostitutas estrangeiras apontam para a luta pela sobrevivência diária, com ou sem cáften, precisavam dos ganhos da prostituição para suprir necessidades básicas de aluguéis e alimentação. Permanecer no mercado não-formal de trabalho, possuir ligações com indivíduos denominados “perigosos”, e serem alvos das medidas de disciplinarização e policiamento urbano, demonstra que muitas estavam bem longe da prostituição pomposa, dos bordéis de luxo, dos refinamentos europeus e dos clientes endinheirados pela economia da borracha.

A leitura das fontes possibilitou verificar que muitas estrangeiras usavam nomes e nacionalidades falsos. As designações surgem escritas de variadas maneiras, assim como suas nacionalidades, como se existisse uma narrativa de vida para cada ocasião: alcunhas, nomes falsos, identidades clandestinas utilizadas para burlar a fiscalização sobre suas vidas. Registros imprecisos geradores de dúvidas, mas que contribuíram para visualizar o universo prostibular formado por sujeitos diversos com trajetórias estabelecidas a partir de suas próprias estratégias de subsistência.

Janny Vernitroub, Evelina Bruschette, Louise Guerrion, Brigida Lecca, Sara Katta, Carmem Martins e Antoniette Titali foram algumas das prostitutas estrangeiras que vieram para a Amazônia em busca de melhorias financeiras. Ao circularem pela urbe estranha ficaram confusas e perdidas com o caleidoscópio de novidades em seu cotidiano. Traçaram trajetórias individuais em um universo que tentou homogeneizar as suas múltiplas vivências. Experiências muito longínquas daquelas onde a prostituição estrangeira surgiu pomposa e símbolo da cidade progressista. Receberam olhares que as rotulavam e incriminavam, mas

¹⁴³ O caftismo em Belém. *Folha do Norte*. Belém, 07 ago.1913.p.1.

longe dos estigmas elas construíram suas vidas em um país diferente. Experiências específicas em lutas diárias por alimentação, moradia, lazer, amor, amizade, cuja a principal fonte de renda foi a prostituição.

Conexões entre as Estrangeiras e as Nacionais

Anna Gonçalves, cearense, 35 anos, meretriz, sabendo ler e escrever, residente em um quarto localizado à Rua Lauro Sodré¹⁴⁴ nº37, foi levada a prestar depoimento pela acusação de fazer parte de um grupo de mulheres que junto aos cáftens aplicava golpes em seringueiros. Mulher jovem, de rosto marcado por algumas cicatrizes de varíola, foi indicada como “chamariz” dos “rebocadores” para enganar e roubar aqueles trabalhadores quando chegavam à Belém.

A investigação descreveu as vítimas como presas fáceis dos “abutres e serpentes”, dentre as quais o extrator de goma João Gabriel do Nascimento que ao descer do vapor *Walter*, foi conduzido por Anna e por uma italiana ao *Hotel Pará*. Não obstante, elas o acompanharam à alfaiataria *Sport Londrino*, onde ele efetuou várias compras; seguiram para o consultório dentário do turco Alexandre Naim Anad, que cobrou uma fortuna por uma dentadura.

Para o investigador existia uma articulação entre meretrizes nacionais, as “rameiras” e estrangeiras, as “polacas”, cáftens, negociantes e donos de hospedarias para enganar os lavradores incautos, ligações que permitiam ganhos para todos os envolvidos. Concluiu revoltado com as autoridades, pela postura omissa diante da “faina satânica¹⁴⁵”, afirmando que a cidade era invadida por indivíduos: estavam em todos os hotéis, tascas, cais, vapores, boulevards e na Doca do Ver-O- Peso num círculo vicioso infinito.

Essas questões ocorriam com maior frequência no início do ano, fato descrito na data do ocorrido com o seringueiro João, em março de 1918. O período de muitas chuvas na Amazônia e de subida dos rios era o momento oportuno para a “faina”, já que, segundo a historiadora Franciane Gama Lacerda era o momento no qual os seringueiros se retiravam da floresta com o dinheiro ganho ao longo de um ano de trabalho¹⁴⁶. Essas constatações são evidenciadas quando em nossas análises percebemos uma constante de denúncias qualificadas por parte dos seringueiros nos primeiros meses do ano.

¹⁴⁴ Antes o nome era Rua das Flores, depois mudado para Lauro Sodré e Ó de Almeida, voltando a ser Lauro Sodré depois do falecimento deste. Lauro Nina Sodré e Silva foi republicano, abolicionista e primeiro governador constitucional do Pará de 1891-1897. CRUZ, Ernesto. *Ruas de Belém: significado histórico e suas denominações*. 2ª ed. Belém, CEJUP, p. 42.

¹⁴⁵ Lenocínio - “A Safra dos Seringueiros”. *Estado do Pará*. Belém, 07 mar.1918. p. 1.

¹⁴⁶ LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916)*. Belém: Ed.Açaí, 2010. p.279.

Na cidade, criava-se também uma verdadeira rede de interesses comerciais, quando da chegada de seringueiros a Belém, pois depois de dias no trabalho de coleta da borracha, esses trabalhadores eram consumidores vorazes de tudo aquilo que a vida urbana pudesse lhes oferecer, como diversões, bebedeiras, boa comida, prostituição, além de roupas e acessórios modernos que lhes dessem distinção social¹⁴⁷.

A cidade encontrada pelos seringueiros era sedutora e ardilosa, nela eles viviam momentos de alegrias, mas também de extorsão que poderiam deixá-los sem um centavo para retornarem aos seringais. Muitos eram seduzidos pelas meretrizes ainda nos vapores, quando pisavam em solo eram alvos dos gatunos, dos cáftens e donos de hotéis, direcionados para locais específicos. Nesse aspecto os trabalhadores e os denominados de marginais se aproximavam, as fronteiras entre seringueiros e meretrizes eram fluídas, relações cotidianas estabelecidas, muitas vezes, sem considerar os discursos de combate a tudo que estava interligado à prostituição. Se, nas narrativas, a venda de sexo era associada a algo perigoso e imoral, tanto quanto jogos, gatunagens, bebidas e enganações, por outro lado esses homens estavam imersos em uma realidade social bem diferente.

Para perceber as nuances da vida da meretriz Anna e de suas relações com outros sujeitos, devemos sempre atentar à leitura das fontes: jornais e processos crime estavam repletos de um imaginário social e de julgamentos morais, nos quais todos se propuseram a “alertar” e “proteger” a população dos riscos em se ter relações com prostitutas. Daí a importância do que Michel de Certeau propõe, que deve existir um questionamento nas práticas cotidianas diante da opressão estrutural. Ressalta ainda que os sujeitos sempre encontram maneiras de recriar as balizas que cerceiam suas ações, se apropriam dessas balizas e, criativamente, deslocam-nas desde seu interior, reinventando-as.¹⁴⁸ Pelo exposto ratificamos que as meretrizes não podem ser determinadas apenas pelos estigmas ou pelos códigos de disciplina que tentaram reduzir suas inúmeras experiências a narrativas padronizadas de infâmias e moral. Desde a denúncia inicial contra a Ana percebemos uma conexão de sujeitos do mundo prostibular amazônico. Ana, meretriz cearense que chegou em 1892, após as secas¹⁴⁹ do Ceará, aos 20 anos e sem profissão começou a se prostituir para garantir sua

¹⁴⁷ Ibid. p.268.

¹⁴⁸ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 1994, p.41

¹⁴⁹ A grande seca que afetou a província do Ceará entre os anos de 1877 e 1879 provocou intensas ondas de migração. As províncias situadas a oeste do Ceará - Piauí, Maranhão, Pará e Amazonas - receberam a maior parte do fluxo migratório. Nos portos de chegada, os trabalhadores foram acolhidos e utilizados como força de trabalho em obras públicas, colônias agrícolas e seringais. BARBOZA, Edson Holanda Lima. Retirantes cearenses na província do Amazonas: colonização, trabalho e conflitos (1877-1879). *Revista Brasileira de História*. vol.35 no.70 São Paulo July/Dec. 2015. Os processos migratórios da segunda metade do século XIX

subsistência¹⁵⁰. Cinzia Bianchini, italiana, 28 anos, na Amazônia buscou melhores condições de vida, afinal, como relatou, fugiu da Europa no ano de 1910, por viver em situação de miséria¹⁵¹. Ambas amigas do turco Alexandre Naim que no primeiro momento foi mascate e depois alugou uma casa à Rua Senador Manoel Barata, nº 35, instalando nela um gabinete dentário. Os três representavam os pobres estrangeiros e nacionais que chegavam à Belém, e possuíam em comum a busca de possibilidades de sustento, mesmo que para isso estivessem situados em atividades informais oferecidas pela cidade moderna. Para cada migrante que chegou em Belém com o sonho de enriquecer, ou mesmo sobreviver, milhares sofreram duras condições de existência, muitos como Anna, Cinzia e Naim foram lançados ao mundo da prostituição ou em outros expedientes adjetivados de clandestinos e marginais.

Para o sociólogo francês Robert Castel o trabalho assalariado apareceria como um suporte privilegiado na estrutura social. Existiriam três zonas de articulação entre trabalho e os indivíduos: a zona da integração, a da vulnerabilidade e da desfiliação. Desse ponto de vista, a marginalidade corresponderia aos grupos sociais que figuram na zona de “desfiliação”. O personagem *tipo* da zona de grande marginalidade, ou de desfiliação, é o vagabundo. Ele não trabalha, apesar de poder trabalhar, no sentido de estar apto ao trabalho. Ao mesmo tempo, ele está cortado de todo apoio relacional. É o errante, o estrangeiro que não pode ser reconhecido por ninguém e se encontra rejeitado, de fato, por toda parte. Conseqüentemente, recaem sobre ele medidas repressivas cruéis, do rechaçamento à exposição à morte, em casos extremos¹⁵².

ocorriam quando não havia mais esperança de precipitação de chuvas para fazer florescer o verde da natureza: “O abandono de suas casas e plantações só acontecia quando as últimas esperanças de chuvas já se haviam desvanecido e os grãos, que ficariam para as sementes, sido consumidos. Isso significava que, logo no início da jornada, já era precário o estado de saúde e de nutrição das famílias. Já saíam famintos de suas terras. NEVES, Frederico de Castro. *A miséria na literatura: José do Patrocínio e a seca de 1878 no Ceará*. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 11, núm. 22, p. 80-97, 2007. p.27.

¹⁵⁰ Belém, Manaus ou Madeira-Mamoré não foram o fim da linha para aqueles migrantes, pois muitos continuaram circulando pelas ribeiras, procurando ocupação nas estradas de seringa. Outros passaram a circular entre as capitais amazônicas em busca de ocupações, formando a periferia das cidades e novas povoações. Houve ainda aqueles que perseguiram o retorno para o Ceará. Em todas as circunstâncias, os migrantes cearenses contribuíram para o crescimento populacional e mantiveram o costume de, a cada nova decepção, permanecerem em deslocamento, movidos pela expectativa de melhores condições de vida. BARBOZA, Edson Holanda Lima. Retirantes cearenses na província do Amazonas: colonização, trabalho e conflitos (1877-1879). *Revista Brasileira de História*. vol.35 no.70 São Paulo July/Dec. 2015.

¹⁵¹ Ao final do Oitocentos, esse tipo de negócio, o massivo recrutamento e o transporte de emigrantes europeus para o Novo Mundo, alcançou grandes proporções na Europa mediterrânea – Itália, Portugal e Espanha. Países assolados por graves crises econômicas, suas populações encontraram na emigração para a América a esperança de melhores dias. GONÇALVES, Paulo Cesar. Um imperialismo possível: fluxos migratórios e estratégias colonialistas na Europa mediterrânea (1870-1914). *História*, Franca, v. 30, n. 2, Dec. 2011. p. 335-358,

¹⁵² Acoplando estas gradações duas a duas obtemos três zonas, ou seja, a zona de integração (trabalho estável e forte inserção relacional, que sempre estão juntos), a zona de vulnerabilidade (trabalho precário e fragilidade dos apoios relacionais) e a zona de marginalidade, que prefiro chamar de zona de desfiliação para marcar nitidamente a amplitude do duplo processo de desligamento: ausência de trabalho e isolamento relacional.

Anna é um exemplo de mulheres que chegaram a Belém com a intenção de escapar da miséria vivida em seu lugar de origem. Os trabalhos informais converteram-se em opções importantes para assegurar sua subsistência, dentre eles a prostituição foi uma das poucas áreas em que ela obteve ingresso relativamente rápido e capaz de lhe possibilitar ganhos. Mulheres como Anna que exerceram a prostituição viveram uma exclusão cotidiana e receberam o estigma como resultado de sua atividade laboral, uma vez que, não estavam inseridas em um trabalho formal e disciplinado. Sobre elas recaiu o discurso e as práticas moralizadoras e excludentes. Suas rendas provinham de uma atividade classificada como marginal e moralmente condenável. Sidney Chaloub já nos alertou para relação estabelecida entre trabalho e moralidade: quanto mais dedicação e abnegação ao trabalho, maiores os atributos morais.¹⁵³ Anna, prostituta e pobre, estava exposta à própria sorte. A segregação foi ainda mais impositiva pois:

gênero e pobreza expressa que as mulheres constituem um dos principais grupos mais vulneráveis à situações de miséria. E no caso, da prostituição, a estigmatização é um dos recursos morais mais potentes para manter essas mulheres à margem da sociedade, excluídas, ilegais, pobres e delinquentes, e assim contribuir para sua mais absoluta exploração¹⁵⁴.

A busca pela subsistência em terra estranha não resultou apenas em rixas ou conflitos entre as meretrizes. Quando chegaram à Amazônia, estrangeiras e nacionais demonstraram táticas e habilidades diante das inúmeras adversidades encontradas, e uma dessas destrezas foi a cooperação entre as prostitutas. Anna, a meretriz cearense presa em 1918, por muito tempo exerceu a prostituição juntamente com Janny, a polaca assassinada, cuja história foi narrada no início deste capítulo. Foram presas juntas, como estavam, em algumas vezes fazendo

CASTEL, Robert. A Dinâmica dos Processos de Marginalização: da vulnerabilidade à “desfiliação”. *Caderno CRH*, Salvador, n. 26/27, p. 19-40, jan./dez. 1997.

¹⁵³ CHALOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008, 2ª reimpressão da 2ª ed., 2001.p. 70.

¹⁵⁴ TORTOSA, Jose Maria. *Pobreza y Perspectiva de Género*. Barcelona: Icaria Editorial. 2001.

“*footing*¹⁵⁵” em rua pública com cenas “atentatórias da moral” e dos “costumes”¹⁵⁶. Migrar e se prostituir no novo lugar foi o que essas mulheres fizeram, mas o traslado difícil, o caftismo, a nova língua, a cultura diferente, a violência, os olhares discriminatórios, a gama de mecanismos de controle e repressão não foram suficientes para imobilizar ou calar essas mulheres. Janny e Anna junto às meretrizes da urbe paraense, demonstraram que não eram submissas e/ou passivas diante do papel que a sociedade lhes oferecia.

As histórias de vidas relatadas das estrangeiras que adentraram no universo prostibular da Amazônia, seja por escolhas próprias ou comercializadas por alguma organização internacional, nos permite ratificar nossa tese: essas mulheres foram protagonistas. Pois, com suas estratégias, contornaram obstáculos, romperam a dependência afetiva e econômica que as atrelava aos cáftens. Com suas sagacidades mantiveram redes de comprometimento e criaram novos laços de amizade, disputaram clientes, envolveram-se em rixas e confusões. Todas, estrangeiras e nacionais contribuíram de forma significativa para expor a realidade vivida por mulheres que venderam sexo na Belém moderna e suas trajetórias nos permite conjecturar uma prostituição sem as ideias consagradas de glamour ou ostentação.

¹⁵⁵ *Footing* (substantivo), princípios do século XX, empréstimo inglês recebido através do francês [FOOTING]. Falso anglicismo, recebido do francês, onde é talvez mais intenso que no Brasil o gosto pela desinência –*ing*. *Footing* nada tem do sentido que lhe deram as duas línguas: a acepção inglesa relacionada a andar, caminhar é arcaica. Em português, como nota Aires da Mata Machado Filho em *Grande coleção da língua portuguesa* (1969/1947: 830/1), “no Brasil, pelo menos em alguns lugares, *footing* não é [hoje ele diria “era”] o esporte de pedestrianismo” [que é a acepção francesa], mas “um passeio a pé em que o esporte já não figura como propósito dominante”. Também com o significado que tinha em cidades do interior e em algumas capitais – um passeio de ida e volta, em trecho curto, de rapazes e garotas para verem o sexo oposto ou iniciarem um namoro -, o *corpus* apresenta vários exemplos como este: “Ponto de encontro [os *shopping centers*] (como os antigos *footings* do interior) de paquera, de exibição, compra...” (Ignácio de Loyola Brandão, *Leia*, 1989). Disponível em : <https://www.teclasap.com.br/footing/>, acesso em 12/07/2020. Em nossas fontes o termo foi constante para designar aglomeração e ajuntamento de meretrizes nas ruas.

¹⁵⁶ Prisão de rameiras e polacas. *Estado do Pará*. Belém, 11 abr.1915. p.2.

CAPÍTULO SEGUNDO

“CASAS DE VÍCIOS” E LENOCÍNIO NA BELÉM MODERNA

Lugares das “Vergonhosas Saturnais”

Setembro de 1896, em Belém, um pai aflito buscou ajuda policial para resolver o problema ocorrido com sua família. Na madrugada anterior o filho dele chegou em casa embriagado e sem dinheiro no bolso. Em seu relato, o pai descreveu a *Maison Dorée*, localizada à Rua Santo Antônio, nº 28, como lugar onde o rapaz foi seduzido e pagou champanhe e mulheres. Existiam referências distintas sobre o local apontado, Helena Grossman o anunciava como hotel e restaurante, casa aseada com “quartos airosos e mobiliados com luxo e elegância, cozinha boa e bebidas finas”¹⁵⁷. Para a polícia e queixosos, no entanto, era uma “casa de vícios” com aparência de restaurante, mas um verdadeiro teatro das mais “vergonhosas saturnais” preparando os frequentadores para os “hospitais e penitenciárias”¹⁵⁸. *Maison Dorée* foi retratado como um espaço de tentações, onde jovens eram potenciais vítimas, local perigoso de "flagelos sociais" e propagador do “males”: alcoolismo, drogas, jogos, e também o sexo.



Figura 4 – Anúncio do Hotel Maison Dorée. *Jornal Folha do Norte*, 14-08-1896.p.2.

¹⁵⁷ Anúncio do Hotel Maison Dorée. *Folha do Norte*. Belém, 14 ago.1896.p.2.

¹⁵⁸ O antro. *Folha do Norte*. Belém, 13 set.1896. p.2.

Na *Maison Dorée* os frequentadores podiam ter sexo com meretrizes como a alemã Clara Hermann vinda do Rio de Janeiro em companhia do cáfeten Mauricio Segismundo, romano, 40 anos¹⁵⁹. No salão do hotel se podia avistar até um padre que retirava dinheiro de suas minguadas economias, feitas com casamentos e batizado, para ouvir o “phonographo¹⁶⁰”.

Locais como *Maison Dorée* ergueram-se magníficos, sedutores aos olhos dos habitantes de Belém. Espaços marcados pelos encontros de classes sociais diferentes, meretrizes, cáfeten, autoridades, artistas, e outros. Destinados ao divertimento da sociedade paraense, ofereciam hospedagem, comida, bebida e mulheres aos seus frequentadores, resultado da expansão da economia e da prostituição na cidade. Alvos da vigilância das autoridades e dos moradores próximos, para muitos eram locais perigosos, a moralidade das famílias corria risco. Por outro lado, a prostituição era um elemento do papel “civilizador” na sociedade: cabarés, bordéis, clubes eram objetos do prazer da burguesia da *Belle Époque*. Mesmo quando fiscalizados e fechados, logo voltavam a funcionar, pois além de terem como clientes muitos indivíduos da elite urbana, também movimentavam uma significativa quantia em dinheiro.

A casa dourada de Helena Grossman também conhecida como o “sobrado nobre” representava a prostituição opulenta e pomposa. Na sua descrição anunciada chamavam atenção adjetivos como : limpo, ventilado, asseado e luxuoso. Em linhas gerais, as tecnologias de higienização e normatização dos prazeres sexuais buscavam direcionar e definir como deveriam ser as instalações e quais mulheres poderiam atender nos bordéis, prostíbulos e pensões - diferenciados pelo poder aquisitivo dos clientes e prostitutas. Vigilância que se tornou mais intensa a partir dos primeiros anos da *Belle Époque* com imigração massiva e com a vinda de prostitutas provenientes da Europa.

O exercício da prostituição no Brasil gerou um grande e polêmico processo de discussão sobre regulamentar ou não essa atividade, não havia posição específica sobre o problema para médicos, juristas e políticos, algo comum era somente o projeto de ordenar e moralizar a vida das prostitutas. Em Março de 1890 o Governo do Estado do Pará editou o “Regulamento para Serviço Sanitário relativo às mulheres de vida livre”, nele eram listadas todas as medidas de profilaxia e normas para regular as atividades das prostitutas¹⁶¹. Ipojuca Campos em sua análise sobre essa regulação em Belém, afirma que as intervenções do governo possibilitaram um amplo debate entre regulamentaristas e anti- regulamentaristas,

¹⁵⁹ Caftismo. *Folha do Norte*. Belém, 19 fev.1897. p. 2.

¹⁶⁰ Conversa fiada. *Estado do Pará*. Belém, 15 out.1896.p.1.

¹⁶¹ Actos e decisões do governo do Estado do Pará de 1890. In: *Decretos e Actos do Governo do Gram-Pará. Belém: Typ. D'A Província do Pará, 1890.*

que apesar das posições divergentes quanto à normatização do comércio do sexo, convergiam suas justificativas à proteção da família. Aqueles favoráveis à construção de lugares específicos para o serviço sexual apontavam como problema a proliferação de diversas doenças venéreas, já os contrários nunca recuaram da dialética-argumentativa de que a regulamentação se tratava de absurda fragmentação das moralidades pública e privada, uma afronta à família¹⁶².

Nesse Regulamento fica claro o apelo à higienização dos corpos das prostitutas e a inspeção dos locais onde elas exerciam o seu negócio sexual. Como essas mulheres foram associadas à disseminação rápida e nefasta da sífilis¹⁶³, a maioria dessas diretrizes era pautada em argumentos que afirmavam como melhor maneira de controlar a doença a regulamentação e a fiscalização da prostituição, um sistema que incluía a polícia na função de controlar a moral e a higiene. Após grande debate entre regulamentaristas e seus antagonistas o que realmente prevaleceu foi a intervenção da polícia na prostituição.

A maioria dos regulamentos do país teve como grande inspiração os embasamentos propostos pelo higienista francês Alexandre Parent-Duchâtelet¹⁶⁴ (1790-1836), responsável pelo estudo médico e sociológico do sexo pago na cidade de Paris, defensor da regulamentação sanitária e policial da prostituição. Todo o trabalho de Parent-Duchâtelet no mundo prostitucional se inscreve em uma preocupação obsessiva de converter a capital francesa em um espaço sadio e aprazível. E justificava a instalação de bordéis pela necessidade reprodutiva dos homens de forma rápida e saudável. As casas de prostituição tinham a mesma função que os encanamentos de esgotos: separar e canalizar as impurezas

¹⁶² CAMPOS, Ipojucan Dias. Regulamento da Prostituição, Família e Imprensa (Belém-Pa 1890). *Revista história, histórias*. Volume 6, número 12, ago.dez.2018. p. 41.

¹⁶³ Associada à prostituição, o contágio do “mal de Vênus” se converteu nos primeiros anos do século XX em uma das questões que mais preocupou a opinião pública, com o aumento do comércio do sexual, aparecendo a sífilofobia, uma corrente de histeria vinculada à propagação da enfermidade venérea. SIERRA, Yolanda Peralta. Bajo la luz roja: burdeles, prostitutas y artistas. VV.AA., Picasso y la escultura africana. Los orígenes de “Las señoritas de Avignon”, *TEA, Tenerife Espacio de las Artes*, Tenerife, pp. 219–250. 2010.

¹⁶⁴ Alexandre Parent du Châtelet foi médico e higienista, publicou em 1836 o livro *De la prostitution dans la ville de Paris, considérée sous le rapport de l'hygiène publique, de la morale et de l'administration*. Nele Parent du Châtelet considera que uma certa tolerância da prostituição deveria ser permitida para manter a ordem atual, mas menciona seus perigos e, portanto, a necessidade de controle. Para isso, ele defende *maison-closes*, um hospital para tratar mulheres com doenças venéreas, uma prisão para punir aqueles que infringem a lei e casas de arrependimento. As prostitutas devem comparecer à sede da polícia e fazer exames médicos. As mulheres infectadas devem ser tratadas na enfermaria do Presídio Saint-Lazare. O objetivo geral desta política é controlar e ocultar, tanto quanto possível, a prostituição, que era vista como um mal necessário. Alexandre Parent du Châtelet afirma: “É importante esconder a morte tanto quanto o sexo, a carne se decompondo tanto quanto o objeto de desejo da carne”. Sobre Parent du Châtelet e sua obra ler: CORBIN, Alain. “Presentation par Alain Corbin”. In: PARENT-DUCHÂTELET, Alexandre-Jean-Baptiste. *La prostitution à Paris au XIXe siècle – Texte présénié et annoté par Alain Corbin*. Éditions du Seuil, Paris, 1981 (p. 7- 55). HELENE, Diana. Prostituição e Feminismo na França, uma etnografia de viagem. *Trabalho apresentado na 29a Reunião Brasileira de Antropologia*, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN.

inerentes à nossa sociedade. Os bordéis deveriam estar submetidos a uma vigilância permanente, supervisionado em seu estado sanitário e decência moral. Dessa forma, o modelo proposto pelo médico se converteu em um paradigma para outros lugares do mundo, todos se inspiraram e desejavam bordéis higienizados com mulheres limpas e saudáveis.

Rachel Soihet, em relação à prostituição no Rio de Janeiro, afirma que, diante da necessidade da preservação dos valores morais, existia a necessidade de se estabelecer e institucionalizar um local onde pudesse ser extravasado o desejo sexual masculino. Dessa forma, os reformadores sociais propuseram a criação de um local higiênico e específico para a realização do meretrício, um local onde as meretrizes pudessem exercer o seu papel social de realizar a iniciação sexual dos homens, preservando assim a virgindade feminina até o casamento¹⁶⁵.

Helena Grossman gerenciava um grande estabelecimento comercial, negócio rentável, frequentado por indivíduos capazes de pagarem pelos serviços prestados. Encontrar um local adequado, uma casa bem localizada na cidade, decorar para ser aprazível e sedutor, captar, manter prostitutas, recepcionar clientes e resolver outras demandas não era algo simples e de fácil manutenção. Grossman era empresária do negócio. Bordéis como o dela, de primeira classe, exigiam luxo e comodidades para atender a classe masculina da elite paraense. E conseqüentemente, um desdobramento dos proprietários para se manterem no mercado. Abrir e sustentar um bordel foi laborioso e complexo, depois de inaugurado, foi necessário fazer circular o dinheiro através da prostituição. Recrutar mulheres, torná-las capazes de auferir para o negócio e se manter como uma grande casa de prostituição ia muito além de ter tino comercial, necessitava ter perspicácia, audácia e uma boa influência nos meios políticos e jurídicos da cidade. Algumas vezes, valiam-se de táticas para despistar a polícia, a exemplo disso temos a notícia¹⁶⁶ de 1896 sobre a venda do hotel de Helena e sua partida em direção à Europa com o filho. No entanto, a partir da análise e de cruzamentos de fontes constatamos que Grossman continuou gerenciado o negócio de longe, mesmo que oficialmente o tenha repassado para Enerstina Tepperberg, amiga e parceira, em uma tentativa de fugir à repressão imposta pelas autoridades policiais sobre a *Maison Dorée* nesse período¹⁶⁷.

¹⁶⁵ SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

¹⁶⁶ Comércio. *Folha do Norte*. Belém, 06 out.1896. p.4.

¹⁶⁷ Hipótese defendida a partir das fontes jornalísticas que apontam a perseguição policial sofrida por Helena Grossman, a venda da *Maison Dorée* e depois várias viagens Europa - Belém com intuito de trazer mulheres para exercerem a prostituição, o que nos leva a considerar de forma preponderante, que Grossman nunca abandonou o negócio de bordéis.

Claramente, uma das razões pelas quais muitas mulheres administraram e se mantiveram nesse ramo era o quanto esse negócio se mostrava lucrativo. Encontramos nas fontes a evidência desse potencial de lucratividade, mulheres como Helena Grossman se tornaram prósperas na Amazônia, ela como outras, conseguiu acumular patrimônio e um bom padrão de vida, daí pode se explicar também porque muitas autoridades faziam “vista grossa” ao que acontecia nesses lugares denominados de “antros”. Bordéis eram lugares não somente de prazeres, mas de circulação diária de capital e movimentavam a economia da cidade. A maioria das prostitutas não se saiu bem economicamente no comércio sexual, no entanto, as que conseguiram se estabelecer como Helena, tinham sua renda consideravelmente aumentada, possibilitando a mobilidade econômica e social para um nível mais alto, além de conforto e acúmulo de patrimônio.

É importante lembrar que lugares como a *Maison Dorée* não eram padrão em Belém, a prostituição ocorria principalmente em quartos de hotéis e pensões mais populares. Como a “casa de tolerância” de propriedade do português Manoel Rodrigues da Graça¹⁶⁸, homem casado e comerciante, de 38 anos. Localizado à rua Riachuelo, nº57. Os cômodos alugados pelo português foram descritos como sem mobília e energia elétrica, apenas com direito a água encanada. Maria Gauldino, maranhense, 25 anos, meretriz que alugava um dos quartos descreveu o lugar como “imundo e sujo” e reclamou sobre o valor pago. Nos arredores os comentários eram da precariedade do prédio, moradia coletiva de meretrizes pobres, sujas e em péssimas condições sanitárias. Nesses lugares a prostituição foi vista como perigosa e capaz de proliferar inúmeras doenças e vícios. Lugares como a *Maison Dorée* foram vigiados, mas tolerados pelas autoridades da cidade, pois eram luxuosos, limpos e com mulheres, aparentemente, saudáveis. A pensão do português Graça foi descrita como antítese: espelunca, pardieiro habitado por mulheres perigosas e transgressoras, ali aos olhos de autoridades públicas e médicas a sexualidade era bestial e promíscua.

Belém era uma cidade de contrastes, de um lado Helena viu belas ruas e avenidas arborizadas, saneadas e com aparelhos arquitetônicos belíssimos. Urbe onde as pessoas buscavam apreender novos hábitos culturais e padrões de comportamento europeus, em um esforço incessante pela modernidade e pelo progresso, na vitrine urbana onde só poderia existir a vitória da “civilização”. O cenário urbano oferecia uma gama de diversão, a alegria e a euforia podiam ser encontradas em cafés, restaurantes, hotéis, bordéis e lojas chiques. De outro lado, Gauldino vivenciou o cenário do caos, composto de problemas que se multiplicavam descontroladamente: concentração de pobreza, edificações sujas e insalubres, a

¹⁶⁸ Processo-crime: Lenocínio, 4ª Vara, Ref.329, caixa 11, ano 1922.

miséria exposta com seus mendigos, os locais de ajuntamentos de uma multidão de indivíduos alcoólatras, doentes, criminosos e prostitutas.

E para essas discrepâncias urbanas surgiu uma demanda por ordem, limpeza e higiene, processo explicado por Maria Helena Patto como “sutileza disciplinadora” cujo resultado foi uma profunda e metódica desqualificação dos pobres, de presença duradoura na cultura brasileira: apoiado na ciência, o discurso oficial substituiu os termos emprestados da demonologia¹⁶⁹, que anteriormente definiram a natureza do povo insubordinado, e pobreza passou a significar sujeira, doença, degradação, imoralidade e subversão. A doença não era só um mal do físico, mas deteriorização da alma, da raça, que se traduzia nos mais variados vícios: alcoolismo, promiscuidade sexual, negligência dos deveres paternos, vadiagem, crime, baderna anarquista. Doenças físicas, hábitos tidos como viciosos e sentimentos de revolta eram todos postos sob o mesmo rótulo de patologia¹⁷⁰.

Em 1916, a Inspetoria de Febre Amarela¹⁷¹ visitou pensões e casas no Bairro da Campina no intuito de verificar suas condições sanitárias¹⁷². A tentativa de controle da doença pautada pela teoria dos miasmas buscava limpar o espaço urbano, desinfetar, e higienizar com a finalidade de proteger o ar das exalações e fedores oriundos das coisas. O assunto “miasmas” era muito debatido entre os profissionais porque a palavra traduzia quase tudo o que tinha relação com insalubridade, além de ser algo desconhecido: acreditava-se serem os miasmas emanações nocivas invisíveis que corrompiam o ar e atacavam o corpo humano. Os

¹⁶⁹ Os sistemas de acusações e o de criação de estigmas servem para delimitar fronteiras sociais, classificando alguns indivíduos como “desviantes” ou “prejudiciais” à manutenção de determinada ordem sócio-cultural. Tais rótulos têm, portanto, a finalidade de balizar as fronteiras simbólicas. Para isso, usam-se palavras de forte conteúdo emocional: “hereges”, “drogados”, “subversivos”, “comunistas” ou “demonizados”, formas de mapear os limites daquele universo simbólico. Há, portanto, necessidade social de ordenação de mundo. Se não há pessoas que “tenham parte com o diabo” é preciso criá-las. Graças a tal processo de separação entre o bem e o mal, os grupos sociais traçam o contorno de sua identidade. Para tornar legítima a repressão aos agentes do demoníaco, cada sociedade desenvolve uma lógica para dar legitimidade ao discurso acusatório. Com isso, os acusados sofrem rebaixamento em seu status ontológico. CAMPOS, Leonildo Silveira. O demoníaco, as representações do mal, os sistemas de acusação e de inquisição no protestantismo histórico brasileiro. *Estudos de Religião*, Ano XXI, n. 33, 59-107, jul/dez 2007. pp. 70-72.

¹⁷⁰ PATTO, Maria Helena Souza. Estado, ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres. *Estudos Avançados*, 13 (35), 1999. p.18.

¹⁷¹ A febre amarela chegou ao Brasil no século XVII, trazida por via marítima em embarcações procedentes das Antilhas. A primeira epidemia ocorreu em Pernambuco, em 1685. REZENDE, Joffre Marcondes. *A sombra do plátano: crônicas de história da medicina* [online]. São Paulo: Editora Unifesp, 2009. O desafio da febre amarela. 221-226. No Pará, a febre amarela chegou na segunda metade dos oitocentos, um pouco antes do início do período do ciclo da borracha, com os primeiros registros de casos detectados em cidades do interior: Breves, Maracanã, São Caetano de Odivelas, Soure e Vigia, além da capital Belém. SILVA, Diego Santos da Silva. A grande epidemia de febre amarela em Belém do Grão Pará (1850). *17º Seminário Nacional de História da Ciência e Tecnologia*. p. 2.

¹⁷² Higiene na Cidade. *Estado do Pará*. Belém, 24 mar.1916.p.2

miasmas seriam gerados pela sujeira encontrada nas cidades insalubres, e também por gases formados pela putrefação de cadáveres humanos e de animais¹⁷³.

Local	Descrição	Prostituição
<i>Hotel Commercial</i> - Trav. Primeiro de Março	Não conhece os princípios básicos de higiene. Cozinha sem asseio algum e quartos imundos e sem conforto.	Sim, meretrizes atendem no local, em completa promiscuidade. Mulheres doentes e sujas.
<i>Hotel Leão de Ouro</i> - Rua Gaspar Vianna nº58.	Desagradável salão com redes atadas em um esteio no centro da sala. Repugnante aspecto. Havia 38 hóspedes.	Sim, muitas meretrizes presentes.
<i>Hotel Luz de Belém</i> - Rua Gaspar Vianna nº50	Total de imundície.	Habitam numerosos seringueiros e rameiras.
<i>Hotel Porto Rico</i> - Rua Gaspar Vianna nº66	Salão escuro, sem ar, abafado. Quartos com acanhado espaço, os hóspedes mal podem se mexer, impressão de verdadeiras celas, sem ar, sem luz.	Marafonas ¹⁷⁴ presentes.
<i>Hotel Amazonas</i> - Trav. 15 de Agosto nº10	Quartos arejados, mas o prédio em estado lastimável.	Meretrício constante
<i>Hotel de A.M. Magdalenas</i> - Trav. 15 de Agosto nº11, 13,	Casa sem conforto, saguão é um depósito de lixo.	Moram mulheres de vida equivocada.

¹⁷³MASTROMAURO, Giovana Carla. Surto epidêmico, teoria miasmática e teoria bacteriológica: instrumentos de intervenção nos comportamentos dos habitantes da cidade do século XIX e início do XX. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História* – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

¹⁷⁴ A marafona ou *matrafona* (Alentejo) é uma boneca de trapos, sem olhos, nem boca, nariz ou ouvidos, vestida com um colorido traje regional. A sua armação é uma cruz de madeira revestida a tecido. As bonecas de Monsanto, são utilizadas para celebrar a fertilidade, e a felicidade conjugal. As marafonas fazem parte da tradição de Monsanto na Festa das Cruzes, celebrada no dia 3 de Maio se for Domingo, caso contrário, no Domingo seguinte. Durante a festa, as raparigas casadoiras bailam com as marafonas. Depois da festa as bonecas são deixadas em cima da cama onde têm o poder de livrar a casa das tempestades de trovoadas, e de maus olhados. No dia do casamento guardam-se debaixo da cama (como não têm olhos nem orelhas nem boca, nada vêem, nada ouvem nem nada podem contar) para trazer fertilidade e felicidade ao casal. As marafonas estão associadas ao culto da fertilidade. Do Árabe *mara haina*, mulher enganadora. Tem relação com a palavra *mãe*, do Latim *matre* ou Celtibero *matrubos* e com *fona* (faúlha) do Gótico *fon*, *fogo* ou com o Gaélico *foun*, *fon*, *terra*, *região*. A palavra marafona supõe-se que possa ter origem árabe com o significado de mulher enganadora, mas a origem pode ser muito mais antiga. Outros significados para a palavra são boneca de trapos, prostituta ou mulher desleixada. FLORENTINO, Nádia Nelziza Lovera de. Entre gêneros e fronteiras: uma leitura de Mar paraguayano, de Wilson Bueno. 2016. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Assis, 2016.

15		
<i>Grande Hotel Familiar</i> - Rua Gaspar Vianna nº 51	Imundo, uma pocilga.	Trinta hóspedes de ambos os sexos que vivem na promiscuidade.

Quadro 1 – Locais visitados pela Inspeção da Febre Amarela e como foram descritos após as visitas¹⁷⁵.
Produção da autora a partir da leitura dos relatos da Inspeção da Febre Amarela nos jornais¹⁷⁶.

O Inspetor Dr. João Alves Dias Junior registrou suas impressões e descreveu em minúcias os locais: a sujeira surge onipresente em um ambiente abafado, fétido, repugnante, asqueroso e insalubre. O médico tampouco esqueceu da prostituição nesses hotéis e pensões, reforçou que a promiscuidade imperava. Fez uma combinação entre lugar e meretrício, ambos formados na miséria, no vício, na sujeira e na devassidão sexual. Um arsenal de qualificações depreciativas, lá as prostitutas pobres eram o avesso, o reverso das glamourosas meretrizes dos bordéis de luxo. Um traço comum nas fontes foi a descrição do meretrício pobre como exercido sempre por mulheres sujas e vendido em lugares imundos e sórdidos. Segundo Dominique Kalifa, a existência de pobres, ladrões, prostitutas e bandos organizados é um fato que, infelizmente, não deixa nenhuma dúvida; todavia que eles se pareçam com as descrições pitorescas e horripilantes que deles fazem as principais narrativas é algo que permanece mais incerto. Para Kalifa as representações sobre os lugares e indivíduos pobres foi construída a partir

[...] do entrecruzamento da literatura, da filantropia, do desejo de reforma e de moralização sustentado pelas elites, mas também de uma sede de evasão e de exotismo social, ávida por explorar o potencial das emoções “sensacionais” de que, hoje como ontem, esses meios são portadores.¹⁷⁷

As meretrizes que habitavam lugares como a pensão do português Graça representavam o baixo meretrício em Belém. Depoimentos como de Gaudino, que não era próspera como Helena Grossman, apontavam o quanto era árduo para ela e outras meretrizes efetuar o pagamento diário ao dono dos quartos e como eram constrangidas e ameaçadas por ele na falta de pagamento. Elas necessitavam sublocar quartos para residirem e receber clientes, mas viver na urbe marcada pelo aumento do custo de vida e valorização imobiliária,

¹⁷⁵ Higiene na Cidade. *Estado do Pará*. Belém, 24 mar.1916.p.2. O quadro foi feito pela autora como um resumo a partir da primeira visita da Inspeção da Febre Amarela que se seguiu por vários meses.

¹⁷⁶ *Estado do Pará*. Belém, 24 mar.1916.p.2 .

¹⁷⁷ KALIFA, Dominique. *Os Bas-fonds: História de um imaginário*. Tradução Márcia Aguiar. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2017. p,18.

revelava uma vida precária de lutas diárias além da vulnerabilidade econômica e social dessas mulheres, vencida com a criação de arranjo, tais como o fato de não se alimentarem para conseguirem efetuar o pagamento da moradia.

Os hotéis e pensões visitados e descritos pelo Inspetor da Febre Amarela figuraram no cenário prostibular de Belém na primeira década do século XX. Mas, passadas três décadas, o meretrício ainda era descrito como repulsivo e perigoso. Sua localização era sempre estampada nas notícias diárias, assim como suas características. As “baiucas” de prostituição chamadas “reservadas” e os “apartamentos” funcionavam em pontos de maior movimento como a Rua Senador Manoel Barata, antiga Paes de Carvalho, esquina da Travessa Primeiro de Março, colado ao *Botequim Nacional*; a “feiura amoral” estava ali pronta a atender quem desejasse pagar o ingresso à “matronas megeras” em quartos “sebosos” alugados para prostitutas miseráveis¹⁷⁸. À Rua João Balby uma “pocilga” comandada por uma cafetina era frequentada por “homens distintos e até policiais”, privando as famílias de irem às janelas¹⁷⁹.

Os articulistas se utilizavam de métodos narrativos persuasivos para compor o cenário onde as meretrizes transitavam. Em 1912, solicitaram a presença da polícia pelas Ruas Riachuelo, Lauro Sodré, Padre Prudêncio e Campos Sales, alegando que ali existia a “sucursal dos mais afamados centros de desordens da terra”, uma filial do “Pátio dos Milagres”, onde circulavam e moravam várias “rameiras” imundas e desafortunadas¹⁸⁰. Ao se utilizar da comparação entre as ruas de Belém e o “Pátio dos Milagres” descrita como região habitada por pobres, ladrões, prostitutas e por todos que eram considerados escória, na obra de Victor Hugo em sua *Notre Dame de Paris*¹⁸¹, buscava-se apontar o mundo dos indigentes e marginais, e que esses pátios eram horríveis, sujos, asquerosos e acomodavam indivíduos que viviam no vício, no roubo e no meretrício.

A cidade se modernizava, crescia, mas essa aparente perfeição da urbe era constantemente perturbada, pois na visão de muitos habitantes o meretrício era um dos agentes de distúrbio social. Os jornalistas apontavam os problemas trazidos com a prostituição, noticiavam os “excessos”, os escândalos dos prostíbulos e o constrangimento das

¹⁷⁸ Antros da prostituição nesta capital. *Folha do Norte*. Belém, 18 jul.1940. p. 2.

¹⁷⁹ Impõe-se o saneamento moral da cidade. *Folha do Norte*. Belém, 18 jul.1940.p.2.

¹⁸⁰ Sossego Público- Carta ao Chefe da Polícia. *Estado do Pará*. Belém, 29 jan.1912.p.2.

¹⁸¹ Romancista, poeta, dramaturgo, pintor e político conhecido como “L’homme du siècle”, Victor Hugo (1802-1885) perpassa todo o século XIX e se envolve com os conflitos de sua época. Experimentou os impactos pós-revolução francesa, guerras napoleônicas, motins de 1830, motins de 1848 e, posteriormente, a revolução de 1870. Hugo vivenciou a consolidação do romantismo literato emergido pós-revolução francesa, onde o respectivo estilo se liberta do puro racionalismo classicista e passa a criticar os aspectos econômicos, políticos e sociais em voga, concedendo ao autor maior liberdade e autonomia para se aproximar da realidade. MAIA, Amanda Carvalho. Percepções do fenômeno urbano no século XIX sob a ótica literária de Victor Hugo em “Os Miseráveis”. *Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo- USP*. 2017. p. 116.

famílias obrigadas ao contato diário com esse cenário. Cobravam das autoridades medidas para combater os “vícios nefastos” que aconteciam em lugares como a pensão frequentada pela “rameira” Gauldino. Alguns outros discursos explicavam como a polícia deveria agir em relação à prostituição, já que para esses o meretrício não podia ser extinto, o seu fim causaria preocupação até nos cérebros mais equilibrados. A polícia não deveria expulsar as meretrizes nem perseguir as de comportamento discreto, mas voltar os olhos as que escandalizavam “as famílias com nudezes cínicas, esgares excessivos e exhibições constrangedoras”¹⁸².

Os periódicos publicavam de forma sistemática apelos, queixas e ameaças na tentativa de organizar, definir e controlar o espaço do meretrício em Belém. Tentava-se afastar a prática da prostituição do centro da cidade, mas esse objetivo não foi aceito de forma passiva e sem tensões entre os envolvidos. As autoridades retiravam as meretrizes num dia, e no outro, elas já estavam lá novamente. A todo momento os policiais foram acionados para retirar “meretrizes notórias” das ruas, a exemplo da “tolerada” Raymunda Trindade, presa em agosto de 1918, após a queixa do estivador Miguel Arcanjo por roubo. Trindade exercia o meretrício em vários bairros como Nazaré, Reduto e Comércio; em uma semana foi presa pela polícia cinco vezes, o que levou os jornalistas a declararem-na como a “moradora” do xadrez, pela sua frequência usual e conseqüentes relações ali estabelecidas. E por todas as vezes que “pintou o diabo” quando abordada pelos guardas. Trindade assim como outras prostitutas moveu-se na cidade, transgrediu, negociou e criou suas próprias regras de vivência, essas mulheres se apropriaram do espaço urbano além da delimitação imposta pela moralidade vigente, exercendo suas atividades em meio ao controle e vigilância, mas com uma dinâmica própria e singular.

O desejo de uma cidade salubre e sadia com grande desenvolvimento técnico - esgoto, eletricidade, saneamento - surgiu no Brasil no final do XIX, e com uma única linguagem, a higiene e o saneamento. A esse respeito, Didier Gille, esclareceu que sobre os preceitos do Higienismo, os primeiros “urbanistas” se achavam imbuídos de uma missão. Deveriam esses reconstruir o espaço de ruas mal traçadas, de pardieiros úmidos e sombrios, num urbano limpo e aprazível, transformar completamente as cidades. O remédio foi a higiene, pois a cidade era entendida como um organismo. E os instrumentos para essa cura da cidade viciosa se prestou plenamente a desqualificar - pelo discurso - a cidade real, onde vivem as camadas populares. Ali onde era latente a pobreza, onde os miseráveis buscavam restos de comida, ali

¹⁸² O meretrício. *Estado do Pará*. Belém, 31 ago.1920.p.1.

é onde está presente a confusão e a imobilidade¹⁸³. Limpando a rua da presença popular e elevando a vida privada a uma conquista de humanidade, o urbanismo desejava, com suas práticas de intervenção e suas representações legitimadoras da ordem urbana, colocar cada coisa em seu lugar e em cada lugar uma coisa, evitando o aglomerado por um lado e os perigos do vazio por outro¹⁸⁴.

As autoridades públicas demonstravam preocupação com os espaços ocupados pela prostituição, circular e se estabelecer em certos pontos da cidade não era bem visto, as campanhas contra o meretrício objetivavam desarticular laços de convivência e sociabilidade, tentativa de desmontar as maneiras específicas de ocupar e significar o espaço urbano. Desde o fim do Império existia uma forte cruzada contra os locais habitados por meretrizes em Belém, caracterizados como verdadeiros perigos à sociedade. Como demonstra o apelo feito pela imprensa em 1896, para o fechamento de um cortiço localizado à Rua Cruz das Almas n.137. Urgia mandar interditar o “infecto antro de imoralidade, obscenidades e conflitos diários”, mulheres ocupavam para receber seus clientes, habitado por “gente má, cuja evacuação faria bem a higiene e à moralidade”¹⁸⁵. Os discursos estenderam o estigma da prostituição aos lugares em que as meretrizes habitavam, eram locais “nocivos”, pois ameaçavam e atacavam os valores da sociedade, dessa maneira, toleravam à prostituição, mas desde que, fosse controlada e delimitada no espaço urbano. Estabelecer limites espaciais, a sexualidade deveria ser furtiva, ocorrer em lugares fechados, fixos, quase invisível ao olhar social.

A relação entre o exercício do meretrício e o espaço público, e por conseguinte, a localização dos bordéis dentro da cidade, foi um ponto de conflito e de inúmeras discussões sobre como resolver essa problemática. E para as pensões suburbanas foi direcionado uma maior repressão e uma postura mais severa. Os espaços das meretrizes como Gauldino foram apresentados como depositários do mundo periférico, cercado de pobreza, delinquência, enfermidades, depravações, alcoolismo. Um universo decadente e marginal. Dessa maneira, eram lugares vinculados a mácula, ao ilegal, à perversão e a depravação, tentava-se aplicar a higiene moral à prática da prostituição, impulsionando à segregação social e a limpeza espacial de um grupo considerado nocivo e perigoso. A pedagogização do meretrício, reflexão feita por Lucas Pereira, no qual a prática e o espaço precisavam ser organizados e educados

¹⁸³ GILLE, Didier. Estratégias Urbanas in: Eric Alliez et alli. *Contratempo: Ensaio sobre algumas metamorfoses do Capital*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1988, pp. 22- 40.

¹⁸⁴ PECHMAN, Robert Moses. Os excluídos da rua: ordem urbana e cultura popular. In: BRESCIANI, Maria Stella. *Imagens da cidade : séculos XIX e XX*. São Paulo, SP : ANPUH/São Paulo : Marco Zero : FAPES, 1993. p. 33.

¹⁸⁵ Antro. *Folha do Norte*. Belém, 30 jun.1896. p. 1.

moralmente, dando visibilidade a imagens e comportamentos das mulheres envolvidas com a prostituição¹⁸⁶.

Helena e Gaudino fizeram parte do universo prostibular de Belém, podem ter habitado em lugares diferentes e opostos, limpo e sujo, luxuoso e miserável. Mas ambas tiravam da prostituição o seu sustento, e nos discursos oficiais surgiram como elementos de preocupação e sua atividade laboral foi tema central. Médicos, higienistas, policiais e políticos sabiam que não podiam erradicar o meretrício, e então, trataram de impor uma dominação e um controle nas práticas sociais que ocorriam nos lugares onde essas meretrizes exerciam o comércio do sexo. Pois, como definiu Laure Adler a prostituta era uma insubmissa, para grandes desespero dos higienistas e policiais, essas mulheres não se deixavam aprisionar em categorias, e apesar da obstinação obsessiva dos ideólogos que tentavam fixá-las, a qualquer custo em determinado lugares - bordéis, casas de *rendez-vous*, cervejarias, cafês, casas de cômodos - e em status específicos - moças cadastradas, moças numeradas, moças insubmissas - elas percorreram, em todos os sentidos e de maneira desorganizada, a seu bel-prazer, os diferentes estágios da estranha carreira¹⁸⁷.

¹⁸⁶ PEREIRA, Lucas Carvalho Soares de Aguiar. *No intuito de produzir influência educativa: educação moral, polícia de costumes, e prostituição em Belo Horizonte (décadas de 1920-1930)*. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

¹⁸⁷ ADLER, Laure. *Os bordéis franceses, 1830-1930*. São Paulo: Companhia das Letras: Círculo do Livro, 1991. p. 12.

Um “Sórdido Lupanar” na mira da Profilaxia Social

O ano era 1920 e o português Antônio Alves da Silva de 48 anos, comerciante, casado foi chamado para depor e contar sua experiência ao frequentar a *Pensão Lusitana*. Em seu depoimento afirmou ter frequentado o local duas vezes, acompanhado por meretrizes para ter com elas “atos de cúpula”. O depoimento da intimidade de Silva, além da possibilidade de ter lhe gerado uma crise no casamento, ficou registrado como fontes em um dos muitos processos de lenocínio que encontramos¹⁸⁸.

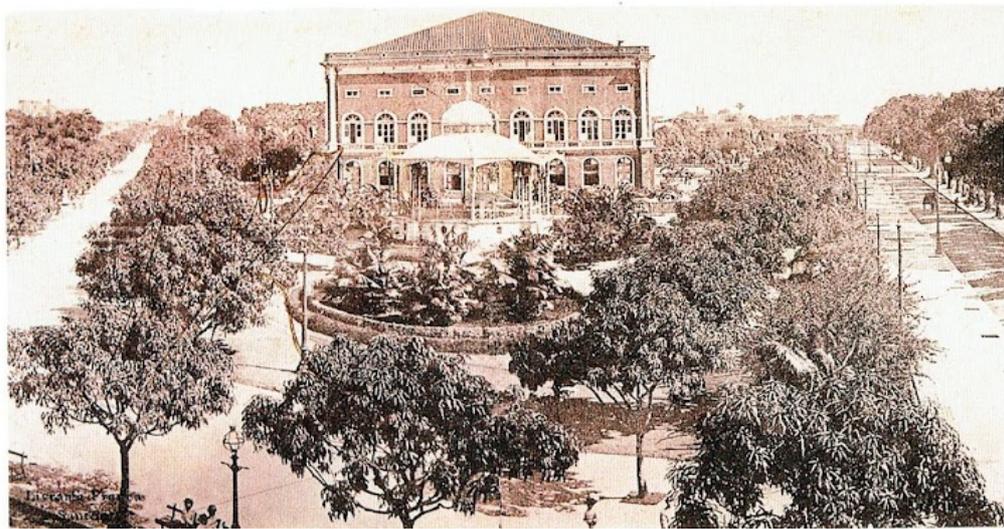


Figura 5- Praça da República- Largo da Pólvora. *Belém da Saudade*. p.140.

A imagem acima é da Praça da República de onde era possível avistar a *Pensão Lusitana* local definido como um “sórdido lupanar”, ficava à rua 29 de Agosto¹⁸⁹, nº 83, canto da rua Tiradentes, tinha o nome anunciado em grande letreiro luminoso. As fontes a descreveram com aspecto elegante e que na cidade ninguém desconhecia esse lugar, pois o mesmo “afrontava a sociedade em pleno centro”. Seus proprietários eram o casal de portugueses Guilherme da Costa Santos, 50 anos, e Maria da Conceição Santos, 39 anos, que iniciaram seu negócio anos antes com a *Pensão Estrella*, localizada à Rua Santo Antônio. Inúmeras denúncias apresentavam a pensão como lugar muito perigoso, porque lá as “donzelas eram desviadas e serviam para o exercício dos adúlteros”. Habitação de prostitutas

¹⁸⁸ Processo-crime : Lenocínio, 4ª Vara, Ref.329, caixa 11, ano 1920.

¹⁸⁹ Atual Assis de Vasconcelos, antes foi Travessa da Estrela, passando depois a ser Avenida Ferreira Pena, Índio do Brasil e 29 de Agosto. CRUZ, Ernesto. *Ruas de Belém: significado histórico e suas denominações*. 2a ed. Belém:CEJUP, 1992. 86.

estrangeiras e de órfãs fugidas da fome e da miséria após a “terrível seca que invadiu os estados do meio Norte”¹⁹⁰.

A autoridade policial responsável pela investigação por lenocínio da *Pensão Lusitana* foi o 2º prefeito Nogueira Faria¹⁹¹, que em seu relatório afirmou ser o local uma ameaça para a sociedade, pois ali no silêncio de suas "paredes malfadadas era quebrado o elo santíssimo dos deveres conjugais das esposas seduzidas, ali era despida a túnica da virgem jovem incauta e ingênua"¹⁹², por isso ele clamava pela profilaxia social. Descreveu no processo o lupanar como “desastrosa ameaça” e seus donos “exploradores da paixão carnal” e nocivos à sociedade. Nogueira já havia tentando fechar a *Lusitana*, mas sem êxito, seguiu em sua cruzada contra o lenocínio e contra à prostituição exercida nas ruas¹⁹³.

A cada novo processo relatava todo o histórico da “ilegalidade” do lugar e construiu um verdadeiro dossiê, no qual contava episódios a fim de referendar junto à sociedade a ideia de que o ambiente era muito perigoso. Relatou um episódio acontecido em 1918, quando um rapaz levou à pensão uma senhorita que “sobraçava” alguns livros de músicas, e lá perdido toda sua “pureza”. Após a denúncia a polícia compareceu e presenciou um grande número de pessoas apedrejando as vidraças, e na saída de umas das “toleradas” ecoou uma enorme vaia. Nogueira tentava com suas narrativas apontar o quanto à prostituição era uma questão de ordem pública e moral, seu esforço tentava regular, ordenar e disciplinar, tanto os ambientes prostibulares como os indivíduos que circulavam nesses ambientes. Para ele o delito de lenocínio deveria ser firmemente reprimido, desejava impedir que donos de lupanares ameaçassem com seus negócios à integridade moral da sociedade, e se colocava como salvador e protetor da honra de outras mulheres, ainda não pervertidas.

Após intensa investigação, diligências, depoimentos de testemunhas e inúmeras provas, os proprietários da *Pensão Lusitana* foram absolvidos. Seus advogados pontuaram suas defesas afirmando que o estabelecimento sofria uma perseguição da polícia e da imprensa. Os donos da hospedaria que funcionava legalmente, pagavam seus impostos ao Estado e ao Município pontualmente. E quando da presença de policiais não encontram nenhuma “donzela virgem” ou “adúlteras”, depararam-se somente com “prostitutas conhecidas que nada tinham a perder”. Nesse aspecto, os advogados defenderam os donos utilizando o argumento que na pensão só havia mulheres que não mereciam defesa, pois ali se

¹⁹⁰ Um foco de prostituição. *Estado do Pará*. Belém, 09 jun.1918. p.3.

¹⁹¹ Formou-se em bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Pará, em 1917. Atuou como Prefeito de Polícia da Capital, professor da Faculdade de Direito e desembargador do Tribunal de Justiça do Pará. ROCQUE, Carlos. *Grande Enciclopédia da Amazônia*. Belém: Amazônia Editora, 1968. p. 687-688.

¹⁹² Um antro perigoso, a Pensão Lusitana vai desaparecer. *Estado do Pará*. Belém, 14 jul, 1920. p.1.

¹⁹³ Pensão Lusitana. *Estado do Pará*. Belém, 09 jun.1918. p. 3.

vendiam. Suenn Caulfield esclarece que os juristas dos anos 20 e 30, influenciados pelo direito positivo, acreditavam que eram sujeitos ativos e deveriam intervir para evitar a degeneração física e moral do povo brasileiro. E nessa ingerência a defesa da liberdade pessoal e sexual de mulheres foi deixada de lado, e a proteção das mulheres definidas como honestas deveria estar interligada à defesa das famílias¹⁹⁴. Ou seja, a condição das prostitutas era apenas um pequeno detalhe, pois, o importante era salvaguardar a família brasileira.

O mundo prostibular movimentava somas significativas para a economia local, e muitas autoridades frequentavam esses lugares em busca de diversão. A própria Brigada Militar foi denunciada após alguns praças encarregados da repressão ao meretrício e lenocínio, serem vistos acompanhados de meretrizes sob sua vigilância, conversavam e riam em botequins e pensões¹⁹⁵. Manter fechado uma pensão onde acontecia o comércio da ‘paixão carnal’ era problemático para os comerciantes e outros indivíduos, direta ou indiretamente ligados à prostituição. A polícia a todo o momento iniciava uma campanha contra a dissolução de costumes estimulada pelas casas de tolerância. Às autoridades policiais se empenhavam em fechar várias pensões e hotéis, diariamente bloqueados e fechados, no entanto, não tardava a serem reabertos por um juiz togado e as próprias chaves das “portas do vício” entregues por ele aos proprietários¹⁹⁶.

Os lugares de encontros sexuais eram vistos por muitos como devastadores, lá ocorria a desfiguração dos valores morais, a instituição familiar nesses lugares não era respeitada, no fim das contas, a perseguição policial e o julgamento popular revelaram intervenções baseadas em critérios de moralidade sexual da época. Ao processarem os donos de pensões e bordéis, tentou-se controlar a prática da prostituição e punir quem dela auferisse algum provento, definindo-os como propagadores do mal que pairava sobre as famílias. Se esses locais não podiam desaparecer, à polícia coube a tarefa de lidar com a prostituição exercida de forma clara nesses lugares classificados como “antros”. A profilaxia moral se estendeu aos proprietários de hotéis, pensões, bordéis, ou outros lugares cujos proprietários obtinham lucros com a moradia e trabalho de prostitutas, foram enquadrados no crime de lenocínio, subordinados à lei do Código Penal de 1890 que prescrevia crime para quem prestassem “por conta própria ou de outrem, sob sua ou alheia responsabilidade, assistência, habitação e auxílios para auferir, direta ou indiretamente lucros dessa especulação”.

¹⁹⁴ CAULFIELD, Sueann. Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2000. p.69-73.

¹⁹⁵ Prostituição na cidade. *Estado do Pará*. Belém, 26 ago.1920. p. 1.

¹⁹⁶ Prostíbulo. *Estado do Pará*. Belém, 12 ago.1920.p.1.

Elizabeth Cancelli em análise sobre criminosos, na virada do século XIX para o XX, destaca a prostituição como uma obsessão social, fazendo dos lugares onde as meretrizes se encontravam, como pensões, bares e clubes, foco do olhar policial mais intenso¹⁹⁷. Para Martins Junior as sensações de medo, espanto e indignação frente à presença e ao contato com a miséria, associadas à correlação que se estabelecia entre crescimento urbano, pobreza e criminalidade, reforçaram, na mente dos intelectuais e do homem das camadas mais bem postas da sociedade imagens da cidade como lugar privilegiado para o florescimento de tensões e esforços anormais, capazes de degradar física e moralmente os indivíduos e as relações sociais, implicando o surgimento do receio de uma crise iminente que viria a afetar, essencialmente, a família, instituição tida como a base de todo o ordenamento social. Esses ingredientes promoveram mudanças radicais nas concepções e práticas da saúde, bem como na noção e abrangência da criminalidade¹⁹⁸.

A *Pensão Lusitana* continuou existindo, apesar dos esforços de Nogueira, os proprietários se muniram com advogados e testemunhas, as meretrizes que ali, entre as “paredes malfadadas”, exerciam seu ofício, permaneceram na luta pela subsistência. Com a obsessão de controlar e reprimir a prostituição, autoridades como Nogueira estavam de certa forma, alheios ao cotidiano desses sujeitos, no qual a necessidade de sustento possibilitou a construção de redes de solidariedade e ajuda recíproca entre os donos de pensões, meretrizes, cáftens, vizinhos e policiais.

¹⁹⁷ CANCELLI, Elizabeth. Criminosos e não-criminosos na História. *Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB*. Textos de História, v.3, n.1, pp.53-81. 1995.p.66.

¹⁹⁸ MARTINS JUNIOR, Carlos. Imagens urbanas assombrosas: controle social nas cidades brasileiras da Belle Époque. *Albuquerque: Revista de História*, Campo Grande, MS, v. 2, n. 4, p. 83-98, jul./dez. 2010. p. 89.

A Batalha contra as “Bastilhas da Prostituição”

Nogueira Faria seguiu em sua missão, indignado, após o insucesso com o resultado do processo da *Pensão Lusitana*. Conclamava a sociedade paraense a se rebelar contra duas "terríveis megeras" Thérèse Lleuse e Marguerite Delreal, as francesas eram proprietárias da *Pensão Zezé*, sito à Rua 29 de Agosto, nº 62, e da *Pensão Moderna* localizada à Rua Primeiro de Março, nº 30, denominada pelos jornalistas de “Bastilha da Prostituição”¹⁹⁹.

No ano de 1920 a *Pensão Zezé* surgiu nas denúncias como casa de tolerância que se igualava aos bordéis franceses, onde se podia encontrar várias meretrizes estrangeiras e nacionais. Delreal era uma antiga conhecida de Nogueira, pois desde 1918 as páginas policiais a denunciavam por enganar viajantes com o “baccarat²⁰⁰”, tudo acontecia na sala de jantar da *Pensão Andrea*²⁰¹, a jogadora em pouco tempo conseguia por em sua “algibeira” uma fortuna de um caixeiro desavisado. Para Nogueira as francesas exploravam as meretrizes, trocavam o trabalho delas por “*pringues*” vantagens a título de aluguel e comida. Na sua visão dele a pensão deveria ser fechada por ser lugar “pernicioso”. Jogadores, prostitutas, bêbados, cáftens e cafetinas podiam ser encontrados com tamanha facilidade naquele lugar²⁰².

Nogueira Faria iniciou o processo, chamando para depor algumas meretrizes que em seus depoimentos explicavam os motivos de exercerem a prostituição, algum dos quais podemos observar na tabela abaixo:

¹⁹⁹ Processo-crime: Lenocínio, 4a Vara, Ref. 328, caixa 11, ano 1920.

²⁰⁰ O bacará é um jogo de cassino com a utilização de cartas de um baralho, de desenlace muito rápido. Bacará é a versão francesa da palavra italiana “*baccara*” ou “*zero*”. Ela se refere aos números das cartas do baralho. O jogo surgiu em 1490, quando o *baccara* italiano foi levado para a França, onde se tornou o jogo favorito dos nobres durante o reinado de Carlos VIII. O bacará foi demonstrado pela primeira vez em Las Vegas, em 1959, quase um ano e meio depois do “Chemin de Fer” ter estreado nos cassinos. Os dois jogos já eram famosos nos cassinos ilegais do leste americano. Disponível em : <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bacar%C3%A0>. Acesso em: 12 de outubro de 2022.

²⁰¹ Antes da venda para as duas francesas era denominada de *Pensão Andrea* e figurou nos jornais como “sórdido lupanar”. Processo-crime: Lenocínio, 4a Vara, Ref. 328, caixa 11, ano 1920.

²⁰² O Jogo. *Estado do Pará*. Belém, 30 nov.1918.p.2.

Nome	Idade	Ler Escrever	Naturalidade	Motivo
Iracema Costa	16	Sim	Paraense	Residia na casa dos pais na miséria e após deixar “a vida honesta” obteve informações da existência de uma casa onde poderia “receber homens para manter relações sexuais e ser paga diariamente”.
Isabel Silva	17	Sim	Cearense	Residia com os pais, fugiu com um homem que a “desonrou”. Depois viveu com outro homem no <i>Hotel América</i> onde soube da referida pensão. Paga semanalmente 11 mil réis.
Noemia Rocha	23	Sim	Peruana	Chegou à cidade e procurou se informar onde poderia exercer o meretrício sendo informada da <i>Pensão Zezé</i> . Paga 12 mil semanalmente e quando acontece de adoecer o pagamento é realizado em bens.
Amélia Santos	20	Sim	Alagoana	Teve conhecimento da Pensão em Recife onde residia, resolveu embarcar para capital paraense a fim de exercer o meretrício, fugiu da fome. Paga 9 mil réis.

Quadro 2 – Processo de Lenocínio - Pensão Zezé²⁰³. Produção da autora a partir da leitura do Processo.

Para a análise dos depoimentos do processo devemos atentar que não existem fatos criminais em si, e sim um julgamento criminal que os fundamenta. As várias versões das proprietárias e meretrizes surgiram somente na documentação administrativa, refletindo o desejo de uma elite em vigiar e controlar a vida dessas mulheres, daí a necessidade de perceber os discursos com cautela e filtros, por meio de uma leitura cuidadosa para tentar reconstruir as trajetórias delas, e na medida do possível, perceber sua maneira de pensar e atuar, suas falas no do contexto de ameaças policiais, seus desejos e sua autonomia relativa. Pois, como advertiu Eliane Lucia Colussi,

²⁰³ Processo-crime: Lenocínio, 4a Vara, Ref. 328, caixa 11, ano 1920.

O estudo de casos localizados em processos, no nosso caso no âmbito criminal, pode desvendar a complexidade do mundo social em que tais episódios se desenrolaram. Pode-se compreender a violência, a criminalidade, a coerção, e cooptação política e o papel do poder judiciário enquanto fenômenos que em muitas situações se embaralham, conferindo a um episódio em particular contornos extremamente universais²⁰⁴.

É relevante observar a utilização dos depoimentos dada por Nogueira aos depoimentos das meretrizes da *Pensão Zezé* para justificar sua acusação contra as proprietárias. As queixas e relatos serviram como evidências do enriquecimento das proprietárias a partir do pagamento vultoso feito às cafetinas. O interesse público agia no intuito de libertar as prostitutas do jugo e do “nefando crime” e ainda tornar o centro da cidade um local sem desordens e destinado apenas à moralidade, civilidade e modernidade. Assim, o subprefeito atuava tentando intervir e organizar o meretrício em Belém, sempre propalando e se posicionando a favor da moral e em defesa das famílias. Nogueira representava a posição ambígua do Estado perante à prostituição: se por um lado perseguia e punia as meretrizes e cafetinas quando era para demonstrar a força policial e coercitiva sobre essas mulheres, por outro, reconhecia a situação de exploração das meretrizes como vítimas das madames algozes como justificativa para o fechamento dos “antros”.

Os processos evidenciam a precariedade econômica das mulheres antes de adentrarem o mundo da prostituição. As jovens que exerciam o meretrício em Belém geralmente vinham de famílias pobres ou fugiam dos conflitos domésticos, muitas compartilhavam os mesmos relatos: necessidade econômica, a vontade de ser independente longe do jugo familiar e/ou a falta de possibilidades de trabalho. Na maioria dos discursos moralizantes essas mulheres se tornaram prostitutas porque eram depravadas ou vítimas de indivíduos perniciosos. Explicações superficiais e que, muitas vezes, ofuscavam os motivos reais da entrada delas na prostituição. Nesse aspecto, apontamos os estudos de Marliynn Wood Hill e Mary Gibson, os quais analisam como as prostitutas racionalmente escolheram entrar na “prostituição”; muitas fizeram pesando na sua viabilidade em relação a outras estratégias de sobrevivência; outras viram os aspectos atraentes do trabalho, como luxo e ascensão social; enquanto outras assistiam à prostituição como forma de complementar seus recursos ou simplesmente como uma forma casual de ganhar a vida. Segundo elas, a admissão à prostituição foi enquadrada dentro de uma determinação baseada em motivos de um sistema

²⁰⁴ COLUSSI, Eliane Lucia. Fontes judiciais e suas possibilidades nos estudos de poder local: os crimes de São Borja. *Vestígios do Passado e suas Fontes. IX Encontro Estadual de História- ANPUH- RS, 2008.*

operacional lógico; pouquíssimas prostitutas poderiam ser consideradas vítimas (no sentido mais estrito da palavra) desse fenômeno²⁰⁵. No entanto, entendemos que não foi um único motivo, mas uma conjunção complexa de aspectos: muitas oriundas de famílias conflituosas, sem trabalho e sem casa, buscavam escapar das situações difíceis e degradantes de suas vidas. Mas, somente o aspecto econômico não explica suas escolhas, devemos considerar as outras influências para suas decisões, como o contexto social, os valores da sociedade em relação às mulheres, à sexualidade, à família e ao trabalho para então tentar compreender o motivo da prostituição ter sido considerada um opção de renda para essas mulheres em Belém.

A ideia que a prostituição era muito rentável e que as meretrizes teriam uma vida glamourosa, na maioria das vezes, ficou restrita ao imaginário social. Pois, essas mulheres se ganhavam mais que outras trabalhadoras também tinham despesas mais altas: os aluguéis em bordéis, pensões e quartos eram caros e a pressão pelo pagamento era algo constante e ameaçador para elas. Noêmia²⁰⁶ em seu depoimento a Nogueira Faria, afirmou que mesmo doentes deviam efetuar o pagamento em bens às donas das pensões, além disso, havia outros gastos, no caso das luxuosas que destinavam grande parte do que ganhavam a compras de roupas, perfumes, sapatos e jóias. Outrossim, as mulheres do baixo meretrício, descritas como rudes e espalhafatosas, estavam sempre no limite da subsistência, contumazes na prática delitiva por dívidas nas pensões ou pelo roubo a clientes no intuito de fazerem uma refeição diária. Muitas perceberam que suas condições de vida não melhoraram no mundo prostibular, na verdade, às vezes, ocorria uma degradação, oriunda dos perigos e das dificuldades como: as doenças, a violência, as prisões, reais de seus cotidianos. E refletiam a necessidade econômica que as mantinham nessa atividade laboral.

As francesas Thérèse Lleuse, 45 anos, e Marguerite Delreal, 50 anos, donas da *Pensão Zezé* foram cognominadas de “megeras” e “terríveis exploradoras” de mulheres, tanto no processo como nos noticiosos. Havia uma insistente colocação de que ambas haviam enriquecido de forma rápida e por meio da sistemática vantagem que exerciam sobre as prostitutas. As somas monetárias eram altas, as proprietárias possuíam dois imóveis destinados à prostituição, nesses lugares havia jogo, bebidas, comidas, uma infraestrutura geradora de lucros, que lhes possibilitava uma vida economicamente confortável.

²⁰⁵ HILL, Marilyn Wood. *Their Sisters' Keepers: Prostitution In New York City, 1830-1870*. Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 1993; LOMBROSO, Cesare; FERRERO, Guglielmo. *Criminal Woman, the Prostitute, and the Normal Woman*. Translated by Nicole Hahn Raftar and Mary Gibson. Durham: Duke University, 2004.

²⁰⁶ Meretriz arrolada no processo movido contra as proprietárias da *Pensão Zezé*.

A imagem de cafetina má e perversa foi amplamente difundida pela imprensa da época. Uma que figurou nos periódicos durante anos se chamava Rosita Fifi, 30 anos, polonesa e proprietária da opulenta *Pensão Maxim*, localizada na Praça da República, nº 97, respondeu vários processos de lenocínio²⁰⁷ e queixas de meretrizes. Fifi realizava viagens e trazia mulheres para apresentações artísticas em seu bordel, exercia também o contrabando, mas sua fama procedia de sua postura agressiva e violenta como empresária do comércio sexual. Era temida no meio das meretrizes, entre elas existia um alerta para ter cautela, e sempre relatavam o episódio acontecido com a espanhola Carmem D'Escaseno, vítima de roubo e espancamento por Fifi²⁰⁸. Acrescentavam que a polonesa, apesar de jovem, enriqueceu no universo prostibular de Belém devido a não temer nada, circulava tranquilamente entre cáftens, policiais e autoridades da cidade. Apareceu nos registros como “famigerada”, “perigosa” e “torpe”, merecedora de uma “ação enérgica” da polícia. Do imaginário social criado para Fifi podemos inferir que ela estava à frente dos negócios, assim como outras mulheres, gerenciando e organizando suas vidas financeiras. Uma concepção de gênero do sexo comercial como comportamento desviante prevaleceu nas políticas de prostituição promulgadas na maioria das sociedades. A prostituição é vista principalmente como uma atividade feminina, enquanto a procura, o proxenetismo e a compra de serviços sexuais são frequentemente vinculados aos homens²⁰⁹. Mas, Fifi ator social deu sentindo em sua trajetória a partir da comercialização da sexualidade e construiu inúmeras relações de intercâmbio na venda de sexo por dinheiro em escalas nacionais e globais.

Os jornalistas seguiram Nogueira Faria na incumbência de salvaguardar Belém do lenocínio. Era urgente “higienizar os antros”²¹⁰, a avidez com que os noticiosos falavam das donas de pensões indicava que os jornalistas, assim como amplos segmentos da população, vislumbravam a indústria do sexo como excessivamente danosa aos habitantes amazônicos. Mas nem tudo estava perdido, havia os remédios: banho de arsênico, iodureto e mercúrio para o tratamento da sífilis e outras doenças venéreas além da prisão das cafetinas que tanto enganavam as “meridionais odaliscas”²¹¹. Dessa maneira, a prostituição não era entendida

²⁰⁷ Processo-crime: Lenocínio, 4a Vara, Ref. 328, caixa 11, ano 1920.

²⁰⁸ A Pensão Maxim. *Estado do Pará*. Belém, 17 abr.1921.p.4.

²⁰⁹ GARCIA, Magaly Rodriguez. Morality Politics and Prostitution Policy in Brussels: A Diachronic Comparison, in *Sexuality Research and Social Policy*. *Sexuality Research and Social Policy*, 2017. p.2.

²¹⁰ Meretrício. *Estado do Pará*. Belém, 14 mai.1920. p.2.

²¹¹ As odaliscas, a princípio, eram criadas ou servas da casa, muitas vezes adquiridas por sultões em batalhas ou em mercados. O próprio termo que lhes nomeia tem esse sentido - do turco *uadahlik*. Entretanto, ganharam um significado diferente após a chegada da colonização europeia. Isto por conta das representações abundantes que se fez destas mulheres. Estas figuras foram constantemente exploradas pelos artistas que queriam deixar visível o ar de fantasia do Oriente; pareciam responder exatamente àquela fantasiosa demanda de repouso dos viajantes civilizados, sendo a própria personificação de um oásis exótico. PASCHOAL, Nina Ingrid Caputo. *Ventre*

somente como uma questão sanitária, mas também de ordem pública, pois os lugares como a *Pensão Zezé* para redatores e autoridades era um fator de desordem e escândalos permanentes.

No entanto, Lleuse e Delreal manifestaram-se contra o fechamento de seus negócios frente às autoridades policiais e administrativas da cidade. Seus advogados alegaram que suas clientes não viviam da prostituição, mas exploravam honestamente o comércio de hospedaria, tudo comprovado com recibos dos pagamentos dos impostos ao Estado e Município. A defesa alegou ainda que à polícia deveria se preocupar com a prostituição clandestina, essa sim envergonhava a sociedade e lares honestos, o crime acontecia nos *chateaus* usados no "perímetro urbano por pessoas poderosas"²¹². Apesar da prostituição não ser regulamentada com locais exclusivos para o comércio sexual, havia uma disputa comercial entre as donas de pensões, as cafetinas, e as meretrizes que captavam seus clientes nas ruas, aquelas que exerciam o meretrício em lugares mais populares ou sem vínculos com as donas de bordéis. Havia uma rede de informação no mundo prostibular, indicações de hotéis, pensões, bordéis, *chateau*, um intercâmbio intenso permitindo que as mulheres soubessem muito bem onde poderiam exercer o meretrício, e as cafetinas disputavam essas jovens que chegavam à cidade. Brasileiras e estrangeiras concorriam no mercado sexual, vivenciavam laços de solidariedade, mas os conflitos e concorrências eram habituais.

As duas francesas foram absolvidas por falta de provas, nesse sentido, os interesses econômicos ficaram evidentes, eram cafetinas e exploravam mulheres jovens, mas suas defesas tentaram afastar das acusadas a imagem do submundo do crime, a pensão era um lugar luxuoso, recebia pessoas influentes, talvez, o processo tenha sido arquivado, não pela ausência de elementos incriminatórios, mas por intervenção de alguma autoridade frequentadora do local, e porque a “Bastilha da Prostituição” movimentava altas quantias em dinheiro. Nogueira Faria mais uma vez não conseguiu exterminar a prostituição da cidade. Pois, como assinalou Roger Chartier existe uma distância entre os mecanismos de controle e as resistências, as insubordinações daqueles que são seus objetivos. Portanto, a força dos instrumentos disciplinares sempre deve lidar com rejeições, distorções e truques do sujeito, no caso, mais do que um endosso, um confronto entre discursos e práticas sociais²¹³. O enfrentamento que se deu também no mundo prostibular amazônico, composto por inúmeros

Colonizado: representações da mulher arabe e suas danças na pintura orientalista do século XIX. Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2019. p. 71.

²¹² Processo-crime: Lenocínio, 4a Vara, Ref. 328, caixa 11, ano 1920.

²¹³ CHARTIER, Roger. *Escribir las prácticas. Foucault, de Certeau, Marin*. Argentina: Editorial Manantial. 2001. p.45.

sujeitos sociais que retiravam dele seu sustento, e os discursos moralizantes e de controle, não foram capazes de efetivar essa aspiração.

Um *Chateau* em Nazaré e as “Rameiras Despudoradas”

Um rebuliço tomou conta dos vizinhos da residência situada à Avenida Nazaré nº 281, quando na tarde de 05 de maio de 1944, foram surpreendidos pela presença da polícia. Paulo Maranhão Filho, paraense, solteiro, 43 anos, era o motivo da surpresa dos observadores, preso em flagrante delito acusado de lenocínio por manter casa ou local onde habitualmente concorriam pessoas do mesmo ou de sexos diferentes para encontros libidinosos. Rapidamente os jornalistas foram avisados e estamparam suas manchetes em tom de utilidade pública, naquele “*chateau*” as “rameiras despudoradas da mais baixa escória” exerciam o comércio sexual. Para a polícia o médico denunciado por manter a “casa de prostituição” era um devasso, pois recebia ali todos os dias várias prostitutas, o que acarretava um desconforto às famílias próximas²¹⁴.

A prisão do médico ocorreu em meio a uma operação policial, em flagrante foram presos Maranhão, a meretriz Maria da Conceição e o electricista Pedro Gonçalves, que permaneceram detidos durante 48 horas. O delegado responsável pelo caso, João José Neto, confeccionou um imenso arquivo com várias testemunhas, fotos e recortes de jornais. Atitude que nos faz questionar o porquê foi destinada tamanha relevância ao caso e por qual motivo a narrativa foi espetaculosa, pautada sempre pelo lema “um escândalo à sociedade paraense”?

O nome do acusado expunha além de seu comportamento também a sua origem familiar. Era filho de Paulo Maranhão, o Professor Primário, Diretor de Ensino no Pará e fundador proprietário e diretor dos jornais *Folha do Norte*²¹⁵ e *Folha Vespertina*, político que atravessou décadas contestando os governos de Augusto Montenegro²¹⁶ (1901-1909) e Magalhães Barata²¹⁷ na década de 1940.

²¹⁴ Processo- crime: Lenocínio, Casa de Prostituição, 6ª Vara Penal, ano 1944.

²¹⁵ Para conhecer mais sobre os jornais *A Província do Pará* e *Folha do Norte* ver: FERNANDES, Phillippe Sendas de Paula. Comunicação & História: a imprensa de Belém no alvorecer do século XX. Trabalho apresentado no GT História da Mídia Impressa, no *VIII Encontro Nacional de História da Mídia*, realizado em Guarapuava (PR), entre os dias 28 e 30 de abril de 2011. Imprensa e Política na Belém do início do século XIX. Trabalho apresentado ao Intercom Júnior de Jornalismo, do *IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte*, realizado de 27 a 29 de maio de 2010. Disponível em . Acesso em 21 mar 2012.

²¹⁶ Foi um político e advogado brasileiro. Governador do Pará, de 01 de fevereiro de 1901 a 01 de fevereiro de 1909. Para saber mais consultar: MATTOSO, Ernesto. *O Dr. Augusto Montenegro : sua vida e seu governo*. Paris: T.Dussieux. 1907.

²¹⁷ Magalhães Barata foi governador do Pará por três vezes, duas das quais como interventor (1930-1935 e 1943-1945) e uma como candidato eleito (1956-1959), entrando assim para a história como o maior líder político do estado do Pará. Sobre a atuação política de Magalhães Barata, conferir: FONTES, Edilza Joana Oliveira. Cultura e política dos anos trinta no Brasil e as memórias do interventor do Pará, Magalhães Barata (1930 – 1935). *Revista Estudos Políticos*. Rio de Janeiro, nº 7, pp. 131 – 151, dezembro de 2013. ROCQUE, Carlos. *Magalhães Barata: o homem, a lenda, o político*. Belém: SECULT, 1999. Sobre a disputa política nos jornais paraenses ver:

As notícias são vistas como narrativas ou histórias marcadas pela cultura da sociedade em que estão inseridas, sendo necessário mobilizar um saber de narração e dominar um inventário de discurso, a mídia torna os acontecimentos significativos a partir de uma identificação e contextualização social e cultural²¹⁸. Por isso, ratificamos a importância de conhecer a situação política envolvida nas denúncias e no discurso sensacionalista das manchetes sobre o caso do “*chateau*” de Nazaré.

Em 1943 quando Magalhães Barata²¹⁹ retornou ao poder como interventor mandou prender Paulo Maranhão e nomeou um interventor para a *Folha do Norte*, mas, Getúlio Vargas ordenou a restituição do jornal ao redator que continuou a sofrer perseguições²²⁰. Maranhão era revisor de provas desde a fundação do jornal e o dirigiu de 1917 a 1966, quando faleceu, aos 94 anos. Considerado a voz e a alma da *Folha do Norte*, conhecido pelos textos críticos e profundos, enfrentou disputas políticas nas quais sofreu agressões verbais e físicas, chegando a morar sitiado com a família (mulher e filhos) por vários anos nos altos do prédio do jornal, para evitar sofrer atentados²²¹. Motivos que evidenciam os aspectos de embate e revanche política no processo de lenocínio aberto contra o seu filho em 1944.

A leitura do litígio e sua análise devem ser feitas a partir da percepção da legislação vigente (Código Penal de 1940²²²) bem como das mudanças ocorridas na sociedade brasileira, das atribuições dos sujeitos sociais, do papel da mulher na sociedade, e do modo como a

²¹⁸ AMARAL, Márcia Franz. Sensacionalismo: inoperância explicativa. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 133-146, jan./jun. 2003. p. 143.

²¹⁹ O Pará viveu na década de 1930 uma guerra política cheia de eventos marcantes e encabeçada por figuras políticas importantes em sua história como Magalhães Barata, Paulo Maranhão, Lindolfo Mesquita, Abel Chermont, entre outros. No poder após a Revolução de 1930, Magalhães Barata perseguiu a oposição durante anos, buscando oprimir seus adversários e resultando em conflitos que levaram até à própria violência física em diversos momentos. Já no contexto pós Estado Novo, porém, foi preciso construir novas articulações políticas e até novas formas de se fazer política mais condizentes com a democracia que estava se erguendo. Nesse contexto, o Partido Social Democrático (PSD), que tinha como um de seus principais líderes o próprio Barata, foi o grande vitorioso no estado do Pará em 1945, preenchendo os 2 cargos de senadores e 6 dos 9 deputados federais. Na tentativa de aumentar ainda mais sua influência política, decidiram criar um jornal impresso, enquanto a oposição já possuía seu veículo de informação, a *Folha do Norte*, maior jornal em circulação no estado à época, o qual tinha como dono Paulo Maranhão, seu grande opositor. Barata e seus aliados decidem fundar o jornal *O Liberal* no dia 15 de novembro de 1946. SANTIAGO, Paulo Rodrigo Magalhães. Uma Análise das Estratégias Políticas e Discursivas de dois Jornais na Eleição Paraense de 1947. *ANPUH- Brasil- 31ª Simpósio Nacional de História*. Rio de Janeiro/2021.

²²⁰ Disponível: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MARANH%C3%83O,%20Paulo.pdf>. Acesso em: 09 de Janeiro de 2021.

²²¹ ROCQUE, Carlos. *Grande Enciclopédia da Amazônia*. v. 4, Letras J-N. Belém: Amazônia Editora Ltda, 1968.p. 1071.

²²² Estabelecido o Estado Novo, novo regime político brasileiro, o então Ministro Francisco Campos encarregou o professor paulista Alcântara Machado de elaborar um novo projeto de Código Criminal Brasileiro. Desta forma, após a revisão do projeto e a realização de modificações viscerais pela comissão, foi apresentado o projeto definitivo ao governo, sendo sancionado em 07 de dezembro de 1940 e entrando em vigor o Código Penal Brasileiro em 01 de janeiro de 1942. ZAFARONI, Eugenio Raúl; PIERANGELI, José Henrique. *Manual de Direito Penal Brasileiro: parte geral*. 11. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2015.

sexualidade, a moralidade e os bons costumes foram pensados pelos juristas do Brasil governado por Getúlio Vargas em plena Segunda Guerra Mundial.

Em sua defesa, Maranhão alegou conhecer algumas das meretrizes do atendimento de consultas ginecológicas que ele realizava no Serviço Sanitário Estadual, e que em certas ocasiões permitiu as pacientes irem a sua residência para buscarem os remédios receitados. Há anos, realmente, teve encontros com prostitutas em sua casa, mas chamado atenção pelo pai, “obedeceu e não continuou a fazer tal coisa”. Além disso, era solteiro, não via “qualquer problema em ter uma amiguinha que, às vezes, em horas mortas, lhe visitava”. Em seus argumentos, Maranhão foi enfático em apontar sua inocência, não mantinha uma casa de prostituição, recebia mulheres, mas eram desonradas e estavam ali por livre e espontânea vontade. O médico inocentava-se de qualquer dano causado à sociedade e/ou às mulheres, amparado na expressão “mulher honesta” categoria na qual as prostitutas não estavam inseridas²²³.

O Código Penal de 1830 já trazia a denominação de “mulher honesta” que só podia ser vítima de certos crimes se fosse “considerada virgem, honesta ou reputada como tal”. E o Código Penal de 1940 continuou a empregar essa expressão. Nessa lógica, o termo mulher “honesto” constava em dispositivos legais, deixando claro que apenas mulheres reputadas poderiam ser tomadas como vítimas e/ou sujeito passivo de um determinado delito. Por conseguinte, qualquer mulher que não se enquadrasse no ideal da mulher “honesto”, tida como do lar, obediente e fiel ao marido, estava excluída da proteção jurisdicional²²⁴. Sueann Caulfield, esclarece que a partir de 1937, com Getúlio Vargas no poder, a relação entre honra sexual e intervenção do Estado em prol da manutenção de uma ordem social baseada nas diferenças se torna cada vez mais importante. Insiste-se em uma ideia de honra nacional, enraizada na moral pública e na família, que conformaria justamente o tecido social capaz de dar sustentação a um Estado que pressupunha uma homogeneidade a todo custo²²⁵.

A maioria dos juristas que propuseram o Código de 1940 definia a mulher honesta como aquela cuja conduta moral e sexual fosse impecável, sem falhas, com atitudes condizentes aos bons costumes. Um deles, Magalhães Noronha, concebia a mulher honesta como aquela que sem pretender traçar uma conduta ascética, conservava no contato diário com seus semelhantes e na vida social, a dignidade e o nome. Tornando-se merecedora do

²²³ Processo-crime: Lenocínio, Casa de Prostituição, 6ª Vara Penal, ano 1944.

²²⁴ PUGA, Vera Lúcia; BORGES, Michelle Silva. Violência de gênero, justiça criminal e ressignificações feministas. *Revista Territórios & Fronteiras*. Cuiaba, v. 10, n. 2, ago.-dez., 2017.

²²⁵ CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas, Editora da Unicamp/Centro de Pesquisa em História Social da Cultura 2000.

respeito dos que a cercam. Não vivendo no claustro nem no bordel, justamente é ela quem pode ser vítima da fraude²²⁶. Ele também opinava sobre a exclusão da prostituta da proteção jurídica, assim como das aventureiras ou daquelas que se eximiam de seus deveres conjugais.

Cristina Rauter esclarece que a partir do Código Penal de 1940 cresceu a importância dos procedimentos destinados a diagnosticar, analisar e estudar a personalidade das pessoas envolvidas em situações de litigiosidade. Além disso, a criminologia produziu uma concepção de crime como se fosse produto de uma anormalidade social ou individual²²⁷. A concepção de crime não ficou restrita apenas à infração da lei, dava-se muita importância ao comportamento daquele que cometeu o ilícito, sua postura, seus hábitos e seus vícios, tudo iria contribuir para o processo criminal. Nesse contexto, as mulheres foram alvos de grandes inquietações por parte dos operadores jurídicos, pois, muitos de seus comportamentos e atitudes foram regulados na nova ordem jurídico-penal.

No processo de Maranhão, apesar da acusação recair sobre um homem pelo crime de lenocínio, e sua masculinidade e postura terem recebido muitas críticas por contribuírem para afrontar à honra das família ao “transformar sua residência em um verdadeiro prostíbulo”²²⁸, somente as prostitutas foram incriminadas e tiveram seus depoimentos “recebidos com reservas necessárias”²²⁹. Expostas e definidas como criminosas pela sociedade.

Nessa perspectiva, o Sistema de Justiça Criminal as examinou pela “hermenêutica da suspeita”, definida por Vera Regina Pereira de Andrade como a criminalização indireta daquelas condutas que não atendem aos critérios estabelecidos pelo Direito, que aqui exerce sua função de controle e normalização social²³⁰. Por consequência, as mulheres que constaram no processo junto ao médico foram criminalizadas, uma vez que, seus comportamentos não se enquadraram à moral sexual vigente. Ocorreu uma seletividade na caracterização das prostitutas, como não eram “mulheres honestas” foram indiciadas como transgressoras da lei, e o processo do médico teve como objetivo consolidar as normas dominantes. As mulheres, por sua vez, foram presas e julgadas não pelos crimes, mas porque estavam fora do padrão social, seus procedimentos e atitudes fugiam às regras de conduta moral reconhecidas como legítimas.

²²⁶ NORONHA, E. Magalhães. *Código Penal Brasileiro Comentado*. São Paulo: Saraiva, 1954. v. 7, p. 178.

²²⁷ RAUTER, Cristina. *Criminologia e subjetividade no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 2003. p. 69.

²²⁸ Processo- crime: Lenocínio, Casa de Prostituição, 6ª Vara Penal, ano 1944.

²²⁹ Processo- crime: Lenocínio, Casa de Prostituição, 6ª Vara Penal, ano 1944.

²³⁰ ANDRADE, Vera Regina Pereira de. *Violência sexual e sistema penal: proteção ou duplicação da vitimação feminina?*. *Sequência: Estudos Jurídicos e Políticos*, Florianópolis, jan. 1996. p. 104.

A utilização da expressão “mulher honesta” denota uma identidade patriarcal e machista existente na legislação brasileira²³¹, pois como explicou Alice Krieg-Planque o caráter cristalizado de uma expressão é uma forma significativa relativamente estável, podendo se apresentar como uma unidade lexical simples ou complexa (uma sequência ou uma frase), tendendo à cristalização, explicando-se a cristalização como propriedade fundamental de uma fórmula, que a condiciona como um referente social, devendo-se levar em conta, também, seu aspecto polêmico. Assim, afirmar que a fórmula possui um caráter cristalizado significa dizer que ela circula sob a forma de um significante relativamente estável. E essa noção de fórmula não é puramente linguística, pois não é a mera aparição de uma determinada sequência ou a ocorrência neológica de um termo que garante a ele tal estatuto. Desse modo, uma fórmula se estabelece devido ao contexto social, que reflete na identidade cultural de uma sociedade e, conseqüentemente, de seus indivíduos²³². Definir as mulheres que estavam com o médico como criminosas e excluí-las do rol das “mulheres honestas” foi um processo no qual a prostituição orientou uma hierarquização moral e social na formação do masculino e do feminino, o processo reflete uma identidade cultural pautada na ideia de que só mereciam proteção as mulheres de comportamento honrado e com uma sexualidade “normal”. Ser um homem denominado de devasso ou não honrado, não tinha a mesma carga simbólica do que ser uma mulher desonesta. Nesse sentido, é importante a colocação de Joan Scott ao afirmar que as hierarquias de gênero são construídas, legitimadas, enfatizando os processos pelos quais se deram as diferenciações dos comportamentos masculinos e femininos²³³.

²³¹ Todos os Códigos Penais brasileiros, até o ano de 2009, traziam a expressão “mulher honesta” em seus textos, o que evidencia uma ideologia estatal de repressão da sexualidade e não de proteção. Mesmo com a alteração legal, com a retirada do Código Penal da expressão “mulher honesta”, a questão sexual feminina ainda é objeto do julgamento social, vez que se trata de uma ideologia que se reflete, ainda, na identidade cultural masculina, que, de resto, compõe os quadros das estruturas de poder no Brasil, já que tanto o Congresso Nacional quanto o Judiciário são compostos, na maioria, por homens. SILVA, Izabel Cristina da. A Expressão “mulher honesta” e a Identidade Cultural masculina: uma reflexão. *Caletrosópio*; Volume 7 / N. Especial 1, Linguística Aplicada, 2019.

²³² A noção de fórmula para autora deve ter um caráter cristalizado, inscrever-se numa dimensão discursiva, funcionar como um referente social e comportar um aspecto polêmico. Sobre essas propriedades, a autora destaca que a noção de fórmula não é aproximativa, mas precisa e, no entanto, pode ser pensada como uma categoria fluida, na medida em que para ser considerada uma fórmula é preciso que uma palavra ou expressão atenda a todas as propriedades, mesmo que estas estejam presentes de modo desigual, isto é, em maior ou menor grau. KRIEG-PLANQUE, Alice. *A noção de fórmula em análise do discurso: quadro teórico e metodológico*. Trad. Luciana Salazar Salgado e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

²³³ SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre: v.2 n.20, p.71-99, Jul/Dez, 1995. p.16.

Outro detalhe que chama atenção e reforça nossa reflexão a respeito da criminalização das mulheres em questão é uma fotografia montada e registrada pela polícia, na qual a meretriz Maria da Conceição estava à porta da residência de Maranhão, um esforço de demonstrar o exercício do comércio sexual no lugar e de como esses atos eram danosos à moral e às famílias que residiam próximo. A imagem da prostituta significava também a desordem urbana, pois no “*chateau*”, localizado em perímetro nobre da cidade, entravam e saiam a todo momento mulheres denominadas de “despudoradas”. A mulher era pobre e retirava seu sustento do meretrício, utilizava seu corpo e sua sexualidade para sobreviver, dessa maneira, tentava-se regular e normatizar a vida de prostitutas, principalmente as do baixo meretrício. Entendemos que a fotografia da meretriz é um produto cultural, tinha uma função no processo, pois, como foi sugerido por Ana Maria Mauad, toda a produção da mensagem fotográfica está associada aos meios técnicos de produção cultural. Portanto, a fotografia pode contribuir para a veiculação de novos comportamentos e representações da classe que possui o controle desses meios, mas também como eficiente meio de controle social, através da educação do olhar²³⁴.



Figura 6 - Imagem feita pela polícia para demonstrar a entrada e saída de meretrizes da residência de Paulo Maranhão Filho. Processo- crime: Lenocínio, Casa de Prostituição, 6ª Vara Penal, ano 1944.

²³⁴ MAUAD, Ana Maria. Através da Imagem : Fotografia e História Interfaces. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, nº2, 1996, p. 73-98. p.

Somente as meretrizes foram fotografadas para fins de identificação criminal²³⁵, retratadas como infratoras que vendiam seus corpos em um espaço nobre da cidade, suas imagens foram elementos importantíssimos no sistema de reconhecimento de quem seriam essas mulheres, faces e corpos revelados, na tentativa de controle da prostituição em Belém. A historiadora Annateresa Fabris explica que paralela à definição de corpo burguês, do corpo que respeitava a lei, está a definição do corpo criminoso, do corpo que colocava em risco a sociedade. Reduzido a um biotipo esse corpo será passível de arquivamento e classificação, propiciando uma identificação alicerçada nos desvios da média²³⁶. Ou seja, as imagens das mulheres pobres frequentadoras da casa do médico Paulo Maranhão significaram o atestado de uma existência, na qual o retrato foi um instrumento do recenseamento generalizado, que tanto podia exaltar os feitos dos indivíduos, quanto apontar à atenção pública aqueles que apresentavam desvios patológicos²³⁷.

²³⁵ Durante a segunda metade do século 19, vários países sul-americanos empreenderam reformas em suas forças policiais em consonância com o processo de construção de Estados-nação. Esses efetivos artefatos culturais que foram os "modelos de polícia", difundidos na Europa ao mesmo tempo, serviram muitas vezes como instrumento de legitimação de projetos locais de modernização institucional. Paris e o "modelo francês" foram pontos focais privilegiados dos reformistas sul-americanos, que fizeram inúmeras visitas de estudo, participaram de conferências internacionais e escreveram livros de viagens trazendo novidades para seus países. Junto com o fluxo de modelos e tecnologias policiais, um intenso movimento transoceânico de pessoas modificou rapidamente a composição e as formas de sociabilidade das principais cidades sul-americanas. No século 19 e nos primeiros anos do século 20, Argentina, Brasil e Uruguai foram os destinatários de aproximadamente 90% da imigração europeia para a América Latina. O crescimento populacional, a urbanização acelerada, a mobilidade social, ocupacional e espacial fluida dentro das fronteiras nacionais e através das fronteiras internacionais porosas trouxeram à tona uma agenda de preocupações girando em torno do crime, simulação e anonimato. GALEANO, Diego; FERRARI, Mercedes García. *O bertillonage no espaço atlântico sul-americano. Criminocorpus* [Online], Identificação, controle e vigilância des personnes, Artigos, publicado em 19 de maio de 2011, acessado em 25 de abril de 2020. URL: <http://journals.openedition.org/criminocorpus/387>. Sobre o processo de identificação no Brasil e o método Bertillon ver: SCORSATO, Helen. O uso da fotografia em processos de identificação e o método Bertillon – século XIX. *Estudos Históricos- CDHRPyB- Año IV - N° 9*, Uruguay, Diciembre 2012. SOUZA, Jamyle Noilthalene Sadoski. *Identificação Criminal : reflexões críticas sobre o poder punitivo*. Monografia, Direito. Curitiba, 82p. 2014.

²³⁶ FABRIS, Annateresa. Atestados de presença: a fotografia como instrumento científico. *Locus: Revista de História*. Juiz de Fora, v. 8 n°. 1 jan. - julh. 2002. p. 33.

²³⁷ Id. *Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico*. Belo Horizonte: UFMG, 2004. p. 40



Figura 7 - Mulheres arroladas no processo do médico Paulo Maranhão Filho. Processo-crime: Lenocínio, Casa de Prostituição, 6ª Vara Penal, ano 1944.

A polícia ao utilizar as fotografias das mulheres evidenciou mais um método de controle da prostituição, pois esse processo é da década de 1940, agora as meretrizes não tinham apenas seus nomes e dados fichados, seus rostos foram transformados em vestígios de medidas destinadas a criminalizá-las. Um detalhe chama atenção, as fotografias são de mulheres comuns, humildes, o que fica evidente é a dificuldade econômica e uma vida difícil. Normelia, Isaura, Zeneide, Tercilia e Maria da Conceição retratadas nas fotografias acima e anexas ao processo estampam rostos marcados pelo esforço da subsistência, mas testemunham, também a estigmatização do sistema judicial, a junção do físico e do moral das prostitutas carecia de exposição.

Temos não somente a imagem de supostas delinquentes, mas de um produto resultante de um método disciplinador, o retrato judicial é para Jonn Tang, o corpo feito objeto; dividido e estudado; trancado em uma estrutura celular do espaço cuja arquitetura é o índice do arquivo; domesticado e forçado a desistir de sua verdade; separado e individualizado; subjogado e convertido no assunto. Quando se acumulam, essas imagens passam a ser uma nova representação da sociedade²³⁸. Dava-se face às denominadas mulheres desonestas e perigosas, criminalizar não bastava, imperioso era expô-las, sendo a polícia o instrumento dessa apartação social. As fotografias representavam a relação de força existente entre o

²³⁸ TAGG, John. *El peso de la representación: ensayos sobre fotografías e historias*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2005. p. 101.

judiciário e as meretrizes, como bem explicitou Marilena Chauí ao debater prostituição e polícia:

a sociedade elabora procedimentos de segregação visível e de integração invisível, fazendo da prostituição peça fundamental da lógica social. Ela é um caso de polícia do ponto de vista da segregação tanto quanto do ponto de vista da integração, desde que nos lembremos que a palavra polícia não significa apenas a vigilância e a força da ordem, mas também (vinda da palavra grega, pólis, a cidade legislada) significa civilização (se a palavra de referência for latina, isto é, *civitas*, a cidade legislada)²³⁹.

Foram acrescentadas aos anexos as imagens da fachada, do interior da casa e do cômodo utilizado para as "cópulas". A habitação foi descrita em ruínas e insalubre, já tendo sido interditada pela Saúde Pública. Mais um vez as exposições e as práticas sobre a prostituição utilizavam a moralidade e o higienismo como elementos normativos de controle social e da sexualidade dos envolvidos. A casa do médico foi definida como espaço sujo, no qual circulavam pessoas libertinas e destruidoras da virtude e dos bons costumes da sociedade paraense, as descrições do lugar criaram um cenário horroroso frequentado por degenerados. Há uma sistemática preocupação em expor os envolvidos como transgressores da ordem vigente, percebemos claramente que o processo de Maranhão se pautou em criar um "escândalo" na sociedade paraense, evidenciando o lugar como um instrumento para reforçar a ideia de devassidão e imoralidade dos envolvidos. Dessa maneira, as autoridades policiais tentaram representar o espaço utilizado pelo médico e pelas meretrizes como uma grande cloaca, a casa estava em lugar nobre, mas não condizia com a modernidade e os valores morais, pois lá, na visão deles, podia se encontrar o submundo da sexualidade, o lado periférico, o feio, a pobreza, a devassidão, a bestilidade, etc.. imagens abominadas e que não deveriam ser expostas, espaço e indivíduos que personificavam o descrédito moral e social.

²³⁹ CHAUI, Marilena. *Repressão Sexual: Essa Nossa (Des)Conhecida*. São Paulo, Brasiliense, 1984, p. 80.



Figura 8 - Imagem feita pela polícia da residência de Paulo Paulo Maranhão Filho “transformada num acinte à sociedade local, no mais popular *chateau* da cidade”. Processo- crime: Lenocínio, Casa de Prostituição, 6ª Vara Penal, ano 1944.



Figura 9 - Imagem feita pela polícia do quarto da residência de Paulo Paulo Maranhão Filho onde acontecia a “cópula carnal”. Processo- crime: Lenocínio, Casa de Prostituição, 6ª Vara Penal, ano 1944.

No processo movido pela justiça contra Maranhão constam os depoimentos de seis mulheres, observar tabela.

Nome	Idade	Naturalidade	Depoimento
Maria da Conceição	21	Paraense	Meretriz presa juntamente com o médico. Cozinheira do Hospital Marítimo residia na casa da amante do médico Daria Moreira. Nesse dia da prisão, Daria a enviou para buscar quantia em dinheiro na casa de Maranhão, chegando lá o médico a convidou a ter com ele cópula carnal, não se efetivou porque a polícia chegou na hora.
Esmerinda Silva	24	Paraense	Doméstica, conhecia o médico há cinco anos, e mantinha relações com ele na casa situada à Av. Nazaré n.281. Quando encontrou um “homem que melhor futuro lhe oferecia, o deixou”. Mas em abril do mesmo ano, voltou a ter relações com Maranhão porque necessitava de dinheiro, recebeu o pagamento de 11 cruzeiros.
Daria Moreira	18	Paraense	Afirmou ter vivido maritalmente com o médico durante um ano, até o ano de 1943. Mas teve relações sexuais com ele mesmo após a separação. Era amiga de Maria da Conceição, rompendo a amizade após saber que ela também mantinha cópula com o médico. Acrescentou que o Maranhão tinha por hábito ficar sempre nu e certa vez, “lhe propôs a ter atos contrários à natureza”.
Angelica Sousa	20	Acreana	Doméstica, nunca teve relações com o médico, que apenas uma vez foi a sua casa onde “coçou-lhe os pés” recebendo 3 cruzeiros por isso. Foi advertida pelo seu amásio de não frequentar tal residência, pois todos sabiam que lá era um <i>chateau</i> destinado a encontros sexuais. Conhecia Daria Moreira.
Normélia Costa	29	Paraense	Lavadeira de profissão, também exercia o meretrício. Conheceu o médico quando estava em tratamento de um cancro, adquirido na prostituição. Da amizade “nasceu certa intimidade” e a partir disso teve encontros na casa dele. Encontrava-se grávida, mas o filho não era do médico.

Tercília Melo	36	Cearense	Conhecia o médico quando trabalhava como doméstica na casa de Isaura Maranhão. Frequentou com assiduidade o <i>chateau</i> do médico, as cópulas eram sempre entre as 14 e 16 horas e recebia de 20 a 30 cruzeiros de pagamento. Conhece a meretriz Isaura Santos vulgo “Maria Fumaça”, muito conhecida na zona do meretrício e também frequentadora da casa do médico.
---------------	----	----------	---

Quadro 3 – Processo de Lenocínio - Paulo Maranhão. Produção da autora a partir da leitura do Processo.

A análise dos depoimentos nos possibilita perceber algumas características comuns entre eles. A questão econômica surge novamente como grande propulsor para essas mulheres adentrarem no mundo prostibular. Algumas possuíam outros ofícios, mas com poucos recursos, oportunidades limitadas e dificuldades diárias recorreriam à prostituição como forma de complementar a renda. Atentamos também para o fato da maioria se conhecer, havia uma rede colaborativa entre as mulheres e o médico nas rotinas que se cruzavam, fossem porque algumas faziam tratamento para doenças venéreas com ele ou pelas relações de amizade e /ou conflito entre elas. Pela baixa condição social, unidas ou não, compartilhavam o exercício da atividade sexual para compensações materiais e pecuniárias. A partir dos depoimentos das mulheres que frequentavam o “*chateau*” do médico, insisto na tese de seus protagonismos, estavam à margem da sociedade, ao estabelecer vivências em discordância aos códigos de condutas e de controle, ao venderem sexo como forma de ganho material, elas se destacaram e ressignificaram suas vidas além dos olhos vigilantes.

O sistema judicial buscou caracterizar essas mulheres como diferentes, possuíam traços distintos do restante da população feminina, exclusão pautada em argumentos morais. Deborah Daich e Mariana Sirimarco em estudo sobre prostituição na Argentina explicam que lá a polícia também agiu com o mesmo objetivo, pois

Um poder policial que não estava necessariamente preocupado com o controle do crime, (recordará que a prostituição era, de facto, uma actividade legalizada), mas de uma um espaço ainda mais extenso e instável: a defesa da moralidade pública. E é isso desde de suas origens, o poder policial teve contornos moralizantes: o controle do "Boas maneiras" e disciplina de comportamento e caráter. As técnicas policiais são antigas, no início do século 20 elas se enraizaram fortemente com higienismo e ordem conservadora, tornando possível uma compreensão crescente do poder policial como fiador da respeitabilidade burguesa²⁴⁰.

²⁴⁰ DAICH, Deborah; SIRIMARCO, Mariana. Policía Y Prostitución una Relación Pornográfica (El controle de la Prostitución en Argentina 1875-1936). *jurid. Manizales* (Colombia), 9(1): 80 - 100, janeiro-junio 2012. p. 83.

O processo deu muita ênfase às práticas sexuais, possibilitando intensos julgamentos morais dos envolvidos. Constan de forma esmiuçada a descrição dos desejos e atos, algumas vezes, as cópulas aconteciam em três: o médico e mais duas mulheres, ele “gostava de olhá-las nuas na prática conhecida como sabão”²⁴¹. A exposição minuciosa dos atos sexuais foi utilizada para reforçar uma sexualidade anormal, moralmente inferior e bestial. Paulo Maranhão e as mulheres foram enquadrados no “dispositivo de sexualidade” definido por Michel Foucault como práticas discursivas e não discursivas, saberes e poderes que visam normatizar, controlar e estabelecer “verdades” a respeito do corpo e seus prazeres. O dispositivo é “um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência”. Ou seja, em determinado momento histórico, a partir de contextos específicos, surgem discursos e práticas que visam responder às demandas sociais, políticas ou morais²⁴². Discursos pautados no temor moral, no qual a prostituição era elemento dessa hipotética imoralidade, como sustentou Jeffrey Weeks os pânico morais cristalizam medos e ansiedades muito difundidos, e muitas vezes lidam com eles não pela procura das reais causas dos problemas e as condições que eles demonstram mas deslocando-os como “Demônios do Povo” em um certo grupo social identificado (comumente chamado de “imoral” ou “degenerado”). A sexualidade tem tido uma centralidade particular em tais pânico, e os “desviantes” sexuais têm sido bodes expiatórios onipresentes.²⁴³

²⁴¹ Processo-crime: Lenocínio, Casa de Prostituição, 6ª Vara Penal, ano 1944.

²⁴² FOUCAULT, Michel, *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1996, p. 244.

²⁴³ WEEKS, Jeffrey. *Sex, Politics and Society: The regulation of sexuality since 1800*. 1981, p. 14.

Nesse sentido, a sexualidade²⁴⁴ das mulheres que frequentavam a residência do médico foi considerada imoral, não podemos afirmar que elas eram lésbicas²⁴⁵ ou faziam apenas para satisfazer o médico, no entanto, o estigma associado à prostituição estava baseado na norma que definia os contatos sexuais para procriação e de preferência no matrimônio. As mulheres do *chateau* de Nazaré foram vistas como ameaça a instituição familiar, e sua desqualificação foi ratificada pelas noções acerca de sua sexualidade, pois durante muito tempo a homossexualidade foi entendida como patológica e vício associado à prostituição:

Para os médicos franceses, por exemplo, a maior parte das prostitutas eram lésbicas; adquiria-se o vício nos bordéis, pela comida abundante, pela ociosidade forçada, pelas conversas lascivas; ou ainda nas prisões, onde eram seduzidas pelas mais velhas que ‘tinham horror a homens’. A proximidade destas ‘decaídas’, irmanadas no vício, confidentes, também era propícia à eclosão de paixões; um vício a mais em meio ao mar de lama moral da prostituição. Sem esquecer, ao que diziam, do ódio ao cafetão que as explorava, ao homem em geral, unindo por séculos as mulheres. Muitas viviam juntas nos bordéis, as chamadas *gougnotes*, as irmãzinhas. Nos dias de saída, habitualmente reservados às pensionistas, os casais de mulheres fechavam-se num quarto com licores e guloseimas²⁴⁶.

²⁴⁴ Para Weeks, a sexualidade é uma construção social, uma invenção histórica, a qual, naturalmente, tem base nas possibilidades do corpo: o sentido e o peso que lhe atribuem são, entretanto, modelagens em situações sociais concretas. As definições, convenções, crenças, identidades e comportamentos sexuais não são o resultado de uma simples evolução, de um “instinto”, como se tivessem sido causados por algum fenômeno natural: eles têm sido modelados no interior das relações definidas de poder, indicando quando, com quem e porque se deve praticar o sexo. Os significados atribuídos à sexualidade e ao corpo são socialmente organizados, sendo sustentado por uma variedade de linguagens que buscam dizer o quê o sexo é, o quê ele deve ser e o que pode ser. Os discursos sobre a sexualidade, produzido inicialmente pela Igreja, e depois incorporados com outras roupagens pela Ciência, foram mecanismos de poder reguladores da sexualidade, que definiram também as funções da sexualidade feminina e masculina. WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In LOURO, Guacira Lopes (org). *O corpo educado – pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. Edições Graal, 2001 (9a. Edição). pp. 40-45.

²⁴⁵ Para referir-se às relações/práticas homoeróticas entre mulheres, a palavra lésbica foi registrada na literatura francesa pela primeira vez em 1842, enquanto “lesbianismo data de 1870” (Lardinois, 1995, p. 27), e têm inspiração na famosa poetisa grega da Antiguidade, Safo (625? – 580? a. C), da ilha de Lesbos, situada no Mediterrâneo, no litoral da atual Turquia. Dessa forma, não se pode dizer de lesbianismo em um momento anterior ao século XIX ou de lesbianidade antes de fins do século XX, mas de outras formas que os discursos as fizeram existir. TOLEDO, Livia Gonsalves Toledo; TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. Apontamentos sobre a construção sócio-histórica de estigmas e estereótipos em relação ao homoerotismo entre mulheres. *Revista de Psicologia da UNESP* 10(1), 2011. p. 41. No Brasil, ao menos desde 1894, o criminalista Viveiros de Castro introduziu o termo lésbia como sinônimo de ‘invertida sexual’, passando a partir daí a ter tal significado, embora restrito, sobretudo às pessoas mais eruditas. MOTT, Luiz. *O lesbianismo no Brasil*. Porto Alegre: Mercado aberto, 1987. p.11.

²⁴⁶ TORRÃO FILHO, Amílcar. *Tribades galantes, fanchonos militantes: homossexuais que fizeram história*. São Paulo: Summus, 2000. p.167.

Podemos chegar a algumas hipóteses a partir da leitura do processo e das notícias publicadas nos jornais sobre a acusação do médico Paulo Maranhão Filho ter “casa de prostituição”. A acusação não foi por ele obter lucro a partir do meretrício, a denúncia teve uma questão de moralidade, já que a residência do médico estava localizada em área nobre da cidade, por isso, para a polícia as famílias da elite paraense se sentiam ofendidas com a entrada frequente de meretrizes. Urbanisticamente, a prostituição em Belém limitava-se a determinados locais específicos, embora a maior parte da população conhecesse sua localização, os lugares de venda de sexo deveriam parecer casas respeitáveis, jamais terem um sinal externo identificando a sua atividade, camuflados na urbe. A prostituta devia parecer uma mulher decente e respeitável, não chamar atenção e sua circulação restrita. Mas, na prática, as meretrizes transitavam habitualmente nas ruas, avenidas, casas de jogos, restaurantes, cafés e teatros da cidade e, na busca por clientes, rompiam as fronteiras urbanas definidas a elas. Normelia, Isaura, Zeneide, Tercilia e Maria da Conceição cotidianamente adentravam no *chateau* do médico recebendo um olhar incomodado da vizinhança. As vidas do médico e das mulheres foram expostas de forma intensa e julgadas a partir do olhar de pudor e moral. Por receber meretrizes em sua casa, o médico era conhecido no Ver-o-Peso como “estômago de urubu” e “bucheiro de marca maior”²⁴⁷, recebendo galhofas pejorativas por sua atitude. Somente as meretrizes tiveram suas fotos anexadas ao processo, o médico foi apenas fichado, mas sua imagem foi preservada. Para o poder judiciário as maiores criminosas eram as mulheres frequentadoras do *chateau*, denominadas de “rameiras despudoradas” e não respeitadoras das regras sociais impostas a elas.

A ação contra o médico Paulo Maranhão Filho foi arquivada, a vida dos envolvidos aparentemente seguiu seu ritmo normal. Todavia, essa e as outras leituras dos processos de lenocínio aplicados sobre os indivíduos em Belém entre anos de 1900 a 1945, demonstraram uma preocupação de setores sociais elitistas com o crescimento da prostituição e com o controle da moralidade pública. Caracterizado como nebuloso e perigoso, o universo prostibular precisava ser decifrado, exposto e contido. Acreditava-se que somente com muito esforço a presença indecorosa das prostitutas nos espaços públicos deixaria de ser um ultraje aos bons costumes e aos valores familiares, era necessário construir barreiras para confina-las em lugares mais adequados. Depreciação e marginalização foram atitudes da sociedade paraense em relação às mulheres com um ofício relacionado à sexualidade, atitude corroborada e reforçada pelo sistema judicial.

²⁴⁷ Processo- crime: Lenocínio, Casa de Prostituição, 6ª Vara Penal, ano 1944.

Concordamos com a colocação de Michel Foucault quanto ao “dispositivo de sexualidade” existente nas sociedades, mas também referendamos nossa tese, ao percebermos as mulheres do *chateau* de Nazaré e de outras zonas do meretrício paraense como ativas e atuantes ao circularem e buscarem ganhos em um dos bairros mais nobres de Belém, seus dias marcados pela pobreza e exclusão social não as impediram de criarem suas estratégias. Como propõe Michel de Certeau, é necessário entender que a sociedade não se reduz aos procedimentos técnicos da disciplina, mas deve-se destacar aquilo que perturba a normatividade e quais procedimentos populares jogam com os da disciplina e não se conformam com ela. É no cotidiano que as disputas se estabelecem e que devem ser vencidas pelas práticas formando uma rede de “antidisciplina” ao que nos é imposto no cotidiano. As “maneiras de fazer” dos sujeitos são procedimentos que implicam uma lógica dos jogos de ação relativos a tipos de circunstâncias²⁴⁸.

²⁴⁸ CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2008.

CAPÍTULO TERCEIRO

“PERVERSAS” E “DEGENERADAS” NO TRÓPICO ÚMIDO

“Perversas” e os “Inocentinhos”

Cantilia e Salustiana, ambas residentes à Rua Padre Prudêncio 86-A, devem ter guardado na memória o dia 13 de fevereiro de 1912 como um dia lamentável e trágico. A amiga delas Marietta Braga, baiana, 24 anos, meretriz, morreu após um aborto. O laudo dos médicos legistas Renato Chaves²⁴⁹ e Pereira Macambira atestou hemorragia uterina e retenção da placenta, após ingestão excessiva de *Noz-vomica*²⁵⁰. As companheiras relataram aos policiais e aos médicos que Marietta “envidava todos os meios para provocar o aborto”²⁵¹.

Em 1926, a jovem acreana de 18 anos Maria Moraes, chegada em Belém a alguns meses, exerceu o meretrício para se sustentar. Não possuía parentes na cidade, residia na *Pensão Bataclan*, na Rua General Gurjão. No mesmo ano de sua chegada, engravidou e “caindo em desespero”²⁵² ingeriu grande quantidade de mercúrio²⁵³, a fim de provocar abortamento²⁵⁴. Não resistiu às complicações, teve o funeral pago pelos donos da pensão.

²⁴⁹ Renato Chaves estudou no curso de Humanidades do Liceu Paraense, atual Colégio Estadual Paes de Carvalho. Posteriormente, em 1912, diplomou-se em Medicina no Rio de Janeiro. De volta a Belém, foi professor de Anatomia Humana da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará e um dos fundadores da Sociedade Médico Cirúrgica do Estado. Em 1924, foi nomeado diretor dos Serviços Médico Legal, de Identificação e Assistência Pública, órgão que daria origem ao Instituto que hoje leva seu nome. Disponível em: <https://www.cpc.pa.gov.br/index.php/o-centro/historico/>. Acesso em 24 jan.2021.

²⁵⁰ Nux-vômica (*Strychnos nux-vomica* L.) também conhecida como noz-vômica, noz-vomitoria ou fava-de-santo-inácio é uma planta venenosa da família das Loganiaceae. Contém os alcalóides estricnina e brucina, altamente venenosos, extraídos das sementes dos frutos arredondados, verdes e alaranjados, da árvore. Contém três alcalóides: a estricnina, que é a principal é a mais conhecida, a brucina e a igasurine, um glicosídeo: a loganina e o ácido igas úrico combinados com alcalóides. CASIMIRO, Lorena Lima de Aguiar. *Pré-natal Homeopático*. Monografia submetida como requisito para obtenção do certificado de conclusão do Curso de Formação em Homeopatia - área: Medicina. Curso de Formação de Especialista em Homeopatia. Rio de Janeiro, 2020.p. 29. As ervas comumente utilizadas para induzir o aborto eram: a cila, a salsaparrilha, o gaiaco, a melissa, o açafraão, a camomila e a artemísia. Algumas dessas substâncias tinham certa ação direta sobre o útero, como o teixo, a sabina, o zimbro, a tuia, a atanásia, a arruda e o centeio-espigado. Produziam intoxicação ou envenenamento que poderia levar a gestante a abortar. SILVA, Marinete dos Santos. Reprodução, sexualidade e poder: as lutas e disputas em torno do aborto e da contracepção no Rio de Janeiro, 1890-1930. *História, Ciências, Saúde* – Manguinhos, Rio de Janeiro. v.19, n.4, out.-dez. 2012, p.1241-1254. p. 1248.

²⁵¹ Caso Complicado. *Estado do Pará*. Belém, 13 fev.1912.p.2.

²⁵² Morte de uma infeliz. *Estado do Pará*. Belém, 03 jan. 1926.p.4.

²⁵³ As mulheres utilizavam as seguintes substâncias químicas para o abortamento: arsênico, fósforo, antimônio, mercúrio, chumbo, sulfureto de carbono, iodeto de potássio, sulfato de quinina, clorofórmio, cantáridas, permanganato de potássio, veratrina e pilocarpina. RIZZO, Mileto. *Considerações acerca do aborto criminoso*. Tese - Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1925. p.29.

²⁵⁴ A palavra aborto, na nossa cultura, é carregada de idéia preconcebida, impregnada de tabus, vergonhas e acusações. Era e é uma palavra que denuncia as mulheres de se desviarem de seu destino biológico, de não levarem a cabo uma missão feminina. Na linguagem médica, o termo correto é abortamento, que significa, em uma definição obstétrica, a perda de uma gravidez antes que o embrião, ou posteriormente o feto, seja potencialmente capaz de vida independente da mãe. Desse modo, clinicamente é caracterizado como abortamento a interrupção voluntária ou não da gestação durante os seis primeiros meses. VÁZQUEZ, Georgiane Garabely Heil. Ludibriando a natureza: mulheres, aborto e medicina. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 47, Editora UFPR, p. 43-64, 2007.

Abortos como práticas anticonceptivas²⁵⁵ semelhantes aos realizados por Marietta e Maria eram habituais por mulheres que exerceram o comércio do sexo em Belém nas primeiras décadas do século XX. Elas ganhavam a vida com seus corpos e uma gravidez os tornava interditos para o ofício. Jovens mulheres sem família, marido ou qualquer rede de apoio para seus sustentos, recorriam a esse estratagem clandestino em momentos de exasperação e desamparo, como a única possibilidade de se manterem na ativa da prostituição. É possível que essas mulheres tenham sentido angústia e culpa antes da decisão, considerando os conflitos permeados por valores, comportamentos morais e pelo ideal de maternidade, bem como do próprio contexto de suas trajetórias como meretrizes e das forças disciplinadoras da sociedade paraense.

Maria de Luna Freire explica que se, em um primeiro momento, o discurso ideológico utilizado foi o do instinto materno, a partir da década de 1920, este foi sendo substituído pelo da “maternidade científica”, ou seja, “o exercício da maternidade fundamentado em bases científicas”. A ideologia da maternidade científica significou para as mulheres um reforço à sua condição de mãe, transformando a maternidade em profissão feminina, objeto de formação técnica específica. Como a prática da maternidade nesses novos moldes exigia inserção no universo científico, esse aspecto a aproximava do mundo masculino racional, deslocando-a da esfera estritamente doméstica e lhe conferindo novo status. Deslocamento que mantinha certa tensão interna, pois atualizava em substância a função maternal, sem ao mesmo tempo desconsiderá-la como inerente à natureza feminina²⁵⁶.

²⁵⁵ No século XXI no Brasil, mais de 250 mil mulheres são internadas todos os anos em hospitais do Sistema Único de Saúde (SUS) em decorrência de complicações após tentativas de aborto. Este número representa 25% dos casos no país, ou seja, cerca de 1 milhão de gestações são interrompidas anualmente de forma voluntária. O aborto é amplamente praticado no país, apesar de proibido por lei. É crime, permitido apenas em casos de violência sexual (estupro) ou risco à vida da mulher. Feito de forma clandestina continua sendo uma das principais causas de morte materna, especialmente entre as mulheres mais pobres. Mesmo tratando-se de um grave problema de saúde pública no Brasil, o tema continua tabu. Debates sobre a descriminalização (ou legalização) do aborto sempre geram polêmica entre duas forças na sociedade: a conservadora, liderada pela Igreja Católica, e a progressista, que tem à frente as feministas. Observa-se que a ilegalidade da prática no país, imposta judicialmente, impede muitas mulheres quando de uma gravidez indesejada, de frequentarem o médico de uma forma legal, segura e indiscriminada. (Centro Feminista de Estudo e Assessoria, 2011, s.p). Aborto: debater é legal. 03 de Maio de 2011. Disponível em: http://www.cfemea.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3535:abortodebater-e-legal&catid=219:noticias-e-eventos&Itemid=154>. Acesso em: 23/02/2021. O impedimento coloca em risco a vida humana, que quando não acaba em mortalidade materna, gera insegurança, depressão, ansiedade, arrependimento. VIEIRA JÚNIOR, Luiz Augusto Mugnai. O Status Jurídico Brasileiro do Aborto: Uma Questão de Gênero?. *Arquivos do MUDI*, v.20, n. 2, 2016, p. 72-88.

²⁵⁶ FREIRE, Maria Martha de Luna. *Discurso maternalista em revistas femininas (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920)*. Tese de Doutorado. Fiocruz: Rio de Janeiro, 2006. pp.45-50.

A postura definida para a mulher nas primeiras décadas do século XX, era de esposa e mãe. Em Belém em 1905 foi publicado na revista *A Escola* um artigo da escritora Maria Amália Vaz de Carvalho²⁵⁷, um ensinamento para as esposas manterem seus casamentos. O conselho era transformar a casa em “ninho alegre e fofo”, um lar com alimentos saborosos e ambiente higiênico, para que o marido não preferisse os botequins, os clubes ou a companhia de amigos. As ricas deveriam “instruir-se”, as pobres deveriam ajudar seus maridos sem se “envergonhar da sua honesta pobreza”. A escritora enfatizava a necessidade das mulheres ocuparem o tempo para não cederem “às tentações da vaidade, aos sonhos mórbidos, jamais se perderem nas “negras horas dissolventes do tédio”²⁵⁸. A família e a sociedade estavam assoladas por males devido à falta de uma educação feminina “sólida e positiva”. As ideias de Maria Amália estavam concatenadas com as do escritor paraense José Veríssimo²⁵⁹, pois para ele a mulher brasileira deveria ser a guia de sua prole, dona e reguladora da economia da casa, conselheira e amiga do seu marido. Em sua concepção a educação deveria formar mulheres para serem mães e esposas em prol da coletividade²⁶⁰.

²⁵⁷ Maria Amália Vaz de Carvalho é uma escritora portuguesa que nasceu em Lisboa, no dia primeiro de fevereiro do ano de 1847. Escreveu para diversos jornais e revistas da época, a partir de conhecimentos e de uma vasta rede de interlocutores que também adquiriu por meio de periódicos estrangeiros de que era assinante, notadamente, franceses. É nessa intensa produção, seja jornalística ou literária, que grande parte do seu foco será a mulher, seu comportamento, sua formação e sua educação adequada para gerir a casa, cuidar dos filhos e desempenhar os papéis reservados a ela naquela sociedade. VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. Ensinamentos e contos: Maria Amália Vaz de Carvalho e sua estratégia para a educação da mulher. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 20, n. 67, p. 1513-1538, out./dez. 2020.

²⁵⁸ *A Escola- Revista Oficial de Ensino*. Belém, Pa, v. 5, nº58. 1905. p. 225.

²⁵⁹ José Veríssimo nasceu em Óbidos, no Pará, em 1857, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1916, passando parte de sua vida intelectual no Pará e parte na capital da República, onde fundou e participou ativamente da Academia Brasileira de Letras (ABL) e da *Revista Brasileira*. O autor foi estudioso importante nas discussões sobre as consequências do colonialismo português e as tentativas frustradas de uma política republicana de educação no Brasil. Para José Veríssimo, a educação pública deveria estrategicamente superar as degenerescências raciais, especialmente localizadas nos sertões do Brasil, promovidas pela colonização. Os “Brasis” que sociologicamente constituíam o território nacional àquela época são pensados por Veríssimo como um entrave a ser superado pela República para a inserção do País na ordem moderna que, para ele, significava civilização. Mas esta civilização almejada se efetivaria, na sua perspectiva, na medida em que todos os brasileiros fossem incluídos em um projeto de unidade. ARAÚJO, Sônia Maria da Silva. Educação republicana sob a ótica de José Veríssimo. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. especial 2, p. 303-318, 2010. Editora UFPR. Sobre Veríssimo ver: BEZERRA NETO, José Maia. José Veríssimo: pensamento social e etnografia da Amazônia (1877-1915). *Dados*, Rio de Janeiro, v. 42, n. 3, p. 539-564, 1999. Em relação a Veríssimo e educação feminina ver: SILVA, Lêda Valéria Alves da. Ciência e educação científica feminina no discurso de José Veríssimo (1857-1916). *História da Ciência e do Ensino*. Volume 6, 2012 – pp. 49-70.

²⁶⁰ VERÍSSIMO, José. *A Educação Nacional*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1906. p.122.

É relevante citar que uma gravidez indesejada²⁶¹ não foi problema apenas para as meretrizes, pois questões como honra e vergonha fizeram parte da vida de outras categorias de *mulher* na Amazônia. Ocultar uma barriga que crescia se tornava um tormento e condicionava atitudes extremas, a exemplo da dançarina espanhola de 20 anos, Rosita Grizete. Conhecida como La Perla, fazia parte da companhia de zarzuelas²⁶² de Pablo Lopes com inúmeras apresentações no Teatro da Paz e em outros estados do país. Por cerca de um ano manteve relação afetiva com o músico Alberto D’Eça, apaixonou-se e desejava se tornar esposa dele²⁶³, mas viu-se abandonada pelo amante tão logo descoberta a gravidez. Em desespero tentou o suicídio ingerindo sublimado corrosivo²⁶⁴. O que teria passado na cabeça de La Perla? Angústia de não poder ganhar a vida dançando estando grávida? Desamparo de ter sido abandonada pelo homem que amava? Vergonha perante a mãe e as irmãs? Desonra por ter acreditado em Alberto e ter com ele relações sexuais? Nunca poderemos saber as reais aflições pelas quais La Perla passou, mas a tentativa de suicídio demonstra o quanto uma gravidez poderia ser preocupante, de maneira que a maternidade biológica só era suficiente, com honra, colocação social e casamento. As fontes sobre La Perla evidenciam também os padrões de honra e maternidade sobre os quais as mulheres desse período estavam

²⁶¹ A partir de 1950, com o objetivo de impedir a gravidez em mulheres sadias, e principalmente em função de motivos eugênicos, o biólogo Gregory Pincus (1903-1967) e o ginecologista John Rock (1890-1984), ambos da universidade de Harvard, nos EUA, iniciaram um novo projeto para o desenvolvimento da anticoncepção hormonal. Essa tentativa foi promovida pela enfermeira e feminista norte-americana, Margaret Sanger (1879-1966), sendo patrocinada por Katherine McCormick (1875-1967), bióloga e multimilionária. Em 1955, Pincus e Rock constataram que uma dose de pelo menos 300 mg por dia de progesterona administrada por via oral era capaz de impedir a ovulação. ARIE, Wilson M.Y; FONSECA, Angela M. da. *História da Anticoncepção*. São Paulo: Leitura Médica, 2009, p.76. A pílula chegou ao Brasil em 1962. O primeiro anúncio sobre o medicamento foi num breve comunicado sobre “Progressos da Medicina”, publicado na Folha Ilustrada que, incluía no mesmo patamar válvulas plásticas para o coração e pílulas hormonais para anticoncepção, consideradas uma “verdadeira vitória” no campo da farmacologia; o comunicado trazia, ainda, um breve histórico do novo medicamento. SANTANA, Joelma Ramos; WAISSE, Silvia. Chegada e difusão da pílula anticoncepcional no Brasil, 1962-1972: qual informação foi disponibilizada às potenciais usuárias? *Revista Brasileira de História e Ciência*, Rio de Janeiro, v.9, n.2, p.203-218, jul/dez 2016. p.205.

²⁶² Representação teatral onde se alternam vários estilos: a declamação, o canto, a música, o diálogo; e cujas origens remontam à sociedade espanhola do século XVII. A denominação *zarzuela*, procede do nome de um pequeno palácio mandado erigir pelo cardeal Infante D. Fernando, irmão de Filipe IV, no Monte do Prado, nos arredores de Madrid. O dito palacete de *La Zarzuela*, local de residência temporária do Rei e da corte espanhola, era palco para a celebração de representações de diversos tipos (éclogas, loas, farsas, comédias com música) cuja característica comum era a alternância entre o canto e a declamação, baseadas em histórias de lendas e heróis da mitologia, em cenas épicas e de aventuras. Disponível em : <https://edtl.fesh.unl.pt/encyclopedia/zarzuela>. Acesso em 24 jan.2021

²⁶³ Amores de Atriz, Paixão e sublimado corrosivo. *Estado do Pará*. Belém, 31 mai.1913. p.1.

²⁶⁴ O sublimado corrosivo é um composto químico com o nome de cloreto de mercúrio e fórmula química HgCL₂. Este sólido branco cristalino é um reagente laboratorial mas tem outras aplicações, incluindo medicinais. É uma das mais tóxicas formas do elemento mercúrio pela sua solubilidade em água. Obtinham-se as pastilhas de sublimados corrosivos da combinação entre as substâncias químicas cloro e mercúrio. CARVALHO, Marcelo José Pereira. Entre o Diagnóstico e a Terapêutica: as variáveis naturais nas representações do suicídio nos jornais de Belém da Primeira Década do Século XX. *Amazônica - Revista de Antropologia*. (Online) 5 (2): 432-450, 2013.

enquadradas. A pressão e o julgamento dispensado àquelas que interrompiam a gravidez foi produto do sistema de valores morais da sociedade paraense.

Os médicos e as Faculdades de Medicina no início do século XX defendiam o aborto apenas quando a mãe corria riscos. Não querer ter filhos causava espanto, e as mulheres que interromperam a gravidez, foram classificadas como pervertidas sexuais e dotadas de atitudes monstruosas. Para médicos e juristas, a representação da mulher que abortava estava diretamente vinculada ao desregramento sexual. E uma meretriz ter filhos parecia contraditório dentro da ótica patriarcal, pois a procriadora por excelência era a esposa- mãe, como a prostituta poderia exercer a maternidade, uma vez que, simboliza a sexualidade descompromissada e estéril, e quando tinha filhos esses seriam estigmatizados como bastardos. O aborto representaria, nessa concepção, a mulher que desejava usufruir livremente de seu corpo, dos prazeres sexuais oferecidos, mas em contrapartida não aceitava o ônus, a gravidez. Como reforço, o discurso médico afirmava que gestação “desvalorizava” o corpo das meretrizes no mercado do sexo, portanto, era uma dificuldade que deveria ser eliminada para que a libertinagem continuasse²⁶⁵.

As explicações sobre maternidade sempre integravam a pauta dos periódicos, os médicos tentavam a todo momento infundir na população os critérios e normativas para a mulher ter uma gravidez saudável e higiênica. Crasso Barbosa²⁶⁶ foi um desses esculápios, em 1917 foi publicada sua conferência *A Higiene da mulher grávida, como um dos principais fatores de combate a Nati-mortalidade*, na qual apontava o alto índice de mortalidade infantil devido às condições precárias e antigênicas das mães. Convocava todas as mulheres a cumprirem sua missão de mães, e mudarem suas posturas assim que soubessem que em seus ventres pulsava uma vida. Quando grávidas jamais deveriam buscar ajuda de amigas, pretas-velhas ou pajés, deveriam recorrer aos médicos, esses sim, aconselhariam e as

²⁶⁵ ROHDEN, Fabíola. *A Arte de enganar a natureza: Contracepção, aborto e infanticídio no início do século XX*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. p. 54.

²⁶⁶ Nascido em Carolina, cidade do Maranhão. Formado em medicina na Faculdade da Bahia, em 1908, foi um dos fundadores da Sociedade Médico-Cirúrgica do Pará, em 1914, no mesmo ano foi nomeado chefe da Assistência Maternal no Instituto de Proteção e Assistência à Infância Desvalida no Pará - IPAI. Faleceu em 05 de 1918, em decorrência de “...pleurite meta-pneumônica, conseqüente à gripe pulmonar”. Sobre a fundação da Sociedade Médico-Cirúrgica do Pará, conferir: MIRANDA, Aristóteles Guilliod de; ABREU JÚNIOR, José Maria de Castro. A fundação da Sociedade Médico-Cirúrgica do Pará. *Revista Pan-Amazônica de Saúde, Ananindeua*, v. 5, n. 1, p. 11-18, mar. 2014. Existe em Belém um culto ao médico Crasso Barbosa, ninguém sabe ao certo porque iniciou essa devoção, alguns afirmam que foi devido a sua morte precoce aos 32 anos. Sobre o Instituto de Proteção e Assistência à Infância Desvalida no Pará - IPAI, conferir: GUIMARÃES, Jacqueline Tatiane da. Assistência à Infância e à Maternidade Pobre em Belém do Pará. *Revista @rquivo Brasileiro de Educação*, Belo Horizonte, v.4, n. 9, set-dez, 2016. ARAÚJO, Laura Maria Silva Araújo Alves1; ARAÚJO, Sônia Maria da Silva Araújo. Assistência, proteção e direito à infância em Belém do Pará com a fundação do IPAI (1910-1912). *International Studies on Law and Education - CEMORO-Fea Usp / IJI-Universidade do Porto*. 2016.

tornariam capazes de cumprir a tão honrada missão da maternidade e gerar frutos sadios para o futuro. Criticava a postura das grávidas resistirem ao tratamento médico, as das classes abastadas não queriam perder o “chic, as elegâncias a frequência das festas”, as diversões mundanas. As carentes diziam não ter recursos para procurarem consultórios médicos. Todas se encontravam no âmbito de total “ignorância”. Advertia as mulheres pobres sobre as consequências de exercer trabalhos pesados como cozinhar e lavar roupas, pois aumentava as chances de abortos e de contraírem inúmeras moléstias, envelhecendo e tornando-as fisicamente um “estorvo à felicidade do lar”²⁶⁷. Crasso discorreu também sobre as moradias dessas mães, que viviam em total falta de higiene, ele defendia habitações salubres e bem arejadas. Em sua palestra o médico ainda fez referência aos exercícios físicos, vestuário, banhos, ideais para ser uma boa mãe no início do século XX, bastava seguir a cartilha do doutor. Os discursos médicos enfatizavam um olhar sobre a maternidade e sobre como as mulheres deveriam agir perante essas circunstâncias. Nesse caso, a maternidade era o mais importante, o tema adentrava na vida privada dessas mulheres, a elas tudo deveria ser ensinado e conduzido pela medicina, pois “o futuro brasileiro, evoluiu, prosperava ou definhava no ventre materno”²⁶⁸.

Para fundamentar o exposto até aqui, sucitamos a tese de Elaine Cristina Mesquita acerca dos discursos e das práticas sobre saúde e doenças das mulheres em Belém, na qual a pesquisadora concluiu que os discursos científicos atravessaram o universo político produzindo efeitos visíveis no remodelamento da cidade, na urbanização e na salubridade dos espaços públicos e privados, assim como no comportamento e nas transformações culturais. Tínhamos na Belém da virada do século XIX e princípios do século XX um grupo político que pertencia às elites médicas e que aliava aos interesses políticos os ensejos da ciência. Esta elite que transitava entre as esferas do público e do privado se desdobrava nos cargos políticos e no ofício da medicina e foi a mesma que construiu múltiplos discursos sobre a condição feminina, seu lugar de ordem e seu papel social condicionado à maternidade, ao lar e ao recato²⁶⁹.

²⁶⁷ A Higiene da mulher grávida, como um dos principais fatores de combate à Nati-mortalidade. *Estado do Pará. Estado do Pará*, Belém, 22 e 23 de jul.1914, p.2.

²⁶⁸ A defesa da maternidade. *Estado do Pará*, Belém, 04 abr. 1920, p. 4.

²⁶⁹ MESQUITA, Elaine Cristina da Silva. *Dissonâncias nos Discursos e Práticas sobre a Saúde e as Doenças das Mulheres em Belém do Pará (1890-1920)*. Tese (doutorado - Programa de pós graduação em História) Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2017. p. 134. Ver também: LOBO, Cristieli Braga. “*O futuro brasileiro, evolui, prospera ou define no ventre materno...*”: a Medicalização da Maternidade em Belém (1887 a 1923). Monografia (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2021.

Similarmente o infanticídio foi utilizado pelas prostitutas com a intenção de interromper a gravidez. A maranhense Maria Siqueira Nunes, de 22 anos, foi presa em 1915, após abandonar seu filho próximo à Praça Batista Campos em um depósito aberto no quintal onde ele faleceu. A meretriz relatou que tomou aquela atitude porque não tinha condições de sustentar a criança, o que ganhava mal dava para sua manutenção. Ato repudiado e narrado nos periódicos paraenses como “monstruoso” e “perverso”²⁷⁰. Maria se defendeu com o relato da vida escassa que levava, meretriz pauperizada e sem perspectiva de um futuro para conseguir manter a sobrevivência de uma criança. O julgamento social dependia do ocorrido após a tentativa de abortamento, quando a mulher morria ou ficava em estado grave era vista como “vítima” da situação, mas quando sobrevivia e alguém a denunciava ocorria a imediata criminalização. Os discursos na sociedade paraense tendiam para criação de um clima de condenação pautado no sentimento de culpa que as mulheres deveriam sentir após terem se “livrado do filho” indesejável e elas terem sobrevivido.

Ao analisar os casos de infanticídio na Inglaterra do século XVII, a historiadora Laura Gowing afirmou que, em sua maioria, as acusadas eram empregadas domésticas e a incorporação social do extrato social das acusadas não era uma questão menor, pois permitia entender o infanticídio não como um produto de “condições mentais excepcionais”, mas como produto de circunstâncias sociais, econômicas e culturais específicas: as criadas eram mulheres que se encontravam nas piores condições para ter filhos bastardos, pois não possuíam meios econômicos para sustentá-los, sem falar que, como as mulheres eram consideradas desonradas por praticarem sua sexualidade fora do quadro legítimo do casamento, era difícil manterem seus empregos como criadas. Questões que ajudam a explicar porque elas “eram as mais vulneráveis ao boato, assim como o maior grupo de mulheres acusadas de infanticídio”; (...) “sua sexualidade era pública, propriedade e uma ameaça legal”²⁷¹.

²⁷⁰ Transferida para Cadeia São José. *Estado do Pará*. Belém, 27 mar. 1915.p.2.

²⁷¹ GOWING, Laura. “Secret births and infanticide in seventeenth century England”. *Past and Present*, vol.156, issue 1, pp.87-115. p.92. Para uma leitura sobre aborto e infanticídio conferir: URQUIJO, Natalia María Gutiérrez. Los delitos de aborto e infanticidio en Antioquia, 1890-1930. *Historia y sociedad*. No. 17, Medellín, Colombia, julio-diciembre de 2009, pp. 159-177. BELLUCCI, Mabel. *Historia de una desobediencia. Aborto y feminismo*. Buenos Aires: Editorial Capital Intelectual. 2014. HURST, Jane. *La historia de las ideas sobre el aborto en la iglesia católica : lo que no fue contado*. Montevideo : Católicas por el Derecho a Decidir, 1993. CHIAROTTI, Susana (2006) «El aborto en el marco de los derechos humanos. La situación en Argentina. En CHECA, Susana (comp.) *Realidades y coyunturas del aborto. Entre el derecho y la necesidad*. Buenos Aires, Paidós. pp. 91-110.

Algumas recorreram às garrafadas²⁷² para induzir o aborto, caso da meretriz Alipia Pimentel, 24 anos, paraense, que em 1919 teve uma criança em um igapó localizado à Rua Apinagés, depois de tomar uma mistura feita pela “garapeira” Blathazar, que residia no Bairro do Guamá. O filho nasceu, mas não resistiu aos ferimentos do parto induzido. Após sua prisão por infanticídio, Alipia relatou que não podia deixar a prostituição, em razão de enviar dinheiro para seus dois filhos no interior²⁷³. Levada à cadeia São José e julgada em dezembro do mesmo ano, foi absolvida no primeiro julgamento, mas voltou ao presídio após o promotor Valente Lobo recorrer da sentença²⁷⁴, não aceitava que a meretriz saísse impune de um crime vil e desumano. Para a sociedade o infanticídio era inaceitável, a mãe de todos os crimes, porque os culpados violariam os valores sagrados estabelecidos. A mulher devia seguir obrigatoriamente a trajetória de casamento e procriação, na qual seu corpo e decisão de vida não lhes pertencia. Ao tentar uma autonomia sobre seu corpo essa mulher, tinha sua atuação limitada e condenada pelo discurso médico, era especificada um lugar dos maus instintos, transformando em anomalia as ‘peculiaridades’ daquele sexo. Estudados aborto, infanticídio, prostituição e loucura, detectam-se sinais de uma monstruosidade peculiar à mulher, uma base degenerada comum a todas as descendentes de Eva. Ela agora não é mais a criança irresponsável, mas alguém no nível de uma raça inferior, identificada por diagnósticos médicos como um ser que se distingue pelo cérebro menor e pelos gânglios maiores. A sua patologização vai fazer com que se conclua que ela é uma criminosa em potencial, capaz de se entregar à prostituição caso não haja controles adequados, uma histérica excessivamente sexualizada²⁷⁵.

Robert Muchembled em seu estudo sobre homicídio e infanticídio em Paris entre 1575 e 1604, esclarece que as mulheres foram consideradas perigosas e até más, por uma pesada supervisão masculina, legitimada por um discurso centrado na necessidade de ajudá-las a salvar a própria alma a despeito de si mesmas. A extrema severidade dos juízes em face da ocultação da gravidez é, portanto, relativa aos preconceitos subjacentes que alimentavam todos os homens da época. Eles são ainda mais determinados, como magistrados, mas também como pais ou maridos, para eliminar implacavelmente a ovelha negra, que se trata de

²⁷² As garrafadas eram produzidas utilizando a combinação de várias ervas terapêuticas que, em conjunto, serviam para o tratamento de algumas doenças. Esses produtos sempre foram vendidos livremente nas feiras de Belém e consumido pela população belenense e também por pessoas de outras cidades paraenses. SILVA, Lucielma Lobato. Entre os Cheiros e Garrafadas: o trabalho das vendedoras de cheiro nas feiras públicas de Belém-Pa em 1830-1890. *MARGENS - Revista Interdisciplinar*. Dossiê: Trabalho e Educação Básica, VOL.11. N. 16. Jun 2017. (p. 238-253). p. 244.

²⁷³ Infanticídio. *Folha do Norte*. Belém, 05 jul. 1919. p. 1.

²⁷⁴ Pelo Fórum. *Estado do Pará*. Belém, 04 dez.1919. p.2.

²⁷⁵ NUNES, Silvia Alexim. *Medicina Social e Regulação do Corpo Feminino*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: IMS, Uerj. 1982. A medicina social e a questão feminina. *Physis*, 1(1): 49-75, 1991.

marcar claramente aos olhos de todas as mulheres quanto custa transgredir a lei de Deus e a dos homens. Posteriormente, quando essas variáveis mudarem e as mães culpadas de infanticídio ou aborto parecerem ser vítimas infelizes aos olhos da sociedade, os tribunais tomarão a posição oposta. Em uma estrutura social e jurídica muito diferente, de 1903 a 1913, os jurados franceses geralmente sentiam a maior indulgência por esses réus e pelas esposas bígades²⁷⁶.

Nesse cenário de repressão aos métodos abortivos foi preso, em 1917, o casal de “mandigueiros” Raimundo e Adrella Gomes após “provocarem criminosamente aborto” em uma meretriz, utilizando uma mistura feita por eles. A moça faleceu e os dois foram levados ao xadrez da cidade²⁷⁷. As críticas às práticas populares realizadas por parteiras e pajés²⁷⁸ eram constantes, acusados de contribuírem para abortos e colocarem em risco à saúde das mães e recém-nascidos. Beberagens, garrafadas, porções abortivas figuraram entre os métodos condenados pelos médicos e policiais.

As meretrizes na maioria pertenciam à classe baixa e desfavorecida, não possuíam condições financeiras para atendimento médico²⁷⁹, a gravidez era sinônimo de um futuro mais precário e era preciso interrompê-la rapidamente. Recorriam à medicina popular para resolver o problema que lhes afligia, tomar misturas e garrafadas no intuito de abortar foi ato comum encontrado nas fontes sobre abortamento e infanticídios em Belém. As narrativas condenavam a prática do aborto e ainda mais quando feita por meretrizes que procuravam os “feitiços” ou “bugingangas” de pajés.

²⁷⁶ MUCHEMBLED, Robert. Fils de Caïn, enfants de Médée Homicide et infanticide devant le parlement de Paris (1575-1604). *Annales HSS*, septembre-octobre 2007, n°5, p. 1063-1094. p. 1085.

²⁷⁷ Mandigueiros e criminosos. *Estado do Pará*. Belém, 17 jan.1917.p.2.

²⁷⁸ Pajé (paié) provável que as duas palavras tenham tido o mesmo significado em torno da identificação da qualidade apresentada por alguém especial capaz de adivinhar, curar doenças temidas e, especialmente, convencer os outros da sua utilidade social. Pelo menos no nheentagu, é possível que as variações pagí, pay, payni, pai, pa, piaec e pantch tenham sido formadas a partir da raiz pa-y = profeta, adivinho. CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. Geraldo da 2. ed. São Paulo: Melhoramentos. 1982. p.226-7. Sobre pajé conferir: BOTELHO, João Bosco; COSTA, Hideraldo Lima da. Pajé: reconstrução e sobrevivência. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 927-56, out.-dez. 2006. Em relação a medicina popular e folclore na Amazônia ver: HENRIQUE, Márcio Couto. Folclore e medicina popular na Amazônia. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.16, n.4, out.-dez. 2009, p.981-998.

²⁷⁹ Em notícia publicada no jornal *Estado do Pará*, a Maternidade da Santa Casa de Misericórdia a partir de 1914 tem um melhoramento na assistência no que se refere aos atendimentos ginecológicos e de maternidade. Ocorreu uma sensível melhora para as indigentes, no entanto, existiam também os serviços para pensionistas que deveriam pagar as seguintes quantias no ano de 1919, da entrada: 1ª classe 5000\$000; 2ª classe 350\$000; 3ª classe 200\$000. Dados que demonstram a desigualdade e a dificuldade de muitas mulheres para conseguirem um melhor atendimento quando necessitavam de procedimentos mais complexos. Maternidade da Santa Casa: tabela para pensionistas. *Estado do Pará*. Belém, 29 jun de 1919. p. 5.

Para Aldrin Moura de Figueiredo, a pajelança sempre esteve, nas primeiras décadas do século XX, na mira da perseguição policial e dos órgãos governamentais de promoção das políticas sanitárias. Apesar do governo municipal constituir uma legislação sanitária baseada em critérios pensados como científicos e civilizados²⁸⁰, a população em geral continuava a procurar a pajelança para solucionar seus males e enfermidades²⁸¹.

Em artigo publicado em janeiro de 1914 um médico descreveu o atraso dos métodos clínicos em Belém e como a cidade estava atrasada em relação à Europa. Os números de obituários de crianças que nasciam mortas ou daquelas que surgiam na vida quase sem força, provava o quanto a medicina precisa avançar nos trópicos. Segue afirmando que as práticas populares eram as grandes causadoras desses óbitos, descreve com espanto e aversão como os recém-nascidos eram tratados pelo “bodum etíope²⁸²” com a aplicação de pimenta malagueta na ampola retal para trazê-los à vida, e/ou como usavam de meios hemostáticos, curativos de “taticuman²⁸³”, raspas de “paxiúba²⁸⁴” ou azeite de andiroba nas “pobres crianças²⁸⁵”. Período em que os médicos tentavam institucionalizar a medicina e se utilizavam de discursos

²⁸⁰ A medicina científica e os médicos na sociedade paraense da virada do século XIX para o século XX, estavam longe de gozarem de uma hegemonia no universo da cura e dispor de um poder imanente capaz de modelar a sociedade da época. Os médicos ainda enfrentavam enormes dificuldades para legitimar sua ciência entre as mais diversas categorias sociais. Enquanto as autoridades republicanas, em nome da “Civilização” nos trópicos, seguiam com sua política de higienização do espaço urbano e combate às epidemias, a população paraense persistia na busca de alívio de suas mazelas nas tradicionais artes de curar. No entanto, se a medicina popular constitui-se em um dos maiores empecilhos para a afirmação dos médicos acadêmicos como senhores da cura, a desunião, a falta de ética e consenso no interior da classe médica não deixaram de ser alguns dos fatores marcantes do descrédito que pairava sobre a figura dos representantes da medicina oficial em plena República brasileira. RODRIGUES, Silvio Ferreira. *Esculápios tropicais: a institucionalização da medicina no Pará, 1889-1919*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia. Belém, 2008.

²⁸¹ FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Anfiteatro da Cura: pajelança e medicina na Amazônia no limiar do século XX. *Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social*. Sidney Chalhoub et. al. (org.)- Campinas, SP: editora da Unicamp, 2003. pp. 273- 304.

²⁸² Refere-se ao odor característico dos bodes que não foram castrados; (Pejorativo) Cheiro ou odor do suor de seres humanos ou animais; Paladar e odor do sebo na carne do carneiro; do mesmo significado de *bedum*. Mário de Andrade em Macunaíma descreve o cheiro: A árvore Dzalaúra-Iegue era responsável por produzir todas as frutas: “cajus, cajás, cajamangas mangas abacaxis abacates jabuticabas graviolas sapotis pupunhas pitangas guajiru cheirando suvaco de preta, todas essas frutas”(…). No capítulo “Macumba”, todos os participantes já “tinham tirado algumas roupas e o respiro ficara chiado por causa do cheiro de mistura budum coty pitium e o suor de todos.” ANDRADE, Mário de. *Macunaíma – o herói sem nenhum caráter*. Ed. Belo Horizonte: Villa Rica, 1997. pp. 32 e 45. A comparação do cheiro do negro ao cheiro ruim será explorada em outros momentos do texto. O tratamento dado ao cheiro, entendido como forte e marcante nos ambientes, tenta impregnar no imaginário o tratamento dado à diferença. Se não há em nossa cultura uma delimitação clara ao cheiro do branco, o cheiro do negro, “budum” (“bodum”), liga-se a diferentes nuances de sentido, partindo do odor desagradável até o cheiro como elemento erótico. OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. *O negrismo e suas configurações em romances brasileiros do século XX (1928-1984)*. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Letras - Estudos Literários, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. 2013.

²⁸³ Regionalismo: Norte do Brasil: fuligem, fumaça negra. Fuligem. (Do tupi *apepocuman*). Disponível em: <http://www.dicionarioweb.com.br/>.

²⁸⁴ Espécie de palmeira (Iriarte exorrhiza); castiçal. Variação de baxiúba. Disponível em: <http://www.dicionarioweb.com.br/>.

²⁸⁵ Crônica Médica. *Estado do Pará*. Belém, 01 jan.1914.p.1.

depreciativos e reprovaram as práticas populares de cura. Com uma atitude coercitiva e aguerrida, as autoridades médicas e policiais denominavam os métodos utilizados por parteiras e pajés como retorno à barbárie e resultado de uma sociedade incivilizada.

Silvio Rodrigues explica que a medicina científica e os médicos na sociedade paraense da virada do século XIX para o século XX, estavam longe de gozarem de uma hegemonia no universo da cura e dispor de um poder imanente capaz de modelar a sociedade da época. Os médicos ainda enfrentavam enormes dificuldades para legitimar sua ciência entre as mais diversas categorias sociais. Enquanto as autoridades republicanas, em nome da “Civilização” nos trópicos, seguiam com sua política de higienização do espaço urbano e combate às epidemias, a população paraense persistia na busca de alívio de suas mazelas nas tradicionais artes de curar. No entanto, se a medicina popular constitui-se em um dos maiores empecilhos para a afirmação dos médicos acadêmicos como senhores da cura, a desunião, a falta de ética e consenso no interior da classe médica não deixaram de ser alguns dos fatores marcantes do descrédito que pairava sobre a figura dos representantes da medicina oficial em plena República brasileira²⁸⁶.

A maioria dos juristas comentaristas do Código de 1890, fala de como o infanticídio era praticado sem punição em períodos passados. Em Roma, a vida do recém-nascido estava à mercê da aceitação paterna. Já na Grécia, notadamente em Esparta, eliminavam-se as crianças fracas, deformadas, impróprias para a guerra. Ao apresentarem essas práticas em outros tempos e em outras sociedades, vistas como atrasadas e descritas, muitas vezes, de maneira estereotipada e até irreal, o objetivo desses juristas é defender a ideia de que o infanticídio é uma prática que não cabe ao mundo civilizado, modernizado da passagem do século XIX para o XX. O infanticídio seria, desse modo, uma prática selvagem e arcaica que deveria ser extirpada da sociedade para a qual escreviam – e a legislação penal deveria ter importante papel neste cenário. Marcar esses povos com essas características de atraso e selvageria seria, de certa maneira, marcar também a parcela da população brasileira descendente desses povos. Em um período em que se acreditava que cada raça tinha diferentes características, e que os descendentes de africanos não contribuiriam para o desenvolvimento eugênico na nação brasileira, esse exemplo não parece apenas circunstancial²⁸⁷.

²⁸⁶ RODRIGUES, Silvio Ferreira. *Esculápios tropicais: a institucionalização da medicina no Pará, 1889-1919*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia. Belém, 2008.

²⁸⁷ HENTZ, Isabel Cristina. *A Honra e a Vida: Debates Jurídicos sobre Aborto e Infanticídio nas Primeiras décadas do Brasil Republicano (1890-1940)*. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2013. p. 211.

No Brasil a conduta da mulher que praticou abortamento²⁸⁸ foi criminalizada pela primeira vez no Código Penal de 1890. No Código Criminal anterior, do Império²⁸⁹, apenas a conduta de terceiro que, com ou sem o consentimento da gestante, desse fim à gravidez era considerada ilegal. A legislação de 1890 surgiu com o propósito de sanear e resolver possíveis lacunas ou desregulações da higiene pública, a nova lei presta voz às reivindicações das primeiras faculdades de medicina, que denunciam a proliferação das “casas de maternidade”, nessa cruzada a participação dos médicos foi significativa. Os discursos sobre a ausência de leis severas que punissem as práticas de aborto e infanticídio vieram ao encontro da construção dos dispositivos legais para seu enquadramento criminal, antes mesmo da proclamação da República²⁹⁰.

Em sua análise sobre aborto e sistema judicial no Brasil, Matthieu de Castelbajac enfatiza que a legislação republicana pautada no critério industrial, não só buscou garantir o monopólio das manobras abortivas aos profissionais diplomados das novas faculdades de medicina, mas sobretudo, introduzir e consagrar uma técnica clínica e uma ética técnica inéditas. A oposição fundamental não passa mais entre aquelas que sofrem um aborto e terceiros acusados de manobras abortivas violentas, mas entre os médicos autorizados a praticá-lo (em virtude de uma competência reconhecida oficialmente) e o conjunto de pessoas ordinárias que produzem anarquia e insalubridade no corpo social por fazer, sem saber fazer, abortos. Dessa maneira, o aborto legal é a competência exclusiva do médico. Por outro lado, o

²⁸⁸ Na antiguidade greco-romana, o aborto era moralmente aceito e juridicamente lícito, mas havia um limite: a tutela do interesse masculino, pois o aborto podia contrariar a expectativa do pai, do marido ou do patrão: os gregos não fizeram leis punitivas para o aborto, mas a sua prática exigia a autorização do marido ou patrão, para que não se negasse ao homem a sua descendência; e, em Roma, no século V, a mãe podia ser repudiada pelo marido por subtração de prole. Depois, no Renascimento, posto que admitida a "contribuição do sangue menstrual para a concepção", prevaleceu a noção da força ativa do esperma e a construção simbólica, funcional e social do corpo da mulher exigia o controle da gestação e do aborto. TORRES, José Henrique Rodrigues. Aborto e legislação comparada. *Ciência e Cultura*. vol.64, n.2, 2012, pp.40-44. A teoria da Igreja Católica sobre hominização imediata do feto foi aceita em 1869 pelo Papa Pio IX. Desde então, o aborto em qualquer tempo de gravidez foi severamente punida com excomunhão, considerando que todo aborto era um homicídio. Diante de tal situação, o aborto foi comumente confundido com o infanticídio ao assimilar o feto, e mesmo o embrião, com um ser formado humano, completo e com alma. Além disso, devido ao pouco conhecimento ginecológico e obstétrico, era difícil determinar se o evento foi um aborto ou infanticídio. Pela estreita relação que existia no entendimento de ambos os crimes. HURST, Jane. *La historia de las ideas sobre el aborto en la Iglesia católica: una relación desconocida*. Washington, Católicas por el Derecho a Decidir, 1989, pp. 18-26.

²⁸⁹ O Código Penal de 1830: “Art. 199. Occasionar aborto por qualquer meio empregado interior, ou exteriormente com consentimento da mulher pejada. Penas - de prisão com trabalho por um a cinco annos. Se este crime fôr commettido sem consentimento da mulher pejada. Penas - dobradas. Art. 200. Fornecer com conhecimento de causa drogas, ou quaesquer meios para produzir o aborto, ainda que este se não verifique. Penas - de prisão com trabalho por dous a seis annos. Se este crime fôr commettido por médico, boticário, cirurgião, ou praticante de taes artes. Penas – dobradas”. BRASIL. Carta de Lei de 16 de dez. de 1830. *Código Criminal do Império do Brazil*. Visconde de Alcantara. Rio de Janeiro, dez. 1830. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM-16-12-1830.htm>. Acesso em: 10 nov. 2020.

²⁹⁰ BRENES, Annayansi Correa. História da parturição no Brasil, século XIX. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, 1991.

aborto criminoso é esta mesma competência usurpada e desviada pelo ignorante. A lei opõe o público inculto à instituição médica, e o médico confiável ao charlatão assassino, à comadre sem formação profissional e à mulher grávida, julgada incapaz de tomar cuidado de si²⁹¹.

Na tabela abaixo elencamos uma pequena amostra de como as notícias sobre aborto ou infanticídio foram intituladas nos principais periódicos de Belém.

Ano	Periódico	Notícia do Aborto ou Infanticídio
1911	<i>Estado do Pará</i>	Crime Revoltante
1913	<i>Folha do Norte</i>	Mãe sem Entranhas
1914	<i>Estado do Pará</i>	As Desesperadas da Vida
1917	<i>Folha do Norte</i>	Horrendo Infanticídio
1919	<i>Estado do Pará</i>	Fato Misterioso
1920	<i>Estado do Pará</i>	Perversidade - Infanticídio
1922	<i>Folha do Norte</i>	Mãe desalmada
1925	<i>Folha do Norte</i>	Óbito suspeito
1926	<i>Estado do Pará</i>	Ato Monstruoso
1927	<i>Folha do Norte</i>	Mãe Perversa
1934	<i>Estado do Pará</i>	Mulher abominável
1951	<i>O Liberal</i>	Quem será a mãe criminosa?

Quadro 4 – Notícias sobre Abortos/ Infanticídios. Produção da autora.

As denominações e caracterizações sobre aborto e infanticídio em Belém tenderam a criminalizar a postura e as atitudes das mulheres, qualificando-as como “perversas”, “desnaturadas”, “abomináveis” e dotadas de “monstruosidades”. E, quando eram meretrizes, o julgamento social e a criminalização tendiam a ser mais fortes e repressores. As prostitutas não se enquadraram nos padrões definidos para as mulheres durante o período republicano, seus percursos de vida as expuseram, assim como outras mulheres, em situação de descrédito moral diante da sociedade, longe do ideal de castidade, virgindade, recato, pudor, pureza e obediência. O sexo só poderia ser exercido no matrimônio e para fins de reprodução; quando a sexualidade era usada para um sentido distinto da procriação foi percebida como maliciosa e

²⁹¹ CASTELBAJAC, Matthieu de. Aborto Legal: Elementos Sociohistóricos para o Estudo do Aborto Previsto por Lei no Brasil. *Revista de Direito Sanitário*, São Paulo, v. 10, n. 3 p. 39-72 Nov. 2009/Fev. 2010.

perigosa. Vendiam seus corpos e quando engravidaram recorreram à prática do abortamento para se livrarem dos fetos ou filhos indesejados, prática ilegal e delituosa, elas transitaram na clandestinidade, em situação de risco para a saúde e possibilidade de morte, com alta probabilidade de serem denunciadas perante à justiça. Agenciaram suas próprias vidas, convertendo-se em sujeitos capazes de decisão, não que qualquer aborto tenha tornando as mulheres agentes autônomos, uma vez que, seus atos careciam de legitimidade social²⁹².

O tratamento dispensado às mulheres executantes de abortos em Belém nas primeiras décadas do século XX estava baseado no disciplinamento social através da tentativa de controle de seus corpos e de suas sexualidades. Giulia Tamay ressaltou que o corpo da mulher foi objeto de disciplina para o estabelecimento da dominação masculina. Em nossas sociedades ocidentais as relações de gênero e as relações de poder são essencialmente expressas no campo sexual e no campo reprodutivo: esterilização forçada, assédio sexual, estupro marital, criminalização do aborto, recusa dos Estados em fornecer anticoncepcionais de emergência. Os corpos das mulheres compartilham com os territórios dos Estados-nação a mesma posição simbólica e historicamente: as demonstrações de força se concretizam em marcá-los²⁹³.

Os casos de abortos e infanticídios surgiam nos periódicos cotidianamente e ganhavam notoriedade e ares de espetáculo, estavam inseridos na categoria de crimes “monstruosos” e seus executores e cúmplices seriam odiados, uma vez que, perturbaram a ordem sagrada da família e negaram a função maior da mulher: ser mãe. Em 1917, o jornal o *Estado do Pará* utilizou suas páginas para relatar um “Horrendo Infanticídio” os reporteres policiais haviam descoberto um “crime sensacional” com a “prisão da criminoso”. O corpo da criança foi descoberto na Rua 14 de Abril, enterrado embaixo de um fogão. Maria Rosa d’Oliveira, branca, cearense, 22 anos, cozinheira foi denunciada pela companheira de quarto Maria de Nazareth. Em seu relato, Nazareth afirmou que Rosa em uma noite de dezembro de 1916 se encontrava deitada em uma rede toda suja de sangue. Que no dia seguinte encontrou uma mala na sala e após abrir se deparou com o corpo de uma criança. Rosa em seu depoimento

²⁹² Max Weber apontou três tipos de dominação legítima: tradicional, carismática e racional-legal, para ele o estudo da legitimidade de uma ordem social exige não só a verificação da efetividade das normas estatuídas pela autoridade política (ou seja, se elas são respeitadas ou não), como também a consideração dos motivos e razões pelas quais os participantes da ordem social reconhecem tais ordens como legítimas (ou seja, o(s) porquê(s) do respeito aos comandos emitidos pela autoridade). Em outras palavras, uma ordem social só pode ser considerada legítima caso o pesquisador analise não só a efetividade da ordem, mas também os motivos pelos quais os próprios agentes sociais consideram as regras emitidas pela autoridade como obrigatórias para as suas condutas individuais. PROL, Flávio Marques. Legitimidade das novas formas de controle social: uma perspectiva jurídica. Disponível em: <https://www.fclar.unesp.br/encontrosinternacionais>. Acesso em 20 jan.2021.

²⁹³ TAMAYO, Giulia (2001). *Bajo la piel. Derechos Sexuales, Derechos Reproductivos*. Centro de La Mujer Peruana “Flora Tristán. Lima. 2001.

relatou que “sofrendo de dificuldades de costumes” adquiriu uma garrafada de batatão que produziu o efeito desejado, o aborto. Em outro depoimento, Rosa afirmou que foi denunciada por Nazareth porque a mesma desejava ter relações amorosas com o seu amante, o motorista José Pinho²⁹⁴.

Nas fontes, as envolvidas nos casos de aborto e infanticídios foram descritas como pessoas sem alma, capazes de “monstruosidades”, pois negavam seu destino biológico e agiam de forma premeditada, buscavam estratégias para se livrarem da gestação, e todos aqueles que ajudaram eram também culpados e deveriam ser condenados. Os crimes foram relatados com minúcias apontando como a mulher agiu para se livrar do feto ou da criança, quando possível, de forma grotesca citavam a grande quantidade de sangue perdido, o lugar preciso e as características dos “inocentinhos” que haviam perdido a vida nas mãos daquela que deveriam lhe proteger. O “Horrendo Infanticídio” cometido por Rosa foi exposto para chocar a população, não importando os reais motivos que a levaram a consumir o ato. Talvez, as inquietações, angústias, preocupações, medos permaneceram guardados e levados por ela ao ser presa. Jhoana Prada Merchán ao tratar dos casos de infanticídios no Rio de Janeiro, no mesmo período, igualmente, percebeu que na imprensa carioca as mães que assassinaram seus filhos após o nascimento, foram denunciadas principalmente como contrário à sua natureza, portanto, antinatural, desumano. Tais personagens, foram expostos como mais próximos dos animais, das bestas irracionais que cometeram atos selvagens sem piedade, sem sentimentos. Dessa forma, a mídia escrita deixava bem claro que apenas a mãe amorosa era o ideal de mulher, pois ao exercer esse papel “santificou-se diante da humanidade, mostrando a verdadeira razão de sua existência”, em suma, a mulher cumpriu seu papel social com exercício da maternidade²⁹⁵.

Além do julgamento processual as mulheres sofreram a desaprovação social por terem ficado grávidas fora do casamento, proscritas do mundo da maternidade legítima, elas não podiam esperar discursos em suas defesas. Quando eram descobertos os abortos ou infanticídios a intervenção na vidas dessas mulheres surgia baseada nos critérios de honra e maternidade definidos para época. Os casos relatados por médicos, policiais e jornalistas revelam uma convergência entre os principais agentes: mãe, criança, Estado e sociedade. No qual a criança, talvez, fosse a menos importante, julgar e sentenciar essa mulher era o mais significativo. Outro ponto bastante relevante ao observar os casos de abortos e infanticídios

²⁹⁴ Horrendo Infanticídio. *Estado do Pará*. Belém, 24 mar. 1917. p.1.

²⁹⁵ MERCHÁN, Jhoana Prada. ASESINAS POR PASIÓN: infanticidas en Río de Janeiro, 1841-1936. Dossiê Relações entre Crime e Gênero: um balanço. *História* (São Paulo) v.38, 2019. p.24.

em Belém, foi a camada social a qual essas mulheres pertenciam, as expostas nos periódicos foram sempre: meretrizes, cozinheiras, lavadeiras, ou seja, pobres. E sempre foi revelado a vida sexual delas, importante frisar que eram solteiras ou que tinham uma vida desregrada tendo relações sexuais com vários homens. O julgamento moral e jurídico foi mais severo diante dessas mulheres, existiram dois discursos morais: um destinado à mulheres casadas e outro para aquelas cuja a gravidez foi resultado de uma relação fora do casamento. Em suas defesas essas mulheres disseram que a gravidez viria a ser um grande problema, o filho gerado fora do casamento causava obstáculos em sua vidas, como a possibilidade de não poderem mais trabalhar, perderem o respeito da sociedade ou de parentes. Na Belém do século XX, a virtude e a honra sexuais femininas atuaram como um elemento diferenciador, variando de acordo com hierarquia social e definindo como essas mulheres seriam adjetivadas.

Julieta Di Corleto em sua pesquisa sobre acusações criminais contra mulheres em Buenos Aires no final do século XIX e início do XX, principalmente por abortos e infanticídios, partiu da análise do ideal de maternidade erigido como modelo normalizador e como destino “natural” das mulheres. Um ideal que, mesmo com suas fissuras, foi regulamentado pela intervenção de instituições estatais: de um lado, a medicina (atendimento à gestante e durante a educação, erradicação do saber popular) e, de outro, o direito penal. Este último, componente formal e simbólico, contribuiu estabelecendo penalidades para aquelas que resistiram ao seu papel materno. Assim, o ideal de criminalidade foi concebido em oposição ao de domesticidade. A partir disso, Di Corleto identificou que as mulheres que recorreram ao aborto ou ao infanticídio para salvar sua própria honra constituem a prova de que o vínculo mãe-filho não era tão imanente ou natural como afirmavam os discursos que proliferaram no período estudado. Definindo a maternidade como uma construção social e histórica, mutável e heteromórfica²⁹⁶.

A documentação possibilitou algumas inferências: essas mulheres possuíam uma rede solidária de informações: a contracepção, a gravidez e o aborto eram elos entre elas. Nesse ponto, foi significativo o caso de Alipia que saiu do bairro da Condor para o Guamá na intenção de conseguir tomar a garrafada abortiva, expondo um conhecimento prévio de quem ela deveria procurar no bairro distante daquele que residia a fim de realizar o abortamento. Quase sempre estavam acompanhadas por amigas ou conhecidas na hora do fato. E apesar dos discursos médicos e jurídicos elaborados, majoritariamente por homens, mulheres como a

²⁹⁶ DI CORLETO, Julieta. *Malas madres: aborto e infanticidio en perspectiva histórica*. Buenos Aires: Didot, 2018. p. 250.

meretriz Alipia, na posição de sujeitos sociais, se articularam e fizeram escolhas na tentativa de resolverem os empecilhos para continuarem no exercício da prostituição, mesmo que suas decisões as tenham levado ao difícil caminho da criminalização. Percebemos que essas mulheres possuíam uma série de destrezas, habilidades e estratégias em suas vidas. E observar tais manobras permite conhecer um pouco das relações que as aproximavam dos outros grupos sociais, interação que as colocou em um universo próprio, permitindo, muitas vezes, burlar os discursos dominantes e estereotipados aos quais estavam sujeitas.

Outro aspecto, percebido foi como a imprensa paraense tendeu a espetacularizar os casos de infanticídios e sempre como um motivo para evidenciar a “repulsa” que a sociedade sentia em descobrir crimes dessa natureza. Pois, como Dominique Kalifa reiterou em seu estudo sobre narrativas de crime na *Belle Époque*, não somente os homens entram para a história, mas também as ações e os lugares. Apesar do discurso alarmista mantido regularmente pelos jornalistas, a maioria dos crimes representados pela imprensa é constituída de atos fortuitos e comuns, cenas recorrentes de criminalidade doméstica ou familiar: assassinatos por vingança, cólera ou ganância, crimes passionais e conjugais, infanticídios, rixas e agressões. Dramas obscuros, sem incidência aparente, mas cujo eco midiático oferece ao povo espectador a representação de seu próprio destino²⁹⁷. Dessa forma, chamamos atenção sobre as lutas dessas mulheres, as quais devem ser olhadas e entendidas além dos rótulos e estigmas que reduziram suas complexas experiências vitais a contextos sociais.

²⁹⁷ KALIFA, Dominique. *A Tinta e o Sangue: narrativas sobre crimes e a sociedade na Belle Époque*. Editora Unesp, São Paulo, 2019. p. 423.

O “duende” no Trópico Úmido

A russa A.K, 32 anos, solteira, meretriz, chegou ao Brasil aos 17 anos, morou no Acre e Amazonas antes de aportar na capital paraense. Descrita como uma mulher robusta, muito simpática que tocava piano e cantava alegrando a todos no hospital, onde enfrentava a última fase da infecção pela bactéria *Treponema pallidum*, o prontuário apontava disartria, manifestando fraqueza nos músculos usados para falar, o que muitas vezes, fez com que sua voz ficasse arrastada ou lenta. Tinha delírios e sua memória estava completamente arruinada. Seu sistema nervoso central foi afetado, nesse estágio os doentes podem desenvolver a neurosífilis, e/ou a *tabes dorsalis* (lenta degeneração dos neurônios e suas fibras nervosas que carregam a informação sensorial para o cérebro), psicose, demência, paresia, parestesia unilateral ou bilateral do nervo trigêmeo e do nervo facial e morte²⁹⁸. O atestado de óbito registrou a morte dela no dia 27 de novembro de 1913 no Asilo dos Alienados²⁹⁹, em consequência da sífilis ou lues.

A sífilis é uma doença milenar, descrita biblicamente. A palavra sífilis vem do grego: sys = porco + philein = amar e significa “amor imundo”. Já a palavra lues, usada como sinônimo de sífilis, vem do latim e significa praga, pestilência, epidemia e corrupção. A sífilis é classificada como uma infecção sexualmente transmissível (IST), sendo uma doença de natureza infecto contagiosa, crônica, sistêmica, de caráter endêmico, que, devido a falhas na prevenção e controle, pode assumir uma proporção epidêmica. Seu agente etiológico é a bactéria *Treponema Pallidum*, identificada pela primeira vez em 1905 por Fritz Richard Schaudinn³⁰⁰.

²⁹⁸ KALININ, Yuri Kalinin; PASSARELLI NETO, André. Sífilis: aspectos clínicos, transmissão, manifestações orais, diagnóstico e tratamento. *Odonto*, 2015; 23(45-46): 65-76. p. 70.

²⁹⁹ A origem do hospital está relacionada ao antigo Hospício de Alienados, fundado em 19 de julho de 1892. A autorização para aquisição do terreno que abrigaria o “Hospício de Alienados” foi feita através das leis nº 1.239, de 13 de novembro de 1896, e nº 1.314, de 1º de dezembro de 1897. Autorizada a compra do terreno, a Diretoria da Santa Casa escolheu como local o “pitoresco e aprazível bairro do Marco da Légua”, próximo ao Bosque Municipal e de frente para a Avenida Tito Franco, atual Almirante Barroso. A escolha do local justifica-se pelo contexto histórico em que o hospital se insere, que é o início do período republicano, o qual procurava fazer uma “limpeza” na cidade de Belém, o que incluía situar manicômios, hospitais e presídios distantes da área urbana, garantindo seu embelezamento e higienização. Do projeto, esteve encarregado o Engenheiro Nina Ribeiro, mesmo projetista da Santa Casa. MIRANDA, Cybelle Salvador. Memória da assistência à Saúde em Belém-PA: Arquitetura como documento. *I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo* - I ENANPARQ Título do Simpósio Temático: Arquitetura e Saúde: história e patrimônio. Experiências em rede.

³⁰⁰ DE SOUZA, Elemir Macedo. A hundred years ago, the discovery of *Treponema pallidum* Há 100 anos, a descoberta do *Treponema pallidum*. *An Bras Dermatol*, v. 80, n. 5, p. 547-8, 2005.

O caso clínico da meretriz russa foi descrito na *Revista Pará Médico*³⁰¹ pelo doutor Porto de Oliveira, o qual apontava com preocupação e com certa descrença a possibilidade de cura de quem era acometido pela sífilis nervosa, pois durante as primeiras décadas do século XX, a comunidade médica conhecia as estatísticas de mortes de pacientes desse estágio, o percentual de cura de doentes paralíticos como a meretriz era muito pequeno e as técnicas até então disponíveis para o tratamento pouquíssimo promissoras³⁰². Oliveira descrevia os empenhos e os estudos realizados na Amazônia acerca da doença, bem como a interlocução entre os médicos da cidade com os esculápios da França, demonstrava que o corpo médico paraense estava a par dos estudos sobre as doenças venéreas através de um intenso intercâmbio nacional e internacional, respaldou-se em dados e discussões técnico-científicas³⁰³.

Em 1917 a *Revista Pará Médico* trouxe novamente um artigo sobre sífilis escrito pelo médico Arthur França, caso de um paciente cearense, branco, 35 anos, também acometido de graves infecções: aspecto enfermigo com músculos atrofiados e dificuldade para andar. França relatou os antecedentes de vida do sífilítico, chegara a Belém após uma longa viagem vindo de um seringal, ele era “um desses tipos heróicos, tão comumente encontrado nas avalanches de infelizes cearenses”, que buscavam em solo amazônico o sustento com a extração do ouro negro. França explicou as consequências do fluxo migratório para a floresta, o trabalho duro e perigoso nas matas para retirada do látex, e como os sonhos desses indivíduos foram soterrados quando se depararam diante da imensidão do trópico úmido. Seria o clima amazônico fator de adoecimento das pessoas? Para o doutor as “graves enfermidades”, não

³⁰¹ Fundada em 1914, pela Sociedade Médico Cirúrgica do Pará (SMCP), faziam parte da sua Comissão de Redação os Drs. Porto de Oliveira, Oswaldo Barbosa, Jaime Aben-Athar, Veiga Cabral, J. de Magalhães, Arthur França e Penna de Carvalho. Na revista há anúncios, propagandas de medicamentos, artigos científicos, crônicas/ou manifestos dos médicos sobre as questões políticas, econômicas e sobre a saúde pública do estado, homenagens a “homens da ciência” que se destacaram na época, seja no estado, no Brasil e no mundo, como Oswaldo Cruz e Louis Pasteur. O periódico tratava de diferentes assuntos que não se limitaram somente a artigos científicos próprios das áreas de clínica e cirurgia, mas também se deteve em assuntos, como o saneamento básico da região. A circulação do *Pará-Médico* esteve particularmente associada às condições econômicas da época, no qual a sua criação foi a segunda estratégia tomada pela elite médica local com a nítida intenção de demarcar a sua posição enquanto entes políticos que necessitavam de fortalecimento no âmbito nacional e regional, em que dentre os seus objetivos de difundir a Medicina nacional, já em 1939 surge a intenção de “Congregar todas as actividades dos médicos brasileiros, em especial da Amazônia”, fazendo chamada e mobilização dos seus “Colegas da Amazônia” para que manifestassem o seu apoio à revista, emprestando assim o seu prestígio ao órgão. GUIMARÃES, Jacqueline Tatiane da Silva. *Os Discursos dos Médicos do Estado do Pará nas “teses de doutoramento ou inaugurais” (1929- 1954): Saúde, Assistência e Educação da infância pobre*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Instituto de Ciências da Educação. 2016. p. 139.

³⁰² PACHECO E SILVA, Antonio Carlos. *Neurossífilis*. 1a ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1933. PIREZ, Waldemiro. “Malariotherapia na paralysisa geral” – *Boletim da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal*. Arquivos Brasileiros de Neurolia e Psiquiatria, Rio de Janeiro, vol.8, n.3 e 4, 1926.

³⁰³ *Pará-Médico* - Arquivos da Sociedade Médico – Cirúrgica do Pará. Belém, Vol. I, Anno I, Nº1, Maio de 1915. p.39.

eram consequências do clima da Amazônia³⁰⁴, e sim da falta de higiene das regiões onde esses homens iam labutar. E resultado também, de sua hereditariedade, pois, o doente trazia da sua herança traços que agora o debilitava, França utilizou a denominação “taras ancestrais” apontando a importância dada à história familiar do enfermo. Para ele, era primordial conhecer se os ascendentes maternos e paternos estavam vivos, se haviam sofrido alienação, se tiveram sífilis, tuberculose ou eram alcoólicos³⁰⁵. O doutor amazônico se baseou na transmissão da tara degenerativa, traços herdados que levariam a degeneração dos indivíduos. O respaldo intelectual dos médicos brasileiros no final do século XIX, veio a partir dos estudos realizados na obra *Traité des dégénérescences physiques, intellectuelles et morales de l'espèce humaine et des causes qui produisent ces variétés maladives* (Tratado das degenerescências físicas, intelectuais e morais da espécie humana e das causas que produzem essas variedades doentias), obra de Bénédic-Augustin Morel (1809-1873).³⁰⁶ A teoria de

³⁰⁴ A designação "doenças tropicais" não foi invenção da OMS, pois já constava do vocabulário médico desde o século XIX. Surgiu sem data fixa e foi se consolidando à medida que microrganismos eram reconhecidos como causadores de doenças e tinham seus mecanismos de transmissão elucidados. A expansão colonizadora da Inglaterra, da França e sócios menores, entre os quais os Estados Unidos, expandindo-se para o Caribe e o Pacífico, havia descortinado um mundo novo repleto de riquezas exploráveis, mas também de doenças desconhecidas ou quase desconhecidas. Como a maioria das novas colônias se situava nos trópicos, essas doenças curiosas e exóticas foram apelidadas de "tropicais". Para aglutinar os conhecimentos em torno da patologia dos trópicos, foram criadas sociedades médicas: The Society of Tropical Medicine of Philadelphia, depois transformada em American Society of Tropical Medicine, em 1903, e The Royal Society of Tropical Medicine and Hygiene, em 1909. Patrick Manson, o responsável pela "mosquito theory" de transmissão de doenças infecciosas, e que em 1899 havia fundado a London School of Hygiene and Tropical Medicine, foi o primeiro presidente da Royal Society. Essas instituições sacramentaram a designação "doenças tropicais" na terminologia médica. Muitos cientistas, especialmente dos trópicos, contestaram desde o início a designação de "doenças tropicais", pela conotação implícita de que elas estariam vinculadas a alguma maldição ou fatalidade biogeográfica. Inflexíveis, concordavam com Afrânio Peixoto que, em seu primeiro curso como catedrático de Higiene da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, poucos anos depois da criação da Royal Society, proclamaria enfaticamente que "doenças climáticas não existem". Há, nos bastidores da argumentação de Peixoto e de muitos de seus contemporâneos, uma manifesta objeção à visão de que o "clima tropical", não as precárias condições de vida e econômicas das populações tropicais, fosse o responsável pelas "doenças tropicais". A primeira metade do século XX assiste ao acirramento de posições conflitantes, médicas e leigas, sobre as raízes das "doenças tropicais". Essas posições se cristalizavam em duas visões antagônicas sobre as doenças tropicais: a) "são doenças de populações colonizadas, exploradas, miseráveis, que por acaso se concentram nos trópicos"; b) "são doenças de regiões insalubres, caniculares, sujas e propícias a todas as formas de doenças estranhas ao mundo civilizado". CAMARGO, Erney Plessmann. Doenças tropicais. *Dossiê Epidemias* • Estud. av. 22 (64) • Dez 2008.p. 96.

³⁰⁵ *Pará-Médico* - Arquivos da Sociedade Médico – Cirúrgica do Pará. Belém, Vol. I, Anno I, Nº1, Maio de 1917. p.195.

³⁰⁶ Bénédic Morel nasceu em 1809 em Viena, Áustria, filho de pai francês, Benoît Morel (1770-1832), fornecedor dos exércitos imperiais, e provavelmente mãe austro-húngara, Marie Saltinam de Ganÿi. Morel obteve seu doutorado em medicina em 1839. Tornou-se assistente do psiquiatra Jean-Pierre Falret na Salpêtrière em Paris. Ele foi nomeado diretor do Asile d'Aliénés de Maréville perto de Nancy. Lá, ele introduziu reformas para o bem-estar dos loucos e reduziu, principalmente, as práticas de contenção. Na medicina legal, ele foi o primeiro a exigir que o sujeito de um exame psiquiátrico fosse observado não na prisão, mas no manicômio. Além disso, estudou a história de seus deficientes mentais e suas famílias, pobreza e doenças infantis. Em 1856 foi nomeado diretor do manicômio de Saint-Yon em Rouen. Morel é considerado o pai da demência precoce e da teoria da degeneração. Ambas as ideias ajudaram a entender a doença mental como estava em ascensão na França dos séculos 19 e 20. A teoria da degeneração de Morel ganhou popularidade rapidamente em toda a Europa, o que lhe permitiu moldar novos desenvolvimentos científicos. Ele foi usado como base para as teorias

Morel surgiu como uma tentativa de responder às dificuldades que a nascente psiquiatria enfrentava. Postulou a existência de uma pluralidade de causas da degeneração, era necessário classificar as patologias em famílias e grupos nosológicos de acordo com a causa predominante: “Os seres degenerados formam grupos e famílias com elementos distintivos relacionados invariavelmente às causas que os transformaram nisso que são: um desvio mórbido do tipo normal da humanidade”³⁰⁷. Para Sandra Caponi a teoria da degeneração ofereceu aos alienistas um fundamento organicista que se refere a lesões cerebrais e a predisposição hereditária. Cada caso de degeneração, do mais leve ao mais grave, é visto como resultado de causas físicas (lesões cerebrais), intelectuais, sociais e morais inter-relacionadas, sendo que a causa principal será a predisposição degenerativa (mórbida) vinculada à herança patológica³⁰⁸.

Eram recorrentes nos periódicos paraenses artigos sobre os perigos da sífilis. Em 1920, o *Estado do Pará* publicou um artigo do médico carioca Nicolau Ciancio³⁰⁹, advertindo sobre o número de crianças sífilíticas, as estatísticas eram falhas, a quantidade era muito maior: havia os que nasciam sífilíticos, os infectados pelas amas de leite e os “inocentinhos” os contaminados pelo beijo. Receitava tônicos e a mistura de iodo e arsênico como mais indicados no tratamento desses “serzinhos”³¹⁰. Em 1924, *A Província do Pará* em sua primeira página questionava qual a atuação da Academia Paraense de Medicina diante de tantos sífilíticos no Estado? Exemplificou com a atuação da Organização da Luta contra a sífilis na França, apontava seu Instituto Profilático que havia curado 40.000 pessoas. Para o autor do texto essa cura seria uma “gênese da revolução social”, porquanto, um grande

de tipologia e disposição do corpo, bem como a teoria da criminologia antropológica de Lombroso. Sua teoria era altamente ideológica e forneceu uma justificativa científica para os programas de eugenia usados pelos nazistas. Para uma leitura mais atenta sobre a teoria de Morel conferir: PEREIRA, Mário Eduardo Costa. Morel e a questão da degenerescência. Revista *Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo, v. 11, n. 3, p. 490-496, setembro de 2008. SERPA, Octavio Domont de. O degenerado. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, vol. 17, núm. 2, dezembro, 2010, pp. 447-473.

³⁰⁷ MOREL, Bénédic-Augustin. *Traité des dégénérescences physiques, intellectuelles et morales de l'espèce humaine et des causes qui produisent ces variétés maladives*. Paris: Baillièrre, 1857. p.75. Disponível em : <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k850762/f95.item>. Acesso em 28 out. 2020.

³⁰⁸ CAPONI, Sandra. Loucos e Degenerados: uma genealogia da psiquiatria ampliada. Editora FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2012. pp. 97-98.

³⁰⁹ Nicolau Ciancio, nascido na Itália, em 1877, chegou ao Brasil ainda criança. Pouco depois, perdeu os pais, vítimas de outra doença comum naqueles tempos: a febre amarela. Órfão, e ainda menino, trabalhou como jornalista, contínuo e dobrador de folhas na Gazeta de Notícias, matutino carioca fundado em 1875. Mais tarde, estudou Engenharia na Escola Politécnica, quando foi companheiro de quarto do escritor Lima Barreto. No último ano do curso, trocou a Engenharia pela Faculdade de Medicina. Até se formar, no final de 1910, continuou a colaborar, já como revisor e, depois, repórter e redator, com a Gazeta de Notícias e com o vespertino A Notícia. Em 1912, depois de uma viagem de estudos, migrou para o jornal de Irineu Marinho, fundado no ano anterior. Nicolau Ciancio escreveu para a imprensa carioca até sua morte, em 1944. Disponível em: <https://robertomarinho.globo.com/2020/04/28/um-medico-jornalista-contr-a-gripe-espanhola>.

³¹⁰ Crianças sífilíticas. *Estado do Pará*, Belém, 13 abr.1920.p.2.

progresso ao beneficiar operários, suas mulheres e seus filhos³¹¹. As duas reportagens demonstraram a aflição quanto à doença, porque quando se falava da sífilis logo vinha a associação à hereditariedade, sendo perigosa não somente para o indivíduo, mas para sua família, e poderia comprometer o desenvolvimento econômico da país ao proliferar uma enorme quantidade de pessoas incapazes de exercer o trabalho e contribuir para o futuro o Brasil.

De tal modo, a sífilis se tornou um grande problema nacional, em 1918, no Primeiro Congresso Sul-Americano de Dermatologia e Sifilografia, realizado no Rio de Janeiro, o sifilógrafo Werneck Machado³¹² justificou a necessidade da luta anti venérea, o “verdadeiro duende da patologia” deveria ser combatido com todos os recursos e progressos da ciência³¹³. A inquietação e preocupação com a sífilis não ficaria restrita aos escapulários, a ideia de doença ameaçadora à sociedade foi amplamente disseminada. Sérgio Carrara ao analisar a sífilis no Brasil esclareceu que desde a passagem do século XIX, os médicos insistiram no fato da doença formar com a tuberculose e o alcoolismo a tríade dos denominados grandes flagelos sociais, desejavam dizer que essas doenças não ameaçam imediatamente à sociedade, mas principalmente, suas origens estavam entranhadas na própria organização social e em certos valores socialmente estabelecidos. Era necessário neutralizar o mal venéreo, agindo principalmente sobre certas instituições, comportamentos e valores. E as intervenções a fim de livrar a sociedade da sífilis, muitas vezes, não conseguiu equilibrar as esferas pública e luta contra o mal. Dessa maneira, a batalha contra a sífilis, foi realizada com intervenções sociais bastantes polêmicas na vida privadas dos cidadãos, interligadas com a moral sexual e com os direitos e deveres de cada sexo, extrapolando o universo restrito da medicina.³¹⁴

³¹¹ Primeira Organização da Luta contra a Sífilis. *A Província do Pará*, Belém, 10 jan.1924. p.1.

³¹² Doutorou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1886. Ao lado de quatro colegas, formou um grupo que ficou conhecido como “os cinco germanistas”. Faziam parte deste grupo os Drs. Oswaldo Cruz, Salles Guerra, Antonio José Pereira da Silva Araújo, e Alfredo Porto, que eram assim chamados por seu empenho em aprender alemão, língua em que, àquela altura, eram publicados os textos mais avançados sobre medicina. Foi membro de sociedades e associações nacionais e internacionais, tais como presidente por duas vezes da Sociedade de Medicina e Cirurgia, presidente honorário da Sociedade Brasileira de Dermatologia e Siphilographia, membro da Sociedade Francesa de Dermatologia, da Academia Espanhola de Dermatologia, dentre outras. Destaca-se seu papel como primeiro historiador da luta anti-venérea no Brasil e incentivador da “consciência sanitária” em relação às doenças venéreas. Disponível em : <http://www.anm.org.br/aureliano-vieira-werneck-machado/>.

³¹³ WERNECK, Aureliano Vieira Machado. “Contribuição para o estudo da syphillis no Rio de Janeiro”, 2º *Boletim do VIII Congresso Brasileiro de Medicina, do 1º Congresso Sul-Americano de Dermatologia e Sifilografia etc.* Rio de Janeiro, Imp.Nacional, 1921. p.177.

³¹⁴ CARRARA, Sérgio. *Tributo a Vênus: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40.* Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996. p. 293.

Os casos publicados em revistas e jornais paraenses evidenciaram a preocupação da comunidade médica brasileira com essa doença. No Brasil desde final do século XIX foi propagada a ideia que a sífilis era extremamente perigosa, transmitida normalmente pelo ato sexual, mas também, pelo contato entre as partes como membrana mucosa, como a glândula, os lábios, etc, ou então que, sendo cobertas pela pele, esta última se achar despida de sua epiderme por qualquer ferida³¹⁵. E nas primeiras décadas do século XX, foi acrescentando a noção de hereditariedade da doença, uma vez que, os pais sífilíticos podiam transmitir o mal aos seus filhos³¹⁶. Ademais, pairava sobre a doença o estigma, pois era compreendida como resultado de relações sexuais impuras, como de casos extramatrimoniais. Punição, castigo por uma vida pervertida, entretanto, ao reconhecer o impacto avassalador da doença na família e nas futuras gerações, criou-se uma ampla campanha nacional contra o “mal venéreo” e a degeneração das futuras gerações.

Marcelo Sánchez Delgado em relação à teoria da degeneração e sua implicação na psiquiatria chilena, concluiu que tal teoria era portadora de um pessimismo biológico que finalmente libertou as elites de qualquer responsabilidade pelas condições de vida dos marginalizados e proletários. A pobreza nada mais era do que a falta de aptidão para a luta pela vida, como apontou Magnan,³¹⁷ e o estado de deterioração orgânica dos camponeses e das famílias trabalhadoras que timidamente cresciam nas cidades do Chile era visto como parte de um processo de degeneração biológica decorrente da própria irresponsabilidade moral da família pobre. A ideia de defesa social, implícita na teoria da degeneração e desenvolvida pela proposta de Lombroso, que funcionou no contexto europeu como mecanismo de defesa contra a massa proletária, funcionou no contexto chileno como uma linha rígida de demarcação contra o outro, de cujo limite poderia até surgir a ignominiosa ideia de uma “raça dos pobres”, diferente não só cultural, econômica ou socialmente, mas de uma condição orgânica singular e inferior. Igualmente forte era, deve-se admitir, o desejo de

³¹⁵ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de Medicina Popular*. 2ª ed. 3 volumes. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, Coleção Particular. v.3, 1851.p.480.

³¹⁶Id. *Formulário e guia médico*. 18ª ed. Paris: Livraria de A. Roger e F. Chernoviz, Coleção Particular. 1908. p.1941.

³¹⁷ Valentin Magnan, no final do século XIX, definiu a degeneração do ponto de vista naturalista e não confessional, com maior rigor clínico. E ele atribuiu grande importância à teoria de que as doenças mentais deveriam ser classificadas de acordo com um estudo cuidadoso do curso e prognóstico da doença. Centrou suas análises aos problemas do alcoolismo e degeneração, pois essa patologia provoca inúmeras consequências tais como delírios, alucinações, excitação maníaca etc. Por outra parte, Magnan considera que o alcoolismo é hereditário, agravando-se o estado do indivíduo nas sucessivas gerações de alcoólatras e provocando, na descendência, inúmeras degenerações, tanto físicas quanto morais. CAPONI, Sandra. Magnan e a classificação das patologias psiquiátricas. *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 167-182, jul | dez 2011. Sobre Magnan e sua teoria da degeneração conferir: DOMINGO, José Javier Plumed; GONZÁLEZ, Antonio Rey. La Introducción de las ideas Degeneracionistas en la España del siglo XIX. Aspectos Conceptuales. *FRENIA, Revista de la Asociación Española de Neuropsiquiatria*, Vol. II-1-2002.

regenerar os filhos dos degenerados superiores, por meio de um vasto programa higiênico e educacional. De qualquer modo, tal programa aspirava a transformar o filho do degenerado em mão de obra qualificada, cada um a serviço da agricultura, do comércio e da indústria, consistente com uma rígida organização social em seus estratos³¹⁸.

Nas fontes sobre sífilis, dois elementos são constantes: o alerta da gravidade da doença e a importância de conhecer a herança do indivíduo acometido pelo mal venéreo. Magnitude e degeneração sempre constam nos casos expostos pelos médicos. Em relação a degeneração, também identificamos uma tentativa de relacionar a herança mórbida e as taras degenerativas ao diagnósticos de alcoolismo, prostituição, sífilis e tuberculose, recorrentes às classes mais pobres e marginalizadas no trópico úmido. Embora as causas desses processos (pobreza e marginalização) não tenham acompanhado o mesmo ritmo da industrialização europeia, a vida e a degradação biológica de indivíduos pobres prestou-se ao uso do mesmo diagnóstico realizado pela psiquiatria francesa: a teoria da degeneração. Daí a importância dada pelos escapulários amazônicos ao atos de educar e higienizar, pois assim, as mudanças biológicas e morais em uma geração, poderiam ser repassadas às futuras, chegando ao tão almejado progresso.

Ao investigar o sistema manicomial de Pernambuco, o historiador Carlos Miranda pontuou que o conceito de *degenerescência* é originado de uma preocupação com o crescimento das populações pobres, pois se acreditava que o pauperismo, a ignorância, o alcoolismo, a epilepsia e a sífilis eram agentes que predispunham os indivíduos à degeneração. Diagnosticada em função das influências patológicas e sociais, era considerada a grande responsável pela ocorrência de uma elevada taxa de criminalidade, delinquência e loucura. Dessa forma, tal conceito, transmitido de geração a geração, ampliou significativamente a noção de insanidade mental, criando novos rótulos para as condutas coletivas e individuais - a anormalidade moral. No início do século XX, novos personagens invadiram os hospícios: agora não são só os loucos mansos, os furiosos e os delirantes que passam a habitar os asilos, mas também indivíduos portadores de uma loucura invisível, os degenerados ou loucos morais, todos portadores de comportamentos estranhos e rebeldes. Essa nova concepção de loucura criou uma classe de indivíduos mentalmente doentes e perigosos³¹⁹.

³¹⁸ SANCHEZ, Marcelo. La Teoría de La Degereración en Chile (1892- 1915). *HISTORIA*, nº 47, vol.II, julio-diciembre 2014, pp.375-400.

³¹⁹ MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. Quando a razão começa a julgar a loucura: a institucionalização do sistema manicomial em Pernambuco. *Caderno de História- oficina de História: escritos sobre a saúde, doença e sociedade*. Departamento de História da UFPE, [Recife], Ano 7, n. 07, 2010. pp.37-84. p.42.

Laura Guazo ao analisar a eugenia e racismo no México, nas primeiras décadas do século XX, concluiu que em relação às concepções em torno da herança, ocorreu uma ênfase a explicar a causa do alto índice de morbidade e mortalidade infantil, a partir das doenças venéreas, especialmente sífilis e gonorreia, bem como a toxicod dependência, nomeadamente o alcoolismo crônico e a promoção da regulação da prostituição, no que diz respeito ao exame de saúde. Numerosas obras trataram indistintamente da sífilis como hereditária ou congênita, e múltiplas anormalidades existentes na prole como produto de pais que sofreram de “alcoolismo persistente”. E que as abordagens para resolver o problema da saúde mental, refletiram o poder do “conhecimento científico” para definir a situação dos indivíduos socialmente marginalizados, que foram considerados por juristas e psiquiatras mexicanos como portadores de vários padrões anormais de comportamento, produto da hereditariedade por meio de caracteres morfológicos regressivos ou atávicos, que se relacionavam com a criminalidade, o pauperismo, má experiência, fraqueza mental, loucura, homossexualidade e prostituição. Como alternativas, foram propostas medidas radicais como eliminação, mutilação, esterilização ou internação em hospitais psiquiátricos, o que revela a rígida posição eugenista desses profissionais, quase sempre evitando as condições de vida dos acometidos por diversas patologias mentais.³²⁰

Em minha dissertação em relação ao estudo da sífilis em Belém, nas primeiras décadas do século XX, destaquei que aos olhos dos higienistas e eugenistas³²¹ paraenses, a sífilis se converteu em um indicador para definir atitudes, comportamentos e modelos de condutas a

³²⁰ GUAZO, Laura Luz Suárez Lopes. *Eugenia y Racismo en México*. Universidad Nacional Autónoma de México. 2005. Colección Posgrado, 2005.

³²¹ No Brasil, as ideias eugênicas passaram a ser divulgadas no contexto posterior à Primeira Guerra Mundial, período de grandes mudanças no cenário nacional e de intenso debate sobre o futuro racial do país. Além do processo de urbanização, industrialização e de entrada de novos imigrantes, o final dos anos 1910 foi marcado pela expansão de um nacionalismo militante e pelo sentimento de que a modernização do país dependeria de amplas reformas sociais, especialmente em relação à saúde pública, à educação e à formação racial da população (Skidmore, 1976; Oliveira, 1990; Stepan, 2005; Lima, 2007). Acalentada por esses ideais, a elite intelectual e política de início do século XX almejava construir uma nova identidade para o homem brasileiro, transformando a fisionomia do “Jeca” doente e preguiçoso, tal qual havia definido o escritor Monteiro Lobato, em um “Jeca bravo” e trabalhador (Lima, Hochman, 1996, p.32-33), que aos poucos deveria branquear-se com a fusão de novos imigrantes europeus. Nesse sentido, quando as ideias eugênicas foram introduzidas entre os brasileiros, seus adeptos rapidamente assumiram esse ideário reformista, destacando a contribuição que a eugenia poderia apresentar para a transformação racial do país. WEGNER, Robert; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Eugenia 'negativa', psiquiatria e catolicismo: embates em torno da esterilização eugênica no Brasil. Dossiê Brasil - Alemanha: Relações Médico-Científicas • *Hist. cienc. Saúde-Manguinhos* 20 (1) • Mar 2013. p. 264. Conferir: SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1976. OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq. 1990. STEPAN, Nancy. “A hora da eugenia”: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2005. LIMA, Nísia Trindade. Public health and social ideas in modern Brazil. *American Journal of Public Health*, Washington, v.97, p.1209-1215. 2007. LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitário da Primeira República. In: Maio, Marcos Chor; Santos, Ricardo Ventura (Org.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. p.23- 40. 1996.

serem seguidos. As propagandas, os tratamentos, as narrativas, foram utilizados para articular essencialmente valores da classe médica que incluíam: autocontrole, moderação, higiene e abstinência sexual como maneira de moralizar as classes mais pobres. Os esculápios amazônicos procuraram apresentar-se como as autoridades mais eficientes para prescrever normas racionais de conduta e medidas preventivas, para os indivíduos e sociedade, objetivando produzir a nova família e o futuro cidadão, ambos salvos da degeneração³²². Os médicos paraenses não estavam distantes do pensamento nacional sobre a doença, em São Paulo, Priscila Bermudes Peixoto e Leonardo Dallacqua de Carvalho ao examinarem teses médicas e os discursos sobre a sífilis, concluíram que além das preocupações de ordem sanitária, a medicina voltava-se para um controle do cotidiano, buscando implantar normatizações de comportamento, alimentação, vestuário e sexualidade. O movimento higienista progride em relação direta com o desenvolvimento urbano. Sob o lema da higiene os médicos buscaram intervir ativamente na sociedade, de modo que almejavam construir um novo cidadão brasileiro: civilizado e sadio³²³.

A ameaça do perigo venéreo se tornou uma obsessão social porque representava não apenas um risco ao indivíduo, mas sobretudo à família. A sífilis poderia se perpetuar por até três gerações e, em alguns casos, por até sete. Mas além de informar os perigos da sífilis era necessário apontar os responsáveis pela propagação da doença. É oportuno aqui perceber o comportamento coletivo da imputação da culpa a terceiros pela ocorrência de uma grave doença. Pelas inferências de Dilene Nascimento, reconhecemos que essa resposta se constitui em cenários sócio, histórico, cultural e ideológico determinados. Isso significa dizer que uma determinada população, ao procurar um culpado, vai sempre fazê-lo de forma atravessada com as contingências específicas representadas pelas ideologias vigentes. Este “culpado” será sempre quem em um preciso momento histórico, ocupa um lugar de sujeição, ou menos valia, num determinado contexto desenhado pelo espaço e pelo tempo³²⁴.

A sífilis era vista como um assombro à espreita, colocando em risco não apenas indivíduos, mas um mal que poderia deslizar sorrateiramente pelas gerações futuras. Atrélada fortemente ao conceito de degeneração, a doença esteve muito presente na imprensa e nos

³²² AMADOR, Luiza Helena Miranda. “*Degenerados e Contagiantes*”: A Luta contra a Sífilis no Pará (1915-1934). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2015. p. 46.

³²³ PEIXOTO, Priscila Bermudes; CARVALHO, Leonardo Dallacqua de Carvalho. II “Memento lues, delenda lues!” A profilaxia e o tratamento da sífilis na Revista de Medicina nos anos 1920. *Revista Esboços*, Florianópolis, v. 25, n. 40, p. 391 - 412, dez. 2018. p. 406.

³²⁴ NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; GOUVÊA, George Gouvêa. O Signo da Culpa na História das Doenças. ‘Usos do Passado’ — XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ 2006. p.06.

vários discursos da sociedade paraense. E quem nesse contexto foi considerado “culpado” pela propagação do “duende” no trópico úmido?

As Degeneradas e o “Mal-vergonhante”

Em 1922, o médico Azevedo Ribeiro relatava seu trabalho no Asilo de Alienados, pontuava as dificuldades do atendimento face às inúmeras demandas e diante da grande quantidade de pacientes da cidade e de outros estados, que buscavam tratamentos. Para ele existiam dois flagelos responsáveis pela desorganização mental da humanidade: o álcool e a sífilis. Os médicos deveriam promover uma “luta tenaz” para combater à sífilis e havia a necessidade de “imperiosa profilaxia mediante a fiscalização da prostituição”. Ribeiro descreveu as consequências dos antecedentes hereditários, crianças com taras e neuro psicopatas surgiriam quando os pais fossem sífilíticos³²⁵. No ponto de vista de Ribeiro, as grandes propagadoras da sífilis em Belém eram as meretrizes. Mas entendia a prostituição como um “mal necessário”³²⁶. Regular e fiscalizar o meretrício era o que interessava, mas nunca impedir que os homens exercessem sua sexualidade. Será que Ribeiro estava isolado em sua argumentação em vincular meretrizes ao “mal-vergonhante”?

O médico português João de Almeida, em 1920, argumentou em sua tese que a sífilis se originou quando uma prostituta manteve relações sexuais com um leproso, considerando-a resultado de uma mutação da lepra³²⁷. Mary Spongberg sobre as doenças venéreas na Grã-Bretanha no final do século XVIII, fornece um exame crítico de como as prostitutas foram associadas aos males venéreos, a autora argumenta que, mesmo com esforços dos médicos para tratar a medicina como uma ciência pura, o conhecimento médico foi muito influenciado por pressupostos culturais e códigos sociais e morais³²⁸. E Alain Corbin quando

³²⁵ *Pará-Médico* - Arquivos da Sociedade Médico – Cirúrgica do Pará. Belém, Vol. II, Anno VIII, Nº10, Setembro de 1922. p.294.

³²⁶ Na história Ocidental, muitos autores consideraram a sexualidade masculina como força “natural” irrefreável e explosiva, que deveriam ser canalizadas para não colocarem em perigo a ordem heterossexual. A “luxúria masculina incontrolável” foi o tema de numerosos canonistas, entre os quais Santo Agostinho, importante pensador da história da prostituição, advertia que o banimento da prostituição seria porta de entrada para outros pecados ainda mais controversos. Para ele “se suprimirmos as prostitutas, as paixões convulsionaram a sociedade; se eles concedemos o lugar que é reservado para mulheres honestas, tudo é degradado em poluição e ignomínia. Portanto, esse tipo de ser humano, cuja moral leva a impureza para as profundezas mais baixo, ocupa, de acordo com as leis de ordem geral, um lugar, mesmo que seja verdade o lugar mais vil no coração do sociedade”. Agustín, *De Ordine*, 2.12, apud Alain Corbin, *Les filles de noce: Misère sexuelle et prostitution*. Paris, Flammarion, 1982, p. 216. Para uma análise mais pontual sobre prostituição e pensadores medievais ver: MULLER, Cícera Leyllyany F.L.F. A Aceitação da Prostituta na Sociedade Medieval Cristã no Século XIII através da análise da suma teológica de Tomás de Aquino. *Anais do VI Congresso Internacional UFES/Paris-Est*. SILVA, Edlene Oliveira. As filhas de Eva: religião e relações de gênero na justiça relações de gênero na justiça medieval portuguesa. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 19(1): 312, janeiro-abril/2011.

³²⁷ D'ALMEIDA, João de. *Sífilis dos órgãos genitais do homem*. Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Medicina do Porto. Porto; Universidade do Porto. 1920. <http://hdl.handle.net/10216/17613>; acesso em 15-08-2021.

³²⁸ SPONGBERG, Mary. *Feminizing venereal disease: the body of the prostitute in nineteenth-century medical discourse*. NYU Press, 1998.

analisou a sexualidade comercial na França do século XX, percebeu também que a prostituta foi definida como a maior propagadora da sífilis, a mulher mercantil ameaçaria o patrimônio genético das classes dominantes. O vírus incubado pela prostituta colocaria em movimento um processo de degeneração que ameaçaria e aniquilaria a burguesia. Prostituta alcoólatra, sífilítica e muitas vezes compulsiva, ela, vítima de si mesma, de herança mórbida, representaria a tendência criminosa da mulher na opinião de C. Lombroso e G. Ferrero³²⁹. Em poucas palavras, torna-se a síntese simbólica da tragédia de todos os tempos³³⁰. Ou seja, o pensamento do médico paraense Azevedo Ribeiro estava associado a outros pressupostos que determinavam as meretrizes como propagadoras do mal venéreo.

A ideia de associação entre sífilis e prostitutas foi solidificada a partir da pesquisa empírica de Philippe Ricord e seu *Traité complet des maladies vénériennes* publicado em 1838. Seu estudo foi realizado no Hospital du Midi³³¹, onde realizou cerca de 2.500 inoculações em pacientes do Centro. De seus experimentos em humanos, Ricord foi capaz de estabelecer diretrizes para distinguir a gonorreia da sífilis e conceituar as características que esta apresentou. A partir disso as autoridades médicas em meados do século XIX,

³²⁹ Cesare Lombroso (1836-1909), famoso por ser o fundador da escola italiana de antropologia criminal e cuja obra foi divulgada em vários idiomas. Quanto a Guglielmo Ferrero (1871-1942), sabemos que foi historiador, jornalista e romancista, marido de Gina, filha de Lombroso. Ferrero ficaria então encarregado da parte psicológica, literária e histórica da obra: *Criminal woman, the prostitute, and the normal woman* (1893). Para os autores, as mulheres degeneradas poderiam ser divididas em duas grandes categorias: prostitutas e criminosas. A primeira é considerada como a forma feminina do crime, e possuem características muito similares ao homem criminoso – desejo sexual, alcoolismo, e outras -, essas mulheres normalmente não cometem delitos, ou quando o fazem são mais brandos – roubos pequenos, chantagem e agressões físicas. Além disso, não apresentam grandes perigos à sociedade, segundo os autores “these women do not commit crimes, and they are rarely dangerous to society. Indeed, their special form of criminality – prostitution – is socially useful as an outlet for male sexuality and preventive of male crime”- “Essas mulheres não cometem crimes e raramente são perigosas para a sociedade. De fato, sua forma especial de criminalidade – a prostituição – é socialmente útil como uma saída para a sexualidade masculina e preventiva do crime masculino”. (LOMBROSO E FERRERO, 1893, pág. 221). Para uma análise mais pontual sobre a obra de Lombroso ver: CANO, Rodrigo Zapata. Reseña del libro La mujer normal, la criminal y la prostituta de Cesare Lombroso y Guglielmo Ferrero. *Ciencias Sociales y Educación*, 10(19) • Enero-junio 2021 • pp. 369-385. GARCIA-ALEJO, Rafael Huertas, REIG, José Luis Peset. Psiquiatria, crimen y literatura (y 11) La mujer prostituta y la mujer criminal en la obra de E. ZOLA. *Rev. Asoc. Esp. Neuropsiquiatría*. Vol. VI. N. o 18. 1986. ROMFELD, Victor Sugamoto. A Prostituta na Obra de Cesare Lombroso. *Criminologias: feminismos, mídia e protestos sociais*. Curitiba, PR : Editora Virtual Gratuita - EVG, 2018. p. 326.

³³⁰ CORBIN, Alain. Sexualidad conlercial en Francia durante el siglo XIX: Un sistema de imágenes y regulaciones. *Tomado de Representations*. Traducción de Antonio Saborit. Núm. 14, p.15, Primavera de 1986.

³³¹ O Hospital du Midi é considerado o mais antigo hospital da cidade de Paris, França. Consta que foi fundado por São Landérico de Paris em 661, entre os séculos VII e XVII, foi diversas vezes reconstruído, a arquitetura atual remonta a 1877. O hospital é ligado à Faculdade de Medicina da *Université Paris-Descartes*. O nascimento da saúde pública moderna ocorreu no final do século XIX. Os sifilógrafos de mais renomados foram Philippe Ricord e seu aluno Alfred Fournier. Ricord foi um dos médicos mais proeminentes do hospital de doenças venéreas de Paris (Hopital du Midi). Ele é reconhecido por suas pesquisas sobre a identificação da etiologia da sífilis e suas diferenças com a gonorreia. Por muito tempo ele sustentou que a sífilis era apenas contagiosa em seu estágio primário. Mais tarde foi visto obrigados a aceitar que no estágio secundário também é possível contrair a doença. BAILEY, Francis J. *Obituary. Philippe Ricord, M.D.*, en *The British Medical Journal* (1889), pp. 1070-1071.

concordaram que a sífilis era uma doença infecciosa transmitida pelo sangue do contato com uma ferida. Igualmente, estabeleceram que a forma mais comum de infecção era a relação sexual "impura", isto é, fora do casamento e da norma sexual vigente. Assim, estavam irremediavelmente associadas entre si, sífilis e prostituição (como modelo de sexualidade perigosa). Estabelecido esse vínculo, a prostituição foi plenamente identificada como o foco principal desse tipo de doença³³². Como observou Magali Engel, no Rio de Janeiro, pela trajetória do tema da prostituição nos meios acadêmicos da medicina podemos observar a presença de uma tendência no sentido de associar *prostituição* a *moléstias venéreas*. Tal aspecto apresenta-se como um dado fundamental não só para que o estudo da prostituição pudesse ser plenamente absorvido nos espaços de produção do conhecimento, mas também para que se *legitimasse* uma atuação *saneadora* do médico³³³.

Se as meretrizes eram as grandes propagadoras da sífilis, então, bastava acabar com a prostituição para tudo está resolvido? Em Belém foi frequente nos discursos a questão da necessidade de se manter a prostituição, pouquíssimos defendiam seu fim. Na cidade moderna os homens deveriam possuir o direito de pagar por sexo e dar vazão aos seus desejos, naturalizando o discurso da luxúria masculina, e dando contínua demanda pela prostituição. As mensagens se pautavam pela busca incessante da manutenção da moralidade e da preservação do núcleo familiar. À medida que a cidade se expandia e a vida noturna se animava, e as meretrizes buscavam melhores espaços para exercerem suas atividades, normas e tentativas de regulação dessa atividade sexual aumentavam. A sexualidade masculina natural e legítima deveria ser satisfeita para a preservação das instituições sociais, cabendo somente tentar controlar e regular a prostituição, um mal que não podia ser extirpado.

Seria o que Jorge Salessi definiu como uma dupla sexualidade masculina – conjugal e extraconjugal – na qual o comércio sexual adquiriu tarefas importantes. Por um lado, não só permitindo descargas sexuais, mas também evitando males como a canalização errada de tais descargas: "onanismo" ou "inversão" - sexo com outros homens. E proporcionar experiência sexual aos jovens solteiros para que mais tarde soubessem como funcionar na cama conjugal diante de suas virgens e, portanto, esposas inexperientes. No entanto, a dupla sexualidade masculina teve duas derivas que chocaram a sociedade pelos problemas que suscitaram. A primeira consistiu na expansão das mães solteiras, filhos ilegítimos e abortos. A segunda,

³³² VLADIMIROV, Lázaro, MISIAKOULI, Aristeia., Karamanou, Mariana. *et al.* O grande venereologista Philippe Ricord (1800-1889) e a distinção definitiva entre gonorreia e sífilis. *Andrologie*, 18, 288-292, 2008.

³³³ ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores: saber medico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense., 2004. p.64.

ligada à prostituição, tratava-se da disseminação de doenças sexualmente transmissíveis: a "doença venérea"³³⁴.

Ainda em relação à discussão acerca da prostituição como “mal necessário”, Marisa Miranda esclarece a criação de arquétipos de gênero, para os quais havia uma correspondência inequívoca entre homens e mulheres, exacerbando, paralelamente, as distâncias entre os dois e no que diz respeito ao exercício de suas respectivas sexualidades. Nesse contexto, a prostituição feminina era geralmente vista como remédio para a castidade masculina "exagerada" e o conseqüente onanismo; o que também foi útil para evitar a gama de práticas sexuais consideradas "perversas". Em suma, a prostituição teve uma relação complementar com a consolidação da heterossexualidade e fortalecimento da família. A homossexualidade, por outro lado, anulando irremediavelmente a classificação de um homem como masculino ou de uma mulher como feminina pôs em crise qualquer tipificação hermética e contribuiu para desequilibrar os próprios fundamentos da heteronormatividade compulsiva que sustentou grande parte da biopolítica da sexualidade estabelecida na Argentina e em vários países ocidentais ao longo do século XX³³⁵.

E onde ocorria o maior número de sífilíticos? Na cidade ou no campo paraense? Para o doutor Bonifácio Figueiredo, os homens do campo vinham para capital paraense em busca de trabalho e melhor qualidade de vida, mas ao contrário, encontravam-se “amontoados em casas abjetas e inomináveis, feitas de tábuas e latas velhas, sem água, esgotos, numa promiscuidade repelente e degradante”. Nesses lugares habitados por indivíduos “ignorantes e imorais” as doenças venéreas, dentre as quais a grande degeneradora da humanidade - a sífilis - tinha seu domínio soberana e incontida, no seu trabalho infernal de destruição da espécie da raça³³⁶. A descrição dantesca e funesta do doutor Figueiredo foi elaborada a partir da junção dos seguintes elementos: cidade, doença, sujeira e pobres. A ideia de cidade fabulosa e promissora era engolida por espaços insalubres e com indivíduos amontoados em casas sujas, seus moradores mal alimentados, encontravam-se na devassidão, sem o domínio da moral, exprimindo seus instintos, sendo a sífilis o resultado maior desse modo de vida. O médico constatou o resultado ocasionado pelo crescimento demográfico³³⁷ da cidade, eram indivíduos nacionais e internacionais que se juntavam aos moradores de Belém gerando demandas por

³³⁴ SALESSI, Jorge. *Médicos maleantes y maricas - Higiene, criminología y homosexualidad en la construcción de la nación Argentina*. (Buenos Aires: 1871-1914). Rosario, Beatriz Viterbo Editora, 1995.

³³⁵ MIRANDA, Marisa. Heteronormatividade y disidencias: Argentina ante la sífilis y el SIDA (1930-1990). *Historia y Sociedad*, 41 (Julio - diciembre de 2021) / pp. 45-68. p. 64.

³³⁶ Dr. Bonifácio Figueiredo- Aspectos opostos. *Folha do Norte*, Belém, 24 abr.1924. p.1.

³³⁷ Entre os anos de 1872 até 1920, em progressão de crescimento demográfico, a população de Belém aproximadamente quadruplicou no intervalo de 48 anos: de 61.997 habitantes para 236.402 habitantes. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo de 1920*. Rio de Janeiro:IBGE, 1926.

habitação, alimentação, trabalho e saúde que a urbe não conseguia abarcar. No texto de Figueiredo não existe somente a preocupação das condições insalubres das habitações, mas um desejo em reformas na vida privada dos sujeitos,urgia uma reforma moral na existência das classes populares. Em seu julgamento crítico o médico pregou uma lição moral, condenou as práticas de vida dos populares, os qualificou como libertinos e pervertidos em sua ignorância, apontava a negligência das relações e das práticas sexuais desenfreadas e sem rédeas, prejudiciais à hereditariedade da sociedade brasileira. Desse modo, grande parte de médicos e higienistas recomendaram preceitos que extrapolavam a limpeza e a higiene da cidade.

No entanto, a definição da prostituição como o principal germe de doenças venéreas não foi apenas apoiada por razões médicas, mas, como já apontamos, ela incorporou razões morais muito evidentes. Isso se deveu, em primeiro lugar, à evidente relação entre doenças venéreas e sexualidade e, em segundo lugar, porque a prostituição contrariava a tese que associava a saúde da nação à disciplina sexual ou com a sexualidade normalizada pela religião católica. Assim, os médicos higienistas viam as doenças venéreas não apenas como patologia, mas também como estigma, como violação da norma da orientação sexual predominante que considerava legítimas apenas as relações dentro do casamento e para fins reprodutivos³³⁸.

Em Belém a população aumentou, conseqüentemente, a prostituição, o intercâmbio sexual e as doenças venéreas também se multiplicaram. Mas não foi apenas a percepção desse quadro que alarmou médicos, higienistas e autoridades públicas, tal situação tinha um alcance maior, a disseminação da sífilis foi vista como uma ruptura da regra sexual, a família e o casamento sofriam ataques. Para a sociedade paraense erguida com os ganhos do látex, pautada pela moral burguesa, na qual a família e o lar ocupavam uma posição fundamental, os males venéreos converteram-se em uma afronta à instituição. A urgência em combater as doenças venéreas, não era tanto pela saúde das prostitutas nem de seus filhos, mas daqueles que buscavam seus serviços e, talvez, adquirissem a sífilis. Dessa maneira, somaram-se o avanço da medicina e a política sanitária brasileira³³⁹ na construção da ideia do “perigo

³³⁸ BOLEA, Ramón Castejón. «Enfermedades venéreas en la España del último tercio del siglo xix: una aproximación a los fundamentos morales de la Higiene Pública», *Dynamis. Acta hispanica ad medicinae scientiarumque historiam illustrandam*, 11: 239-262. 1991.

³³⁹ No século XX, os debates sobre o nacionalismo tornaram a realização da reforma sanitária em objetivo de luta de setores da sociedade. Para algumas correntes nacionalistas, “[...] um projeto de construção da Nação só seria viável por meio da integração do sertanejo à civilização do litoral”. Desta maneira, em lugar de atribuir à miscigenação, por exemplo, a decadência física e moral dos brasileiros, a decadência passou a ser atribuída, por algumas correntes de pensamento, a fatores como a subnutrição, a ignorância, a pobreza, a herança escravista, entre outros. Para os defensores do movimento sanitário, era possível, com os recursos da ciência, encontrar um caminho para os dilemas da nacionalidade brasileira, entendida como fragilizada pela doença. FARIA, Lina. Saúde e Política: a Fundação Rockefeller e seus parceiros em São Paulo. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007. p.52.

venéreo" e consolidaram a sífilis como o “duende” extremamente ameaçador aos lares do trópico úmido.

Essa busca por higienizar os corpos, habitações e práticas da população mais pobre, não ficou restrita ao Brasil. No Chile, Manuel Durán Sandoval constatou que os higienistas começaram a implementar uma série de programas e regulamentos que buscavam intervir no corpo social, não apenas em relação a doenças físicas - pragas e epidemias - mas também nas chamadas doenças sociais. As doenças sociais foram consideradas como aqueles comportamentos da população que se desviavam do ideal de normalidade e interferiram no projeto de ordem e progresso das oligarquias liberais, entre elas o alcoolismo, delinquência e prostituição³⁴⁰. O autor explica que o higienismo (ciência da higiene), produto do darwinismo social³⁴¹, foi uma corrente científica que se estabeleceu como discurso político. Surgindo a partir das elites burguesas apoiadas pela ciência médica, dedicada a promover a saúde do corpo e a profilaxia de doenças por meio de leis, regulamentos e normativas que ditavam a conduta privada e pública da população³⁴².

E por que ocorreu a correlação entre sífilis e cidade urbanizada? Um dos fatores foi porque nos centros urbanos a prostituição ocorria de forma mais preponderante, fazendo as prostitutas serem reconhecidas como sendo o principal vetor de transmissão da doença. Ainda que, não existisse um consenso para sua origem³⁴³, a maioria dos estudiosos da doença,

³⁴⁰ DURÁN, Manuel Sandoval. “Medicalización y disciplinamiento. La construcción higienista del espacio femenino, 1850-1920”. *Nomadías*. N° 9. 2009. p. 128.

³⁴¹ Formulado como tal pela primeira vez em 1876, engloba as mais variadas concepções em que são utilizados elementos dos diversos evolucionismos, não apenas o darwinista. É um tipo de pensamento que dividiu, e ainda divide, aqueles que, ao lidar com ele considera o adjetivo social redundante e aqueles que ao fazê-lo, se esforçam para distinguir a teoria científica da ideologia aplicada no campo sócio-político. Os signos que nos permitirão detectá-lo incluem fundamentalmente a construção de estruturas interpretativas de fenômenos sociais a partir de do uso de categorias biológicas e mais precisamente a alusão a os princípios mais difundidos e popularizados da teoria darwiniana: a "luta pela vida" ou "luta pela existência", a "seleção natural" e “sobrevivência do mais apto”. A eles será adicionado um invocação insistente das "leis da hereditariedade", qualquer que seja a herança a que se quer referir, e o papel determinante atribuído a certas características biológicas ou ambientais, seja apelando para Gregor Mendel ou o Conde de Lamarck. Sobre esta certeza fundamental paira um alcance indescritível de soluções propostas por setores da burguesia que instavam os novos estados liberais para implementar ações positivas ou negativas para limpar a sociedade de "resíduos humanos", seres que desse ponto de vista consumiam muitos recursos em sua atenção e na manutenção da ordem geral. A eugenia foi, nesse aspecto, o complemento prático do darwinismo social invocado para distinguir aqueles que não tinham "aptidão na luta pela vida" e, portanto, poderia ficar à mercê do "mais forte", que era agora quem detinha o controle do estado. VALLEJO, Marisa Miranda Gustavo. *Darwinismo social y eugenesia en el mundo latino*. compilado por Marisa Miranda y Gustavo Vallejo - 1a ed. - Buenos Aires : Siglo XXI de Argentina Editores, 2005. p.11-12.

³⁴² DURÁN, Manuel Sandoval . *Medicalización, Higienismo y Desarrollo Social en Chile y Argentina, 1860-1918*. Tesis de Grado para optar al grado de Doctor en Estudios Americanos con mención en Historia. Universidad de Santiago de Chile. 2012.

³⁴³ Duas teorias foram elaboradas na tentativa de explicar sua origem. Na primeira, chamada de colombiana, a sífilis seria endêmica no Novo Mundo e teria sido introduzida na Europa pelos marinheiros espanhóis que haviam participado da descoberta da América. Outros acreditavam que a sífilis seria proveniente de mutações e adaptações sofridas por espécies de treponemas endêmicos do continente africano. Rivitti EA. Sífilis. In: Machado-Pinto J. *Doenças infecciosas com manifestações dermatológicas*. Rio de Janeiro: Medsi; 1994. A sinonímia da doença refletia a beligerante situação sociopolítica da Europa, atribuindo sempre à doença uma

definiu as prostitutas como as únicas culpadas pela proliferação da sífilis. Prostituição e cidade, venda de sexo e urbanização foram elementos interligados, as conexões entre urbanismo e sexualidade são muitas e variadas, com a cidade atuando como um local chave onde os fluxos de capital e desejo se entrelaçam de uma maneira que molda fundamentalmente a natureza do poder das relações³⁴⁴, como Phil Hubbard explicou em seu estudo de geografia da prostituição, a sexualidade sempre foi:

crucial no processo de urbanização, implicado na construção de uma série de práticas espaciais urbanas, a prostituta, presença sexual na cidade, permanece inquestionavelmente o símbolo mais poderoso da vida urbana. Por um lado, a prostituta representa as liberdades sexuais e oportunidades possíveis em um reino urbano caracterizada pela heterogeneidade, anonimato e pela união de diferentes moralidades; por outro, simboliza a degeneração, a desordem e o colapso incipiente da vida urbana³⁴⁵.

Se a prostituição sempre esteve atrelada à cidade, então como estava o universo prostibular na cidade paraense? O doutor Hilário Gurjão em 1921, escreveu um artigo intitulado *A Prostituição em Belém*, relato minucioso, no qual caracterizou e resumiu o meretrício da cidade como: “pobre, analfabeto e doentio”. Gurjão chegou a essa conclusão após ter em mãos os dados de 772 mulheres públicas. Iniciou seu artigo comparando as prostitutas paraenses com as francesas e americanas, na cidade não existia as profissionais do sexo deslumbrantes e glamurosas como na América do Norte ou em Paris, no trópico úmido havia um negócio causado pela miséria das mulheres, pois, seguiam elas os “rastos da fome”. Descreveu as ruas do meretrício e o que se podia encontrar nos “açougues de carne humana”:

adjetivação que a identificava com outro povo ou nação. Mal espanhol, mal italiano, mal francês foram utilizados até que o nome sífilis, derivado de um poema de Hieronymus Fracastorius, sedimentou-se como o principal. AVELLEIRA, João Carlos Regazzi; BOTTINO, Giuliana. Sífilis: diagnóstico, tratamento e controle. *Anais Brasileiro de Dermatologia*. 81(2):111-26, 2006.

³⁴⁴ HARVEY, David. *The Condition of Postmodernity an enquiry into the Origins of Cultural Change*. Blackweel, Cambridge, USA. 1989. p. 230.

³⁴⁵ HUBBARD, Phil. *Sex and the City: Geographies of Prostitution in the Urban West*. Front Cover. Ashgate, 1999 - Social Science. p. 60. Um das análises pioneiras sobre geografia da prostituição pertencem a Symanski: *The Immoral Landscape*, no qual apontou a congruência entre as geografias do trabalho sexual (como se manifesta na localização de sex shops, discotecas, bordéis e zona de passeio pelas ruas) e paisagens de marginalização econômica e social. Para ele, a prostituição é “determinada e limitada pela história e geopolítica”, sua localização é resultado de 'onde a opinião pública, os interesses financeiros e aqueles que fazer cumprir as leis empurraram a prostituição ou permitiram que ela permanecesse”. Examinando as geografias da prostituição contra um cenário de conflito urbano, poder e mudança, a análise de Symanski sugeriu como uma compreensão da prostituição precisava de um compreensão da ordem social e espacial. SYMANSKI, Richard. *The Immoral Landscape: Female Prostitution in Western Societies*. Butterworth & Co. (Canada) Ltd. 1981. p. 35.

As mulheres surgiam sem casacos, camisas sujas mostrando as mamas balofas e deformadas, sentadas nos passeios catam piolhos umas das outras, pernas ulceradas à mostra até o joelho. Outras, cabelos desgrehados, semi nuas e semi ébrias de noites mal dormidas atravessam a rua, constantemente para beber cachaça nos botequins ou comprar bananas nas quitandas. As meretrizes sífilíticas espalham-se pelas portas, dando a cada transeunte um pouco do seu riso amarelo e mentiroso do ofício. São sempre as mesmas: doentes e miseráveis³⁴⁶.

A fala do doutor Gurjão comparou as meretrizes nacionais com as internacionais, as brasileiras não eram fascinantes e nem tinham a beleza das americanas ou francesas. No trópico úmido as prostitutas eram desvalidas e viviam na indigência. Em dois adjetivos resumiu o meretrício paraense: doente e miserável. O médico escreveu seu artigo após o *boom* gomífero³⁴⁷, quando a aura fascinante da *Belle Époque* se dissipou, e os efeitos econômicos da Primeira Guerra Mundial eram sentidos. Segundo o médico “em ambiente tão dificultoso para a vida de uma mulher, não é de admirar que centenas, exaustas de lutar, caíam, sem um amparo amigo e oportuno, na vereda tortuosa da prostituição”³⁴⁸, não que antes não existisse a prostituição desvalida. Não obstante, Gurjão tenha guardado na memória a imagem da prostituição luxuosa e estrangeira no qual os “coronéis da borracha” davam-se ao prazer de ter suas *cocottes*, muitas delas européias, como “Panchita” (espanhola) e a “Margot”(francesa) vestidas elegantemente com modelos europeus³⁴⁹. E seu relato factual do que encontrou nas ruas da cidade foi destoante de suas lembranças. As meretrizes da década de 1920 além de indigentes eram doentes. Sífilíticas e alcoólatras se mostravam em um espetáculo grotesco e degradante. O olhar de Gurjão foi de observação médica higienista, denunciando as condições em que as meretrizes viviam, em contrapartida, empenhado também em controlar e

³⁴⁶ GURJÃO, Hilário. A prostituição em Belém: suas causas, localização, fiscalização e assistência medico-sanitária. In: ARAÚJO, Heráclides de Souza. *A Prophylaxia da Lepra e das Doenças Venéreas no Estado do Pará*. Livraria Clássica, Belém, Pa, Vol.II, 1922. pp. 227- 263.

³⁴⁷ A década de 1910, é marcada pelo início do declínio da economia da borracha na Amazônia. Este declínio abalou a economia da região, que até então era baseada em maior escala pela exportação desse produto. aponta que com a crise, que foi gerada após o ano de 1910, “[...] o comércio dos produtos agrícolas e da extração de castanha asseguraram a renda da província, embora em menor escala do que a goma elástica garantia nos tempos de expansão”. A crise ocorreu por conta da diminuição das exportações de borracha, produto comercial mais importante para a economia daquele período. CANCELA, Cristina Donza. *Casamento e família em uma capital amazônica (Belém 1870-1920)*. Tese (doutorado) Programa de Pós-Graduação em História Econômica, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da Universidade de São Paulo. 2006. p.54. Entre 1912-13, o país ainda era o maior exportador de borracha mundial, mas a produção da Malásia, Ceilão e Indonésia já ameaçava o predomínio brasileiro no mercado mundial. Em 1915 a produção brasileira foi apenas a metade da asiática. MENEZES, Josimar de Castro. *Setor e Política Econômica do Brasil 1913-1918*. Tese (Doutorado) Programa de Pós- Graduação em História Econômica. São Paulo, 2015. p. 48.

³⁴⁸ Idem, p.232.

³⁴⁹ SARGES, Maria de Nazaré. Belém: *Riquezas Produzindo a Belle Époque (1870-1912)*. 2.ed. Belém: Paka-Tatu, 2002.SARGES, p. 83.

racionalizar o espaço urbano da cidade, eliminando aquilo que parecia feio, perigoso e insalubre.

Dualidade explicada por Nicolás Lazo Gemma em seu estudo sobre prostituição na Espanha, quando definiu o higienismo como contraditório, pois, denunciava as condições em que as classes populares viviam nas cidades industriais e, por outro lado, sua sustentação da ordem burguesa por meio de uma série de medidas que vieram aliviar certas situações sociais, mas que não atacaram os problemas subjacentes, entre eles, a estrutura socioeconômica vigente. Nesse sentido, o higienismo direcionou seus esforços para conter e defender uma cidade sem grupos perigosos para saúde pública, e conseqüentemente, para a ordem social estabelecida. Por esta razão, mendigos, criminosos, vagabundos e prostitutas eram sua principal preocupação³⁵⁰. Portanto, em nossa análise do universo prostibular de Belém, compreendemos que a meretriz foi foco das preocupações médicas higienistas, por duas razões principais. A primeira, por sua proximidade com os setores marginais das classes populares que eram considerados focos de transmissão de doenças e precisavam ser monitorados e reeducados nos princípios do higienismo. Em segundo lugar, por sua própria natureza feminina: seu modo de vida, sua sexualidade longe das regras sociais e sua venda de sexo distanciada do ideal de maternidade, sendo observada e denominada como um sujeito a ser evitado e fiscalizado.

Nogueira nos informou o modo de vida das meretrizes pobres, os corpos deformados pela existência fatigada e exaustiva, o alcoolismo e fumo companheiros até seus túmulos. Alimentação precária e insuficiente: sobras de peixe frito e café requentado. Feias, doentes e desnutridas, transeuntes de “casaria tortuosa, cafés e quitandas sórdidas”³⁵¹, atendiam seus clientes: boêmios, soldados, marinheiros e inveterados bêbados nos quartos imundos e nauseantes, mulheres sem outras opções de trabalho que viviam no limiar da miséria. As prostitutas pobres, assim como muitos trabalhadores do trópico úmido, encontravam-se em habitações com superlotações e insalubres, condições extremas de exploração, em uma constante degradação física e moral, reflexo de uma economia paraense que beneficiava apenas uma pequena camada da população. O relato do médico confirmou não só a situação de vida das meretrizes, mas demonstra as condições de existência de uma população miserável, que foi observada e analisada a partir de uma lente carregada de prenoções e

³⁵⁰ GEMMA, Nicolás Lazo. *La reglamentación de la prostitución en el Estado español. Genealogía jurídico-feminista de los discursos sobre prostitución y sexualidad*. Tesis doctoral inédita dirigida por Encarna Bodelón González y José Ignacio Rivera Beiras. Barcelona, Universidad de Barcelona. 2007, p.170.

³⁵¹ GURJÃO, Hilário. A prostituição em Belém: suas causas, localização, fiscalização e assistência medico-sanitaria. In: ARAÚJO, Heráclides de Souza. *A Prophylaxia da Lepra e das Doenças Venéreas no Estado do Pará*. Livraria Clássica, Belém, Pa, Vol.II, 1922. pp. 227- 263.

estigmas, no qual os enquadraram em expoentes da natureza viciosa e ignorante, cabendo à classe mais abastada questionar a sua existência e suas estratégias de sobrevivência, pois em sua visão somente eles eram dignos representantes do processo civilizatório.

O meretrício em Belém estava doente e miserável, e quais seriam as medidas das autoridades públicas para resolver tal problema?

As “Sacerdotisas do Vício” burlam o Regulamento

O ano era 1921 e o médico Heráclides César de Souza Araújo³⁵² chegava em Belém, vindo do Paraná, desejava no trópico úmido colocar em prática a cruzada contra o mal venéreo. Partindo da seguinte premissa: a fiscalização sanitária do meretrício, em relação ao combate às doenças venéreas teria o mesmo valor da desratização na profilaxia da peste³⁵³. Ou seja, para ele a propagação da sífilis só seria contida a partir da supervisão atenta da zona do meretrício.

Na Amazônia, a atuação de Souza Araújo foi pautada no tripé saneamento, higiene e educação. Exímio estudioso da lepra, fundou no Pará a primeira colônia agrícola de leprosos³⁵⁴. Em relação às doenças venéreas, o médico desejava implantar no Brasil o modelo do “Syphilicomio Nacional” de Montevideu após seu intercâmbio na capital uruguaia, entre os anos de 1915 e 1918. O Uruguai foi o pioneiro da América a contar com uma organização para profilaxia da sífilis, tendo adotado a França³⁵⁵ como referência para a luta contra as

³⁵² Paranaense, formado pela Faculdade de Medicina do Paraná em 1915, suas maiores influências foram os médicos Oswaldo Cruz, Arthur Neiva, Adolpho Lutz e Carlos Chagas. Souza Araújo defendeu sua tese *Granuloma Venéreo* dedicada ao médico Gaspar Vianna. O trabalho tratava da doença conhecida como donovanose, ligada às doenças sexualmente transmissíveis que causam ulcerações na região da genitália. O trabalho foi considerado na época um marco na área da dermatologia. MILÉO, Clarissa Cobbe. *Souza-Araújo e o Sanitarismo: a trajetória de um médico (1912-19130)*. Dissertação (Mestrado em História) - Curitiba, 2012. p. 27. Reconhecido em relação ao estudo da Lepra, acumulou vários títulos, além do seu cargo de assistente do Instituto Oswaldo Cruz. Foi membro titular da Academia Nacional de Medicina, e membro de várias instituições internacionais, como a Academia Espanhola de Dermatologia e Sifiligrafia, da Royal Society of Tropical Medicine and Hygiene, sócio fundador da Societas Internationalis Leprologiae, de Bergen, Noruega, além de correspondente da American Society of Tropical Medicine, da Sociedade Argentina de Dermatologia, da Sociedade Médicas de Lisboa, entre outras. CUNHA, Vívian da Silva. *O isolamento compulsório em questão: políticas de combate à lepra no Brasil (1920-1940)*. Dissertação (Mestrado) - Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro. 2005. p.59.

³⁵³ ARAÚJO, Heráclides de Souza. *A Prophylaxia da Lepra e das Doenças Venéreas no Estado do Pará*. Livraria Clássica, Belém, Pa, Vol.II, 1922. P.180.

³⁵⁴ Lepra é uma doença infecciosa crônica causada pelo *Mycobacterium leprae*, caracterizada por lesões da pele, da mucosa, das vias aéreas superiores e dos nervos. Anteriormente era conhecida pelo nome de Lepra. O agente infeccioso *Mycobacterium leprae* é um bacilo da família *Mycobacteriaceae*. Tem um universo muito pequeno de hospedeiros : o homem, o tatu, o camundongo, neste último, apenas um crescimento bacteriano limitado e em roedores com supressão imunológica. BENENSON, Abram. S. *Controle das doenças transmissíveis no homem*. 13 ed. Washington : Organização Pan-Americana da Saúde, 1983. Para uma análise sobre a Lepra em Belém, conferir: HENRIQUE, Márcio Couto. Escravos no purgatório: o leprosário do Tucunduba (Pará, século XIX). *Revista História, Ciência e Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 19, supl., p. 153-177, dez. 2012. MUNIZ, Érico Silva. “Sobre Óleos, Sabonetes e Asilos: História Do Combate à Lepra Em Bragança (PA) No Início Do Século XX.” *Veredas: Revista Interdisciplinar de Humanidades* v.2.n.3 (2019). GOMES, Elane Cristina Rodrigues. *A Lepra e a Letra: escrita e poder sobre a doença na cidade de Belém (1897- 1924)*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, do Centro de Humanidades, da Universidade Federal do Ceará, 2019.

³⁵⁵ Durante o século XIX, havia uma preocupação constante na França com as doenças venéreas, bem como um reconhecimento de sua difusão em todos os níveis sociais. Esse período foi identificado como o período da regulamentação, por meio do registro e fiscalização regular das prostitutas. Na vanguarda da pesquisa sobre sífilis instituiu medidas de controle sanitário e vigilância focado exclusivamente nas prostitutas como elemento primordial e centro nervoso da doença venérea. CARRILLO, Ana María. “Control sexual para el control social. La primera campaña contra la sífilis en México”, en *Espacio Plural*, xi: 22 (2010), pp. 65-77.

doenças venéreas³⁵⁶. Durante o século XIX, havia uma preocupação constante na França com as doenças venéreas, bem como um reconhecimento de sua difusão em todos os níveis sociais. Esse período identificado da regulamentação, por meio do registro e fiscalização regular das prostitutas. Na vanguarda da pesquisa sobre sífilis instituiu medidas de controle sanitário e vigilância focado exclusivamente nas prostitutas como elemento primordial e centro nervoso da doença venérea³⁵⁷.

No Paraná³⁵⁸ e em Belém, Souza Araújo implantou o protótipo regulamentarista para contenção das doenças venéreas. Antes de analisar a atuação dos médicos nessa tentativa de controle, precisamos entender que no Brasil a prostituição não era uma profissão oficializada, portanto a intervenção não seguia um padrão, abaixo relacionamos três exemplos dos sistemas de prostituição discutidos:

Regulamentarista	Difundido no século XIX que tem como objetivo controlar as doenças venéreas, impor controles policiais e médicos de forma compulsória.
Proibicismo	Modelo que criminaliza todas as atividades da prostituição, nesse não há tolerância para a venda e compra de sexo.
Abolicionismo	Sistema defendido pelas feministas do século XIX, no qual defendiam o fim da regulamentação da prostituição e qualquer criminalização das mulheres, sistema pautado na ideia que as prostitutas são na realidade vítimas dos cafetões e do tráfico internacional.

Quadro 5 – Sistemas de Prostituição. Produção da autora.

³⁵⁶ TURNES, Antonio L. *La Sífilis en la Medicina: una aproximación a su historia*. Editora Granada, 2007. p. 138.

³⁵⁷ CARRILLO, Ana María. “Control sexual para el control social. La primera campaña contra la sífilis en México”, en *Espacio Plural*, xi: 22 (2010), pp. 65-77.

³⁵⁸ Em Curitiba criou o Regulamento para o Dispensário Anti-syphilitico, criou as inspeções sanitárias das prostitutas. Após conflitos, Souza Araújo foi indicado para assumir o serviço de Prophylaxia Rural no Pará a partir de 1921. Para entendimento da transferência de Souza Araújo para Belém, ver: MILÉO, Clarissa Cobbe. *Souza-Araujo e o Sanitarismo: a trajetória de um médico (1912-19130)*. Dissertação (Mestrado em História) - Curitiba, 2012.

Souza Araújo iniciou seus trabalhos com a instalação do Instituto de Doenças Venéreas no Pará através do Serviço de Saneamento³⁵⁹ e Profilaxia Rural, em 1921, com a fundação do Instituto de Profilaxia das Doenças Venéreas sito à rua João Diogo, atual prédio da Academia Paraense de Letras. Para o atendimento e internamento dos contagiados venéreos foi utilizado o Hospital São Sebastião³⁶⁰ localizado onde atualmente funciona o Hospital Barros Barreto no bairro do Guamá.

O Regulamento do Instituto de Prophylaxia das Doenças Venéreas de Belém de 1921³⁶¹, relativo ao meretrício pode ser resumido na seguinte forma:

Art.5º	1. Recensear, identificar e localizar as meretrizes públicas, procurar descobrir as clandestinas para submetê-las à vigilância sanitária...auxiliar as autoridades sanitárias na descoberta das meretrizes enfermas e proibi-las de exercerem a profissão, fiscalizar as meretrizes interdidadas.
	2. Impedir por todos os meios que as meretrizes identificadas se mudem para fora da zona designada e que falem aos exames. Conduzir ao dispensário as meretrizes clandestinas encontradas em lugares suspeitos, fechar os prostíbulos irregulares.
Art.6º	As prostitutas ficam sujeitas: <ul style="list-style-type: none"> ● Um exame médico semanal. ● Quando faltarem serão declaradas na imprensa como suspeita <i>de enferma</i>.

³⁵⁹ Como movimento político, a campanha pelo saneamento expressou-se fundamentalmente na reivindicação de que o Estado brasileiro aumentasse seu poder de intervenção no campo da saúde pública. Com grande repercussão na imprensa, nos meios intelectuais e no Congresso Nacional, o movimento, formalmente organizado na Liga Pró-Saneamento do Brasil (criada em 1918 e dirigida por Belisário Penna), conduziria a uma ampla reforma dos serviços sanitários, com a criação, em janeiro de 1920, do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), do qual Chagas foi o primeiro diretor. HOCHMAN, Gilberto. *A era do saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Hucitec; Anpocs, 1998. v. 1. Sobre o assunto conferir: BENCHIMOL, Jaime Larry; SILVA, André Felipe Cândido da. Ferrovias, doenças e medicina tropical no Brasil da Primeira República. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.3, jul.-set. 2008, p.719-762. CASTRO SANTOS, Luiz Antonio de; FARIA, Lina Rodrigues de. *Reforma sanitária no Brasil: ecos da Primeira República*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003. KROPF, Simone Petraglia. A descoberta da doença dos sertões: ciência e saúde nos trópicos brasileiros no início do século XX. In: *Ciência, Civilização e República nos Trópicos*. Rio de Janeiro: MAUAD X: Faperj, 2010, p. 57-79. LIMA, Nísia Trindade. *Um Sertão chamado Brasil*. São Paulo: HUCITEC, 2013. No Pará, ver: VIEIRA, Elis Regina Corrêa Vieira. *Manchete do Dia: Imprensa Paraense e Saneamento Rural (1917- 1924)*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2016.

³⁶⁰ Construído a partir do modelo de hospital barraca de madeira, projeto do engenheiro Maximino Corrêa, caracterizado por três corpos, independentes uns dos outros, ligados entre si por varandas cobertas que rodeiam toda a edificação. Inaugurado em 1900 como hospital de isolamento à Trav. Barão de Mamoré para tratamento das pessoas atacadas de febre amarela. Fundação do São Sebastião. *Folha do Norte*, Belém, 29 abr, 1900 .p.1. Em 1903 após a notícia do aparecimento da “peste”no Estado, o hospital foi utilizado para abrigar variolosos.

³⁶¹ ARAÚJO, Heráclides de Souza. *A Prophylaxia da Lepra e das Doenças Venéreas no Estado do Pará*. Livraria Clássica, Belém, Pa, Vol.II, 1922. p. 189-190.

	<ul style="list-style-type: none"> • Em casos excepcionais o médico irá examiná-la em sua residência devendo pagar 10\$000. • Quando atacada da doença venérea será isolada a pedido ou obrigatoriamente no hospital.
Art.7º	Na caderneta da meretriz o médico deverá escrever após o exame: Boa, Suspeita, Doente, Interditada.

Quadro 6 – Regulamento da Prophylaxia das Doenças Venéreas.

Observamos que esse Regulamento foi baseado em uma tolerância da prostituição, desde que o Estado tivesse o controle moral, policial e sanitário das meretrizes. Caberia ao Chefe de Polícia: recensear todas as meretrizes da capital, fazer com que essas mulheres ficassem localizadas em um único bairro, todas deveriam possuir cadernetas de identificação e realizarem exames semanais a fim de continuarem exercendo suas atividades. O serviço de Prophylaxia Rural ficaria exclusivamente com a parte médica do “problema”. Dessa maneira, o controle do mal venéreo seria efetivado com a fiscalização higiênica do meretrício atrelado à polícia de Belém. Recensear, identificar, localizar, impedir e denunciar foram verbos utilizados pelo Regulamento, os quais demonstram a visão de que as meretrizes eram ameaçadoras à sociedade.

SERVIÇO MEDICO-LEGAL
GABINETE DE IDENTIFICAÇÃO
DO
ESTADO DO PARÁ

2

Certifico que a presente Carteira pertence a

Nome: *Margarida Pereira da Oliveira*
 Filiação: *Alcides Pereira da Oliveira*
 Nacionalidade: *Brasileira*
 Naturalidade: *Maranhão*
 Data do nascimento: *6 de Outubro 1895*
 Estado civil: *Solteira*
 Instrução: *Baixa*
 Estatura: *1m 43 centímetros*

Marcas e sinais particulares visíveis na vida ordinária:

Rosto _____
 Mão direita _____
 Mão esquerda _____

NOTAS CHROMATICAS:
 Cor da pele: *branca* Particularidades _____
 Cabellos: *pretos e curtos*
 Olhos: *pretos e curtos*

3

INDIVIDUAL
 DACTILOSCOPICA
 SISTEMA VIGSTEN
 Série: *2333*
 Secção: *2324*

So e valido o retrato que leva a este Cartão do Gabinete.

Belem (Pará) em *7* de *Outubro* de 1921

ASSIGNATURÁ DA IDENTIFICADA:
Margarida Pereira da Oliveira

A presente Carteira só terá valor dentro de um anno a contar da data de sua expedição, findo o qual deverá ser apresentada ao Gabinete para substituição.

POLEGAR DIREITO

[Fingerprint]

[Signature]
 DIRECTOR DO GABINETE.

Figura 10- Caderneta de Identificação da Meretriz.
A Prophylaxia da Lepra e das Doenças Venéreas no Estado do Pará. p.238.

A carteira com os dados foi a concretização da criminalização dessas mulheres, nesse papel foram definidas suas identidades: prostitutas e doentes. O objetivo do Regulamento era possibilitar à polícia o controle da vidas dessas mulheres, se a prostituição não podia ser erradicada, caberia aos policiais vigiar e punir todas que tentassem reverter as regras impostas. Exercer a venda de sexo, significou a adoção de uma identidade estigmatizante e a carteira evidenciava essa “mácula”, impedindo a liberdade e circulação dentro da cidade.

Atentos às categorizações de “clandestinas”, pois a elas caberia uma maior vigilância e controle, criava-se uma hierarquização dentro da prostituição: meretrizes “públicas” e as “clandestinas”. As fontes revelaram um tratamento diferenciado às meretrizes “clandestinas, a elas foi destinado um olhar mais atento e atitudes mais violentas, já que a condição econômica situava essas mulheres como as mais ameaçadoras, as miseráveis que recebiam seus clientes em "sórdidos lupanares" e "quartos imundos" simbolizavam, não só a contaminação do mal venéreo, mas a ameaça social e a decadência moral. A prostituição clandestina era vista com maior gravidade, nela se encontrava um tipo de mulher difícil de controlar, essa meretriz “escapava” da ação do Estado, algumas eram trabalhadoras em outros ofícios, utilizavam a prostituição para complemento de renda e outras não se assumiam como vendedoras de sexo para fugir da repressão policial.

Em sua análise acerca da regulamentação da prostituição na Espanha, Ramón Bolea explicou que o esquema epidemiológico que contou com o apoio de todos os higienistas foi aquele que localizou o foco dessas doenças na prostituição, nas prostitutas: “Todos ou a maioria concordam que o verdadeiro germe e terreno fértil da sífilis reside na prostituição(...)”³⁶². Se a doença teve sua origem e foi adquirida por meio de práticas sexuais ilegítimas, por meio da prostituição, os esforços deveriam ser direcionados para lá. Os congressos internacionais de higiene em Turim (1876) e mais tarde os de Viena aprovaram e recomendaram o regulamento. Na década de Oitenta teve lugar na Sociedade Espanhola de Higiene uma discussão sobre a "profilaxia da sífilis" em que a regulamentação da prostituição foi apoiada pela maioria dos higienistas civis e militares presentes nestas três bases: cadastro, visita de saúde e internação forçada³⁶³. Ainda na Espanha a historiadora Miren Llona utilizando o Regulamento de Higiene Pública da cidade de Biscaia, na transição do século XIX para o XX, ao analisar a prostituição concluiu que a prostituta, a partir de diferentes

³⁶² OLIVÉ, Ramon Rosello. «La sífilis y la prostitución; sus relaciones; medios de prevenir sus perniciosos efectos. Discurso inaugural», *Acta de la sesión inaugural que la Real Academia de Medicina y Cirugía de Barcelona celebró en 30 de enero de 1883*. Barcelona, Imprenta de Jaime Jepús, 1883, pág. 48.

³⁶³ BOLEA, Ramón Castejón. «Los médicos de la higiene: medicina y prostitución en la España contemporánea (1847-1918)». p.73. IN: *Prostitución y sociedad en España Siglos XIX y XX*. BULLETIN D'HISTOIRE CONTEMPORAINE DE L'ESPAGNE CNRS - Maison Méditerranéenne des Sciences de l'Homme. 1997.

disciplinas científicas passou a ser analisada e considerada, do ponto de vista da visão higiênica e sanitária, um ser perverso e foco de insalubridade com um enorme potencial de contágio e transmissão de doenças. Como consequência desse diagnóstico, as prostitutas foram declaradas promotoras da degeneração da espécie. A consequência mais imediata dessa mudança de mentalidade foi a generalização da caráter repressivo ao exercício da prostituição, com o intuito de prevenir a saúde pública. O Regulamento da Prostituição significou que as prostitutas tinham que se registrar como tal, passar por inspeção, prevenir a possível transmissão de doenças sexualmente transmissíveis e confinar seus serviços a bordéis registrados³⁶⁴.

Apesar de reproduzido em outros países, o modelo de regulamentação adotado por Souza Araújo na Amazônia não foi consenso entre os médicos e autoridades públicas. Em dezembro de 1921, o diretor do Hospital Militar de Belém, Dr. Alarico Damázio teceu sua desaprovação à obrigatoriedade do exame das meretrizes. Em sua análise as leis severas da polícia sanitária não garantiam a diminuição da contaminação, sendo improficuo, pois elas poderiam se contaminar no intervalo dos exames. Usar da violência contribuiria para aumentar a prostituição clandestina, considerada por ele “perigo muito maior para a sociedade que o vício profissional”³⁶⁵. Para amenizar as críticas aos serviços da Profilaxia das Doenças Venéreas, o médico Hilário Gurjão o convidou a visitar o Hospital São Sebastião e conversar com as meretrizes atendidas no local. Em sua saída, Damázio registrou sua desculpa às críticas que fizera, e "reconsiderou qualquer injustiça feita à Profilaxia das Doenças Venéreas"³⁶⁶.

Devemos nos atentar que ambos eram médicos, o corporativismo da classe e o serviço colocado em prática por Souza Araújo recebeu inúmeras críticas, muitas, por ser ele um médico migrante. A classe médica e parte da sociedade paraense não via com bons olhos a presença dele na cidade, o denominavam de “almofadinha”. Era comum nos periódicos críticas feitas a ele, como a publicada em 1921, na *Província do Pará*, em anonimato o texto dizia que o Pará era um museu de raridades, pois de quando em quando chegava um qualquer do Sul, “um exemplar darwiniano, um caruana”³⁶⁷, um boneco conhecido pelo título

³⁶⁴ LLONA, Miren. La Prostitución y la Identidad de la Clase Obrera en el tránsito del siglo xix al xx. Un análisis de género a la obra literaria de Julián Zugazagoitia. *Historia Contemporânea* 33, 719-740, 2006. p. 729.

³⁶⁵ Profilaxia Rural. *Folha do Norte*, Belém, 22 jul, 1921.p.2.

³⁶⁶ GURJÃO, Hilário. A Prostituição em Belém: suas causas, localização, fiscalização e assistência medico-sanitária. In: ARAÚJO, Heráclides de Souza. *A Prophylaxia da Lepra e das Doenças Venéreas no Estado do Pará*. Livraria Clássica, Belém, Pa, Vol.II, 1922. p.248.

³⁶⁷ Ente sobrenatural, voltado para a prática do bem, que os indígenas acreditam habitar o fundo dos rios e igarapés, e que é invocado para livrar as pessoas de doenças e feitiços. Disponível em: <https://www.dicionarioweb.com.br/Caruana/>. Acesso em : 05 de fev.2021.

honorífico, um fantoche, o hóspede curitibano que se diz discípulo da Rockfeller³⁶⁸. Findava acusando Souza Araújo de tirano e com métodos ineficazes para o meretrício paraense³⁶⁹. Mas, independente das queixas e críticas, o serviço de controle das doenças venéreas e a regulamentação das meretrizes continuou estampando todos os dias as páginas dos periódicos. Havia os elogios e clamores para continuação dos trabalhos, a fim de livrar a cidade do meretrício doente e perigoso.

As felicitações pelo trabalho da Profilaxia sempre evidenciaram a questão da moral. A polícia despertou da letargia que há anos se encontrava, pois criou uma zona específica para as “desafortunadas da vida”. Souza Araújo tentou destinar uma zona específica para o meretrício no Bairro da Campina (imagem 11), seu objetivo era que as meretrizes não ultrapassassem os limites dos logradouros para o exercício da prostituição.

O regulamento implementado por Souza Araújo foi visto como iniciativa louvável, atuando para poupar as famílias dos espetáculos deprimentes os quais assistiam na Avenida 15 de Agosto³⁷⁰, uma das principais artérias da cidade, o “leito das vendidas” onde ostentavam a completa nudez. A sentinela da moralidade deveria abrir os olhos, pois, na Praça da República a luz do dia, mulheres de “vida fácil” transformavam a sala em alcova aos olhos curiosos e inocentes das crianças. E a noite “as carminadas Vênus de alcouce” gastas pelas vicissitudes e pelos anos “envergando o *deshabillé*” traía as formas, postavam-se à porta, revelando através do ralo tecido as linhas do seu corpos³⁷¹. As crônicas e artigos sempre se referiam à prostituição em Belém ressaltando o olhar moralizante e o cuidado com a família. Zelo que o sistema de regulamentação, adotado por Souza Araújo poderia propiciar à família patriarcal paraense, visto que, a existência da prostituição contribuiu para manutenção de uma determinada ordem familiar e social, dessarte se a prostituta clandestina era sinônimo de perigo e doença, a prostituta regulamentada garantiria aos homens a experiência sexual que a

³⁶⁸ A Fundação Rockefeller foi criada em maio de 1913, em Nova York, por um poderoso grupo econômico dos Estados Unidos, constituído a partir da Standard Oil, em aliança com a Igreja Batista. Começou a desenvolver ações em educação e saúde no Sul dos Estados Unidos. Por intermédio da International Health Commission, criada em 1913 também, abriu frentes na América Latina, Europa, Ásia e África. A presença da Rockefeller no Brasil, durante a Primeira Guerra Mundial, coincidiu com a estruturação do chamado “movimento sanitário”, protagonizado por uma geração de médicos calejada nas campanhas sanitárias ou expedições científicas promovidas por Oswaldo Cruz entre 1903 e 1913. Sob a liderança de Carlos Chagas, seu sucessor na direção do Instituto de Manguinhos, e de Belisário Pena, incansável propagandista do saneamento rural, esses médicos mobilizaram-se contra a inconsistente política de saúde das oligarquias, reivindicando a modernização e centralização dos serviços sanitários, e uma política voltada não só para as doenças de base urbana mas também para a prevenção e o controle das endemias rurais. BENCHIMOL, Jaime. *Febre amarela: a doença e a vacina, uma história inacabada*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001. p. 112.

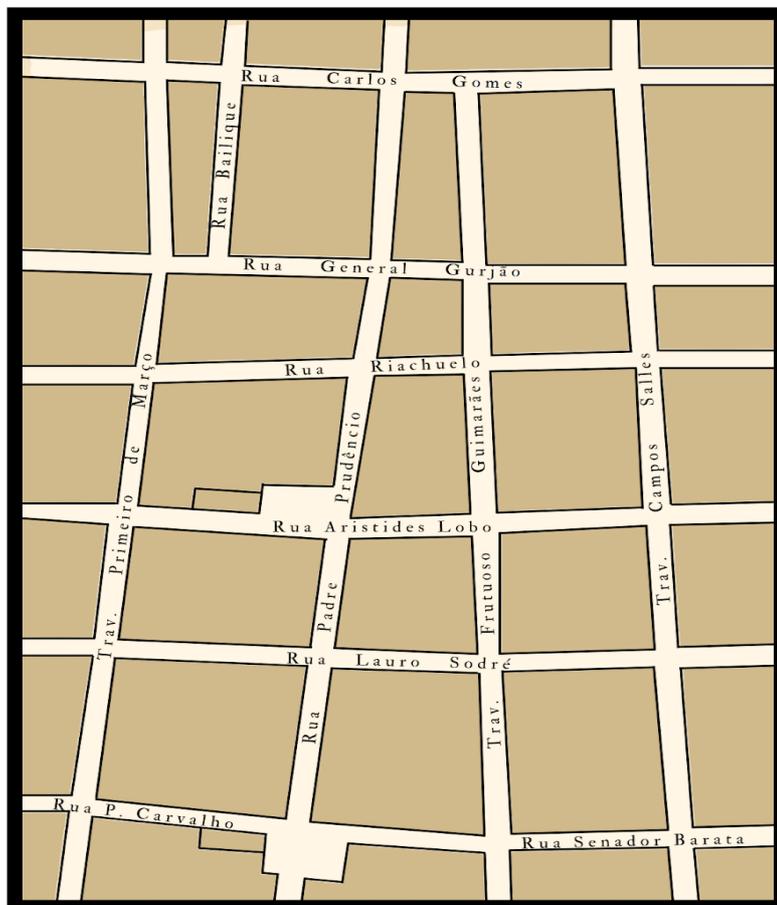
³⁶⁹ Diante do sábio uma virgula. *Província do Pará*, Belém, 06 jul, 1921. p. 1.

³⁷⁰ Atual Presidente Vargas, denominada 15 de Agosto de 1823, data comemorativa da adesão do Pará à Independência do Brasil. Antes era chamada de Travessa dos Mirandas. CRUZ, Ernesto. *Ruas de Belém: significado histórico e suas denominações*. 2a ed. Belém:CEJUP, 1992. p.84.

³⁷¹ Campanha da moral. *Folha do Norte*, Belém, 30 jul, 1921, p.1.

sociedade lhes exigia, os afastando das práticas denominadas de mais graves como adultério, incesto, onanismo e homossexualidade.

A localização do Meretrício



Delimitação da área onde as meretrizes poderiam circular e a localização dos prostíbulos.

Imagem 11: Elaborada pela autora com base em Araújo (1922).

Existiria um lugar em Belém capaz de regenerar as meretrizes, torná-las sadias, higienizadas e redimidas ? Para o Nogueira Faria, sim, o Hospital São Sebastião, denominado de Asilo das Madalenas³⁷². Nogueira descreveu a transformação do lugar, antes “departamento da peste”, agora uma “casa da saúde”. Não possuía mais uma aparência tristonha ou cheiro incomodativo, sendo asseado e impecável, com enfermarias arrumadas e limpas. Flores em grandes vasos davam um ar aprazível e tranquilo. Lá nesse ambiente, as “sacerdotisas do vício” reconquistariam a saúde da alma e do corpo. Após sua ida ao hospital relatou o que ouviu das internas.

Quadro resumo das entrevistas feitas por Nogueira com as meretrizes:

Entrevistada	Relato
Josepha Vianna	Disse que estava muito bem no hospital, viviam em harmonia como em família. Só lhes faltava uma coisa: o trabalho. No hospital a “alma também estava se endireitando”.
Hosannah Batista	Originária de Santarém, parturiente de poucos dias, relatou o medo da “moléstia” e o desejo de abandonar a “vida”. Não reclamava da proibição do fumo e do álcool.
Espanhola, 17 anos	Relatou o sofrimento da doença venérea, e expôs o rosto e corpo tomado pela chaga. Apresentava cheiro forte e desagradável de “água fenicada ³⁷³ ” e “podridão”.

Quadro 7 – Entrevistas de Meretrizes. Produção da autora.

³⁷² Os asilos de Madalena eram instituições que existiram entre o século XVIII e o final do século XX e eram ostensivamente chamadas de casas de “mulheres perdidas”. Estes locais operaram por toda a Europa e América do Norte durante grande parte do século XIX e até o final do século XX e abrigavam mulheres com deficiência física e mental, rebeldes, mães solteiras e suas filhas, vítimas de estupro e aquelas que se acreditava possuir caráter duvidoso como as prostitutas. O primeiro asilo foi fundado em 1765 por Arabella Denny na capital da Irlanda, Dublin, em Leeson Street. A instituição recebeu o nome inspirado em Santa Maria Madalena, que segundo a compreensão católica, se arrependeu de seus pecados e se tornou uma das mais fiéis seguidoras de Jesus Cristo. Inicialmente, a missão dos asilos era reabilitar as mulheres de volta à sociedade, mas no início do século XX, as casas se tornaram punitivas e parecidas com uma prisão. Na maioria dos asilos, as internas eram obrigadas a realizar intensos trabalhos físicos, incluindo trabalhos na lavanderia e de costura. Elas suportaram um regime diário que incluía longos períodos de oração e silêncio forçado. SMITH, James M. *Ireland's Magdalen Laundries and the Nation's Architecture of Containment*. University of Notre Dame Press, 2007. p. 45.

³⁷³ Água fenicada - nome feminino, química solução aquosa de fenol %, usado como um desinfetante.

Nogueira enfatizou a recuperação moral das meretrizes uma “inesperada, atordoante, reviravolta”. Chegara a hora da regeneração, com tom profético e auspicioso o artigo publicado na *Folha do Norte* de 1921, apresentava uma solução pacífica e eficaz para o problema da prostituição e do “mal venéreo” em Belém³⁷⁴. Na narrativa às mulheres surgiam resignadas por estarem no hospital, mesmo a doença sendo temerosa e preocupante. Como propagandista do governo e articulador da política sanitária de controle das doenças venéreas, Nogueira conseguiria repassar a imagem de que tudo estava sendo realizado da forma mais branda e harmoniosa para o tratamento das meretrizes³⁷⁵. Mas será que tudo era tão afinado e cadencioso quando se ouvia as prostitutas longe dos limites do hospital?

A partir do cruzamento das fontes, percebemos que o controle sanitário das doenças venéreas em Belém não foi efetivado de maneira tranquila ou sem embates. Um mês antes da publicação do artigo de Nogueira Faria, o chefe de polícia Eduardo Chermont publicava a seguinte notícia:

Profilaxia das Doenças Venéreas

Por não terem ido buscar as cadernetas foram detidas, ontem por algumas horas, as meretrizes:

- Theodora Martins
- Alzira Sousa da Silva
- Maria do Nascimento
- Etelvina Ribeiro

A lista seguia com mais 21 nomes.

Quadro 8 – Meretrizes Detidas

³⁷⁴ Já dentro de uma lógica pedagógico-disciplinar, é inaugurado em 1929 o Asilo Bom Pastor, instituição de acolhimento de meretrizes, sob a direção da Santa Casa de Misericórdia. A criação da instituição surgiu de um acordo entre o arcebispo de Belém e a direção da Santa Casa, encerrando assim a antiga intriga iniciada com a expulsão das irmãs de caridade que trabalhavam no São Sebastião, algumas décadas antes. O Bom Pastor foi concebido para o tratamento não só do corpo das meretrizes, como também de suas almas. Tinha como objetivo fazer com que as mulheres, ao passar por um processo de reeducação através do trabalho, pudessem deixar o meretrício. Para isso existiram na instituição o serviço de costura e lavanderia, com as rendas provenientes de ambos utilizadas para a manutenção do próprio asilo, visto que este não contava com ajuda do Estado, ficando mesmo a cargo da renda gerada pelas meretrizes e pelas doações feitas pela sociedade. As mulheres, além do tratamento médico, recebiam educação religiosa e musical, e depois de determinado tempo, poderiam retornar ao convívio social, já não mais como meretrizes, e sim como mulheres regeneradas. SARAIVA, Luis Junior Costa. O Renascer de Vénus: Prostituição, trabalho e saúde em tempos de SIDA (Belém-Brasil e Lisboa-Portugal). Tese (Doutoramento em Ciências Sociais). Lisboa. 2009. p. 60.

³⁷⁵ Asylo das Madalenas- *Folha do Norte*, Belém, 26 set.1921. p.1.

Estão doentes e Interditadas as meretrizes residentes:

- Rua Padre Prudêncio nº115
 - Rua Aristides Lobo nº61, 67, 31, 29 e 33.
 - Rua Riachuelo nº 74, 79, 34.
 - Primeiro de Março nº 8-A, 100.
 - Rua Lauro Sodré nº91, 98.
 - Rua Bailique nº38.
 - Rua Frutuoso Guimarães, nº82.
 - Rua Lauro Sodré nº 91
 - Rua Gaspar Vianna nº 48
 - Trav. Santo Antônio nº 39, 03.
 - Rua 28 de Setembro nº102.
- Até o presente momento foram interditadas 111 meretrizes³⁷⁶.

Quadro 9 – Ruas das residências das meretrizes doentes

Theodora Martins, assim como outras, foi detida por não ter comparecido para buscar sua carteira, esse tipo de notícia foi publicado durante toda a campanha antivenérea no Pará. Negando a fala de Nogueira Faria, pois, se as mulheres cumpriam a legislação imposta, por que prendê-las? Por que estampar seus nomes e locais de moradia nos jornais? Por que eram muitas ruas citadas? Por que foi desocupado um xadrez destinado à prisão dessas mulheres³⁷⁷?

Porque as mulheres não aceitaram de forma pacífica o regulamento imposto, fugiram, não iam buscar suas carteiras, faltavam aos exames, não permaneciam na zona especificada e solicitaram *habeas corpus*:

Meretriz	Defesa
Julieta Pettini	Alegou que foi coagida pela polícia a tirar caderneta de meretriz, quando não exercia o meretrício, vivendo maritalmente e que a polícia desejava expulsá-la da cidade ³⁷⁸ .
Maria de Lourdes Nogueira	Alegou ter sofrido constrangimento concernente à livre escolha para escolher sua residência. Ela morava na rua Gama Abreu, n.1, área não compreendida pela zona determinada pelo Serviço de Profilaxia para a localização do meretrício. Por isso, recebeu intimação da polícia civil para mudar-se para a referida zona, ao que acatou, “receosa de violências a que poderiam sujeitá-la”, afirmando sentir-se coagida: achando-se, porém, a paciente ameaçada de sofrer exame para verificação, por parte dos médicos da Profilaxia Rural, se

³⁷⁶ Pela Polícia - *Estado do Pará*, Belém, 24 ago.1921. p.3.

³⁷⁷ Na Polícia e nas ruas. *Folha do Norte*, Belém, 01 set. 1921.p.2.

³⁷⁸GURJÃO, Hilário. A Prostituição em Belém: suas causas, localização, fiscalização e assistência medico-saniatária. In: ARAÚJO, Heráclides de Souza. *A Prophylaxia da Lepra e das Doenças Venéreas no Estado do Pará*. Livraria Clássica, Belém, Pa, Vol.II, 1922. p.242.

	padece ou não de moléstias venéreas e de receber caderneta de inscrição para o exercício do meretrício, sem embargo de haver declarado que vive maritalmente, com residência à rua Carlos Gomes n.31, onde vive com recato e respeito à moral pública ³⁷⁹ .
--	--

Quadro 10 – *Habeas corpus* das meretrizes. Produção da autora.

Ambas meretrizes tentaram burlar o Regulamento imposto por Souza Araújo, e denunciaram a intimidação feita pela polícia. Alegaram serem casadas e viver em recato e com respeito à moralidade. Julieta e Maria de Lourdes, não foram as únicas meretrizes a utilizarem estratégias para exercerem sua atividade de venda de sexo. A meretriz Valentina Brito residente à rua Dr. Assis nº52, diante da fiscalização do meretrício e pelo “verdadeiro pavor” do uso obrigatório das cadernetas sanitárias, suicidou-se³⁸⁰. Um grupo de meretrizes relatou em uma carta endereçada ao Dr. Eduardo Chermont (2º Prefeito) a denúncia contra Annita de Souza Brandão por não ter ido se identificar, pois a mesma dizia ter “alto pistolão” que a protegia das medidas sanitárias³⁸¹. Já a meretriz Minervina Rodrigues alegou que havia sido tratada por dois rapazes enviados por Souza Araújo, logo depois desmentida pela polícia sanitária³⁸². Diante das fontes concluímos, que apesar dos esforços reguladores e disciplinantes das autoridades públicas, o estabelecimento do serviço de controle das doenças venéreas com a regulamentação da prostituição em Belém, nos anos de 1920, fortemente coercitivo e autoritário, gerou uma resposta por parte das mulheres, e daqueles que foram afetados diretamente: donos de pensões e comerciantes das proximidades. Fugas, escândalos, mentiras, associação com comerciantes, foram algumas dessas habilidades utilizadas por elas, a fim de continuarem a sua busca por sustento no trópico úmido.

Marcio Couto e Luiza Amador ao estudarem a atuação da Profilaxia das Doenças Venéreas na Amazônia concluíram que ampla documentação apontou para a tentativa de intervenção social sobre a prática do meretrício na cidade de Belém do Pará, nas primeiras décadas do século XX, e para os muitos conflitos oriundos desta política. Fundamentalmente, a documentação permitiu recuperar do anonimato centenas de mulheres que foram vítimas das atitudes autoritárias da polícia médica e que não aceitaram passivamente a intromissão dos

³⁷⁹ A Profilaxia Rural. *Folha do Norte*, 03 dez. 1921, p.3.

³⁸⁰ O que as cadernetas fazem. *A Província do Pará*. Belém, 28 jul. 1921.p.2. Para uma análise sobre suicídios em Belém, nas primeiras décadas do século XX, ver: CARVALHO, Marcelo José Pereira. *As letras escarlates: representações e histórias de suicídio em Belém do Pará, 1891-1920*. Dissertação (Mestrado em História). Belém: Universidade Federal do Pará, 2012.

³⁸¹ Entre colegas. *A Província do Pará*. Belém, 09 ago. 1921.p.2.

³⁸² Pseudos médicos. *A Província do Pará*. Belém, 29 jul. 1921.p.2.

representantes do Estado em suas vidas. Ao enfrentar essa política de intervenção social, as meretrizes se recusaram a serem tratadas apenas como um número em uma caderneta³⁸³.

Na Amazônia a tentativa de regulamentação da prostituição se constituiu de medidas similares das adotadas no Chile. Normas que para Marlene Vera Gutiérrez, não serviram apenas, para registro de mulheres envolvidas na prostituição ou impedir a propagação de doenças, mas ter domínio sobre a totalidade de suas corporalidades. Esses organismos que, graças à liberdade proporcionada pela clandestinidade e marginalidade, se viram instalados em subterfúgios sociais e resistindo aos processos nacional, foram rapidamente identificados como um mal em diferentes níveis (moral, econômico, saudável) e posições dentro da sociedade, mas não como um espaço aceito ou reconhecido, mas como um espaço pária, como um conjunto de sujeitos párias que foi necessário governar, legislar e, em certos casos, também punir. Porque, assim como Michel Foucault mencionou: “O corpo só se torna uma força útil quando é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo subjugado”³⁸⁴. E para ser um corpo subjugado, então, o conjunto de conhecimentos recolhidos das elites passou a reinar, como tecnologia do corpo, com o instrumento que seria o primeiro dispositivo de controle nesta rede social: o Regulamento da prostituição³⁸⁵.

Ainda dentro de uma lógica pedagógico-disciplinar, foi inaugurado em 1929 o Asilo Bom Pastor, instituição de acolhimento de meretrizes, sob a direção da Santa Casa de Misericórdia. A criação da instituição surgiu de um acordo entre o arcebispo de Belém e a direção da Santa Casa, encerrando assim a antiga intriga iniciada com a expulsão das irmãs de caridade que trabalhavam no São Sebastião, algumas décadas antes. O Bom Pastor foi concebido para o tratamento não só do corpo das meretrizes, como também de suas almas. Tinha como objetivo fazer com que as mulheres, ao passar por um processo de reeducação através do trabalho, pudessem deixar o meretrício. Para isso existiram na instituição o serviço de costura e lavanderia, com as rendas provenientes de ambos utilizadas para a manutenção do próprio asilo, visto que este não contava com ajuda do Estado, ficando mesmo a cargo da renda gerada pelas meretrizes e pelas doações feitas pela sociedade. As mulheres, além do tratamento médico, recebiam educação religiosa e musical, e depois de determinado tempo,

³⁸³ HENRIQUE, Márcio Couto; AMADOR, Luiza Helena Miranda. Da Belle Époque à cidade do vício: o combate à sífilis em Belém do Pará, 1921-1924. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.23, n.2, abr.-jun. 2016, p.359- 378.

³⁸⁴ FOUCAULT, Michel. *Vigilar y castigar*. Buenos Aires: Siglo veintiuno editores. 2008. p.35.

³⁸⁵ GUTIÉRREZ, Marlene Vera. *Prostitución: entre la criminalización y la resistencia*. Santiago de Chile 1880-1925. La escritura de esta ponencia se enmarca en el Proyecto Fondecyt Regular n° 1161532, “Hacia Una Sociología De La Cultura Popular Ausente”. Corporalidad, Representación Y Mediatización De 'Lo Popular Reprimido' Y 'Lo Popular No Representado' En Santiago De Chile (1810-1925). p. 15.

poderiam retornar ao convívio social, já não mais como meretrizes, e sim como mulheres regeneradas³⁸⁶.

A partir dos discursos sobre prostituição em Belém, percebemos que o temor das doenças venéreas, especialmente da sífilis, sem cura³⁸⁷ naquele momento, colocou as autoridades públicas num dilema: já que a prostituição era vista como “mal necessário” e sem possibilidade de ser proibida, era necessário criar uma nova ordem social. A solução encontrada foi instalar um modelo de profilaxia normativa, mas somente para as meretrizes, uma vez que os homens não poderiam controlar toda a sua sexualidade, recaindo sobre elas as restrições, a fiscalização e as cobranças de ordem sexual e comportamental. A tentativa de contenção das doenças venéreas em Belém foi preponderantemente regulamentarista, possuía dois aspectos fundamentais: a polícia e o médico. O primeiro buscava acabar com a desordem social, o segundo representava as ideias higienistas, dessa maneira, as intervenções tanto policial como higiênica se restringiram exclusivamente às prostitutas femininas. A prostituta, tornou-se alvo de vigilância e intervenção de policiais e médicos. Eleitas como receptáculos das doenças venéreas, as “sacerdotisas do vício” de Belém foram alvo de uma política discriminatória e violenta exercida pelo poder público. Se o “duende” sífilítico rondava a cidade amazônica, as prostitutas eram as únicas e grandes culpadas aos olhos sanitários e higiênicos cabendo ao Estado encarcerar e isolar essas mulheres para conter o avanço do mal venéreo.

Diante do exposto, constatamos que o complexo mundo prostibular de Belém caracterizou-se por uma profusão de elementos e práticas disciplinadoras, a regulamentação foi aplicada beneficiando aqueles ou aquelas que conheciam pessoas influentes. No entanto, a maioria das prostitutas continuou seu trabalho em total desamparo legal e desprezo da sociedade, acudadas, marginalizadas e recriminadas pela polícia. As medidas foram coercitivas e, muitas vezes, violentas. A criminalização e a hospitalização compulsória se tornaram

³⁸⁶ SARAIVA, Luis Junior Costa. O Renascer de Vénus: Prostituição, trabalho e saúde em tempos de SIDA (Belém-Brasil e Lisboa-Portugal). Tese (Doutoramento em Ciências Sociais). Lisboa. 2009. p. 60.

³⁸⁷ A penicilina foi descoberta em 1928, por Alexander Fleming, mas seu uso na cura da sífilis só aconteceria em 1943. Pode-se falar de uma história da penicilina antes da sua descoberta por Fleming e de uma história da penicilina após a descoberta do antibiótico pelo cientista escocês e, como é óbvio, da história da penicilina protagonizada por Fleming. Após a sua produção industrial, nos anos 40, a penicilina transformou-se num fármaco imprescindível no arsenal terapêutico de tal modo que é corrente falar-se da história dos medicamentos antes e depois da aplicação da penicilina — o primeiro antibiótico. E, também, da história da farmácia e da medicina antes e depois da penicilina. Mas, ainda, da história das doenças humanas antes e depois da penicilina e portanto até da história do corpo saudável e doente, antes e depois da penicilina. Uma das aplicações mais interessantes da penicilina foi no combate à sífilis, uma doença que denunciava a necessidade de reforçar os alicerces científicos da higiene pública, não apenas no plano curativo mas também no nível preventivo. PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui Pita. Alexander Fleming (1881-1955) da descoberta da penicilina (1928) ao prémio nobel (1945). *Revista da Faculdade de Letras. História*, Porto, III Série, vol. 6, pp. 129-15. 2005. p. 130.

marcas habituais em suas trajetórias. Para as “clandestinas” a ameaça foi maior, e a dificuldade em abandonar os ganhos oriundos da venda de sexo deixou essas mulheres em alerta permanente: vidas marcadas pelo temor das doenças, da fome, da falta por habitação, das ameaças policiais e pela segregação social.

CAPÍTULO QUARTO

AS ENTRELINHAS DOS DISCURSOS

“ Marafonas” atentando contra a moralidade

Belém, fevereiro de 1914, a Praça da República estava “apinhada” de gente, acontecia o curso carnavalesco. Apesar de vários grupos tomarem conta do largo, um acontecimento em especial tomou as páginas dos periódicos. Um automóvel conduzido por três “marafonas”, uma delas fantasiada de marinheiro, se “espalhava” nos bancos em posição imoral e causou revolta; aquelas mulheres em galhofas e risos geraram olhares indignados. Numerosos protestos se ouviram contra a indecência, tendo até se retirado do lugar carruagens que conduziam as famílias. Após a exposição do acontecido, o articulista, em sua nota jornalística, clamava para polícia, pois se não podia proibir o comparecimento de “meretrizes desavergonhadas” em tais lugares, deveria pelo menos, coagi-las a guardarem a devida compostura, sob pena dos dispositivos que a lei estabelecia para semelhante infração³⁸⁸. A notícia utilizou termos como moralidade, decoro, vergonha, decência e respeito, substantivos que reafirmavam o discurso sobre o comportamento inadequado das meretrizes e que vinham acompanhados de outros termos que sugeriam o remédio : policiamento, repressão, proibição. As meretrizes aos olhos da sociedade cometeram um crime inadmissível, ameaçavam a moralidade familiar.

A prostituição em Belém era observada pelas lentes da moralidade. Como não era considerada crime, as autoridades policiais a enquadravam no critério de crime contra a moral, justificando e legitimando prisões a partir do discurso em defesa da honra e do decoro familiar. A moral teve um peso muito maior do que a lei. Respaldados pela tentativa de proteger os valores familiares e suscitar a moralização nos espaços públicos, condenavam “abusos e excessos” buscando a proteção e decência.

³⁸⁸ Pela moral. *Estado do Pará*. Belém, 10 fev.1914.p.2

Observemos um quadro resumo das denúncias contra as meretrizes pautadas no critério moral. Elaborado a partir das leituras das fontes jornalísticas veiculadas durante décadas, indicando as meretrizes como as maiores propagadoras da imoralidade pública.

Data	Periódico	Notícia
14/08/1911	<i>Estado do Pará</i>	Rameira de péssima conduta, presa por falta de respeito às famílias. Oriunda do RJ, residente à Rua Macapá nº09. Excedeu em práticas reprovadas pela moral e bons costumes. Pagou a multa de 60\$ e obteve sua liberdade.
10/03/1915	<i>Estado do Pará</i>	Pela moralidade pública - início da severa campanha contra os atos escandalosos praticados por mulheres de vida fácil.
20/09/1921	<i>A Província do Pará</i>	Reclamações do povo - Rua São Boaventura (Cidade Velha): clama pela moralidade, após a mudança de diversas meretrizes, tirando o sossego das famílias.
12/05/ 1926	<i>Folha do Norte</i>	Bem da moral - chamamos a atenção da polícia para casa da Trav. 14 de Abril nº114 entre Conselheiro e Mundurucus, onde residem diversas prostitutas que faltam com respeito às famílias, pois reportam-se de modo desabusado.
03/05/1927	<i>Folha do Norte</i>	Ofenderam a moral quando praticaram atos condenáveis às 03:00 da madrugada, todas foram presas: Zanita Sousa, Nestorina Santos e Maria Francisca.
14/07/1932	<i>Estado do Pará</i>	Pelo bem da moral foram presas várias meretrizes à Rua Santo Antônio por queixas dos vizinhos.
19/07/1940	<i>Folha do Norte</i>	Impõe-se o saneamento moral - funcionamento de apartamentos com meretrizes que atentam contra a moralidade.

Quadro 11 – Notícias sobre moralidade. Produção da autora.

Percebemos que as meretrizes estavam por todos os bairros da capital, as denúncias eram feitas em tom de súplica, nas notícias os vizinhos se mostravam ameaçados pela presença delas e pediam providências à polícia. E, outro ponto que chama atenção, são as descrições dos atos das acusadas: galhofas, risadas altas, atitudes escandalosas, atos indecorosos e inconvenientes. A Belém do início do século XX fervilhava em novidades, a modernidade que transportou mercadorias francesas, aparelhos arquitetônicos europeus, modos refinados, também mostrou novas mulheres, essas circulavam à vontade entre os

redutos reservados e as ruas escaldantes do trópico úmido. Ousadas, exibiam-se livremente na Praça da República, no Boulevard da República, na estrada de Nazaré, e também em bairros periféricos como Guamá ou Pedreira. Não havia limites urbanos, fronteiras para as prostitutas, personalidades que podiam ser encontradas e vistas em cada canto da cidade, fossem elas desejadas ou desprezadas. No entanto, a aparente liberdade de exposição trouxe uma preocupação maior em controlá-las, a presença delas em lugares públicos provocou um desconforto e fez surgir inúmeros discursos de teor moralizante e repressivo.

O encarceramento das prostitutas ocorria por qualquer atitude que fosse considerada inadequada aos parâmetros sociais, o "saneamento moral" se tornou uma prerrogativa das autoridades públicas e posto em prática pela polícia e outros segmentos da sociedade paraense. Para Lucas Pereira, após sua análise acerca da prostituição em Belo Horizonte, a polícia de costumes configurou-se como uma especialização paulatina, cada vez mais organizada, de um projeto educacional de formação moral dos sujeitos para ocupação e circulação nos diferentes espaços urbanos, forjando para si a incumbência de moralização de diferentes sujeitos e práticas, como as meretrizes e o meretrício³⁸⁹. E com seu estudo em São Paulo, Margareth Rago, entendeu que essas intervenções da polícia de costumes se deram de forma bem intensa nos comportamentos das prostitutas, bem como no funcionamento de casas de diversões e de *casas de tolerância*, consolidando o que a ela denominou de "ampliação do controle estatal sobre o mundo do prazer"³⁹⁰.

A prostituta na cidade de Belém tornou-se uma obsessão para médicos, higienistas, reformadores e às autoridades públicas, pois encarnava todo o perigo ao modelo de família burguesa. Mesmo com as mudanças trazidas pelos ares europeus, a sociedade paraense ainda era conservadora e moralista, a emancipação feminina caminhava a passos lentos, e o arquétipo de mulher tinha como características marcantes o recato, a moralidade e a subserviência à figura masculina. E as meretrizes ao se fazerem presentes também em lugares públicos, representavam uma afronta ao controle patriarcal³⁹¹.

³⁸⁹ PEREIRA, Lucas Carvalho Soares de Aguiar. *No intuito de produzir influência educativa: educação moral, polícia de costumes, e prostituição em Belo Horizonte (décadas de 1920-1930)*. Belo Horizonte: Letramento, 2019. p. 101.

³⁹⁰ RAGO, Luzia Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 120.

³⁹¹ Até meados do século XIX, a vida da mulher era administrada conforme os interesses masculinos, sendo envolta em uma aura de castidade e de resignação, pois deveria procriar e obedecer às ordens do pai ou do marido. Por conta de lutas e de reivindicações de igualdade de direitos com relação ao gênero masculino - por exemplo, com o movimento feminista - a mulher conquistou seu espaço na sociedade, obtendo o direito de votar e de trabalhar fora do lar. Mas as concepções acerca da subjetividade e do corpo feminino também acompanharam as modificações políticas, econômicas, históricas e socioculturais, pois, no período patriarcal, a mulher tinha funções voltadas, prioritariamente, para a reprodução e era intensamente submetida ao poder masculino. Com o surgimento do capitalismo, a mulher passou a ter não apenas funções reprodutoras, mas

No trabalho de Rui Martins Júnior acerca da moda e sociabilidade feminina em Belém no século XX, o autor explicita que a imagem feminina era regulada pela presença masculina. As protagonistas nas capas de revistas eram, na maioria, tuteladas pela figura do pai, do irmão, do noivo, do esposo; o que sugere a experiência de relações em que o homem tem um papel social de destaque. O homem dava o aval e concedia a sua identidade para mulher³⁹².

Em relação à moda e a conduta das mulheres, havia um código a ser seguido, o articulista do periódico *A Palavra* de 1917, reprovava aquelas que não se vestiam com recato, mostrando pernas, braços e o colo. Esse tipo de mulher, "progressista", num "requite de coquetismo, era ridícula", dissimulada; pegava um livro, mas não o lia, somente disfarçava para cruzar os olhares com todos³⁹³. Reprovações passavam por diversos meandros, da afronta ao controle masculino à concepção de pecado, segundo afirma Ipojuca Dias Campos. A liberdade de se embelezar com vestuários mais soltos e curtos complementava os discurso sobre o embelezamento e as mutações na condição de inconveniências profundamente desagradáveis ao coletivo: muitos adornos, maquiagens e peças curtas, ficavam às prostitutas, logo, nesse eixo, as alterações do padrão deveriam ser perigosas à ordem familiar³⁹⁴.

O padrão a que se referem as fontes supracitadas determinava a conduta das mulheres de classe social mais abastadas. No entanto, rotular qualquer mulher amazônica no início do século XX como "progressista" era também um reprovação a quaisquer manifestações de liberdade, fosse na simples autonomia da escolha de vestimentas até o controle de seu comportamento. As mudanças na modernidade quando partiam dos homens, normalmente eram vistas como sinônimo de civilidade e racionalidade. Quando as mulheres implementavam qualquer modificação implicava em uma vida sem moralidade, uma vida desregrada.

assumiu, também, tarefas produtoras de força de trabalho como resultado do maior espaço conquistado na sociedade. Desta forma, podemos perceber que o corpo e a subjetividade são construídos historicamente, ou seja, cada sociedade tem seu modelo de corpo e cada época tem seu modo particular de representá-lo. Este processo de constituição do corpo e da subjetividade da mulher, ou seja, a maneira como ela organiza seu modo de existir no mundo e as relações com os outros também foi influenciada pelas transformações econômicas, políticas, históricas e socioculturais. É a interação do indivíduo com os outros e com o mundo, em um determinado período histórico, a principal responsável pela organização de seus padrões de conduta e de suas reações emocionais e racionais. ALVES, Branca Moreira. PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo?* Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense. 1991.

³⁹² MARTINS JÚNIOR, Rui Jorge Moraes. *Visto, logo existo: moda, sociabilidade feminina e consumo em Belém no limiar do século XX*. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, Pa. 2010. p. 61.

³⁹³ Não procura vestir-se com recato. *A Palavra*. Belém, 19 ago.1917.p. 02.

³⁹⁴ CAMPOS, Ipojuca Dias. "O rebaixamento moral": moda, corpo e família (Belém-PA, 1915-1920). *História: Debates e Tendências*, vol. 19, núm. 2, pp. 270-287, 2019.

Ao mostrarem parte de seus corpos e novas atitudes de comportamento foram recriminadas e taxadas de “avançadas”, em um discurso de reprovação, que também apresentava a figura feminina como perversa e manipuladora dos homens, conhecedora de seus dotes físicos, do poder da beleza utilizado para subjugar os homens fracos; uma “dissimulada” na expressão mais viva da maldade feminina. Isso significa, que qualquer manifestação além das esperadas, colocaria essa mulher na categoria de desavergonhada e imoral, a linha que separava a definição de recatada e meretriz era tênue e frágil. Um sorriso mais largo, uma veste mais sensual ou uma boca pintada eram suficientes para ensejar definições de mulheres que se ofereciam e desmoralizavam suas famílias.

Reafirmo esse discurso na definição de Marcela Lagarde: ideologicamente, uma puta é identificada como uma prostituta, mas putas também são *dettes*³⁹⁵, as exóticas, as *encueratrizes*³⁹⁶, as senhoritas, as mães solteiras ou as mal sucedidas, as que erraram, as solteiras, mulheres divorciadas, mulheres sedutoras, aquelas que saem com pessoas casadas, aquelas que são segunda frente, detalhistas, ou movidas, as rouba maridos, as que vão para a cama com qualquer um, as insinuantes, as gostosas, as insaciáveis, as ninfomaníacas, as histéricas, as solteiras, as loucas, as mães, e claro todas as mulheres putas pelo fato de evidenciarem o desejo erótico, pelos menos em algum momento ou em circunstâncias específicas de suas vidas³⁹⁷.

Apesar de toda a repressão moral e violência policial, as meretrizes continuavam se embrenhando e circulando pelos espaços da cidade. As inúmeras tentativas de delimitação de uma zona específica para a prostituição em Belém nunca foram bem sucedidas. Médicos, higienistas e policiais com regulamentos e leis não foram capazes de controlar e limitar as prostitutas. As “marafonas” descritas como desavergonhadas naquele curso carnavalesco não se retiraram do lugar e se fizeram presentes em outras festividades da cidade, como no Círio de Nazaré de 1923, no qual foram presas 15 meretrizes, por circularem nas ruas e faltarem aos exames semanais do Instituto das Doenças Venéreas³⁹⁸. Perante o exposto, defendo a tese de que essas mulheres formaram um modo próprio de vida, para o qual os discursos foram infecundos. As tentativas de confinamento do poder público, a vigilância social e a segregação geográfica não deram conta das dinâmicas criadas pelas meretrizes, elas

³⁹⁵ *Dettes*: pequenos comerciantes endividados.

³⁹⁶ *Encueratrizes*: mulher que retira a roupa lentamente.

³⁹⁷ LAGARDE, Marcela. *Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*, México, UNAM, 2005. p.590.

³⁹⁸ Meretrício na rua. *Folha do Norte*. Belém, 07 out.1923. p.3.

construíram e teceram uma organização peculiar dentro da cidade, em resposta aos olhares reclinatórios e aos critérios morais esperados.

"Águas nas caldeiras"

Antonia Maria do Carmo naquela manhã de 17 de janeiro de 1923 amanheceu em um xadrez da cidade. Presa na noite anterior em um botequim situado à Travessa 1º de Março do qual era "assídua frequentadora". O periódico noticiou que após ingerir grande quantidade de cachaça, estava com "águas nas caldeiras" e saiu feito uma "locomotiva doida" cuspiendo pornografias. Não foi a primeira prisão da meretriz por embriaguez, após análise das fontes, constatamos presença dela em uma cela por no mínimo dez vezes³⁹⁹.

O álcool fez parte da vida das meretrizes de Belém no século XX, companheiro fiel de trajetórias marcadas pelas adversidades, e um dos principais fatores para encarceramento dessas mulheres. A prisão por embriaguez vinha sempre atrelada aos termos de vadiagem e desordem. Violeta de Sousa Lages, vulgo "Caraboo", assim como Antônia foi presa inúmeras vezes, acusada de embriaguez, desordens, brigas e vadiagem⁴⁰⁰. Bem como, Odaléa Sousa, denominada de "alcoólatra inveterada e desordeira perigosa", presa durante a noite e solta pela manhã, muitas vezes "rebocada" ao xadrez por não conseguir se manter em pé⁴⁰¹.

Na virada do século XIX para o XX, o álcool tornou-se elemento de interesse médico. A partir da década de 1910, houve um olhar mais atento com a fundação da Liga Brasileira de Higiene Mental⁴⁰², suas publicações apontavam os malefícios do álcool e contavam com artigos de renomados médicos, psiquiatras e advogados. Em 1920, a Liga lançou a campanha contra o alcoolismo aglutinando noções do sanitarismo, da higiene mental e da eugenia. O álcool foi incluído no rol das "enfermidades sociais"; as doenças venéreas - em particular a sífilis - como também o alcoolismo, a lepra, a tuberculose, a epilepsia e, mais ainda, a prostituição, a criminalidade, a medicância e a loucura formavam o amplo espectro das enfermidades sociais e suas consequências⁴⁰³. Diante do debate sobre alcoolismo, ocorreu um

³⁹⁹ Embriaguez e xadrez. *Folha do Norte*. Belém, 17 jan.1923. p.2.

⁴⁰⁰ Entre amantes. *Folha do Norte*. Belém, 17 out.1922.p.4.

⁴⁰¹ Alcoólatra inveterada. *Folha do Norte*. Belém, 24 jul.1919.p.2.

⁴⁰² A Liga de Higiene Mental foi fundada no Rio de Janeiro, em 1923, tendo à frente o médico Gustavo Riedel. Em 1925 os Arquivos Brasileiros de Higiene Mental inauguraram sua publicação periódica. As campanhas da LBHM prosseguiram com seus discursos monótonos, sem grandes conflitos internos: um brado aqui, outro acolá a favor da lei seca ou do aumento da carga tributária sobre o álcool – de balde – e o investimento constante sobre o alcoólatra (em geral, o trabalhador pobre), considerado um 'degenerado'. De forma enviesada, o discurso utilizado era o de que nem todos os que faziam uso de bebidas alcoólicas deveriam ser estigmatizados pela degeneração racial: haveria a categoria dos "moderados", o que demarcava não um problema estritamente racial, mas, sobretudo, uma distinção de classe social. CARVALHO, Alexandre Magno Teixeira de. Higiene e Eugenia: brevíssima genealogia da trama discursiva antialcoólica no Brasil. In: ALARCON, S., and JORGE, MAS., comps. *Alcool e outras drogas: diálogos sobre um mal estar contemporâneo*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2012, pp. 83-102.

⁴⁰³ NOGUERA, Carlos Ernesto. Luta Antialcoólica e Higiene Social na Colômbia, 1886-1948. In: HOCHMAN, Gilberto. ARMUS, Diego. *Cuidar, Controlar e Curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Coleção História e Saúde*. Fiocruz, 2004. p. 101.

atrelamento entre pobreza, álcool e a inaptidão ao trabalho. No qual a pobreza foi vista como decorrente de características morais ou mentais de um grupo de indivíduos na sociedade. A mais importante destas características refere-se à incapacidade ou indolência para o trabalho, associada a outros vícios morais decorrentes, como a tendência para o alcoolismo, a prostituição etc⁴⁰⁴.

A percepção de que o alcoolismo era uma doença social advinha da observação de que a doença não se restringia a problemas exclusivamente orgânicos, mas estendia-se para questões de ordem social e moral, já que os efeitos nocivos do álcool não eram apenas físicos, mas atingiam também o comportamento e as questões relacionadas à inserção dos indivíduos na sociedade industrial, repercutindo fortemente no mundo do trabalho capitalista ainda em consolidação. Segundo a lógica científica dominante, ao se entregar ao vício da bebida, o indivíduo era corrompido, pois o abuso do álcool prejudicava o desempenho de suas funções na sociedade, podendo mesmo invalidá-lo por completo⁴⁰⁵.

Em Belém na década de 1930, durante o governo de Magalhães Barata, foi implantada a Lei Seca, no entanto, como apontou José Alves Souza Júnior, comerciantes e consumidores por meio de destrezas e estratégias conseguiram burlar a lei. Uma delas foi a venda de cachaça como cafezinho, chá, garapa e, principalmente, como água. E as misturas feitas de cachaça com frutas eram transformadas em vinho. A exemplo a propaganda publicada nos jornais na qual uma firma alegava ter sido autorizada pelo chefe de polícia a vender seu vinho de jenipapo da marca —Três Anjinhos⁴⁰⁶.

Nesse contexto em Belém, o alcoolismo feminino despontou como algo gravíssimo, pois as mulheres eram as geradoras das futuras famílias, e ao serem mães repassavam sua hereditariedade aos filhos. Aquelas que bebiam, aos olhos médicos, estavam descumprindo seu papel moral e colocando em risco as futuras gerações. Tornando-se inválidas ao trabalho e

⁴⁰⁴ RAUTER, Cristina. *Criminologia e subjetividade no Brasil*. Rio de Janeiro. Revan, 2003. p. 62.

⁴⁰⁵ O conceito de doença social surgiu na Europa, na segunda metade do século XIX, quando a prática médica que se estabeleceu como dominante passou a perseguir maneiras de inventariar os hábitos cotidianos das pessoas e as suas práticas de vida, confrontando-os com as informações oriundas de outras disciplinas, tais como a química, a física e a história natural, buscando estabelecer os padrões de normalidade. Trazia consigo os valores morais constitutivos da ética do trabalho e aproximava-se 'naturalmente' das classes trabalhadoras e de seu cotidiano. Por volta de 1850, esse conceito já estava largamente difundido, abrangendo e criando moléstias derivadas do convívio social como a tuberculose, a sífilis, a loucura e o alcoolismo; doenças cujas tradições científicas consolidaram-se ao longo do processo de fazer-se do modo de produção capitalista. p.408. SANTOS, Fernando Sergio Dumas dos Santos; VERANI, Ana Carolina. Alcoolismo e medicina psiquiátrica no Brasil do início do século XX. Alcoolismo e medicina psiquiátrica no Brasil no início do século XX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, supl. 2, dez. 2010, p.401-420. p. 408.

⁴⁰⁶ SOUZA JUNIOR, José Alves de. A Revolução de 30 no Pará: a 1ª Interventoria de Magalhães Barata. In: Armando Alves Filho; José Alves de Souza Junior; José Maia Bezerra Neto. (Org.). *Pontos de História da Amazônia*. 2 ed. Belém: Editora Paka Tatu, 2000, v. 2. p. 20. Para aprofundar o estudo do álcool em Belém conferir:

comprometendo economicamente a sociedade. Cenário de controle social explicado por Amilcar Sobrinho em sua pesquisa acerca do álcool e maconha na cidade entre os anos de 1930 e 1950, na qual os amigos da “branquinha” e as prostitutas mereceram atenção especial, pois a zona do meretrício e o botequim tinham na bebida um combustível para o lazer e diversão dos trabalhadores. As notas policiais dos jornais da época deram a dimensão de como o Estado preocupava-se em estabelecer uma teia de controle do lazer das camadas populares, contudo não fora o bastante para impedir que bebedores, comerciantes e traficantes mantivessem a cultura de consumo de aguardente⁴⁰⁷.

Como bem explicou Martha Esqueda, em análise semelhante acerca da vida noturna mexicana, na qual os cabarés e salões ao congregar clientes e prostitutas foram perseguidos pelo Estado, com ampla campanha contra o álcool, pois para as autoridades a violência que acontecia nesses lugares era fruto do consumo de bebidas alcoólicas. Nesse sentido, não há como negar os efeitos do álcool, mas a autora considera que as agressões físicas seriam formas de sociabilidade dos “centro de vício”, não consequência exclusiva da embriaguez. Portanto, nesses lugares, o álcool e o sexo não são geradores de violência, mas fragmentos que a compõem⁴⁰⁸.

As meretrizes já eram censuradas pela venda de sexo e quando bebiam a condenação era mais punitiva. Mulheres embriagadas estavam sujeitas à legislação penal de 1890: embriagar-se por hábito ou apresentar-se publicamente em estado de embriaguez se tornou uma contravenção⁴⁰⁹. Outro agravante era o fato das mulheres quase sempre estarem acompanhadas quando bebiam, ou seja, eram relatadas como pivôs de aglomerações e tumultos. Como o ocorrido na madrugada em que a polícia foi acionada para conter as

⁴⁰⁷ SOBRINHO, Amilcar de Souza Martins. *Entre bebedores e diambistas: o álcool e a maconha no Pará – 1930 a 1950*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, da Universidade Federal do Pará. Bragança. 2015.p. 102.

⁴⁰⁸ ESQUEDA, Martha Santillán. Vida Nocturna, Mujeres y Violencia en la Ciudad de México en la década de 1940. In: GUERRA, Elisa Speckman; VÁSQUEZ, Fabiola Bailón. *Vicio, prostitución y delito - Mujeres transgresoras en los siglos XIX y XX*. México. Universidad Nacional Autónoma de México Instituto de Investigaciones Históricas. 2016.p. 299.

⁴⁰⁹ O Art. 396 do Código Penal de 1890, delimita a tipificação da embriaguez nos seguintes termos: "Embriagar-se por hábito, ou apresentar-se em público em estado de embriaguez manifesta". A questão da reincidência de se encontrar embriagado, ou seja, ser ébrio habitual, é o principal fator elencado nos diversos processos-crime como motivo da prisão. Na prática policial, os ébrios passaram a ser arranjados junto da figura do vadio, sendo absorvidos por esta tipificação penal. Tanto de um lado como de outro, a figura do ébrio independente de associações, passou paulatinamente, a deixar de existir a partir de 1908. A questão da embriaguez passará a ser ou uma questão de vadiagem ou de alcoolismo, ambas dignas de internação, sendo um destinado à colônia penal, e o outro ao manicômio. PONTES, Alexandre Kerr; FERREIRA, Arthur Arruda Leal. Uma história da internação de ébrios, alcoolistas e vadios durante a Primeira República: lições para as políticas atuais? *Revista de Psicologia* (Santiago), vol. 27, núm. 2, pp. 1-18, 2018.

meretrizes Alice de Lima e Joana Freire quando bebiam com o marinho José Mendes promovendo “desordem e brigas” na zona⁴¹⁰ onde residiam, à Rua General Gurjão nº119.

A despeito da fiscalização, as meretrizes como estratégia de sobrevivência seduziam os sujeitos fiscalizadores da zona do meretrício, como o ocorrido no botequim “*Cristal*” onde os guardas civis após o término do expediente retornaram para ali beberem com as prostitutas, e após intensa “bebericagem” espancaram o proprietário do estabelecimento. A madrugada teve fim com todos presos na Central⁴¹¹.

A zona do meretrício foi também lugar de sociabilidades e vivências, onde trabalhadores após a labuta aproveitavam o que a zona oferecia como entretenimento e fuga das suas trajetórias árduas e sofridas. Necessário pontuar que empregamos o termo “sociabilidade” a partir dos estudos do historiador francês Maurice Agullhon que a define como um sistema entre os indivíduos ou uma aptidão deles de constituir e consolidar grupos humanos. No entendimento do autor o conceito evoluiu para uma concepção aberta que agrupa e integra os aspectos mais articulados da vida cotidiana, dos mais organizados aos menos estruturados⁴¹². Nessa perspectiva, a zona do meretrício construiu redes sociais formadas por vínculos de vivência entre sujeitos; laços escondidos nas pensões, nos botequins ou nos cantos das ruas.

A zona do baixo meretrício para as autoridades públicas era um lugar perigoso, uma vez que, combinava sexo, bebidas, drogas e jogatinas; A imprensa paraense tornou visível a diferenciação do tratamento dispensado aos lugares onde meretrizes pobres circulavam e bebiam, daqueles frequentados também por prostitutas, mas que atendiam pessoas de maior poder aquisitivo. Citamos como exemplo o teatro *Moulin Rouge* localizado no Largo da Pólvora, com suntuosa decoração, maravilhoso cenário e efeito de luz deslumbrante⁴¹³. Elogiado, pois desde do início de sua inauguração, seguia a “norma de conduta” com geral contentamento da “boêmia *smart* da capital”. No *Moulin Rouge* a propaganda evidenciava mulheres bonitas e talentosas: a cançonetista francesa Andrea Abbert, Vivian Hett a gentil francesa a “artista predileta dos anjos da noite” ou a Estrella Medina “mimosa espanhola”⁴¹⁴.

⁴¹⁰ Desordem na zona - madrugada. Embriaguez e xadrez. *Folha Vespertina*. Belém, 19 jun.1941. p.2.

⁴¹¹ Mantenedores da ordem que se descontrolam. *Folha Vespertina*. Belém, 20 jun.1941. p.2.

⁴¹² AGULLHON, Maurice. *La sociabilidad como categoría histórica*. En Formas de sociabilidad en Chile, 1840-1940. Santiago de Chile: Fundación Mario Góngora, 1992.

⁴¹³ *Moulin Rouge. Estado do Pará*. Belém, 08 jun.1913. p.2.

⁴¹⁴ *Moulin Rouge. Estado do Pará*. Belém, 18 nov.1911. p.2.

Enquanto o *Moulin Rouge*, o *Palace Club*, o *City Club* e o *High-Life Club* eram frequentados pela classe endinheirada de Belém e descritos como aprazíveis e redutos dos indivíduos educados e finos, recintos exultantes em que os homens podiam liberar toda sua carga sexual de forma admissível para sociedade e eram recepcionados por mulheres “chiques e sedutoras”; as ruas do baixo meretrício, com seus botequins, tabernas, cafés e pensões, correntemente foram denominados de espeluncas, pardieiros e pocilgas. Nas descrições jornalísticas um ambiente decadente e ameaçador, definido pelas autoridades policias e médicas como centro de criminosos violentos, pontos de ajuntamento de desocupados e vadios, também um espaço para a venda de sexo decadente e doente; um universo à parte da "sociedade civilizada", zona do caos e da desordem, antros que ofereciam um espetáculo degradante aos que por ali passavam, com brigas, escândalos, crimes, e frequentado por mulheres de vida fácil pobres alcoólatras e doentes.



Figura 12- Anúncios do *Moulin Rouge* e *City Club*. *O Estado do Pará*.
 Belém, 08-06-1913.p.2 e 03-07-1926. p.2.



Figura 13- Anúncios do *Palace Club*, *City Club* e *High-Life Club*. *O Estado do Pará*, 04-07-1926. p.1.

Não negamos o poder degradante do álcool na vida das meretrizes, companheiro de adversidades, presente em dias sem dinheiro ou alimentação. Utilizado para aplacar as aflições e angústias da alma. Muitas sucumbiram ao vício etílico, moças como Odaléa Sousa, citada no início deste subtópico, paraense vinda do interior aos 17 anos, na intenção de trabalhar na urbe amazônica. Refizemos a trajetória dela no meretrício por meio dos registros de prisões por embriaguez em um período de cinco anos; o último registro em janeiro de 1924, noticia seu falecimento dentro da Central de Polícia, aos 22 anos, acometida de grave enfermidade, “sem recursos e mal alimentada”⁴¹⁵. O alcoolismo foi constante na vida de muitos outros trabalhadores. Em 1940 faleceu o português Atanagildo Tavares em um botequim sito à Rua 28 de Setembro, 35 anos, “alcoólatra inveterado” um dos “sofredores miseráveis” que tentaram sobreviver na urbe amazônica⁴¹⁶. Odaléa e Atanagildo exemplos de vidas infaustas, iludidos pela promessa de uma existência promissora na cidade, desmanchadas na miséria e nas dificuldades encontradas.

Ainda em relação ao álcool e às meretrizes, as narrativas sinalizaram para a questão da vadiagem, dando uma conotação de ociosidade avessa ao trabalho, descritas como alcoólatras, “vadias” e “desocupadas”. À Rua 1º Março as “mulheres de vida” juntamente com os indolentes atravancavam o logradouro, incomodando à “humanidade laboriosa”, as palavras,

⁴¹⁵ Morreu a Odalea. *Folha do Norte*. Belém, 08 jan.1924. p.2.

⁴¹⁶ Morreu um pária. *Folha do Norte*. Belém, 03 abr.1940.p.4.

os gestos indecorosos, a baixeza, a embriaguez constante e repulsiva de um cenário "fatídico"⁴¹⁷. Tendência de apontar à prostituição como um não-trabalho, a venda de sexo não era uma escolha geradora de renda. O universo prostibular de Belém estava na categoria de um infortúnio na vida dessas mulheres, um "vício" degradante, nunca uma possível opção de labuta. Como lembra Dolores Juliano, as trabalhadoras do sexo são vistas como vítimas, sempre enganadas ou manipuladas, e marginalizadas. A forte discriminação social é apoiada em especificações de gênero, a partir de modelos construídos, nos quais homens e mulheres devem se enquadrar, e que determinam expectativas, recompensas e sanções. O modelo masculino é sustentado por elementos de auto realização, cujo cumprimento oferece prêmios como autoestima, realização econômica e poder; o modelo feminino implica o mais alto nível de exigências e poucas compensações, é imposto por meio de sanções e punições materiais e/ou simbólicas. Dessa forma, a estigmatização social reservada às mulheres que se desviavam da norma de dar livremente seu tempo e trabalho aos homens, concretiza-se na forte rejeição às prostitutas. O discurso impõe a mensagem que ser prostituta é ilegal e imoral, na tentativa que outras mulheres não escolham a venda de sexo como atividade laboral⁴¹⁸.

Esta tese sustenta a ideia que a prostituição não foi uma condição inexorável para as mulheres nacionais e internacionais que chegaram à cidade. Os discursos majoritariamente colocaram as meretrizes em dois pólos: vítimas ou criminosas, às apresentando sem autonomia e sem a possibilidade de escolhas. Todavia, além dessa categorização, é preciso, considerar que vender sexo na urbe amazônica foi uma possibilidade de trabalho para essas mulheres em um contexto cultural e econômico definidos. Algumas, conseguiram ser proprietárias de pensões e mesmo aquelas que tinham apenas seus corpos para ganhar dinheiro, contribuíram para a economia local, já que em torno da zona do baixo meretrício existia uma circulação considerável de dinheiro, daí porque quando a polícia intensificou a restrição dessas mulheres em exercerem sua atividade, muitos comerciantes reclamaram e tomaram partido por elas. E muitas possuíam outros trabalhos, a prostituição era um ganho eventual quando necessitavam complementar renda.

As vidas de Odaléa e de outras meretrizes estavam intrincadas em uma teia de pobreza, doença, alcoolismo e desespero, aos olhos da sociedade moralista a miséria e a degradação seriam o desfecho do exercício da prostituição. Entretanto, para essas mulheres que, por qualquer escopo, se encontravam no segmento mais baixo da sociedade, tanto

⁴¹⁷ Conversas- Nosce te ipsum. *O Estado do Pará*. Belém, 22 abr.1911.p.1.

⁴¹⁸ JULIANO, Dolores. El trabajo sexual en la mira. Polémicas y estereotipos. *Cadernos Pagu* (25). Julho-Dezembro de 2005, pp.79-106. p. 84.

aquelas que já vendiam sexo quanto as que miravam os ganhos futuros, a prostituição foi uma oportunidade, e possivelmente a única forma de ganhar suficiente para seguir com suas trajetórias no trópico úmido. A linguagem nos discursos de vitimização ou criminalização, sobretudo masculinos, acerca das meretrizes foi uma tentativa de silenciar suas sagacidades, retirar dessas “mulheres públicas” seus protagonismos, pois ao ocuparem espaços públicos e privados com a finalidade de venderem sexo, negaram o lugar definido socialmente para a mulher, tornando-se transgressoras da ordem vigente.

Ciúmes e rixas

A Estação de Polícia naquela manhã de 16 de janeiro de 1910 recebeu três novos presos, eram eles: Maria Thereza vulgo Maria Pernambuca, Otávio Ferreira e Antonio Cristovam. O que teria acontecido para o trio ser encarcerado? A motivação foi uma crise de ciúmes. O conflito se deu porque Maria Pernambucana mantinha relações amorosas com Otávio, 17 anos, e com Cristovam, 37 anos, dono do botequim onde ocorreu a desavença. O trio se encontrou às 6h30min, na Travessa 1º de Março, e após intensa discussão se agrediu⁴¹⁹. Maria Pernambucana já havia sido presa um dia antes acusada de emprestar seu quarto, sito à Travessa Castelo Branco, para o marceneiro italiano Caetano Abbadessa ter relações com Amália Vasconcelos de 15 anos⁴²⁰. Em outro registro, em 1911, Maria Pernambucana foi denunciada por ter furtado o relógio de José Pinto, guarda da Alfândega do Amazonas, na pensão onde trabalhava.

Nesse emaranhado de vidas percebemos um pouco do universo prostibular de Belém, e as estratégias de sobrevivência das meretrizes. Maria Pernambucana talvez não tenha concedido, e sim alugado seu quarto ao italiano, a fim de ganhar uma renda extra. Hipótese que sugerimos observando outras prisões de Maria Pernambucana, cujos relatos comparados evidenciam que seu local de trabalho era na zona do baixo meretrício (Bairro da Campina) e que quase sempre, cedo da manhã, era vista por ali, “amanhecida”. Ou seja, o aluguel do próprio quarto em outro bairro (São Braz) era uma sagacidade para complementar a renda.

Para muitas, o negócio sexual foi sim trabalho e ganho para subsistência. Outro ponto observado foi a circulação das meretrizes na cidade, várias razões levaram essas mulheres a mudarem de endereço ou a morarem afastadas da zona do meretrício, entre eles: os aluguéis dispendiosos, a fuga da repressão policial, a pressão da vizinhança, as brigas na zona e as redes de solidariedade e amizade construídas em determinado local. Inúmeros motivos, que nunca poderemos especificar totalmente, mas que nos permitem confirmar esta tese, as meretrizes se utilizavam de manobras para darem conta de suas existências no trópico úmido. As meretrizes se apropriaram da cidade, por mais que a sociedade e autoridades policiais/médicas desejassem segregá-las, confiná-las e escondê-las, elas estavam o tempo todo ultrapassando fronteiras entre os bairros e “flanando” pelas ruas de Belém.

⁴¹⁹ Conflito num botequim. *Folha do Norte*. Belém, 16 jan.1910. p.1.

⁴²⁰ Pequenos factos. *Folha do Norte*. Belém, 14 jan.1910. p.2.

Quanto aos furtos, os periódicos tenderam a propagar a imagem de que o universo prostibular de Belém era perigoso e decadente, nesses espaços de venda de sexo, as mulheres além de perdas moralmente eram criminosas. O discurso ao exagerar a gravidade, justificava a importância de uma maior repressão policial na zona do baixo meretrício. Encontramos um número considerável de queixas crime contra as meretrizes por roubos, furtos, brigas, agressões e dívidas. Em outros termos, as *borboletas* se utilizavam de pequenos expedientes para conseguirem mais dinheiro além da prostituição; negociações financeiras com cafés, mentiras para não pagamento de aluguéis, fugas de estabelecimentos sem pagar a conta e competição por certos clientes. As condições concretas de suas vidas é que lhes davam respaldo para tais atitudes, a necessidade de sobreviver e resolver suas aflições por dinheiro, amor, dívidas e outros problemas do cotidiano imprimiram um modo de vida distante dos exigidos nos discursos em prol de uma cidade ordeira e civilizada.

As fontes permitiram conjecturar um pouco da vida afetivas das meretrizes, Maria Pernambucana foi definida nas notícias como se estivesse “morrendo de amores” pelo menor Otávio, ele da mesma forma se encontrava “apaixonado” pela meretriz a qual presenteava com inúmeros “mimos”. Existia o sexo mecânico e profissional, mas o vínculo afetivo por um determinado parceiro fazia parte da vida dessas mulheres.

O ciúme foi um sentimento muito constante nas narrativas policiais como gerador dos atritos, das agressões sofridas e efetivadas pelas meretrizes. A *tolerada* Dadá Peruana, 26 anos, moradora à Rua Padre Prudêncio mantinha um relacionamento amoroso com Armando Cosme, guarda do 2º Corpo da Brigada Militar. Entretanto, em 1918, eivada de ciúmes desferiu uma punhalada em seu amante, sendo presa. Solta em 1919, e abandonada por ele, Dadá de volta à zona verificou que seu “amado” já mantinha conversas e “gracejos” com outra meretriz, e novamente corroída pela sentimento de posse, sacou uma navalha contra a rival, mas Armando se colou no meio, sendo gravemente ferido. Dadá Peruana novamente retornou ao xadrez⁴²¹.

Mas o revés também aconteceu, meretrizes agredidas e mortas devido a ciúmes. Amália Cavalcante, 21 anos, paraibana, residente à Travessa 1º de Março nº 90, há tempos era interpelada pelo indivíduo conhecido por Bahia, ele insistia que os dois fossem morar juntos. Diante de várias negativas afetivas de Amália, na madrugada de 17 de janeiro de 1920, Bahia aguardou a volta da meretriz para casa e a alvejou com um tiro que lhe atingiu o abdômen. Amália foi recolhida em estado grave ao Hospital da Caridade e o homem recolhido ao

⁴²¹ Tolerada Dadá Peruana. *Estado do Pará*. Belém, 17 fev.1919. p.2

xadrez. Testemunhas afirma que durante o ato de violência ele gritava: “você ficará comigo por bem ou por mal⁴²²”.

Amor, ciúme, rejeição, raiva, são sentimentos comuns aos seres humanos, mas quando relacionados à vida de meretrizes ganhavam as páginas dos periódicos em tons de sensacionalismo e reprovação. A representação da trajetória da mulher prostituta se resumia apenas a venda de sexo em troca de uma retribuição monetária, uma mercadoria exposta para cumprir sua função de proporcionar prazer aos homens e todo o ordenamento social se manter intacto com a manutenção familiar. O esperado da meretriz era que não sentisse qualquer emoção, sentimento e/ou prazer com os clientes, sua sexualidade estava à serviço da masculinidade. Brigas, desentendimentos, agressões por parte delas ou de ex-amantes/clientes fugia ao modelo de relacionamento amoroso ideal. Ler os variados casos sobre a vida amorosa das meretrizes consolidou nossa tese em relação a autonomia dessas mulheres, as condições concretas de suas trajetórias apontou para a possibilidade de escolhas de seus parceiros, fuga de relacionamentos violentos, busca por amor e carinho, negando desempenhar apenas a venda de seus corpos, revelando-se insubmissas ao modelo segundo o qual o homem ocupa o lugar de dominador e sujeito dinâmico da relação amorosa.

Esta tese poderia relatar inúmeros discursos e casos do cotidiano das meretrizes, mas optou por tentar demonstrar que a vida dessas mulheres estava muito além do que foi registrado, entendendo que a prostituição que fez parte da dinâmica urbana da cidade de Belém nas primeiras décadas do século XX, não foi apenas venda de sexo, mas uma forma de inserção no mundo do trabalho e subsistência para as mulheres. Uma tentativa de vê-las interagido com os outros sujeitos sociais dentro da urbe do trópico úmido com suas experiências, suas trajetórias, nas ruas, cafés, botequins, pensões, cabarés, onde bebiam, fumavam, dançavam e vendiam sexo de forma autônoma. Espaços onde construíram laços de amizades, famílias, e com sagacidades escaparam do intuito controlador da polícia, da medicina e da sociedade.

Assim, as *borboletas* amazônidas seguiram suas vidas desempenhando papéis socialmente não reconhecidos, mas que lhes eram possíveis naquele momento. Burlaram a radicalização, o controle e a disciplina; parafraseando Roger Chartier, o discurso oficial, baseado na racionalidade moderna, perdeu a batalha contra as raízes do costumeiro das

⁴²² Por bem ou por mal. *Estado do Pará*. Belém, 17 jan.1920. p.2

práticas sociais, embora o panóptico higienista pretendesse permanecer como o mecanismo fundamental da organização e do controle do espaço.⁴²³.

⁴²³ CHARTIER, Roger. *Escribir las prácticas. Foucault, de Certeau, Marin*. Argentina: Editorial Manantial. 2001. p.44

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um transeunte ao caminhar atualmente pelo da Bairro da Campina caso desconheça o passado do lugar, pode não imaginar que nele existiu a maior zona de prostituição de Belém. Hoje encontrará casarões abandonados, lojas comerciais, hotéis decadentes, ruas na maior parte do dia soturnas e silenciosas, alguns bêbados, moradores de rua e pouquíssimas prostitutas sentadas com sombrinhas nas calçadas gastas pelo tempo. Ruas como Riachuelo, General Gurjão, Primeiro de Março não têm, na mesma proporção, homens em busca de prazer com a *cocotte* dos bordéis ou com a prostituta de rua, os *antros das vendidas*, os locais das *vergonhosas saturnais* ficaram apenas na memória e nos registros dos periódicos da cidade. A prostituição ainda seduz os homens e mulheres, mas com a internet a indústria do sexo se reformolou à novas tecnologias. O sociólogo Sudhir Venkatesh, revelou que em Nova York 83% das profissionais deste ramo conquistam seus clientes pelo Facebook, em outros países como o Brasil não é muito divergente, blogs, páginas pessoais se tornaram cartão de visita de garotas de programa. Venkatesh afirmou que beijo na boca é coisa do passado, que as prostitutas modernas fazem coisas muito mais escandalosas: fofocam sobre clientes, dispensam cafetões e topam programas em troca de resenhas positivas em fóruns virtuais. É a prostituição nos tempo da internet⁴²⁴.

A prostituição feminina do início do século XX e a atual da era tecnológica apesar de modificações ainda guardam características similares, o comércio do prazer ainda é rentável, pode ser um trabalho fixo ou complemento de renda para muitas mulheres e continua sendo realizado como ato sigiloso, amoral e transgressor. E a mulher prostituta ainda é enxergada pela sociedade como um ser que encarna o vício, e por exercer trabalho sexual é violentada, desrespeitada, marginalizada e discriminada, porque ainda vivemos em uma sociedade no qual as vozes femininas são silenciadas e seus protestos são punidos. Estudar a prostituição é importante porque nos permite analisar a evolução histórica de como a sociedade enxerga e quais suas atitudes em relação às mulheres, o lugar que lhes é destinado dentro e fora de casa, bem como os esteriótipos, estigmatizações e preconceitos que lhe são associados. Porque, como explicou Joan Scott, a diferença sexual não é a causa original da qual a organização poderia derivar fundamentalmente a formação social. Em vez disso, a explicação deve ser buscada em termos de uma organização social variável. De acordo com esta abordagem, a

⁴²⁴ HUECK, Karin. Prostituição na era da tecnologia. *Revista Super Interessante*. 2016. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/comportamento/prostituicao-na-era-da-tecnologia/>>. Acesso em: 25 maio. 2022.

história não figura exclusivamente como um registro das mudanças na organização social dos sexos, mas também, e fundamentalmente, como participante da produção do conhecimento sobre a diferença sexual. As representações da história passada ajudam a construir o gênero no presente. Se quisermos analisar como isso acontece, devemos prestar muita atenção às suposições, práticas e retórica da disciplina, a coisas que, ou são tidas como garantidos, ou são tão fora do comum que normalmente não atraem a atenção dos historiadores⁴²⁵. Nesse sentido, quais os argumentos e eloquências utilizados para definir as meretrizes de Belém no início do século XX em Belém?

A Belém do início do século XX passou por inúmeras mudanças. A economia da goma elástica, o crescimento populacional, a mudança arquitetônica, a marcha frenética do progresso era escrita também na mudança de comportamentos e gostos. Surgiram novas diversões e entretenimentos, e o comércio sexual incentivado pela expansão comercial também se expandiu. Uma explosão da prostituição, a de luxo com suas *cocottes* que atendiam nos luxuosos bordéis e enriqueciam, e a do baixo meretrício com mulheres mais pobres que vendiam sexo nos cortiços e pensões. Resultado da modernidade pautada no modelo da *Belle Époque* com ares de luxo, beleza, saneamento e racionalidade. Mas como colocar em prática esse cenário deslumbrante e contemplar os interesses da nova elite que surgia? A resposta veio com um projeto disciplinador de controle social da população mais pobre, a urbanização acarretou a presença intensa de um contingente de indivíduos nas vias públicas atraída para cidade em busca de uma vida com trabalho e conforto.

O estudo da prostituição para História Social da Amazônia é relevante porque a partir desse tema analisamos o aparato repressivo utilizado pelo Estado brasileiro republicano, para classificar pessoas e comportamentos sociais indesejados buscando segregar espaços e delimitar domínios. O projeto de civilização que se encontrava em curso estabeleceu uma vigilância não somente para as prostitutas, mas na disseminação pelo corpo social de uma imagem negativa dos pobres, apoiado na ciência o discurso oficial associou pobreza à doença e a criminalidade. A doença não era apenas o mal físico, mas o alcoolismo, a prostituição, a vadiagem, a baderna.

E nesse processo disciplinador as meretrizes foram definidas como *perigosas* pelos médicos, higienistas, políticos e sociedade, principalmente, as mais pobres. A prostituta representava a contaminação sífilítica, a imoralidade dos atos, a ociosidade, tornando-se um sinal ameaçador à saúde moral, física e social do resto da população urbana, necessitando ser

⁴²⁵ SCOTT, Joan Wallach. *Gênero e História*. México. FCE. Universidade Autónoma do México. 2008.p.

vigiada e controlada. Em Belém a prostituição foi denominada de uma das *chagas atrozes* que deveria ser combatida sem trégua e sem dor.

A partir da definição que as meretrizes eram uma ameaça ao projeto civilizador da Belém do início do século XX, foram criados instrumentos para conter tal assombro. Prisões, multas, violência, delimitações de zonas, discursos pejorativos e estigmatizantes, um arsenal pedagógico na tentativa de controlar a vida dessas mulheres. Mas entre os planos, leis e regulamentos gestados por médicos, juristas e políticos existia o cotidiano, as condições concretas das trajetórias de vidas das prostitutas, ocasionando um choque e tensão entre os envolvidos, afinal de contas as meretrizes não eram *débeis* e possuíam sagacidades/estratégias que utilizavam para sobreviver no trópico úmido.

Ao analisar o universo prostibular de Belém das primeiras décadas do século XX, desejei dar importância às inúmeras realidades, as dos países da Europa e suas crises econômicas, a vinda de um significativo contingente de indivíduos para a Amazônia, que passava por um processo de modernização, sendo um chamariz para imigrantes com a possibilidade de trabalho e sustento. O modelo de sociedade influenciado pela *Belle Époque* que criou e propagou a ideia de uma prostituição glamourosa e rentável com suas *cocottes* e seus clientes ricos. As secas do Nordeste que fizeram chegar à cidade uma grande quantidade de sujeitos em busca de uma vida melhor. As mulheres estrangeiras e nacionais que estavam no início do século XX em Belém e adentraram no mundo prostibular buscavam um modo de subsistência, ir residir em um bordel ou na zona do baixo meretrício e ficar exposta à violência, ao desprezo, a raiva e ao preconceito não foi uma escolha diante de outras possibilidades, sobretudo, foi a única possibilidade para sustento no trópico úmido.

E afirmo que ser meretriz foi uma trajetória difícil porque à prostituição guarda em si os valores sociais de sua época, dessa maneira ser prostituta no trópico úmido não foi entendido como trabalho sexual, mas considerado vício, doença, libertinagem, promiscuidade e amoral. O tema prostituição ainda provoca debates acalorados em cunho de reprovação, porque a sociedade ainda espera que as mulheres sejam boas filhas, esposas, mães e amantes de casa, do privado. Há uma desvalorização sobre aquelas que exercem outros papéis, como as mães solteiras, as lésbicas, as que desejam exercer sua sexualidade, as questionadoras, e principalmente, as que vendem sexo. Nesse sentido, a desvalorização não atinge somente aquelas que são estigmatizadas, porque o que se procura é dissuadir outras mulheres a se afastarem do que seria o modelo ou padrão desejado pela sociedade.

Dessa maneira, defendo na tese que apesar de todos os discursos estigmatizantes e práticas controladoras as mulheres que venderam sexo na Amazônia do início dos século XX, foram protagonistas e muito hábeis para escaparem de todo esse aparato social que desejava cercear e punir suas escolhas, ou mesmo sua única opção de sustento no trópico úmido. As meretrizes sofreram inúmeras tentativas de monitoramento de seus corpos e fiscalização dos espaços que ocupavam, ao analisar as narrativas encontradas na fontes produzidas por homens, busquei encontrar um pouco da vida dessas mulheres, suas estratégias para burlarem o padrão imposto a elas, e principalmente, evidenciar suas experiências sociais de viver na cidade de Belém e como se apropriaram desse espaço urbano.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES

OBRAS RARAS

ARAÚJO, Heráclides de Souza. *A Prophylaxia da Lepra e das Doenças Venéreas no Estado do Pará*. Livraria Clássica, Belém, Pa, Vol.II, 1922.

CENSO DE 1920. Rio de Janeiro:IBGE, 1926.

D'ALMEIDA, João de. *Sífilis dos órgãos genitais do homem*. Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Medicina do Porto. Porto; Universidade do Porto. 1920.

DECRETOS E ACTOS DO GOVERNO DO GRAM-PARÁ. *Belém: Typ. D'A Província do Pará, 1890*.

MOREL, Bénédicte-Augustin. *Traité des dégénérescences physiques, intellectuelles et morales de l'espèce humaine et des causes qui produisent ces variétés malades*. Paris: Bailliére, 1857. p.75. Disponível em : <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k850762/f95.item>. Acesso em 28 out. 2020.

PARÁ. Mensagem dirigida ao Congresso do Estado do Pará pelo Dr. Lauro Sodré, governador do Estado ao expirar o seu mandato em 1º de fevereiro de 1897. Belém: Typ. do Diário Official, 1897.

PIRES, Waldemiro. “Malariotherapia na paralytia geral” – *Boletim da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal*. Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psiquiatria, Rio de Janeiro, vol.8, n.3 e 4, 1926.

RECORD GROUP 215 COMMUNITY WAR SERVICES, Entry 66, Box 1, U.S. National Archives and Records Administration, College Park.

RIZZO, Mileto. *Considerações acerca do aborto criminoso*. Tese - Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1925.

VERÍSSIMO, José. *A Educação Nacional*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1906.

WERNECK, Aureliano Vieira Machado. “Contribuição para o estudo da syphillis no Rio de Janeiro”, *2º Boletim do VIII Congresso Brasileiro de Medicina, do 1º Congresso Sul-Americano de Dermatologia e Sifilografia etc*. Rio de Janeiro, Imp.Nacional, 1921.

REVISTAS

A Escola- Revista Oficial de Ensino. Belém, Pa, v. 5, nº58. 1905. p. 225.

Pará-Médico - Archivos da Sociedade Médico – Cirúrgica do Pará. Belém, Vol. I, Anno I, Nº1, Maio de 1915.

Pará-Médico - Archivos da Sociedade Médico – Cirúrgica do Pará. Belém, Vol. I, Anno I, Nº1, Maio de 1917.

Pará-Médico - Archivos da Sociedade Médico – Cirúrgica do Pará. Belém, Vol. II, Anno VIII, Nº10, Setembro de 1922.

PROCESSOS CRIMES

Processo- crime: Lenocínio, 4ª Vara, Ref.329, caixa 11, ano 1913.

Processo-crime: Lenocínio, 4ª Vara, Ref.329, caixa 11, ano 1922.

Processo-crime : Lenocínio, 4ª Vara, Ref.329, caixa 11, ano 1920.

Processo- crime: Lenocínio, Casa de Prostituição, 6ª Vara Penal, ano 1944.

PERIÓDICOS

Crime da Primeiro de Março. *Estado do Pará.* Belém, 24 out.1919.p.2.

Repercussões - Que Civilização!. *Estado do Pará.* Belém, 15 jun. 1919. p.1.

Saneemo-nos. *Diário de Notícias.* Belém, 04 set.1896.p.2.

Moulin Rouge. *Estado do Pará.* Belém, 07 set.1913.p.3.

Nosce Te Ipsum. *Estado do Pará.* Belém, 22 abr.1911.p.1.

Tópicos e Notícias. *Estado do Pará.* Belém, 18 jun.1911.p.2.

Ocorrências Policiais – O botequim Pátria. *Estado do Pará.* Belém, 26 jun.1911.p.2.

Desordens. *Estado do Pará.* Belém, 25 jan.1918.p.4.

O caftismo – uma diligência do Subprefeito Couto. *O Estado do Pará.* Belém, 07 mai.1913.p.2.

Um cáften reincidente. *Estado do Pará.* Belém, 24 jul.1913.p.2.

“Cáften” versus jogador. *Estado do Pará.* Belém, 07 jun.1918.p.2.

Deportação. *O Liberal do Pará.* Belém, 08 ago.1885.p.3.

Um aspecto do tráfico de brancas. *Gazeta de Notícias.* Rio de Janeiro, 06 jun.1911.p.1.

Proxeneta. *Estado do Pará.* Belém, 31 ago.1920.p.1

Um “passarão” o Belga levantou voo novamente. *Estado do Pará.* Belém, 09 mai.1918.p.2.

Volvem novamente à baila as façanhas dos cáftens. *Estado do Pará.* Belém, 22 ago. 1913. p.3.

- Um “passarão” o Belga levantou voo novamente. *Estado do Pará*. Belém, 09 mai.1918.p.2.
- Os cáftens. *O Pará*. Belém, 09 mar.1899.p.1
- Os cáftens. *O Pará*. Belém, 15 mar.1899.p.1.
- O caftismo em Belém. *Estado do Pará*. Belém, 13 abr.1918.p.3.
- Os Indesejáveis. *Estado do Pará*. Belém, 30 jan.1919.p.1.
- Os Indesejáveis. *Estado do Pará*. Belém, 10 nov.1919.p.1.
- Salvemos a Pátria. *Estado do Pará*. Belém, 10 mar.1919.p.2 .
- Os Indesejáveis. *Estado do Pará*. Belém, 18 mar.1918.p.1.
- Prostituição. *Estado do Pará*. Belém, 18 mar.1916.p.1.
- O caftismo. *Estado do Pará*. Belém, 27 jul.1913. p.2
- Os cáftens. *Estado do Pará*. Belém, 11 mar.1899, p.2.
- Pela Moralidade Pública. *Estado do Pará*. Belém, 10 mar.1915.p.1.
- Crônica Teatral. *Estado do Pará*. Belém, 13 dez.1911. p.2
- A Prostituição na cidade. *Estado do Pará*. Belém, 03 set.1920.p.1.
- Libras Falsas. *Estado do Pará*. Belém, 04 fev.1912. p.2.
- O caftismo. *Estado do Pará*. Belém, 16 ago. 1913. p.2.
- O caftismo. *Estado do Pará*. Belém, 17 fev.1918.p.1.
- O caftismo em Belém. *Folha do Norte*. Belém, 07 ago.1913.p.1.
- Lenocínio - “A Safra dos Seringueiros”. *Estado do Pará*. Belém, 07 mar.1918. p. 1.
- Prisão de rameiras e polacas. *Estado do Pará*. Belém, 11 abr.1915. p.2.
- Anúncio do Hotel Maison Dorée. *Folha do Norte*. Belém, 14 ago.1896.p.2.
- O antro. *Folha do Norte*. Belém, 13 set.1896. p.2.
- Caftismo. *Folha do Norte*. Belém, 19 fev.1897. p. 2.
- Conversa fiada. *Estado do Pará*. Belém, 15 out.1896.p.1.
- Comércio. *Folha do Norte*. Belém, 06 out.1896. p.4.
- Higiene na Cidade. *Estado do Pará*. Belém, 24 mar.1916.p.2
- Antros da prostituição nesta capital. *Folha do Norte*. Belém, 18 jul.1940. p. 2
- Impõe-se o saneamento moral da cidade. *Folha do Norte*. Belém, 18 jul.1940.p.2.
- Sossego Público- Carta ao Chefe da Polícia. *Estado do Pará*. Belém, 29 jan.1912.p.2.
- O meretrício. *Estado do Pará*. Belém, 31 ago.1920.p.1.
- Antro. *Folha do Norte*. Belém, 30 jun.1896. p. 1.
- Um foco de prostituição. *Estado do Pará*. Belém, 09 jun.1918. p.3.
- Um antro perigoso, a Pensão Lusitana vai desaparecer. *Estado do Pará*. Belém, 14 jul, 1920. p.1.

- Pensão Lusitana. *Estado do Pará*. Belém, 09 jun.1918. p. 3.
- Prostituição na cidade. *Estado do Pará*. Belém, 26 ago.1920. p. 1.
- Prostíbulo. *Estado do Pará*. Belém, 12 ago.1920.p.1
- O Jogo. *Estado do Pará*. Belém, 30 nov.1918.p.2.
- A Pensão Maxim. *Estado do Pará*. Belém, 17 abr.1921.p.4.
- Meretrício. *Estado do Pará*. Belém, 14 mai.1920. p.2.
- Caso Complicado. *Estado do Pará*. Belém, 13 fev.1912.p.2.
- Morte de uma infeliz. *Estado do Pará*. Belém, 03 jan. 1926.p.4.
- Amores de Atriz, Paixão e sublimado corrosivo. *Estado do Pará*. Belém, 31 mai.1913. p.1.
- A Higiene da mulher grávida, como um dos principais fatores de combate à Nati-mortalidade. *Estado do Pará*. *Estado do Pará*, Belém, 22 e 23 de jul.1914, p.2.
- A defesa da maternidade. *Estado do Pará*, Belém, 04 abr. 1920, p. 4.
- Transferida para Cadeia São José. *Estado do Pará*. Belém, 27 mar. 1915.p.2.
- Infanticídio. *Folha do Norte*. Belém, 05 jul. 1919. p. 1.
- Pelo Fórum. *Estado do Pará*. Belém, 04 dez.1919. p.2.
- Mandingueiros e criminosos. *Estado do Pará*. Belém, 17 jan.1917.p.2.
- Maternidade da Santa Casa: tabela para pensionistas. *Estado do Pará*. Belém, 29 jun de 1919. p. 5.
- Crônica Médica. *Estado do Pará*. Belém, 01 jan.1914.p.1.
- Horrendo Infanticídio. *Estado do Pará*. Belém, 24 mar. 1917. p.1.
- Crianças sífilíticas. *Estado do Pará*, Belém, 13 abr.1920.p.2.
- Primeira Organização da Luta contra a Sífilis. *A Província do Pará*, Belém, 10 jan.1924. p.1.
- Dr. Bonifácio Figueiredo- Aspectos opostos. *Folha do Norte*, Belém, 24 abr.1924. p.1.
- Profilaxia Rural. *Folha do Norte*, Belém, 22 jul, 1921.p.2.
- Diante do sábio uma vírgula. *Província do Pará*, Belém, 06 jul, 1921. p. 1.
- Campanha da moral. *Folha do Norte*, Belém, 30 jul, 1921, p.1.
- Asylo das Madalenas- *Folha do Norte*, Belém, 26 set.1921. p.1.
- Pela Polícia - *Estado do Pará*, Belém, 24 ago.1921. p.3.
- Na Polícia e nas ruas. *Folha do Norte*, Belém, 01 set. 1921.p.2.
- A Profilaxia Rural. *Folha do Norte*, 03 dez. 1921, p.3.
- O que as cadernetas fazem. *A Província do Pará*. Belém, 28 jul. 1921.p.2.
- Entre colegas. *A Província do Pará*. Belém, 09 ago. 1921.p.2.
- Pseudos médicos. *A Província do Pará*. Belém, 29 jul. 1921.p.2
- Pela moral. *Estado do Pará*. Belém, 10 fev.1914.p.2

- Não procura vestir-se com recato. *A Palavra*. Belém, 19 ago.1917.p. 02.
- Meretrício na rua. *Folha do Norte*. Belém, 07 out.1923. p.3.
- Embriaguez e xadrez. *Folha do Norte*. Belém, 17 jan.1923. p.2.
- Entre amantes. *Folha do Norte*. Belém, 17 out.1922.p.4.
- Alcoólatra inveterada. *Folha do Norte*. Belém, 24 jul.1919.p.2.
- Desordem na zona - madrugada. Embriaguez e xadrez. *Folha Vespertina*. Belém, 19 jun.1941. p.2.
- Moulin Rouge*. *Estado do Pará*. Belém, 08 jun.1913. p.2.
- Moulin Rouge*. *Estado do Pará*. Belém, 18 nov.1911. p.2.
- Morreu a Odalea. *Folha do Norte*. Belém, 08 jan.1924. p.2.
- Morreu um pária. *Folha do Norte*. Belém, 03 abr.1940.p.4.
- Conversas- Nosce te ipsum. *Estado do Pará*. Belém, 22 abr.1911.p.1.
- Conflito num botequim. *Folha do Norte*. Belém, 16 jan.1910. p.1.
- Pequenos factos. *Folha do Norte*. Belém, 14 jan.1910. p.2.
- Tolerada Dadá Peruana. *Estado do Pará*. Belém, 17 fev.1919. p.2
- Por bem ou por mal. *Estado do Pará*. Belém, 17 jan.1920. p.2
- Luiz Langelli . *Estado do Pará* de 04 de fevereiro de 1912 e 27 de julho de _____
Folha do Norte de 30 de julho de 1913.
_____ *Jornal do Commercio*, de Manaus, de 05 de agosto de 1913.

BIBLIOGRAFIA

ADLER, Laure. *Os bordéis franceses, 1830-1930*. São Paulo: Companhia das Letras: Círculo do Livro, 1991.

AGULHON, Maurice. *La sociabilidad como categoría histórica*. En Formas de sociabilidad en Chile, 1840-1940. Santiago de Chile: Fundación Mario Góngora, 1992.

ALADO, Luciana. A belle époque nas crônicas de João do Rio: o olhar de um flâneur. *Brazilian Studies Association – BRASA*, 2008. Disponível em: (<http://www.novapdf.com>), Acesso em 02 out. 2017.

ALMEIDA, Tunai Rehm Costa de. *Achsenmächte, Potenze dell'Asse, Sujikukoku na Amazônia: imagens, narrativas e representações da Quinta Coluna no Pará (1939-1945)*. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, UFPA, 2015.

ALVAREZ, Marcos Cezar. *Bacharéis, criminologistas e juristas: saber jurídico e nova escola penal no Brasil*. São Paulo: Método, 2003.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo?* Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense. 1991.

AMADOR, Luiza Helena Miranda. “*Degenerados e Contagiantes*”: A Luta contra a Sífilis no Pará (1915-1934). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2015.

AMARAL, Márcia Franz. Sensacionalismo: inoperância explicativa. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 133-146, jan./jun. 2003.

ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de. *De Viena a Santos: Camillo Sitte e Saturnino de Brito*. In: SITTE, Camillo. *A construção das cidades segundo seus princípios artísticos*. São Paulo: Ática, 1992. pp.207-208.

ANDRADE, Francisco Eduardo Falconi de. Tráfico Internacional de pessoas e prostituição: paradoxos entre o protocolo de Palermo e o Código Penal Brasileiro no tocante ao consentimento. *Revista da Defensoria Pública da União Brasília*. DF, nº 9, p. 1-504, jan/dez 2016.

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma – o herói sem nenhum caráter*. Ed. Belo Horizonte: Villa Rica, 1997.

ANDRADE, Vera Regina Pereira de. Violência sexual e sistema penal: proteção ou duplicação da vitimação feminina?. *Sequência: Estudos Jurídicos e Políticos*, Florianópolis, jan. 1996.

ARAÚJO, Laura Maria Silva Araújo Alves¹; ARAÚJO, Sônia Maria da Silva Araújo. Assistência, proteção e direito à infância em Belém do Pará com a fundação do IPAI (1910-1912). *International Studies on Law and Education - CEMORO-Fea Usp / IJI-Universidade do Porto*. 2016.

ARAÚJO, Sônia Maria da Silva. Educação republicana sob a ótica de José Veríssimo. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, Editora UFPR. n. especial 2, p. 303-318, 2010.

ARAÚJO, Taynara Mirelle do Nascimento de. “Madame Pommery”: a prostituição das polacas no Brasil. *Entrepalavras*, Fortaleza - ano 5, v.5, n.esp., p. 219-237, ago/dez 2015.

ARIE, Wilson M.Y; FONSECA, Angela M. da. *História da Anticoncepção*. São Paulo: Leitura Médica, 2009.

AVELLEIRA, João Carlos Regazzi; BOTTINO, Giuliana. Sífilis: diagnóstico, tratamento e controle. *Anais Brasileiro de Dermatologia*. 81(2):111-26, 2006.

BACZKO. B. Imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Antropos-Homem. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985.

BAILEY, Francis J. *Obituary. Philippe Ricord, M.D.*, en *The British Medical Journal* (1889), pp. 1070-1071.

BARBERÁN REINARES, Laura. Sex trafficking in postcolonial literature: transnational narratives from Joyce to Bolaño. Routledge, New York, 2015.

BARBOZA, Edson Holanda Lima. Retirantes cearenses na província do Amazonas: colonização, trabalho e conflitos (1877-1879). *Revista Brasileira de História*. vol.35 no.70 São Paulo July/Dec. 2015.

BELÉM DA SAUDADE: A Memória da Belém do Início do Século em Cartões- Postais. Belém, Secult, 1996.257 p.il.

BELLUCCI, Mabel. *Historia de una desobediencia. Aborto y feminismo*. Buenos Aires: Editorial Capital Intelectual. 2014.

BENABOU, Erica-Marie. *La prostitution et la police des urs au XVIII e siècle* . Paris, Librairie Académique, Perrin 1987.

BENCHIMOL, Jaime. *Febre amarela: a doença e a vacina, uma história inacabada*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

_____ Larry; SILVA, André Felipe Cândido da. Ferrovias, doenças e medicina tropical no Brasil da Primeira República. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.3, jul.-set. 2008, p.719-762.

BENENSON, Abram. S. *Controle das doenças transmissíveis no homem*. 13 ed. Washington : Organização Pan-Americana da Saúde, 1983.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BEZERRA NETO, José Maia. José Veríssimo: pensamento social e etnografia da Amazônia (1877-1915). *Dados*, Rio de Janeiro, v .42, n. 3, p. 539-564, 1999.

BOLEA, Ramón Castejón. «Enfermedades venéreas en la España del último tercio del siglo XIX: una aproximación a los fundamentos morales de la Higiene Pública», *Dynamis. Acta hispanica ad medicinae scientiarumque historiam illustrandam*, 11: 239-262. 1991.

_____ «Los médicos de la higiene: medicina y prostitución en la España contemporánea (1847-1918). p.73. IN: *Prostitución y sociedad en España Siglos XIX y XX*. BULLETIN D'HISTOIRE CONTEMPORAINE DE L'ESPAGNE CNRS - Maison Méditerranéenne des Sciences de l'Homme. 1997.

BONFÁ, Rogério Luis Giampietro. “Com lei ou sem lei”: as expulsões de estrangeiros na Primeira República. *Cad. AEL*, v.14, n.26, 2009.

BORDONARO, Lorenzo; ALVIM, Filipa. ‘The greatest crime in the world’s history’. *Invisível*, 2012.

BOTELHO, João Bosco; COSTA, Hideraldo Lima da. Pajé: reconstrução e sobrevivência. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 927-56, out.-dez. 2006.

BRENES, Annayansi Correa. História da parturição no Brasil, século XIX. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, 1991.

BRISTOW, Edward. *Prostitution and Prejudice: the Jewish Fight Against White Slavery, 1870-1939*. Oxford, Oxford University Press, pp.35-38. 1982.

CABRITA, Maria João. No rasto da passagem de Ferreira de Castro pelos suplemento e revista de *A Batalha* (1919-1927). *Cultura*, Vol. 26.2009.

CAMPOS, Ipojucan Dias. Regulamento da Prostituição, Família e Imprensa (Belém-Pa 1890). *Revista história, histórias*. Volume 6, número 12, ago.dez.2018.

_____ “O rebaixamento moral”: moda, corpo e família (Belém-PA, 1915-1920). *História: Debates e Tendências*, vol. 19, núm. 2, pp. 270-287, 2019.

CAMPOS, Leonildo Silveira. O demoníaco, as representações do mal, os sistemas de acusação e de inquisição no protestantismo histórico brasileiro. *Estudos de Religião*, Ano XXI, n. 33, 59-107, jul/dez 2007.

CANCELA, Cristina Donza. *A imigração portuguesa no Pará*. Belém: Estudos Amazônicos, 2012.

_____. *Casamento e família em uma capital amazônica (Belém 1870-1920)*. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em História Econômica, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da Universidade de São Paulo. 2006.

CANCELLI, Elizabeth. Criminosos e não-criminosos na História. *Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB*. Textos de História, v.3, n.1, pp.53-81. 1995.

CANO, Rodrigo Zapata. Reseña del libro La mujer normal, la criminal y la prostituta de Cesare Lombroso y Guglielmo Ferrero. *Ciencias Sociales y Educación*, 10(19) • Enero-junio 2021 • pp. 369-385.

CAPONI, Sandra. Magnan e a classificação das patologias psiquiátricas. *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 167-182, jul | dez 2011.

CAPPELLI, Vittorio. A propósito de imigração e urbanização: correntes imigratórias da Itália meridional às “outras”Américas. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v. XXXIII, n. 1, p. 7-37, junho 2007.

CARRARA, Sérgio. *Tributo a Vênus: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996.

CARRILLO, Ana María. “Control sexual para el control social. La primera campaña contra la sífilis en México”, en *Espacio Plural*, xi: 22 (2010), pp. 65-77.

CARVALHO, Alexandre Magno Teixeira de. Higiene e Eugenia: brevíssima genealogia da trama discursiva antialcoólica no Brasil. In: ALARCON, S., and JORGE, MAS., comps. *Álcool e outras drogas: diálogos sobre um mal estar contemporâneo*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2012, pp. 83-102.

CARVALHO, Marcelo José Pereira. *As letras escarlates: representações e histórias de suicídio em Belém do Pará, 1891-1920*. Dissertação (Mestrado em História). Belém: Universidade Federal do Pará, 2012.

_____ Entre o Diagnóstico e a Terapêutica: as variáveis naturais nas representações do suicídio nos jornais de Belém da Primeira Década do Século XX. *Amazônica - Revista de Antropologia*. (Online) 5 (2): 432-450, 2013.

CASIMIRO, Lorena Lima de Aguiar. *Pré-natal Homeopático*. Monografia submetida como requisito para obtenção do certificado de conclusão do Curso de Formação em Homeopatia - área: Medicina. Curso de Formação de Especialista em Homeopatia. Rio de Janeiro, 2020.

CASTEL, Robert. A Dinâmica dos Processos de Marginalização: da vulnerabilidade à “desfiliação”. *Caderno CRH*, Salvador, n. 26/27, p. 19-40, jan./dez. 1997.

CASTELBAJAC, Matthieu de. Aborto Legal: Elementos Sociohistóricos para o Estudo do Aborto Previsto por Lei no Brasil. *Revista de Direito Sanitário*, São Paulo, v. 10, n. 3 p. 39-72 Nov. 2009/Fev. 2010.

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. São Paulo, Paz e Terra, 1982.

CASTRO SANTOS, Luiz Antonio de; FARIA, Lina Rodrigues de. *Reforma sanitária no Brasil: ecos da Primeira República*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas, Editora da Unicamp/Centro de Pesquisa em História Social da Cultura 2000.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHALOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008, 2ª reimpressão da 2ª ed., 2001.

CHARTIER, Roger. *Escribir las prácticas. Foucault, de Certeau, Marin*. Argentina: Editorial Manantial. 2001.

CHAUÍ, Marilena. *Repressão Sexual: Essa Nossa (Des)Conhecida*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de Medicina Popular*. 2ª ed. 3 volumes. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, Coleção Particular. v.3, 1851.

CHERVONAGURA, Elisa Cohen de. La prostitución judía y su discurso a la luz de un expediente judicial. *Cultura, Lenguaje y Representacion, Espanha*, Vol. IX, pp. 31-51, 2011;

LARGMAN, Esther. *Jovens Polacas: Da miséria na Europa à prostituição no Brasil*. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2008;

CHIAROTTI, Susana (2006) «El aborto en el marco de los derechos humanos. La situación en Argentina. En CHECA, Susana (comp.) *Realidades y coyunturas del aborto. Entre el derecho y la necesidad*. Buenos Aires, Paidós. pp. 91-110.

CHOAY, Françoise. *L'urbanisme, utopies et réalités: Une anthologie*. Paris: Éditions du Seuil, 1965.

COELHO, Geraldo Mártires. Belém e a Belle Époque da Borracha. *Revista Observatório*. v.2, n.5, 2016.

COLUSSI, Eliane Lucia. Fontes judiciais e suas possibilidades nos estudos de poder local: os crimes de São Borja. Vestígios do Passado e suas Fontes. *IX Encontro Estadual de História- ANPUH- RS*, 2008.

CORBIN, A. *Les filles de Noce - Misère et Prostitution au XIXe. siècle*. Paris: Flammarion, 1982.

_____ Sexualidad conlercial en Francia durante el siglo XIX: Un sistema de imágenes y regulaciones. *Tomado de Representations*. Traducción de Antonio Saborit. Núm. 14, p.15, Primavera de 1986.

_____ “Presentation par Alain Corbin”. In: PARENT-DUCHÂTELET, Alexandre-Jean-Baptiste. *La prostitution à Paris au XIXe siècle – Texte presénsté et annoté par Alain Corbin*. Éditions du Seul, Paris, 1981.

CRUZ, Ernesto. *Ruas de Belém: significado histórico e suas denominações*. 2a ed. Belém:CEJUP, 1992.

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. Geraldo da 2. ed. São Paulo: Melhoramentos. 1982.

CUNHA, Vívian da Silva. *O isolamento compulsório em questão: políticas de combate à lepra no Brasil (1920-1940)*. Dissertação (Mestrado) - Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro. 2005.

DAICH, Deborah; SIRIMARCO, Mariana. Policia Y Prostitución una Relación Pornográfica (El controle de la Prostitución en Argentina 1875-1936). *jurid. Manizales* (Colombia), 9(1): 80 - 100, jenero-junio 2012.

DAOU, Ana Maria. *A Belle Époque Amazônica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DA SILVA, Alan Victor Flor. Homens de letras na província do Pará do século XIX: algumas considerações. *Revista Letras*, Curitiba, UFPR, n. 100, pp.5-26, jul./dez. 2019.

DERENJI, Jussara. *Arquitetura Nortista: a presença italiana no início do século XX*. Manaus: SEC, 1998.

DE SOUZA, Elemir Macedo. A hundred years ago, the discovery of *Treponema pallidum* Há 100 anos, a descoberta do *Treponema pallidum*. *An Bras Dermatol*, v. 80, n. 5, p. 547-8, 2005.

DIAS, Edinea Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto: Manaus 1890-1920*. 3ªed. Manaus: Editora Valer, 2019.

DO NASCIMENTO DE ARAÚJO, Taynara Mirelle. “Madame Pommery”: a prostituição das polacas no Brasil. *Entre palavras*, [S.l.], v. 5, n. 3 esp, p. 219-237, jul. 2016.

DOMINGO, José Javier Plumed; GONZÁLEZ, Antonio Rey. La Introducción de las ideas Degeneracionistas en la España del siglo XIX. Aspectos Conceptuales. *FRENIA, Revista de la Asociación Española de Neuropsiquiatría*, Vol. II-1-2002.

DONOVAN, B. *White slave crusades: race, gender, and anti-vice activism, 1887-1917*. Normal Illinois: University of Illinois Press, 2006.

DRUCAROFF, Elsa. *El infierno prometido: una prostituta de la Zwi Migdal*. Barcelona: El Aleph, 2010.

DURÁN, Manuel Sandoval . *Medicalización, Higienismo y Desarrollo Social en Chile y Argentina, 1860-1918*. Tesis de Grado para optar al grado de Doctor en Estudios Americanos con mención en Historia. Universidad de Santiago de Chile. 2012.

_____ “Medicalización y disciplinamiento. La construcción higienista del espacio femenino, 1850-1920”. *Nomadías*. N° 9. 2009.

EMMI, Marília Ferreira. *Italianos na Amazônia (1870-1950): pioneirismo econômico e identidade*. Belém: NAEA, 2008.

ENGEL, Magali. *Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1989, 1a edição.

ESQUEDA, Martha Santillán. Vida Nocturna, Mujeres y Violencia en la Ciudad de México en la década de 1940. In: GUERRA, Elisa Speckman; VÁSQUEZ, Fabiola Bailón. *Vicio, prostitución y delito - Mujeres transgresoras en los siglos XIX y XX*. México. Universidad Nacional Autónoma de México Instituto de Investigaciones Históricas. 2016.

ESTEVES, Carlos Leandro. A “Reconstrução radical da agricultura”: ocupação, propriedade e produtividade nas políticas públicas dos governos do Pará (1901-1902). XXVIII Simpósio Nacional de História, Florianópolis-SC, 2015.

FABRIS, Annateresa. Atestados de presença: a fotografia como instrumento científico. *Locus: Revista de História*. Juiz de Fora, v. 8 nº. 1 jan. - julh. 2002.

FARGE, Arlette. *O sabor do arquivo*. São Paulo: EDUSP, 2009.

FARIA, Lina. *Saúde e Política: a Fundação Rockefeller e seus parceiros em São Paulo*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

FEIERSTEIN, Ricardo. *Historia de los judios argentinos*. Buenos Aires, Planeta, 1993.

FERNANDES, Phillippe Sendas de Paula. Comunicação & História: a imprensa de Belém no alvorecer do século XX. Trabalho apresentado no GT História da Mídia Impressa, no *VIII Encontro Nacional de História da Mídia*, realizado em Guarapuava (PR), entre os dias 28 e 30 de abril de 2011. Imprensa e Política na Belém do início do século XIX. Trabalho apresentado ao Intercom Júnior de Jornalismo, do *IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte*, realizado de 27 a 29 de maio de 2010.

FIGUEIREDO. Aldrin Moura de. Anfiteatro da Cura: pajelança e medicina na Amazônia no limiar do século XX. *Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social*. Sidney Chalhoub et. al. (org.)- Campinas, SP: editora da Unicamp, 2003. pp. 273- 304.

FONSECA, Guido. *História da Prostituição em São Paulo*. São Paulo, Resenha Universitária, 1982.

FONTES, Edilza Joana Oliveira. Cultura e política dos anos trinta no Brasil e as memórias do interventor do Pará, Magalhães Barata (1930 – 1935). *Revista Estudos Políticos*. Rio de Janeiro, nº 7, pp. 131 – 151, dezembro de 2013.

FOUCAULT, Michel, *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

_____ *Vigilar y castigar*. Buenos Aires: Siglo veintiuno editores. 2008.

FLORENTINO, Nádía Nelziza Lovera de. Entre gêneros e fronteiras: uma leitura de Mar paraguay, de Wilson Bueno. 2016. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Assis, 2016.

FREIRE, Maria Martha de Luna. *Discurso maternalista em revistas femininas (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920)*. Tese de Doutorado. Fiocruz: Rio de Janeiro, 2006.

FREITAS, Jorge. A alegoria moderna de Walter Benjamin: Passagens, Baudelaire e mercadoria. *Revista Investigações - Teoria da Literatura*. v. 27, n. 1, 2014.

FREITAS, Jorge Benedito de. O Heroísmo Moderno de Charles Baudelaire: uma leitura à luz de Walter Benjamin. *RevLet – Revista Virtual de Letras*, v. 08, nº 01, jan/jul, 2016.

FRY, Peter; CARRARA, Sérgio. As vicissitudes do liberalismo no direito penal brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 2, n. 11, p. 48-54, 1986.

GALEANO, Diego; FERRARI, Mercedes García. O *bertillonage* no espaço atlântico sul-americano. *Criminocorpus* [Online], Identificação, controle e vigilância des personnes, Artigos, publicado em 19 de maio de 2011, acessado em 25 de abril de 2020. URL: [http : / /journals.openedition.org/criminocorpus/387](http://journals.openedition.org/criminocorpus/387).

_____ *Criminosos viajantes, vigilantes modernos. Circulações policiais entre Rio de Janeiro e Buenos Aires, 1890-1930*. Rio de Janeiro, Tese (Doutorado) UFRJ/ IFCS, 2012.

GARCIA, Magaly Rodriguez. Morality Politics and Prostitution Policy in Brussels: A Diachronic Comparison, in Sexuality Research and Social Policy. *Sexuality Research and Social Policy*, 2017.

GARCIA-ALEJO, Rafael Huertas, REIG, José Luis Peset. Psiquiatria, crimen y literatura (y 11) La mujer prostituta y la mujer criminal en la obra de E. ZOLA. *Rev. Asoc. Esp. Neuropsiquiatrfa*. Vol. VI. N. o 18. 1986.

GARTNER, Lloyd. P. Anglo-Jewry and traffic in prostitution 1885-1914. *American Jewish Studies Review*, 7/8: 234, 1982.

GEMMA, Nicolás Lazo. *La reglamentación de la prostitución en el Estado español. Genealogía jurídico-feminista de los discursos sobre prostitución y sexualidad*. Tesis doctoral inédita dirigida por Encarna Bodelón González y José Ignacio Rivera Beiras. Barcelona, Universidad de Barcelona. 2007.

GIBSON, Mary. *Prostitution and the State in Italy, 1860-1915*. New Brunswick, Rutgers University Press, 1986.

GILFOYLE, Timothy J. *City of Eros. New York City, Prostitution, and the Commercialization of Sex, 1790-1920*. New York: W.W. Norton, 1992. Pp. 462.

GILLE, Didier. Estratégias Urbanas in: Eric Alliez et alli. *Contratempo: Ensaio sobre algumas metamorfoses do Capital*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1988.

GLICKMAN, Nora. *The Jewish White Slave Trade and The Untold Story of Raquel Liberman*. Nova York: Garland Publishing, 2000.

GOMES, Elane Cristina Rodrigues. A Lepra e a Letra: escrita e poder sobre a doença na cidade de Belém (1897- 1924). Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, do Centro de Humanidades, da Universidade Federal do Ceará, 2019.

GOMES, Renato Cordeiro. *João do Rio por Renato Cordeiro Gomes*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

GONÇALVES, Paulo Cesar. *Mercadores de braços: riqueza e acumulação na organização da emigração europeia para o Novo Mundo*. São Paulo: Alameda, 2012.

GONÇALVES, Paulo Cesar. Um imperialismo possível: fluxos migratórios e estratégias colonialistas na Europa mediterrânea (1870-1914). *História*, Franca, v. 30, n. 2, Dec. 2011.

GOWING, Laura. “Secret births and infanticide in seventeenth century England”. *Past and Present*, vol.156, issue 1, pp.87-115.

GRITTNER, Frederick K. *White slavery: myth, ideology, and American law*. New York: Taylor & Francis. 1990.

GRUMAN, Marcelo. A Prostituição Judaica no Início do Século XX: desafio à construção de uma identidade étnica positiva no Brasil. *Campos* (UFPR), Paraná, v. 7, n.1, 2006.

GUAZO, Laura Luz Suárez Lopes. *Eugenia y Racismo en México*. Universidad Nacional Autónoma de México. 2005. Colección Posgrado, 2005.

GUIMARÃES, Jacqueline Tatiane da. Assistência à Infância e à Maternidade Pobre em Belém do Pará. *Revista @rquivo Brasileiro de Educação*, Belo Horizonte, v.4, n. 9, set-dez, 2016.

_____. *Os Discursos dos Médicos do Estado do Pará nas “teses de doutoramento ou inaugurais” (1929- 1954): Saúde, Assistência e Educação da infância pobre*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Instituto de Ciências da Educação. 2016.

GUTIÉRREZ, Marlene Vera. *Prostitución: entre la criminalización y la resistència. Santiago de Chile 1880-1925*. La escritura de esta ponencia se enmarca en el Proyecto Fondecyt Regular nº 1161532, “Hacia Una Sociología De La Cultura Popular Ausente”. Corporalidad, Representación Y Mediatización De 'Lo Popular Reprimido' Y 'Lo Popular No Representado' En Santiago De Chile (1810-1925).

GUY, Donna. *El Sexo Peligroso: La prostitución legal en Buenos Aires, 1875-1955*. Buenos Aires: Sudamérica, 1994.

_____. *Sex and Danger in Buenos Aires: Prostitution, Family, and Nation in Argentina*. Lincoln, NE: University of Nebraska Press, p. 19, 1991.

HARVEY, David. *The Condition of Postmodernity an enquiry into the Origins of Cultural Change*. Blackweel, Cambridge, USA. 1989.

HELENE, Diana. Prostituição e Feminismo na França, uma etnografia de viagem. Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN.

HENRIQUE, Márcio Couto. Escravos no purgatório: o leprosário do Tucunduba (Pará, século XIX). *Revista História, Ciência e Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 19, supl., p. 153-177, dez. 2012.

_____. Folclore e medicina popular na Amazônia. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.16, n.4, out.-dez. 2009, p.981-998.

_____; AMADOR, Luiza Helena Miranda. Da Belle Époque à cidade do vício: o combate à sífilis em Belém do Pará, 1921-1924. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.23, n.2, abr.-jun. 2016, p.359- 378.

HENTZ, Isabel Cristina. *A Honra e a Vida: Debates Jurídicos sobre Aborto e Infanticídio nas Primeiras décadas do Brasil Republicano (1890-1940)*. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2013.

HERMAN, Rebecca. *Cooperating with the Colossus: A Social and Political History of US Military Bases in World War II Latin America*. Oxford University Press, 2022.

HOCHMAN, Gilberto. *A era do saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Hucitec; Anpocs, 1998. v. 1.

HUBBARD, Phil. *Sex and the City: Geographies of Prostitution in the Urban West*. Front Cover. Ashgate, 1999 - Social Science. p. 60. Um das análises pioneiras sobre geografia da prostituição pertencem a Symanski: *The Immoral Landscape*.

HUECK, Karin. Prostituição na era da tecnologia. *Revista Super Interessante*. 2016. Disponível:<<https://super.abril.com.br/comportamento/prostituicao-na-era-da-tecnologia/>>.

HURST, Jane. *La historia de las ideas sobre el aborto en la iglesia católica : lo que no fue contado*. Montevideo : Católicas por el Derecho a Decidir, 1993.

JULIANO, Dolores. El trabajo sexual en la mira. Polémicas y estereotipos. *Cadernos Pagu* (25). Julho-Dezembro de 2005, pp.79-106.

KALIFA, Dominique. *A Tinta e o Sangue: narrativas sobre crimes e a sociedade na Belle Époque*. Editora Unesp, São Paulo, 2019.

_____ *Os Bas-fonds: História de um imaginário*. Tradução Márcia Aguiar. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

KALININ, Yuri Kalinin; PASSARELLI NETO, André. Sífilis: aspectos clínicos, transmissão, manifestações orais, diagnóstico e tratamento. *Odonto*, 2015; 23(45-46): 65-76.

KELLY, Philip. F. (1995), "Social and cultural capital in the urban ghetto: implications for the economic sociology of immigration". In: PORTES, A. (org.). *The economic sociology of immigration*. Nova York, Russell Sage. 1995.

KLEIN, Herbert S. *Migração Internacional na História das Américas*. p. 13. Fausto, Boris (Org.). *Fazer a América*. São Paulo: EdUsp. 2000.

KROPF, Simone Petraglia. A descoberta da doença dos sertões: ciência e saúde nos trópicos brasileiros no início do século XX. In: *Ciência, Civilização e República nos Trópicos*. Rio de Janeiro: MAUAD X: Faperj, 2010, p. 57-79.

LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916)*. Belém: Ed.Açaí, 2010.

LAGARDE, Marcela. *Cautiverios de las Mujeres: Madresposas, monjas, putas, presas y locas*. México: Universidad Autónoma de México, 1990.

LEVY, Larry. *La mancha de La Migdal Historia de la prostitución judia em la Argentina*. Buenos Aires, Norma, 2007.

LIA, Cristine Fortes. A quadrilha de falsários: imigrantes judeus nas ações policiais e judiciais na Era Vargas. *MÉTIS: História e Cultura*, v.11, n.21, p.369-379, jan/jun.2012.

LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitarista da Primeira República. In: Maio, Marcos Chor; Santos, Ricardo Ventura (Org.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. p.23- 40. 1996.

_____ Public health and social ideas in modern Brazil. *American Journal of Public Health*, Washington, v.97, p.1209-1215. 2007.

_____ *Um Sertão chamado Brasil*. São Paulo: HUCITEC, 2013.

LLONA, Miren. La Prostitución y la Identidad de la Clase Obrera en el tránsito del siglo xix al xx. Un análisis de género a la obra literaria de Julián Zugazagoitia. *Historia Contemporânea* 33, 719-740, 2006.

LOBO, Cristieli Braga. “*O futuro brasileiro, evolui, prospera ou define no ventre materno...*”: a Medicalização da Maternidade em Belém (1887 a 1923). Monografia (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2021.

LORI, A. Rachel Lea Liberman haytá hapruzá hayehudiá sheepila het hamafia hayehudit be Argentina. [Raquel Lea Liberman foi a prostituta judia que derrubou a máfia judia em Buenos Aires]. HAaretz, 01/05/2009.

Disponível em <<http://www.haaretz.co.il/misc/article-print-page/1.1258486>>

LOWNDES, Josephine. *Los Secretos de Eva*. Barcelona: Granica Ediciones, 1988.

MAIA, Amanda Carvalho. Percepções do fenômeno urbano no século XIX sob a ótica literária de Victor Hugo em “Os Miseráveis”. *Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo- USP*. 2017.

MARTINS JUNIOR, Carlos. Imagens urbanas assombrosas: controle social nas cidades brasileiras da Belle Époque. *Albuquerque: Revista de História*, Campo Grande, MS, v. 2, n. 4, p. 83-98, jul./dez. 2010.

MARTINS JÚNIOR, Rui Jorge Moraes. *Visto, logo existo: moda, sociabilidade feminina e consumo em Belém no limiar do século XX*. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, Pa. 2010.

MASSEY, Douglas. "Economic development and international migration in comparative perspective". *Population and Development Review*, 14: 383-413.

MASTROMAURO, Giovana Carla. Surtos epidêmicos, teoria miasmática e teoria bacteriológica: instrumentos de intervenção nos comportamentos dos habitantes da cidade do século XIX e início do XX. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo*, julho 2011.

MATTOSO, Ernesto. *O Dr. Augusto Montenegro : sua vida e seu governo*. Paris: T.Dussieux. 1907.

MAUAD, Ana Maria. *Através da Imagem : Fotografia e História Interfaces*. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, nº2, 1996.

MAZZIEIRO, João Batista. Sexualidade Criminalizada: Prostituição, Lenocínio e Outros Delitos – São Paulo 1870/1920. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol.18, n.35, pp.247-285, 1998.

MENEZES, Josimar de Castro. *Setor e Política Econômica do Brasil 1913-1918*. Tese (Doutorado) Programa de Pós- Graduação em História Econômica. São Paulo, 2015.

MENEZES, Lená Medeiros de. *Os estrangeiros e o comércio do prazer nas ruas do Rio de Janeiro (1890-1930)*. Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, 1992.

_____ *Os indesejáveis: desclassificados da modernidade. Protesto, crime e expulsão na Capital Federal (1890-1930)*. Rio de Janeiro, 1996.

MESQUITA, Elaine Cristina da Silva. *Dissonâncias nos Discursos e Práticas sobre a Saúde e as Doenças das Mulheres em Belém do Pará (1890-1920)*. Tese (doutorado - Programa de pós graduação em História) Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2017.

MESQUITA, Otoni. *La Belle Vitrine: Manaus entre dois tempos (1890-1900)*. Apoio, FAPEAM. EDUA; Manaus; 2009.

MILÉO, Clarissa Cobbe. *Souza-Araujo e o Sanitarismo: a trajetória de um médico (1912-19130)*. Dissertação (Mestrado em História) - Curitiba, 2012.

MIRANDA, Aristóteles Guilliod de; ABREU JÚNIOR, José Maria de Castro. A fundação da Sociedade Médico-Cirúrgica do Pará. *Revista Pan-Amazônica de Saúde*, Ananindeua, v. 5, n. 1, p. 11-18, mar. 2014.

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. Quando a razão começa a julgar a loucura: a institucionalização do sistema manicomial em Pernambuco. *Caderno de História- oficina de História: escritos sobre a saúde, doença e sociedade*. Departamento de História da UFPE, [Recife], Ano 7, n. 07, 2010. pp.37-84.

MIRANDA, Cybelle Salvador. Memória da assistência à Saúde em Belém-PA: Arquitetura como documento. *I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo - I ENANPARQ* Título do Simpósio Temático: Arquitetura e Saúde: história e patrimônio. Experiências em rede.

MIRANDA, Marisa. Heteronormatividade y disidencias: Argentina ante la sífilis y el SIDA (1930-1990). *Historia y Sociedad*, 41 (Julio - diciembre de 2021) / pp. 45-68.

MORAES, Antonio Carlos Robert. O Sertão Um “outro” geográfico. *Terra Brasilis* (Nova Série), 4 - 5 | 2003. P. 5.

MORAES, Evaristo de. *A questão das prostitutas: repressão ou prophylaxia social?*. Rio de Janeiro [s.n] 1897.

MOREL, Bénédicte-Augustin. *Traité des dégénérescences physiques, intellectuelles et morales de l'espèce humaine et des causes qui produisent ces variétés maladives*. Paris: Baillière, 1857. p.75. Disponível em : <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k850762/f95.item>. Acesso em 28 out. 2020.

MOTT, Luiz. *O lesbianismo no Brasil*. Porto Alegre: Mercado aberto, 1987.

MUCHEMBLED, Robert. Fils de Caïn, enfants de Médée Homicide et infanticide devant le parlement de Paris (1575-1604). *Annales HSS*, septembre-octobre 2007, n°5, p. 1063-1094.

MÚGICA, María Luisa. La prostitución reglamentada en Rosario: un problema público, un problema privado. Nuevas miradas a la luz de fuentes policiales. *XI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia*. Departamento de História. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Tucumán, San Miguel de Tucumán. (UNR). 2007.

_____ “Una Llaga Incurable”: Prostitución y Reglamentación en Rosario - Argentina, 1874-1932. *Gênero*. Niterói, v. 10, n. 2, p. 177-211. 1. sem. 2010.

MULLER, Cícera Leyllyany F.L.F. A Aceitação da Prostituta na Sociedade Medieval Cristã no Século XIII através da análise da suma teológica de Tomás de Aquino. *Anais do VI Congresso Internacional UFES/Paris-Est*. SILVA, Edlene Oliveira. As filhas de Eva: religião e relações de gênero na justiça relações de gênero na justiça medieval portuguesa. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 19(1): 312, janeiro-abril/2011.

MUNIZ, Érico Silva. “Sobre Óleos, Sabonetes e Asilos: História Do Combate à Lepra Em Bragança (PA) No Início Do Século XX.” *Veredas: Revista Interdisciplinar de Humanidades* v.2.n.3 (2019).

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; GOUVÊA, George Gouvêa. O Signo da Culpa na História das Doenças. ‘Usos do Passado’ — *XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ* 2006.

NEVES, Frederico de Castro. *A miséria na literatura: José do Patrocínio e a seca de 1878 no Ceará*. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 11, núm. 22, p. 80-97, 2007.

NOGUERA, Carlos Ernesto. Luta Antialcoólica e Higiene Social na Colômbia, 1886-1948. In: HOCHMAN, Gilberto. ARMUS, Diego. *Cuidar, Controlar e Curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Coleção História e Saúde*. Fiocruz, 2004.

NORONHA, E. Magalhães. *Código Penal Brasileiro Comentado*. São Paulo: Saraiva, 1954. v. 7.

NUNES, Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves. *Rumo ao Boulevard da República: entre a cidade Imperial e a metrópole republicana*. Belém, Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Programa de Pós Graduação em História, 2017.

NUNES, Silvia Alexim. *Medicina Social e Regulação do Corpo Feminino*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: IMS, Uerj. 1982. A medicina social e a questão feminina. *Physis*, 1(1): 49-75, 1991.

OLIVÉ, Ramon Rosello. «La sífilis y la prostitución; sus relaciones; medios de prevenir sus perniciosos efectos. Discurso inaugural», *Acta de la sesión inaugural que la Real Academia de Medicina y Cirugía de Barcelona celebró en 30 de enero de 1883*. Barcelona, Imprenta de Jaime Jepús, 1883.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq. 1990.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. *O negrismo e suas configurações em romances brasileiros do século XX (1928-1984)*. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Letras - Estudos Literários, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. 2013.

OLIVEIRA, Wellington de. *Los Pájaros Negros: Prostituição, Comércio de “Escravas Brancas” e a circulação translocal de Cáftens no noticiário cuitibano (1920-1930)*. Dissertação apresentada à Linha de Pesquisa Arte, Memória e Narrativa, do Programa de Pós-graduação em História, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2021.

ORUM, Thomas T. As Mulheres das Portas Abertas: judias no submundo da Belle Époque amazônica, 1890- 1920. *Revista Estudos Amazônicos*. vol. VII, n. 1 (2012), pp. 1-23. Tradução: Benedito Carlos Costa Barbosa, Marylia Lima Nina de Azevedo e Maurício Costa.

OTTONI, Ana Vasconcelos. *Flores do Vício: Imprensa e homicídios de meretrizes no Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado) UFRJ/PPGHIS, 2007.

PACHECO E SILVA, Antonio Carlos. *Neurosífilis*. 1a ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1933. CAMARGO, Erney Plessmann. Doenças tropicais. *Dossiê Epidemias* • Estud. av. 22 (64) • Dez 2008.

PASCHOAL, Nina Ingrid Caputo. *Ventre Colonizado: representações da mulher arabe e suas danças na pintura orientalista do século XIX*. Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2019.

PATTO, Maria Helena Souza. Estado, ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres. *Estudos Avançados*, 13 (35), 1999.

PECHMAN, Robert Moses. Os excluídos da rua: ordem urbana e cultura popular. In: BRESCIANI, Maria Stella. *Imagens da cidade : séculos XIX e XX*. São Paulo, SP : ANPUH/São Paulo : Marco Zero : FAPES, 1993.

PEGO, Richardson Dutra Da Costa. *A Imagem do Feminino em Walter Benjamin: Uma Análise Da Mulher Através de uma Perspectiva de Gênero*. Dissertação (Mestrado) UFSJ/ PROMEL, 2016.

PEIXOTO, Priscila Bermudes; CARVALHO, Leonardo Dallacqua de Carvalho. II“Memento lues, delenda lues!” A profilaxia e o tratamento da sífilis na Revista de Medicina nos anos 1920. *Revista Esboços*, Florianópolis, v. 25, n. 40, p. 391 - 412, dez. 2018.

PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui Pita. Alexander Fleming (1881-1955) da descoberta da penicilina (1928) ao prêmio nobel (1945). *Revista da Faculdade de Letras. História*, Porto, III Série, vol. 6, pp. 129-15. 2005.

PEREIRA, Lucas Carvalho Soares de Aguiar. *No intuito de produzir influência educativa: educação moral, polícia de costumes, e prostituição em Belo Horizonte (décadas de 1920-1930)*. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

PEREIRA, Mário Eduardo Costa. Morel e a questão da degenerescência. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo, v. 11, n. 3, p. 490-496, setembro de 2008.

PEREIRA, Rosa Claudia Cerqueira. *Paisagens Urbanas: Fotografia e Modernidade na Cidade de Belém (1846-1908)*. Dissertação- Programa de Pós Graduação em História- UFPA-PPHIST. 2006.

PINTO, Raquel Solange. Crônica e Modernidade: configurações de uma cidade. *Caderno Cespuc*. Belo Horizonte: n. 24; 2014.

PONTES, Alexandre Kerr; FERREIRA, Arthur Arruda Leal. Uma história da internação de ébrios, alcoolistas e vadios durante a Primeira República: lições para as políticas atuais? *Revista de Psicologia* (Santiago), vol. 27, núm. 2, pp. 1-18, 2018.

PROL, Flávio Marques. Legitimidade das novas formas de controle social: uma perspectiva jurídica. Disponível em: [https://www.fclar.unesp.br > encontrosinternacionais](https://www.fclar.unesp.br/encontrosinternacionais). Acesso em 20 jan.2021.

PUGA, Vera Lúcia; BORGES, Michelle Silva. Violência de gênero, justiça criminal e ressignificações feministas. *Revista Territórios & Fronteiras*. Cuiaba, v. 10, n. 2, ago.-dez., 2017.

RAGO, Luzia Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RAUTER, Cristina. *Criminologia e subjetividade no Brasil*. Rio de Janeiro. Revan, 2003.

REZENDE, Joffre Marcondes. *À sombra do plátano: crônicas de história da medicina* [online]. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.

RIEG-PLANQUE, Alice. *A noção de fórmula em análise do discurso: quadro teórico e metodológico*. Trad. Luciana Salazar Salgado e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ROBERTS, Nickie. *As prostitutas na História*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998. p.299.

ROCQUE, Carlos. *Grande Enciclopédia da Amazônia*. Belém: Amazônia Editora, 1968.

_____ *Magalhães Barata: o homem, a lenda, o político*. Belém: SECULT, 1999.

RODRIGUES, Silvio Ferreira. *Esculápios tropicais: a institucionalização da medicina no Pará, 1889-1919*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia. Belém, 2008.

RODRIGUES, Venize. *Memórias de Guerra em Belém Antiga*. Associação Nacional de História – ANPUH, *xxiv Simpósio Nacional de História - 2007*.

ROHDEN, Fabíola. *A Arte de enganar a natureza: Contracepção, aborto e infanticídio no início do século XX*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

ROMFELD, Victor Sugamoto. *A Prostituta na Obra de Cesare Lombroso. Criminologias: feminismos, mídia e protestos sociais*. Curitiba, PR : Editora Virtual Gratuita - EVG, 2018.

ROSEN, Ruth. *A Irmandade Perdida: Prostituição na América, 1900–1918* . The Johns Hopkins University Press, Baltimore. 1982.

SALESSI, Jorge. *Médicos maleantes y maricas - Higiene, criminología y homosexualidad en la construcción de la nación Argentina*. (Buenos Aires: 1871-1914). Rosario, Beatriz Viterbo Editora, 1995.

SALGADO, José Ronaldo Aguiar. João do Rio, cronista repórter na Belle Époque carioca e a alma encantadora das ruas do Rio de Janeiro no início do século XX. *Trajetos Revista de História*, UFC, Fortaleza, v. 4, n. 7, p. 69-93, 2006.

SANCHEZ, Marcelo. La Teoría de La Degereración en Chile (1892- 1915). *HISTORIA*, nº 47, vol.II, julio-diciembre 2014, pp.375-400.

SANTANA, Joelma Ramos; WAISSE, Silvia. Chegada e difusão da pílula anticoncepcional no Brasil, 1962-1972: qual informação foi disponibilizada às potenciais usuárias? *Revista Brasileira de História e Ciência*, Rio de Janeiro, v.9, n.2, p.203-218, jul|dez 2016.

SANTIAGO, Paulo Rodrigo Magalhães. Uma Análise das Estratégias Políticas e Discursivas de dois Jornais na Eleição Paraense de 1947. *ANPUH- Brasil- 31ª Simpósio Nacional de História*. Rio de Janeiro/2021.

SANTOS, Fernando Sergio Dumas dos Santos; VERANI, Ana Carolina. Alcoolismo e medicina psiquiátrica no Brasil do início do século XX. Alcoolismo e medicina psiquiátrica no Brasil no início do século XX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, supl. 2, dez. 2010, p.401-420.

SANTOS, Francisnaldo Sousa dos; NUNES Francivaldo Alves. Imigração, propaganda e legislação: a marginalização do trabalhador nacional nos programas de colonização no Pará (1880 – 1900). *Revista Manduarisawa*, Manaus, vol. 1, nº 01, 2017.

SANTOS JUNIOR , Paulo Marreiro dos. Glamour e Agonia na Prostituição da Manaus da Borracha. *Cordis*. Mulheres na História, v. 2, São Paulo, n. 13, p. 17-31, jul./dez. 2014.

SARAIVA, Luis Junior Costa. *O Renascer de Vênus: Prostituição, trabalho e saúde em tempos de SIDA (Belém-Brasil e Lisboa-Portugal)*. Tese (Doutoramento em Ciências Sociais). Lisboa. 2009.

SARGES, Maria de Nazaré; GOMES, João Arnaldo. Os espanhóis na cidade de Belém: conflitos e solidariedade. Fênix - Revista de História e Estudos Culturais Janeiro - Junho de , Vol. 11 Ano XI, nº 1, 2014.(Disponível em: www.revistafenix.pro.br).

_____ Belém: *Riquezas Produzindo a Belle Époque (1870-1912)*. 2.ed. Belém: Paka- Tatu, 2002.

_____ *Memórias do velho intendente*. Belém: Paka-Tatu, 2002.

SARMIENTO, Érica. “A “não-democracia” dos excluídos: alguns pontos da política imigratória brasileira”. *Mídia e Democracia. Revista Logos*, ano 14, n.27, 2º semestre, 2007.

SCHETTINI, Cristiana. *Que tenhas teu corpo: uma história social da prostituição no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas*. Rio de Janeiro, Tese (Doutorado) – Campinas, SP, 2002.

_____ Viver a tolerância: polícia, municipalidade e trabalho sexual no espaço urbano Portenho (1870-1880). *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo*, julho de 2011.

SCORSATO, Helen. O uso da fotografia em processos de identificação e o método Bertillon – século XIX. *Estudos Históricos- CDHRPyB- Año IV - Nº 9*, Uruguay, Diciembre 2012.

SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre: v.2 n.20, p.71-99, Jul/Dez, 1995.

_____ *Gênero e História*. México. FCE. Universidade Autônoma do México. 2008.

_____ “La mujer trabajadora en el siglo XIX”. Georges Duby y Michelle Perrot (eds.). *Historia de las mujeres en Occidente. El siglo XIX*. Vol. 4. Madrid. Ediciones Santillana/Taurus. 1993.

SERPA, Octavio Domont de. O degenerado. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, vol. 17, núm. 2, dezembro, 2010, pp. 447-473.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

SIERRA, Yolanda Peralta. Bajo la luz roja: burdeles, prostitutas y artistas. VV.AA., Picasso y la escultura africana. Los orígenes de “Las señoritas de Avignon”, *TEA, Tenerife Espacio de las Artes*, Tenerife, pp. 219–250. 2010.

SILVA, Diego Santos da Silva. A grande epidemia de febre amarela em Belém do Grão Pará (1850). *17º Seminário Nacional de História da Ciência e Tecnologia*.

SILVA, Izabel Cristina da. A Expressão “mulher honesta” e a Identidade Cultural masculina: uma reflexão. *Caletroscópio*; Volume 7 / N. Especial 1, Linguística Aplicada, 2019.

SILVA, Lêda Valéria Alves da. Ciência e educação científica feminina no discurso de José Veríssimo (1857-1916). *História da Ciência e do Ensino*. Volume 6, 2012 – pp. 49-70.

SILVA, Lucielma Lobato. Entre os Cheiros e Garrafadas: o trabalho das vendedoras de cheiro nas feiras públicas de Belém-Pa em 1830-1890. *MARGENS - Revista Interdisciplinar*. Dossiê: Trabalho e Educação Básica, VOL.11. N. 16. Jun 2017. (p. 238-253).

SILVA, Marinete dos Santos. Reprodução, sexualidade e poder: as lutas e disputas em torno do aborto e da contracepção no Rio de Janeiro, 1890-1930. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro. v.19, n.4, out.-dez. 2012, p.1241-1254.

SILVA, Maurício. Espaço e vivência: transformações modernizadoras na Primeira República. *Saeculum - Revista de História* [11]; João Pessoa, ago./ dez. 2004, p. 153.

SILVA Manuel C.; RIBEIRO, Fernando Bessa (orgs.). *Mulheres da vida, mulheres com vida: prostituição, estado e políticas*. Ribeirão, Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2010.

SIMONETTO, Patricio. *El dinero no es todo. La compra y venta de sexo en la Argentina del siglo XX*. Buenos Aires: Biblos, 2019a.

_____ El sexo de las naciones: producción y circulación global de narrativas de la trata de blancas en la Argentina (1900-1936). *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0201, jan./abr. 2020.

SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1976.

SMITH, James M. *Ireland's Magdalen Laundries and the Nation's Architecture of Containment*. University of Notre Dame Press, 2007.

SOBRINHO, Amilcar de Souza Martins. *Entre bebedores e diambistas: o álcool e a maconha no Pará – 1930 a 1950*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, da Universidade Federal do Pará. Bragança. 2015.

SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

SOUZA, Jamyle Noilthalene Sadoski. *Identificação Criminal : reflexões críticas sobre o poder punitivo*. Monografia, Direito. Curitiba, 82p. 2014.

SOUZA JUNIOR, José Alves de. A Revolução de 30 no Pará: a 1ª Interventoria de Magalhães Barata. In: Armando Alves Filho; José Alves de Souza Junior; José Maia Bezerra Neto. (Org.). *Pontos de História da Amazônia*. 2 ed. Belém: Editora Paka Tatu, 2000, v. 2.

SPONGBERG, Mary. *Feminizing venereal disease: the body of the prostitute in nineteenth-century medical discourse*. NYU Press, 1998.

STEINBERG, Gabriel. O tráfico de mulheres e o submundo judaico no romance "Maasê Betabaat" [O relato do anel], de Ilan Sheinfeld. *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*, [S.l.], n. 14, p. 94-113, dec. 2016.

STEPAN, Nancy. "A hora da eugenia": raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2005.

SYMANSKI, Richard. *The Immoral Landscape: Female Prostitution in Western Societies*. Butterworth & Co. (Canada) Ltd. 1981.

TÁCITO, Hilário. *Madame Pommery*. São Paulo: Ática, 1998. p.21.

TAGG, John. *El peso de la representación: ensayos sobre fotografías e historias*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2005.

TAMAYO, Giulia (2001). *Bajo la piel. Derechos Sexuales, Derechos Reproductivos*. Centro de La Mujer Peruana “Flora Tristán. Lima. 2001.

TOLEDO, Livia Gonsalves Toledo; TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. Apontamentos sobre a construção sócio-histórica de estigmas e estereótipos em relação ao homoerotismo entre mulheres. *Revista de Psicologia da UNESP* 10(1), 2011.

TORRÃO FILHO, Amílcar. *Tribades galantes, fanchonos militantes: homossexuais que fizeram história*. São Paulo: Summus, 2000.

TORRES, José Henrique Rodrigues. Aborto e legislação comparada. *Ciência e Cultura*. vol.64, n.2, 2012, pp.40-44.

TORTOSA, Jose Maria. *Pobreza y Perspectiva de Género*. Barcelona: Icaria Editorial. 2001.

TRENTO, Ângelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1989. p. 30.

TRINDADE, José Ronaldo. Mulheres de má vida: Meretrizes, infiéis e desordeiras em Belém (1890-1905) IN: ÁLVARES, Maria Luiza e D’Incão, Maria Ângela (orgs.). *A Mulher Existe? Uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia*. Belém. GEPEN, 1995. p.44.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP, v. 20, n. 1. p.200-218.

TURNES, Antonio L. *La Sífilis en la Medicina: una aproximación a su historia*. Editora Granada, 2007.

URQUIJO, Natalia María Gutiérrez. Los delitos de aborto e infanticidio en Antioquia, 1890-1930. *Historia y sociedad*. No. 17, Medellín, Colombia, julio-diciembre de 2009, pp. 159-177.

VALLEJO, Marisa Miranda Gustavo. *Darwinismo social y eugenesia en el mundo latino*. compilado por Marisa Miranda y Gustavo Vallejo - 1a ed. - Buenos Aires : Siglo XXI de Argentina Editores, 2005.

VANCE, Carole. "El placer y el peligro: hacia una política de la sexualidad". En: VANCE, Carole (comp.). *Placer y Peligro. Explorando la sexualidade femenina*. Madrid, Ed. Revolución, 1989.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. Ensinamentos e contos: Maria Amália Vaz de Carvalho e sua estratégia para a educação da mulher. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 20, n. 67, p. 1513-1538, out./dez. 2020.

VÁZQUEZ, Georgiane Garabely Heil. Ludibriando a natureza: mulheres, aborto e medicina. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 47, Editora UFPR, p. 43-64, 2007.

VERÍSSIMO, José. *A Educação Nacional*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1906.

VERSON, Ana Maria Marcon; PEDRO, Joana Maria. Tráfico de pessoas: uma história do conceito. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.33, nº 65, p.61-83, 2013.

VIEIRA, Elis Regina Corrêa Vieira. *Manchete do Dia: Imprensa Paraense e Saneamento Rural (1917- 1924)*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2016.

VIEIRA JÚNIOR, Luiz Augusto Mugnai. O Status Jurídico Brasileiro do Aborto: Uma Questão de Gênero?. *Arquivos do MUDI*, v.20, n. 2, p. 72-88.

VLADIMIRO, Lázaro, MISIAKOULI, Aristeia., Karamanou, Mariana. *et al.* O grande venereologista Philippe Ricord (1800-1889) e a distinção definitiva entre gonorreia e sífilis. *Andrologie*, 18, 288-292, 2008.

WAISSE, Silvia. Chegada e difusão da pílula anticoncepcional no Brasil, 1962-1972: qual informação foi disponibilizada às usuárias potenciais? *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 203-218, jul | dez 2016.

WALDMAN, Berta. Entre braços e pernas: prostitutas estrangeiras na literatura brasileira do século XX. In: *Entre passos e rastros- perspectiva judaica na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: FAPESP/ Perspectiva, 2003.

WALDRON, Jeremy. “Mill on liberty and on the Contagious Diseases Acts”. In: URBINATI, Nadia; ZAKARAS, Alex (Ed.). *J.S. Mill's Political Thought: A Bicentennial Reassessment*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p.12-16.

WALKOWITZ, Judith. *Prostitution and Victorian society: women class and the state*. New York: Cambridge University Press, 1980.

_____ “Sexualidades peligrosas”. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *Historia de las mujeres en Occidente*. Espanha: Taurus Ediciones, 1991. p. 389-426. (v. 4 - Séc. XIX).

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In LOURO, Guacira Lopes (org). *O corpo educado – pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. Edições Graal, 2001 (9a. Edição).

WEGNER, Robert; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Eugenia 'negativa', psiquiatria e catolicismo: embates em torno da esterilização eugênica no Brasil. Dossiê Brasil - Alemanha: Relações Médico-Científicas • *Hist. cienc. Saúde-Manguinhos* 20 (1) • Mar 2013.

WILSON, Elizabeth. O flâneur invisível. *ArtCultura* . Uberlândia, v.7, n.11, p.137-157, jul-dez, 2005.

ZAFARONI, Eugenio Raúl; PIERANGELI, José Henrique. *Manual de Direito Penal Brasileiro: parte geral*. 11. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2015.

ZEDNER, Lucia. *Women, Crime, and Custody in Victorian England*. Nueva York, Estados Unidos. Oxford University Press. 1994.

